Candida Ramos Villar

A RUA DO ATERRADO

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

"A bem dizer, ela crescera à solta, uma soltura de muitas graças, pés no chão, e corridas desenfreadas pelos campos verdes de sua casa grande. Sozinha! Mais velha que Amadeu e Arturzinho, não era sem deliberada rebeldia que os via partilhar de seus brinquedos, longe levando a presunção de comandá-la em suas escolhas ou em suas solicitações infantis. Família coesa e numerosa, era a mais nova de cinco irmãs, todas faceiras, todas formosas, viviam entre os primos e primas num círculo de retribuições alegres, de frequentes arrasta-pés, premiados em negrito e corpo dez nas "crônicas sociais", juntos encadeavam tertúlias literárias e paradas festivas, de que era pródiga a Cidade, minúscula e ascendida entre penhascos nus e uma longa cadeia de montes repousantes, eternamente verdes: um mundo bulhento, pretensioso e restrito, inacessível ainda ao gosto nômade que apenas se permitia julgá-lo à distância, no que ele tinha de brilhante e indagativo.

Saudável e gostosamente liberta, deixava-se alentar nas complacências um pouco veladas de Umbelina, dos providenciais panos quentes da negra Arminda, e se esbanjava o seu tempo sem as pequenas atribuições caseiras que Umbelina delegava às filhas mais velhas era porque até nisto parecia existir um bem cuidado plano de proteção à sua preguiça. Via-se, pois, resoluta de vagar ao déu e ao léu, amparada dos espaços floridos, dos mil e um recônditos esconderijos de sua casona e dos campos que a circundavam até o ribeirão do Paiol, divisa e morro do Quilombo."

Candida Ramos Villar iniciou assim a construção de Lenita, a adolescente que fará o leitor, pelos meandros de suas memórias, sulcar os caminhos e conhecer os horizontes de sua São Bento do Sapucaí.

Esta edição é uma homenagem que sua família presta a quem tanto sonhou com a publicação do que escrevia, mas que não pôde realizar esse sonho. Decorridos tantos anos desde que ela começou a rascunhar estas histórias, sua edição, com tiragem limitada, é, sobretudo, um gesto de saudade a uma pessoa querida. No entanto, quem sabe, poderá fazer reviver para leitores de antanho imagens de uma cidade que talvez não exista mais. E, para os que só mais recentemente vieram a conhecer ou viver entre esses morros de tantas alturas oferece a oportunidade de verificar que o passado de um lugar, por menor que seja, retém muito do passado do espaço maior ao qual pertence.

ISBN 978-65-80125-00-5
9 786580 125005

A RUA DO ATERRADO

Candida Ramos Villar

A RUA DO ATERRADO

romance

BRIQUET DE LEMOS
LIVROS

Edição licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição Não Comercial Sem Derivações 4.0 Internacional

Projeto gráfico: Briquet de Lemos / Livros
Tratamento de imagens: Lucia Guanaes
Fotografa da quarta capa: Flávio Lemos

Este livro obedece ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
Villar, Candida Ramos (1909–1977)
A rua do Aterrado: romance / Candida Ramos Villar.– Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2019.
ISBN 978-65-80125-00-5
CDD B869.3

As ilustrações nas páginas 305 a 308 datam da época abrangida pelo romance. São imagens de espaços marcantes percorridos por Lenita. As fotos da estação Eugênio Lefèvre e da paisagem que de lá se descortina (p. 305) foram digitalizadas de artigo sobre a Estrada de Ferro Campos do Jordão publicado na revista *A Cigarra*, ano 5, n. 107, de 1 de março de 1919. As do alto da p. 306 e 307 foram digitalizadas do *Almanach de S. Bento*, 1915–1916. A foto da parte inferior da p. 306 foi baixada do álbum Fotos Antigas de São Bento do Sapucaí/SP, mantido pelo sr. Costa Manso na plataforma de imagens Flickr. A última imagem fazia parte do arquivo pessoal da autora, assim como a que é reproduzida na segunda orelha do livro, onde aparecem, da esquerda para a direita, Miguel da Silva Villar, Candida Ramos Villar e Homero Villar.

Este livro foi publicado em edição digital de livre acesso
e em tiragem impressa de 50 exemplares fora do comércio

2019

Briquet de Lemos / Livros
SHIN – QL 3 – Conjunto 8 - Casa 19
Brasília, DF 71505-285
Telefone (61) 3577 2376
briquetdelemos@gmail.com

Vinde sozinhos a um lugar deserto e descansai durante algum tempo.
Marcos 6:31

Sumário

Apresentação ix

Primeira parte / Os dias ditosos

1 O sonho e o gosto 3
2 Assados provocam vigílias 16
3 Bemóis e sustenidos em fugas 23
4 Devaneio por culpa da Geografia 27
5 Violetas são outros sonhos 35
6 Tesouro dos pobres 45
7 Água de serventia vem do ribeirão 54
8 A assombração vagueia e o amor faz das suas 61
9 Os apuros de frei Nicolau 72
10 Nhá Engrácia e seus perfumes 83
11 Os caminhos inóspitos 90
12 Tem cobertura, pomar e tudo 99
13 O doutor doutora e o perfume adocica a terra 106
14 Um nome para o menino 119
15 Politicalha em regência de Cupido 128
16 As estórias de Tinho e Zé Arvelino 139
17 Mexericos e fundos de agulha 151

Segunda parte / A viagem

1 Meio a meio 165
2 Um passarinho cantou e a caça azulou 175
3 Caminhos do mundo 185
4 Ildefonso lavra um tento 197
5 Os amores da corruíra 208
6 Onde falha a sacristia o esculápio opina 215
7 O primo primeiro 228
8 Deus põe e Ildefonso dispõe 234
9 Além da compreensão suave 239
10 O ser e o ter 245

11 Vontade de caminhar 250
12 Do fundo do baú 260
13 Deslumbramento 269
14 Eugênio Lefèvre e outras alturas 275
15 Samotrácia 295

Apresentação

Entre papéis deixados pela autora encontra-se uma nota manuscrita, que parece ser o rascunho de carta em que ela estaria se candidatando a prestar algum serviço como redatora na cidade de Embu das Artes. Depois de dizer quem é — Candida Ramos Villar, nascida em São Bento do Sapucaí, em 1° de novembro de 1909, filha de Antônio R. Lima Castro e de Francisca Furquim de Lima — acrescenta que havia feito os exames chamados de vagos, artigo 91, ou madureza, previstos no decreto-lei 4 244, de 1942, segundo o qual quem fosse maior de 18 anos poderia prestar exames para obter o certificado de licença ginasial, sem necessidade de frequentar aulas. A licença ginasial equivalia ao certificado de conclusão do curso ginasial.

Em São Paulo, fez o terceiro ano de francês, na Aliança Francesa, e o de inglês, na Cultura Inglesa. Informa que frequentou o primeiro ano do "Curso de Extensão Cultural, direção de dona Maria Carlota Rodrigues, abrangendo Introdução à Filosofia, História da Arte e Literatura Comparada. Estes cursos realizados em São Paulo não foram concluídos, por motivo de mudança" para Niterói. No caderno onde anotava as aulas há apontamentos que indicam que ela assistiu ao curso de História da Arte, ministrado por Sergio Milliet, no Museu de Arte Moderna, no final de 1949, e tambem notas de estudo sobre literaturas comparadas.

Conta ainda que por mais de dois anos dirigiu o pequeno jornal das lojas Clipper do qual fazia, além do trabalho de redação, a paginação e a revisão, o que lhe permitiu adquirir "conhecimento completo dos trabalhos gráficos do boneco até a revisão final". Na *Revista do 4° Centenário de Sto. Amaro*, que dirigiu e editou, publicou artigos assinados e um deles, com o pseudônimo de Cecy Araken, sobre o poeta Paulo Eiró.

E informava possuir "bons conhecimentos de francês, espanhol e inglês". Durante quatro anos (1964–1968) ela residiu em Paris, Marselha e Nice, "tendo visitado periodicamente museus,

catedrais e monumentos históricos dessas cidades". De 1968 a 1970 ela residiu em Montevidéu.

A residência em Paris e Montevidéu, tendo como companheiro Floriano Nunes Pereira, servidor do corpo consular do Brasil, foi seguida de seu retorno a São Bento do Sapucaí, onde morou, com eventuais viagens para São Paulo e Brasília. Faleceu em 1977, em São Paulo, tendo sido sepultada no cemitério da Lapa.

Os avós paternos de Candida foram Antônio Ramos de Lima e Amélia de Barros Castro Lima. Seu pai, Antônio Ramos de Lima Castro (1873–1935), nasceu em Luminosa, hoje distrito do município de Brasópolis, em Minas Gerais, mas na época, distrito de São Bento do Sapucaí, em São Paulo. Foi escrivão do juízo de paz e registro civil de São Bento do Sapucaí, onde faleceu em 15 de agosto de 1935.

Os avós maternos foram Manuel Furquim Pereira de Almeida e Cândida Olívia e Silva. Sua mãe chamava-se Francisca Cândida de Almeida Lima, nome que também aparece grafado como Francisca Cândida Furquim de Lima e Francisca de Lima Castro (1878–1964). Natural do distrito de Capivari do Paraíso (atual Consolação) no município de Paraisópolis, MG.

Antônio Ramos de Lima Castro e Francisca Cândida de Almeida Lima tiveram os filhos Maria Teresa Ramos de Lima (Mariquinhas) (1896–), casada com Alberto Marcondes da Silva; Elvira Ramos de Lima (1898–), casada com Francisco Lopes de Azevedo (1889–); Aracy Ramos de Lima (tia Cy) (1900–), Zaíra Ramos de Lima (1902–), casada com Alvarino de Almeida (Valico); Benedita Ramos de Lima (1907–), casada com Eugênio Marques de Sá; Cândida dos Santos Ramos de Lima (Santa), 1909–1977, casada com Homero Villar; Antônio Ramos de Lima Neto (Tongo), casado com Nena Barja; Vicente Ramos de Lima, casado com Lígia Pereira; José Ramos de Lima, casado com Amélia Rocha; Cosette Ramos de Lima; Lizete Ramos de Lima, casada com Eli Saad; e Naya Ramos de Lima, casada com Pedro Buzatto Costa.

Candida casou-se em 1926, aos 16 anos, com Homero Villar (1903–1960), natural de Ituverava, SP, filho de Miguel da Silva Villar, nascido em Propriá, SE, em 1874 (farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1897) e Alda Barbosa Villar (Franca, 1881). Seus avós paternos foram Jesuíno da Silva Villar e Maria Francisca da Silva Villar, e os avós maternos Francisco Barbosa Lima e Maria Antonia da Silva. O casamento de Homero e Cândida ocorreu em São Bento do Sapucaí, e teve como testemunhas Francisco Lopes de Azevedo e Renato Gomes Caetano. Foi oficiante José Rennó de Azevedo Filho.

Homero Villar conheceu Cândida quando passava férias em São Bento na época em que fazia o curso de farmácia em Pindamonhangaba. O casal foi morar em Ituverava e, posteriormente, em Miguelópolis e São Paulo, cidades onde Homero exerceu a profissão de farmacêutico.

Ele faleceu em São Paulo, em 1960. Foi sepultado no cemitério da Lapa.

O livro

O datiloscrito original contém 289 laudas numeradas e três folhas preliminares não numeradas, em papel tamanho ofício, presas com grampo lateral, em pasta de cartão. Apresenta poucas correções ou alterações pela mão da autora.

A exemplo das anotações e rascunhos deixados para outros três livros, pode-se conjecturar que o texto que ela finalizou em dezembro de 1973 resultou de um processo demorado, marcado por interrupções. O texto final, nas condições descritas, foi conservado pela filha Esmeralda Villar Marques de Sá.

Para esta edição, o texto foi digitalizado e submetido à atualização ortográfica e padronização editorial.

No arquivo da família encontra-se um datiloscrito intitulado *Entre dunas e guerrilhas a longa noite*, com 211 folhas. A data de finalização é 17 de março de 1970, e o local é Montevidéu. Um rótulo na capa traz a indicação que leva a supor que o romance teria concorrido ao Prêmio Nacional Walmap de 1971. A autoria é de Cecy Araken, pseudônimo que a autora utilizava.

Há quatro cadernos manuscritos. São cadernos escolares, sem pauta, normalmente usado nas aulas de desenho geométrico. Um deles a autora identificou, na capa, como "3° caderno". E "Regina dos Aflitos", São Bento - 6 - 8 -1972. Domingo. O texto, um manuscrito repleto de correções e rasuras, continua no quarto caderno intitulado também "Regina dos Aflitos", embora esse título seja encimado com outro, a lápis, "O drama de Jacqueline Burnier". No final desse quarto caderno lê-se: "Revisto e terminado em São Bento. 19 março 1973. 8,51 da noite. Revisto em Brasília, 19 março 1976, 4,50 da tarde."

O quarto caderno, sem nada escrito na capa, com traçado vermelho sobre fundo branco, traz na primeira página "Ana, a graciosa" e "S. Bento, março de 77". Há partes escritas com caneta esferográfica e outras a lápis. São 50 folhas, escritas no reto e no verso, além de poucos pedaços de papel soltos entre elas. Pode ser um esboço de romance, que se passa numa cidade do interior de São Paulo, em época contemporânea.

Há ainda dois cadernos. O mais fino, típico caderno escolar grampeado no formato canoa, tem variado conteúdo: páginas iniciais e finais com apontamentos de farmácia, de seu marido, certamente, instruções sobre roupas de tricô. Há informação de data: "Miguelópolis, 9 de junho de 1940, 4 horas da tarde. Domingo poeirento e ventoso." Perto da metade do caderno abre-se uma nova seção "Meus primeiros versos. Miguelópolis – Junho 940". Seguem-se 22 poesias manuscritas.

O outro caderno, é na verdade um bloco de notas, com folhas pautadas, costuradas, com capa dura e de conteúdo também variado. Este parecia ter sido o bloco onde escrevia as composições em prosa: são crônicas, textos que poderiam ser rascunhos de histórias maiores e impressões de seu chão de infância. O primeiro texto é datado de "Miguelópolis — 14 de setembro de 1939. Madrugada".

Parte significativa do bloco foi destinada a apontamentos dos cursos de extensão cultural que fez no final de 1949.

Este romance corresponde, portanto, cronologicamente, ao

terceiro na ordem em que foram finalizados. O primeiro, que se passa em Montevidéu, foi terminado em março de 1970. O segundo, cujo título provisório era *Regina dos aflitos*, e se passa na França, traz a data de março de 1973, mas não foi passado as limpo. No final desse mesmo ano termina o trabalho de datilografia do texto de *A rua do aterrado*, que ora se publica.

O cenário

São Bento do Sapucaí é uma daquelas povoações surgidas na sequência das incursões dos bandeirantes, que, trilhando caminhos abertos pelos índios desde tempos imemoriais, ligaram o litoral aos sertões. A ocupação do território da Mantiqueira paulista foi motivada sucessiva ou simultaneamente pelo apresamento ou extermínio de índios, pela busca de ouro, pela pecuária e pelo plantio de fumo, café ou banana, produtos que eram escoados para mercados vizinhos, em condições desvantajosas devido, principalmente, à precariedade dos transportes. Era difícil para o município competir com outras regiões produtoras, que dispunham de melhores redes viárias.

Crises na produção e comercialização contribuíram para que o desenvolvimento dessas povoações fosse lento e tendesse à estagnação. Isso acabou levando ao surgimento das cidades que Monteiro Lobato chamou de cidades mortas, exemplificadas com a criação de Itaoca, parenta ficcional daquilo que ele observava na fazenda de Buquira, e que é hoje a cidade epônima do criador de Emília.

Em 1838, vinte anos antes de ser desmembrada de Pindamonhangaba, a freguesia contava com três quarteirões. Chamava-se São Bento de Sapucaí-Mirim, "nos altos da serra da Mantiqueira",[1] que começara a se constituir no final da primeira década do século XIX, com índios, escravos e agricultores em torno do centro de atração representado pela construção de uma capela.

[1] Müller, Daniel Pedro. *Ensaio d'um quadro estatistico da Provincia de S. Paulo, ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836, e 10 de março de 1837*. São Paulo: Na Typographia de Costa Silveira, 1838, p. 29.

A população de baixa densidade estava dispersa por fazendas e plantações; somada aos residentes urbanos, passou a ter um local que contribuiria para que as pessoas conquistassem o sentido de coesão e a identidade necessários à sua afirmação na sociedade nacional. Imigrantes italianos, a partir dos anos de 1880, acrescentaram novos elementos culturais ao ambiente que ainda mantinha características comuns ao povoamento do período colonial.

Com a perda de território para a criação dos municípios paulistas de Campos do Jordão, em 1934, e a transferência do distrito de Candelária (hoje Luminosa) para Minas Gerais, em 1936, e, por último, a emancipação de Santo Antônio do Pinhal, em 1959, São Bento assistiu à redução de sua área e, por conseguinte, à diminuição do número de habitantes e ao agravamento da tendência de estagnação demográfica. Em contrapartida, isso preservou, também graças à dificuldade de acesso, características ambientais, sociais e culturais que, a partir da década de 1970, contribuíram para que a cidade encontrasse no turismo e atividades correlatas um novo estímulo para seu desenvolvimento.

A rua do Aterrado estava numa das partes em que a cidade era tradicionalmente dividida: Matriz, Aterrado, Várzea, Bumba e Morro. Ela aparece em dois contos de Ribeiro Couto, que foi delegado de polícia, em São Bento do Sapucaí (1923–1924): *Largo da Matriz* e *O baiano*, de 1940. A cidade, sem menção dessa rua, também está presente no conto *Uma criatura sem dono*.

Eugênia Sereno localizou *O pássaro da escuridão*, de 1963, em São Bento do Sapucaí, por ela rebatizada de Mororó.

As histórias aqui reunidas traçam não apenas o perfil de uma adolescente no São Paulo rural da segunda década do século XX, mas também ajudam na reconstrução da vida social nessa encantadora cidadela mantiqueirense. Sua leitura poderá interessar a quem deseje conhecer um pedacinho da história íntima de São Bento. A cidade, ao lado de Lenita, é aqui a grande personagem. Candida Ramos Villar, ao empregar os nomes verdadeiros dos lugares da infância de Lenita, ajuda o leitor a reconstruir a geografia da cidade naqueles tempos.

A menção à pandemia de gripe espanhola, que chegou ao vale do Paraíba entre outubro e dezembro de 1918, e a afirmação de que estaria com "quase doze anos" (p. 219), feita na etapa final da narrativa, sugerem que o tempo cronológico do romance estaria entre 1915 e 1922. O tempo psicológico de Lenita, porém, pode chegar a data mais remota, do que é exemplo a descrição dos trabalhos de construção do grupo escolar, que teriam ocorrido entre 1908 e 1910, pois a autora, no caso de Lenita ser sua *persona*, só iria nascer em 1909.

Assim como existe hoje nas artes visuais a manifestação de uma arte específica de lugar, criada para existir e ser apreciada em um sítio específico, pode-se dizer que este é um romance para um sítio específico: São Bento do Sapucaí. É aqui o local onde foi gestado e aqui é o local para ser retraduzido para o plano do real.

Descendentes de dona Santa concluíram que seria gratificante para toda a família — que é o público que justifica esta iniciativa — dar vida a essas páginas, que ficaram guardadas por mais de quarenta anos. ao permitir que alcançassem a "árdua honra da tipografia", de que falava Jorge Luis Borges.

Créditos

Talitha Villar Guimarães propiciou a Candida as acomodações que lhe permitiram fazer a montagem final e a datilografia do texto, além de dele cuidar inicialmente.

Esmeralda Villar Marques de Sá, que o recebeu de Talitha, e o preservou durante mais de quarenta anos.

Maria Lucia Vilar de Lemos e Maria Helena Villar participaram da revisão do texto depois de digitalizado.

Primeira Parte

OS DIAS DITOSOS

Capítulo 1

O sonho e o gosto

A bem dizer, ela crescera à solta, uma soltura de muitas graças, pés no chão, e corridas desenfreadas pelos campos verdes de sua casa grande. Sozinha! Mais velha que Amadeu e Arturzinho, não era sem deliberada rebeldia que os via partilhar de seus brinquedos, longe levando a presunção de comandá-la em suas escolhas ou em suas solicitações infantis. Família coesa e numerosa, era a mais nova de cinco irmãs, todas faceiras, todas formosas, viviam entre os primos e primas num círculo de retribuições alegres, de frequentes arrasta-pés, premiados em negrito e corpo dez nas "crônicas sociais", juntos encadeavam tertúlias literárias e paradas festivas, de que era pródiga a Cidade, minúscula e ascendida entre penhascos nus e uma longa cadeia de montes repousantes, eternamente verdes: um mundo bulhento, pretensioso e restrito, inacessível ainda ao gosto nômade que apenas se permitia julgá-lo à distância, no que ele tinha de brilhante e indagativo.

Saudável e gostosamente liberta, deixava-se alentar nas complacências um pouco veladas de Umbelina, dos providenciais panos quentes da negra Arminda, e se esbanjava o seu tempo sem as pequenas atribuições caseiras que Umbelina delegava às filhas mais velhas era porque até nisto parecia existir um bem cuidado plano de proteção à sua preguiça. Via-se, pois, resoluta de vagar ao déu e ao léu, amparada dos espaços floridos, dos mil e um recônditos esconderijos de sua casona e dos campos que a circundavam, até o ribeirão do Paiol, divisa e morro do Quilombo. Dotada naturalmente de uma percepção seletiva das coisas, de riquezas sensitivas mal delineadas ainda à própria compreensão, ela as dividia indiscriminadamente no afeto endereçado às plantas, aos bichos e às gentes, confundindo-os num todo homogêneo e dependente. Criativa, sem o saber, lutava por uma liberdade que

ninguém contradizia, ia e vinha, cantando modas de rua, afundava pelos grotões, tecia brincos, colares, descobria que a vida era igual a um enlaçado de maravilhas, embora umas fossem cor-de-rosa, outras desmaiadas, muitas vermelhas e até encrespadas. Seus domínios, terra, rio, a serra, muita cascatinha reimosa, aquelas covancas e o entulho macio delas, os caminhinhos carreadores e até uma aguinha choradeira não lhe pareciam mais pequenos nem menos belos dos que aprendera a amar, antes, nas histórias de fadas e de princesas encantadas que aureolaram sua pequena infância, transmitidas pelo anedotário cúmplice das negras, que as escutavam das sinhazinhas que liam Perrault e La Fontaine, nos longos serões invernais, enquanto, lá fora, a geada empedrava os ares e adormecia o viço teimoso das sempre-vivas.

E quando o sol era apenas o halo luminoso borrando de luzes as saliências de pedra, quando o céu mal destacava o verde tão longe, Lenita renascia para as suas buscas e indagativa esperava o sinal partindo dali, de cima de seu corpo estendido e mal desperto. Distinguia (ah! imobilidade pachorrenta!) o arrulho, o canto, o pio, o dar-se, o brilho e o colorido, todas as gamas do revivescido, nem outra luz, nem outro horizonte que mais belezas ajuntasse ao acalanto obcecante do dia, o outro dia e a sua imorredoura compreensão:

"Esse não é o pego-pego, nem a rola, não é nem a andorinha... é o morcego cego que acabou de chupar o sangue dos bichos de minha mãe, até do baio pobrezinho que tem aquela chupança no cocoruto, que ele fez... Dormiria ali o dia inteiro, o seu morcego malvado, enquanto ela brincasse..."

Sacudida a atenção mais premente, elevava o corpo delgado e parava o pensamento naquela miríade de tinidos, procurando o som destoante e rápido. Se tanto não a desgostasse a morte, mandava o Ricardinho estripar aquele morcego que fazia rebuliço nos ninhos dos passarinhos seus. Não tinha que ver, ali ninguém ia subir para pôr erva-de-santa-maria no pau onde ele dormia pendurado. Queria saber quanto tempo um morcego vivia e se aquele não ia logo secar.

Concluídos os adeuses e as boas-vindas, emudecidos os beirais salientes de seu quarto, a gama dos sentidos ganhava outra

dimensão, a mais caseira, a mais condizente com a sua tipologia gulosa e imoderada.

E procurava, dali mesmo, seguir o vaivém de Arminda, confundidos entre as pragas e o arrastar dos chinelos de duraque, na sua lida com o fogo e a massa dos biscoitos. Um a um rememorava os ditos de mamãe quando pedia a sua negra, pobrezinha, para não receber com tanta xingação e azedume os encargos da vida, que de tão ingratos e repetidos iam ofender a Nosso Senhor que estava no Céu. Mas a Minda... — e Lenita sabia — pragas e resmungos eram parte de seu todo efervescente, que desconhecia a quietude e a espera. E não era o seu zelo falador que transformava as farinhas naquela gostosura de quitandas? Pois não era?

Ao primeiro chiar da gordura, desvencilhava-se das cobertas e saltava da cama. Esgueirava os pés da cama das irmãs, deixava o seu quarto e vinha para a cozinha transbordante de cheiros. De passagem sacudia Nhanhã de seu sono, carregava-a entre os braços e a aninhava no colo, murmurando coisas, numa linguagem só delas conhecida.

Colada ao fogão, num alheamento fingido, Arminda remexia a gordura, a dedo ia escolhendo os bolinhos mais pururucas, os de fritura mais igualada, e os juntava na travessinha, sobre a taipa aquecida. Passinho aqui, passinho acolá, olhava a menina de viés. Lenita, a quem os gestos e a premeditada indiferença não conseguiam mais iludir, deixava-se ficar, prazerosa e contida, vendo subir e engastar, na mais gloriosa simetria, a pirâmide doirada dos bolinhos. De gula crescida, pensava no café com leite fervidos juntos, a nata grossa e crespa de encher-lhe a boca de água. Suspirava.

— Se essa torinha aí é daquele angico que o meu pai comprou do Belarmino, não sei por que o café não sai! Não aguento mais esse cheiro, Minda! — era a sua ternura.

Debruçada na mesa, media com os olhos a distância entre ela e a caneca bojuda : "Bem te Quero" estava ali escrito no bojo trabalhado, e só de ouvir falar aprendera aquilo: o B de borboleta, o E de tia Elvira, o M de marmeleiro... Havia também o Q, de querubim, o seu anjinho bom que baixara na nuvem vermelha, naquela noite de febre. Era tempo de pneumonia. Pois também ela

não teve a pneumonia, igualzinho a gente da Várzea que nem cobertor não tinha? Tantos dias ficou de corpo largado, um calorão de fogueira queimando a sua boca, as mãos e os pés, que de tão secos até parecia que iam romper-se. Quando de novo sentiu o seu corpo e sob os dedos tateantes a lã das cobertas, invadiu-a a certeza de que alguma coisa fora mudada. Pois aquele não era o seu quarto, nem era sua aquela janela escancarada para o céu do Baú! O quartinho era o do meio, que servia de ligação entre as duas salas e aquela janela tão linda que ampliava a sua visão do azul era a mesma por onde espiava o quintal, manhãzinha nebulosa, ver a Mansinha peada, o Bituzinho no seu pé, para a mamãe tirar o leite. Estas coisas que mãe Umbelina teimava em fazer, depois de tudo ajeitado pelo Ricardinho. O úbere tinha de ser lavado e seco por ela, não fosse o menino deixar sujeira no leite das crianças. Era o que sempre dizia, a carregar pelas escadas o caldeirão e os panos de enxugar, que a Arminda lavava em separado, na gamelinha. Mas aquela fumacinha que via subir de cima dos pratos não era privilégio dos matos, nem nuvem do céu, nem lhe doía nos olhos. Relembrou o bem imenso a remoer-lhe as entranhas quando a Dete surgiu no comprido corredor, carregando bem alto a travessa cheinha de arroz de frango. E quando tentou levantar o corpo para acenar-lhe sentiu-o pesado, como se pregado ainda à cama. Deixou-se afundar nos travesseiros, espremida de cansaço, mas foi bem o gosto de carne tostada que provocou aquela umidade em sua boca... foi... Solto o pensamento transpôs o caminho verde de capim-gordura e célere sentou no barranco do rio. Na margem perto, que a correnteza impedia, emaranhavam-se os cipós trepadeiros e os pés de maracujás que subiam até o araticunzeiro — as florzinhas de roxo filetado espiando o escorrer manso das águas. Quando havia um canto ali perto — e sempre havia — as flores pareciam escutar, até se viravam nas hastes para acompanhar... Mas ela não compreendia todas as aves pelo seu canto! Entendia aquele dos beirais e dos passarinhos de gaiola, prisioneiros de seu pai: os melros trinadores, os canarinhos-do-reino, o pássaro-preto, sem contar o purrutaco que até falava os nomes feios que a Arminda lhe ensinava. Se a coruja piava feio, o sabiá cantava bo-

nito. E os tiés ligeirinhos e os bem-te-vis não eram as coisas mais lindas?! Seguia em pensamento à beira d'água até a volta que ela fazia ao pé da cerca. Ali diziam que a água afundava, que era bom dos meninos nadarem. Do que ela gostava era das rasuras, que deixavam as pedrinhas à mostra. Seu querubim que tempos não vinha! Tantas coisas ruins passavam naquele tempo na sua cabeça! Ela se lembrava de um fogo quente que subia pelas paredes e fazia desenhos assombrosos, de abafar qualquer um. Outro dia, viu-se na casa dos macacos, a balançar loucamente na rede. E uma voz longe que parecia pedir: "Menina, para de balangar, que vai lhe dar tonteira. Você vai vomitar". Mas quem forçava a rede era o macaco grande que morava no jenipapeiro de seu Dias. E como balançava! Ai, que mundo grande de altura! Aos embalos, ela se via elevada pr'além do telhado, quase alcançando a nuvem rosada. E rindo de seu medo o macaquinho preto perguntava, a saltitar: "Tá bom aí? Fresquinho? Balango mais?" Ela queria pedir, chamar a Minda para ajudá-la. Abria a boca, esforçava o peito e a voz ficava rumorejando na sua garganta. Quando uma hora despencou da altura, as pontas aguçadas das pedras rasgaram-lhe as carnes e foi quando sentiu a picada aguda no braço. E a seu lado sombras, muitas sombras de gente que iam diminuindo até ficarem iguais aos macaquinhos que moravam na parede, em cima da porta do quarto dos meninos. Tentava desviar os olhos, ver o trenzinho catita que entrava no túnel... Depois, foi aquela lassidão, os pés pesados, sem mais coragem para as corridas que a libertavam. No dia que teve o calafrio, viu o mundo girar. A pedra do Baú fez um bico e espirrou um jorro escuro que foi crescendo, crescendo até transformar-se num rio de águas grossas, que ferviam. Quando ela tentou fugir, viu que estava presa ao chão, por correntes iguais àquelas que as negras contavam nas suas estórias de escravidão. Deus do céu! Era então assim que prendiam negros da escravidão? Até doer os seus pés? Viu o salto da gata no mar de lama e seu miado triste ir sumindo, quanto mais a água escorria. Sua alma virou aquela tristeza. Na escuridão, ela não se debateu mais. Por isso a mudaram de lugar, para tê-la ali perto, ao pé da mamãe. Seu quarto que ficava longe não tinha aquela janela alta, muito perigosa? Ali, no

quartinho do meio todas as coisas ficavam perto: a mesa, a porta, o ramerrão das negras, que, atarantadas, corriam daqui e dali, não fosse o tempo ficar pequeno e não chegar para as arrumações.

O resmungar perto tornou-a à realidade. Desviando os olhos da nesga de céu azul que a embalara na fuga inesperada, contemplou a sua negra. Amparando o braço que tinha a queimadura, Arminda plantara-se à sua frente, a boca grossa, pronta para a descompostura. Numa antecipação travessa, pensou escutar a sua voz, aquele vozeirão cavernoso, duro como um trovão que viesse ribombando pelos montes. Mal comparando, Minda falava como um gigante. Mas era grossa só por dentro, que por fora era aquela magreza de fazer dó. Empurrou-lhe a caneca transbordante e retirou a travessinha da taipa. Com a colher parada no ar, perguntou se ela queria deixar o café esfriar...

— Não? Pois mistura essa nata, menina!

Lenita escolheu o bolinho mais pururuca e trincou-o nos dentes. Ai! ai!...

Arminda pousou-lhe o olhar resignado:

— E vá a gente entender essa mequetrefinha! Chega esfomeada e fica de boca aberta engolindo o ar... Por que não assenta direito?!

Em vez, os grandes olhos de Lenita divagaram. Mediu a negra dos pés à carapinha trançada e desenhou um sorriso. Desviou os olhos e parou-os no vapor que subia do caldeirão, em volutas. Pensou que o mundo fora feito assim... de fumaça... a fumacinha formava a chuva, a chuva apagava o fogo, o fogo lambia a pedra, fervia a água... Sumia a água... Um mundo muito quente, sem a Arminda, sem a Mansinha, sem a mamãe... Sempre lhe intrigara a formação do mundo e muitas versões ela conhecia: a dos padres, a da Mestra e aquela das estórias das negras. Tirava as suas conclusões. Pensava que seria bom habitar um mundo cheio de tocas, com árvores gigantes, livre de gente abelhuda, com os bichos seus amigos. Mas quem faria as quitandas? E os quindins? Ah! Um mundo sem a Arminda, não seria um mundo bom! Então, seus olhos desvendaram a realidade da cozinha aquecida, a longa mesa desordenada, as linguiças e os lombinhos de fumeiro

pendurados no varalzinho sobre o fogão, o sol radioso entrando pela porta inteiramente aberta. E presidindo esse mundo a sua Minda... Mas essa negra... Não sabia de onde vinha e fazia tempo morava com eles... Tinha uma filha de sua idade, vivendo com a avó no caminho do Serrano, quitandeira de festas... Nunca vira o seu pai, Rutinha que era quase tão branca como ela!...

Deixou extravasar a curiosidade e indagou quem era o pai de Rutinha, que nunca vira! Era preto, era branco?

Arminda ia soltar um palavrão, avistou Sinhá que já vinha pelo corredor, com Arturzinho pela mão. Umbelina chegou a tempo de impedi-la, e medindo com a experiência a terrina ainda cheia de massa reclamou, a virar os bolinhos na gordura.

— Não sei por que você dá tanta atenção a essa menina! Já avisei que não quero criança comendo na cozinha. Ficam atrapalhando o seu serviço. Quantas vezes já proibi Lenita de comer na cozinha?

— Pois é, Sinhá! Eu sempre digo a mesma coisa, sei do gosto de Sinhá. Mas Lenita é muito especula, fica aí na ponta da mesa cismando e depois faz cada pergunta!...

E virou a cara para esconder o riso, a mergulhar na panela a escumadeira tantas vezes furada, que até parecia uma peneira que fosse de prata. Sem querer olhar Sinhá...

Lenita remexeu o café, olhou a mãe de viés e partiu o bolinho. Levantou a caneca fumegante e abriu a boca. Viu o céu radioso, a nuvem rosada fazendo touca para o bico aguçado da pedra. Longe um pinheiro tinha franjinhas de sol nas pontas e as árvores já se mexiam, com o vento. Foi como se visse aquele versinho que um dia escreveu na capa do seu caderno de Geografia:

No pé da gabirobeira
Nasceu uma roseira
Se a gabirobeira tem olor
A roseira tem amor...

Nesse tempo ela entendia muitas coisas! E aquela árvore sua, crescida no meio do pasto grande, embelecida das frutinhas que só caíam de maduras! De uma feita, Amadeuzinho subiu nela

e ficou sacudindo os galhos, gritando para que descessem ele de lá. Nesse tempo ela não era tão espichada. As horas passavam e só quando o Ricardinho apontou na porteira, depois de separar o bezerrinho de sua mãe, escutou os gritos dele. Ricardinho era o mais velho dos meninos, seu irmão de criação, e tudo que era zaranga de menino, ele sabia... Daí é que começaram a judiar da árvore, que ficou até mais lisa. E a corda que Ricardinho amarrou nela ficou tanto tempo pendurada na forquilha, que até as chuvas acabaram com ela. Mas uma hora a frutinha caía, tangida pelo vento. Caía-lhe em cima. Primeiro sentiria o cheiro varando a casquinha rosada, depois apertaria os dentes nela. Gostosura de frutinha! Então, a risca de sol varou a folhagem e marcou a sua cara. Ela fechou os olhos e esperou. O galho seguiu a aragem e o sol mudou de lugar. Ficou parado no seu peito, de esquecimento... Mas entre os ramos havia um dono de voz que parecia falar-lhe, tão de perto! Ai, ai! Era a Arminda que sua mãe mandara correr os pastos e a Dete estaria nas ruas batendo nas portas das casas dos primos, que ali... por que ali!? ali não estava!... Dando com ela a murmurar coisas, Arminda jogou-se a seu lado. Espichou-lhe o vestido coberto das folhas verdes de capim e atirou longe as frutas de craguatás que rodeavam o seu corpo. Sacudiu-a, obrigando-a a sentar-se.

— Jurava por Deus que a voz não era a sua, Minda! Antes não fosse...

— Não fosse? Que não fosse! Meu Deus do céu! Você perdeu o chapéu novo? Adonde está o seu chapéu que não vejo? — Seguiu-lhe o dedo espichado e viu-o pendurado num galho seco de perobinha. — Tiraninha! Ainda insarada e já beirando o corgo, como bicho desgarrado! Levanta daí, anda! Ai, Jesus! Mais de uma hora te campeando, como se a gente tivesse consolo nas tuas manias. Pois credite, milonguinha, se eu fosse siá Umbelina trancava de cadeado as duas portera e te punha no quartinho, de bordado na mão, junto com a tua irmã. Com vigilança perto. Eu? Eu te ensinava a parar, ciganinha.

Carregou-a pela braço e só desgarrou dela quando Umbelina deu-lhe uns piparotes e mandou-a lavar o piso das gaiolas e trocar a água dos passarinhos. Não havia no mundo castigo de que ela mais gostasse! Só a mamãe não sabia...

Pensou no rio e na promessa que fez a Ritinha de vir encontrá-la beirando a cerca da velha pintada, junto da romãzeira. Aquela romãzeira que até já tinha fruto partido, de maduro! Do barranco até a cerca era um pulo. Também não sabia por que a velha queria tanta fruta estufada se não era para comer. Fruta só de pender! Passou a porta na certeza de que Arminda não a veria, por que era a sua hora de pitar. A mamãe estava costurando na alcova das coroas de defunto porque estavam esperando o primo Frutuoso que vinha tocar piano e não podiam desmanchar a ordem do seu quarto. Eglantina e Maria Rosa tinham ido ver tia Elisa, que havia chegado do Rodeio. Maria Inês não estava. Desceu as escadas, passou o terreiro batido, com a cocheira ensebada que agasalhara os cavalos de sangue do tio, e que agora só guardava a Mansinha. O baio, de velho que era, vivia em qualquer parte, que tinha licença... Passou a porteira que rangeu nos ferros, passou o rego d'água, meio escondido entre os pés de lírios e de craguatás, e só então se pôs a correr. À direita ficava o arrozal empendoado, madurando, plantado de meia com o Constantino. Nem sabia por que o Constantino não estava ali para namorar aquela beleza! Ouvira o pai dizer que nunca os grãos estiveram tão graúdos, tão iguais! Sem querer demorar neles os olhos, virou o corpo e olhou a casa. Assim de longe, ela até parecia abandonada, com tantas janelas sem vida. O Ricardinho atravessava o quintal, de cesta no braço. Vinha de tratar os porquinhos no chiqueiro. Beirou a cerca vazada, de arame farpado, e só depois de alcançar o pasto grande elevou o corpo. Desabalou a correr. Chegando ao ponto combinado, não encontrou a menina. Alongou os olhos até quanto podiam eles ver o Beco por onde ela viria. Ritinha andava cansada, sempre lhe dizia que a roupa dentro d'água lhe pesava muito: "A corredeira ajuda um pouco" — ela queixava — "e carrega a sujeira ensaboada, mas só. No cochar é que a gente embarga..." Afastou de si os pés de samambaia e os emaranhados de cipós e maravilhas. O sol acabava de transpor o topo da serra. Juntou a saia e sentou na margem do rio. Fazia tempo que não chovia nas cabeceiras e as águas até já estavam sossegadas. Podia com vagar contar as pedrinhas de seu leito. Quantas pedrinhas havia naquele rio? E nos

rios mais grandes? Onde nasciam as águas? Por que elas nasciam? Aquela vinha da serra, não ficava longe, mas ouvira falar de um rio de muitas águas que nascia de um lago! Estas coisas, ela não entendia, como podia a água brotar do chão? Na primavera o rio vestia a sua fantasia e as flores de todo o ano que cresciam nas duas margens alargavam mais as suas corolas. Viu quando o lírio virou naquela voltinha e gracioso desceu na correnteza. Pobrezinho que desprendeu do galho, pensou. Mergulhou os pés e levantou as saias até os joelhos, numa tentativa para agarrá-lo. Estava quase no meio do rio, quando o assovio varou o ar e ficou modulando, de perto. Indecisa, olhou para os lados. Nem um galho mexeu, nem as cravoranas, nem o capinzal. Esperou. O assovio eclodiu de mais perto e varou os maracujazeiros... E quando ia voltar o corpo para alcançar de um salto a margem de onde viera, sentiu-se presa, num espadanar de águas, que o arremesso dos dois meninos aumentava. Dois braços rodearam o seu corpo ligeiro. Ela debateu-se com fúria e ia morder a mão que a agarrava, quando reconheceu a risada do irmão. Caiu em si, do susto.

— Ai! Que malvadez, Amadeuzinho! Onde vocês estavam, que não vi? — Perguntou, a arrancar-se das mãos do irmão. Eu não vi mexer nem um galho!...

Desprendeu-se, acalorada, e só então notou que o bordado de sua saia ficara preso a um dos botões da camisa do irmão. Fechou os olhos. Abriu-os rasados de lágrimas.

— Veja o que você fez! Veja o que você fez! Agora mamãe vai saber que andei no rio... a minha saia bordada novinha...

Ele riu.

— Pois se a mamãe te der uma tunda, será bem feito! Ela já não disse que não é pra vir mais no rio? Que aqui sempre tem menino pelado?

Lenita pôs-lhe os olhos súplices e primo Rui, que se desgarrava do emaranhado de cipós que trouxera presos às pernas, olhou-a com pena. Chorando e se maldizendo, ela levantou as duas mãos e apertou os cabelos para trás. A água escorreu-lhe pelos ombros e encharcou-lhe mais a camisa, colando-a ao corpo. Secou os olhos com as mãos e tentou subir o barranco.

— Agora eu tenho de me secar! — Gritou para o irmão. E onde vou me secar? — Soluçava, olhando alternativamente para a saia pingada e para o primo que a seguia.

Rui ajudou-a a firmar-se na margem, sacudiu-lhe a saia enxovalhada, procurando consolá-la. Lembrou que se fossem rio abaixo, chegariam no beco das Lavadeiras e ali ela podia se secar com o ferro de brasa de nhá Sula.

— A que tem o birote? Essa não quero, que todo dia vai lá em casa pedir o que comer... Mamãe vai logo saber...

— Então vamos na casa de Trude, lhe peço para não contar, que nunca mais ajudo ela na novena. Eu garanto, Lenita, que nhá Trude tem um ferro pronto pra te passar... Vem comigo, te levo lá.

Foram rente ao bambual, antes da curva do quintal da velha pintada. Era ainda a rasura... "Não é boa de pisar?" Sentiam escorregar os pés nos seixos alvos, roliços do trabalho seguido das águas. Cardumes de lambaris roçavam-lhes as pernas, aflitivamente, procurando as margens encobertas de musgos e de samambaias. Amadeu dava-lhes rabanadas furiosas, para que brilhassem mais...

— Vão-se esconder, coitadinhos, não bata neles — pedia Lenita, a olhar com tristeza o remoinhado incontido. Não gosto de ver bater nos meus peixinhos...

O beco, muito batido dos passos, era um correr de casas iguais, de porta e janelinha. Diante das portas, a exígua calçada de cacos de tijolo, que mal dava para uma pessoa passar. O capinzal ralo e pisado começava dali, seguindo o declive até encontrar as águas do rio, onde era mais caprichado. Na casa do meio morava nhá Trude, a lavadeira mais conhecida na cidade por sua habilidade. Roupa que saísse das mãos de nhá Trude era conhecida, só pelo cheiro. Os meninos entraram, sem mais essa, e foram dar com ela a alisar. Ao ver-lhes o estado, a mulher arregalou os olhos e pintou um arremedo de censura. Pousou o ferro sobre a lata vazia, de marmelada, e avisou que a Ritinha não estava, saíra cedo para entregar umas engomas. Se queriam a Ritinha, não estava, almoçava em casa da comadre Assunção. Lenita contou-lhe o seu medo, a sua infelicidade por causa do irmão. Mostrava-lhe a saia pingada, de bordado inglês, rasgada. Sua mãe que tanto recomendara... E acabou implo-

rando a Trude que a secasse com o seu ferro. Os meninos deixaram-na em meio das lamúrias e vieram sentar na porta. Enquanto isso, Lenita se remoía, fechada no quarto, em calças. Nhá Trude fuxicou o bordado, pôs-lhe uma aguinha de goma e deixou-o quase novo. Pendurou a saia ao sol para que acabasse de enxugar e veio ver a menina.

Lenita choramingou uns medos reprimidos e pediu-lhe para não contar nada à sua mãe, nem ao seu pai, que eles não queriam mais brincadeiras no rio. Ia pedir a Arminda para remendar o bordado com um pedaço novo que ia lhe dar. Sua mãe tinha muitos no seu baú de guardados:

— Você pensa que mamãe vai se enganar, não vai ver o bordado remendado, quando conferir a roupa?

— Isso vai...

Corada de raiva e de sol Lenita vestiu a saia de baixo e a de cima. Sacudiu-se e agradeceu mil vezes, prometendo que à Ritinha havia de dar uns marmelos da fazenda, que logo iam chegar...

Foram a passo pelo larguinho, a combinar uma pescaria no poço do Firmino, que tinha lá uma ceva de peixe graúdo. "Ceva de remoinhar, Rui..." Avistaram o Chico que saía do Aterrado em direção ao Beco, os braços pendidos e oscilantes como um pêndulo. Bêbedo como uma porca, a boca aberta enchendo o espaço vazio de gente.

— Vinte... e nove... e trinta. Vinte e nove... e... trinta... — Berrava, procurando conciliar a música e os passos.

Lenita firmou pé para vê-lo passar. Viu-lhe o peito descoberto, a cara craquenta e disforme, os pés volumosos afundando o chão barrento. Ficou ali plantada, sem dar mais conta dos meninos. Ruizinho que distraído se distanciara voltou de corrida e agarrou-a pelo braço.

— Ai que dó, Ruizinho, que dó no meu coração! O Chico tão sem nada, de cara tão suja!...

Surdo, ele a impelia. Abriram o portão de madeira e pararam para ver o Ricardinho lidando com a chave do paiol, que estava emperrada.

Lenita se desgarrou, subiu correndo a rampa em direção ao casarão de fumo, onde sabia encontrar a Arminda, que estava a enfornar. Vira os pães crescidos, debaixo do cobertor... De avental lumioso e lenço na cabeça, a preta retirava um dos pães do forno

e verificava o seu ponto de cozimento e colorido. Viu a menina entrar, de investida.

— Ai, ai! Não venha aqui atrapalhar o meu serviço — impediu-a, a levantar a pá no ar. Não fique assim perto da boca do forno, menina, nesse calorão! Ora, não podia mesmo ser outra! Vou já chamar a sua mãe, não quero criançada aqui... Vá passando...

Sem se dar por vencida Lenita barrou a figura esquálida e agarrou-lhe a aba do avental.

— O Chico, Minda, vi o Chico, ali na entrada do beco sem saída, tonto que nem um boi estourado, magro como um pau... Cantando pra se alinhar... Vi o seu pé cheinho de bicho... Ai!...

A negra parou, diante daquilo que ouvia.

— Que Chico, menina! Que tempo não vejo o Chico! Não andava ele a campear boi, mais o irmão, pros lados do Baú? Com o pé cheinho de bicho? Não foi o que disse?

— Um mundo de bichos e as morangas... Branquinhas dos ovos... Ai, meu Deus!

A negra benzeu-se, condoída. Esfregou a ponta dos dedos no beiço caído e fez o sinal da cruz. Não demorou.

— Preparo o querosene e mando o Calimério fazer uma limpeza nele. Mando logo. Mas não andava ele pelo Baú mironando? Na fazenda Ferreirinha, ele mais o irmão? Não costumou, o pobre, deu no pé sozinho!...

Noite alta, a virar na cama, Lenita pensava. E revia o louco, numa memorização angustiada que a impedia de dormir. Por que ele era assim? Sem roupa, sem nada, metendo os pés na lama, com aquele frio das noites? Sabia que às vezes ele dormia em cima das pedras, amanhecia no orvalho. Se até os bichos tinham um canto quente, um tapetado de folhas, por que o Chico não tinha? Chico era pior que um porco, que porco vivia fechado e tinha comida na hora. Firmava os olhos no teto, nas paredes do quarto, no nicho da Imaculada, alumiado pela velinha de azeite. Mas o que via eram os pés inchados, salpicados dos pontos intumescidos que lhe entupiam os dedos, como num leque aberto. Enfiou a cabeça sob o travesseiro e começou a chorar. Dormiu a chorar.

Capítulo 2

Assados provocam vigílias

O caminho ascende estreito, ziguezagueia o morro mais alto e se perde na mata vetusta e cerrada. Dantes, fora apenas um trilho aberto na verdura ensandecida, a escolha de travessas jaguatiricas, dos lagartões verdosos e longevos e uma comunidade inteira de preás ariscos, que, pacificamente, povoavam os ermos centenários. Margaridinhas rasteiras e amarelas, azedinhas, capins-de-cheiro, corimbós-da-mata espiralam o Santo Morro, desde o eterno reduto dos mortos, entremeio à subida. O fruir apenas perceptível, não estrela ainda, penetra os interiores onde há o esperar que só se quebra na reunião familiar do último repasto, que precede o sono. Não são apenas os cumes majestosos, os abismos e os grotões profundos, nem só o espanto sensível, é ele também — marco solitário e um pouco triste da Cruz de Jesus — ali tão alta plantada, que nunca se sabe se desce do céu ou se avulta da terra, que a aceitou. No passado distante, alembros de alquebrados narradores, fiéis paramentados em revezamento contínuo levaram-na morro acima, sob os augúrios das preces e do incessante foguetório. Um devotamento quase santo ver repetir-se a linha animosa, marcada do lumioso incontido das velas ondulando, ascendendo a movimentação contínua, ritmada e sonora. A cada ano e em todo o sinuoso percurso repetem-se oferendas e cânticos sagrados ante o infinito aberto, e os ipês translúcidos desfolham o seu verde-doirado sobre a forma processional, olhos postos na Cruz. As sucedidas vozes, transpondo os ermos virgens de fala humana, enredam ainda de susto os preás bravios, enlouquecendo-os de medo, atirando-os, aos trancos, sob o capinzal entrelaçado de samambaias e de cipós.

No tempo das grandes águas, rude e prolongado, o mato cresce desvairado, despenca das bordas altas argilosas, semelhando a cortinas tontas, desgastadas pelo vento. Não é tempo propí-

cio a escaladas. Espera-se a primavera ou o enflorar das múltiplas quaresmeiras para o cumprimento de promessas, de crentes e dos namorados. Dizia-se, entre encontros e fervores merecidos, que os bens da Cidade provinham daquela cruz vigilante, lá em cima plantada, onde o céu ficava mais perto. Se havia pobres a esmolar — e eles tinham até o seu dia de peditório — malfeitores não medravam ali. As donas sinhazinhas podiam viver na santa paz do Senhor, sem nunca precisar fechar as suas casas. Do Bumba ao Aterrado, que eram as portas da Cidade, viviam as famílias em sossego, recolhidas nas casas grandes solarengas, pois, crimes ou roubos eram ali tão alijados que até já se falava em trancar a cadeia, por desserventia. Quando em vez, o praça recolhia algum negro encharcado ou um andante mais afoito, que se perdera nos desvios dos caminhos. E ali ficavam como hóspedes de algumas horas, ajudando a vencer a noite longa, na Várzea tão fria.

Nos dias de festas, que a igreja programava, repetia-se a romaria e o morro tomava um aspecto desusado. Desde cedo velas ardiam sob o madeiro, salmos e cânticos voltavam a povoar o silêncio. Deslembrados do catecismo domingueiro, menininhos vadios aproveitavam o ensejo para fazer dos arredores o seu esconderijo, repetindo as façanhas dos Tom Mix, que o cinema seriado lhes ensinava e o tempo era pequeno para a reprimenda.

Foi quando, na noite invernosa, imergida a Cidade no denso nevoeiro, uma luz foi vista acender-se ao pé da Cruz. Pequena ao ser pressentida, cresceu tanto de repente, que, de propósito, parecia investir contra o lenho piedoso. Atarantados, às pressas os homens deixaram seus braseiros e vieram para a rua indagar. Abriram-se de par em par as janelas, negras velhas e moças agarraram os seus xales e acudiram às calçadas, perguntar aos passantes o que era aquele despropósito de pôr fogo na Cruz! Retornavam correndo, em persignos, desfiar ante as sinhazinhas atônitas os diz-que-diz daquela judiação.

Das janelas da casa de Estêvão, voltadas para o jardim, reunida a família, Umbelina cruza as mãos, olha a Cruz acendida das conspurcadas fagulhas e com infinita piedade seca os olhos. Arrebanha os filhos e os conta, porque, excitados, queriam sair

para correr atrás das autoridades. E Arminda, que dera o alarme daquela injúria tardia, adentrou a sala de janta, saber de Sinhá se não era mesmo um pecado o que faziam com o morro:

— Pois é uma chama só, Sinhá! Um crime escabroso! — E levantava os braços, sufocada de calor e angústia.

Em passadas rápidas o delegado desceu a rua, ladeado pelo praça, armado de carabina. Vinha confabular com o juiz de paz e o coletor, que sabia reunidos frente à loja do Quincas Português. Eram homens serenos, capazes de aconselhar. Achavam desnecessários os alardes profundos dos sinos, que punham de quarentena os cachorros e despertavam os bichos de seu sono, mas assim fizera o padre para atender aos rogos das mulheres, que queriam rezar ao pé dos santos. Aquele toque, além de alertar a cidade, anunciava o começo do terço. Quem quisesse podia lá ir rezar que um dos freis já estava paramentado. O Guedes Severino, chamado também para opinar, propôs que fossem alguns homens em comissão falar aos carmelitas, pedir ao maior deles uma romaria. Afinal, aquilo até podia ser artes de um bando de malfeitores que vinha desacatar a Cidade e as autoridades. Podia-se lá saber? Que respeito esperar do bando de desalmados, se nem veneravam a Santa Cruz? Prevenido pelo Beca de que a comissão já se arredava do Aterrado, frei Nicolau veio encontrá-los à porta da igreja. Era um frei moço, muito evoluído, amigo dos jovens, a quem ouvia em confissão. Por ele, não se oporia, iria também. Tardio, porque voltara à casa para aquietar a família, Estêvão dava o seu conselho: esperassem a madrugada raiar. A noite estava escura, a neblina impedia a visão e o fogo tomava aquelas proporções por causa do vozerio das mulheres, que tudo aumentavam. Aquilo até podia ser uma simples fogueira de pau seco que a distância e o breu da noite ajudavam a avolumar — sentenciava, a conter os mais afoitos. Os homens se entreolharam, decidiram que o fato merecia uma medida à altura do desaforamento. Foram parlamentar com o delegado e o frei, reunidos sob a arcada. Resolveu-se, afinal, que frei Nicolau, o delegado e o praça subiriam sós. Tinham boas armas e o padre levaria a cruz à frente. Os que ficaram, um tanto desenxabidos, desceram a ladeira e estabeleceram, depois

de muita confabulação, que se um só foguete rompesse o ar era sinal de que o perigo era de pouca monta. Dois ou mais foguetes soariam como alerta e as famílias deviam acautelar-se, trancando as suas portas, deixando a seus chefes a solução do perigo... Estêvão reuniu os parentes que encontrou e os que quisessem segui-lo e ofereceu a sua casa para abrigo. Ela era espaçosa e tinha o fosso protetor das janelas mais baixas. Ficavam em segurança. O tempo passava. Contavam-se os minutos e até os segundos. Quando o ponteiro marcou onze horas, Estêvão pegou o chapéu, enterrou-o na cabeça e saiu para a rua. Da cozinha chegava um alarido, um corre-corre de gente que se arma, escandalizando Umbelina que não gostava de exageros. Quando a seu mandado Eglantina chegou à porta, Arminda avisou-a de que já tinha à mão a machadinha de torar gravetos. A Odete encontrara nos altos do armário o estilete com que sangravam os leitões e uma azagaia meio enferrujada passara para as mãos do Ricardinho. Ali pela porta da cozinha ninguém entrava. Depois de ouvi-la em silêncio, Eglantina mandou-os guardar aquelas armas perigosas. De que serviriam as armas, se as portas estavam trancadas e ninguém tinha ordem de sair? Não ficassem a dar mau exemplo às crianças, de si tão assanhadas! E pusessem ordem na cozinha. Ricardinho dormia ali dentro, arrumassem a sua cama no quartinho de passar roupas. Ninguém ia sair dali, até papai chegar...

Umbelina e a irmã viúva Elisinha foram ajoelhar ante o oratório, pedir a intercessão de santo Onofre, enquanto Maria Rosa ficou a zelar das crianças. Eglantina reuniu à volta da mesa os irmãos, os primos e conhecidos e serviu-lhes café com biscoitos.

Quando Umbelina voltou do oratório, seguida da irmã, viu Arminda que ia ao seu encontro com a bandeja de café servida.

Mais difícil era conter a sanha dos meninos, que iam de boca cheia da mesa para as portas e destas para as janelas, onde ficavam a gesticular, com perigo de caírem lá em baixo, no fosso.

A olhar para os cantos da sala Umbelina perguntou por Lenita, que não via ali. E Arturzinho? Já escapulira também? Deu com os olhos no filho encarapitado no banco de Estêvão, que retirara do escritório.

— Alguém não viu Lenita? — Endereçou os olhos para a crioulinha, encostada no batente da porta. Distante, ela não parecia dar tento na confusão...

— Não me ouviu falar? Onde está Lenita que não vejo? Ah! meu Deus, essa menina me acaba! Você não sabe onde ela se enfiou?

— Sei não, Sinhá!...

— Pois vá procurá-la, reviste a casa, quero Lenita aqui! Não se esqueceu de descer os vidros das janelas dos fundos? Vá ver se Lenita está lá...

— Sim, senhora... — e voltou a raiva para o volume de louças que teria de lavar antes de pegar no sono.

— Corja assanhada! — Murmurou, a lacrimejar. Ninguém que tenha vaza perde uma pagodeira! Criançada mardita!...

Foi agarrada por Arminda que impeliu-a cozinha a dentro, aos empurrões. Sacudia-a.

— Crioulinha de boca suja! São modos de responder à Sinhá? Pensa que não ouvi? Esse nome feio na tua boca? Tu nem parece benzida, peste! Não pensa que não escutei os teus xingos, bruaca...

Odete levantou os ombros e, ao avistar Lenita que saía da despensa, foi sentar-se na banqueta, que escorou no rabo do fogão, quase em cima da gata. Azedara-lhe o gênio depois que vira partir o seu negro, naquela inventiva de carrear boi para o coronel Celestino. "São tudo uma corja, os que vão e os que ficam, pois não são?" Ao escutá-la resmungar, Arminda puxou a porta e trouxe consigo a menina.

— Mar não diga essa coisinha anda é enfeitiçada por algum carapinha...

— Pois sei quem é! — e Lenita ciciou um nome ao seu ouvido.

— Ah! tu não sabe nada, mequetrefinha! Venha ver Sinhá... não arreda mais da sala, que é capaz de acontecer um disparate! Não sai mais de roda da tua mãe...

Ao entreabrir das janelas, podiam ver o povo lá fora. Muitos já subiam o largo, buscando a rua que ia acabar na Casa Santa e por onde os três emissários ficaram de descer. Reuniam-se

em círculo, dispostos a esperar a comitiva ali mesmo, onde a rua desembocava. Abriam alas, sentavam-se alguns pelas escadas, a olhar as irmãs, que, informadas do desuso, paravam no patamar, as mãos escondidas nas largas mangas de seus mantos, a sussurrar preces. Só irmã Vicentina ficara lá dentro com as suas flores e o seu Jesus...

Quando os homens já davam mostras de impaciência, pareceu-lhes ver alguém surgir no alto do morro, a gesticular sob a luz do poste. Reconheceram a batina do padre. Correram ao seu encontro, atropelando-se na subida. Ele que vinha apressado tinha as faces vermelhas do esforço de caminhar. A juntar-se-lhe vinha o praça, de cara fechada. O doutor delegado descera o morro do outro lado, rumo à casa, para apaziguar a mulher e os filhos pequenos. E ante a animosidade daqueles que tão precavidamente os esperaram sob a fria garoa, frei Nicolau coçou a cabeça.

— Uma coisa imprevista... — Começou, a fincar no barro a Cruz que lhe pesava. O que vocês perderam! Um bando de meninos escoteiros que vieram de São Paulo e se embrenharam nos morros!... Deliciados demais com as belezas do chão e o descortino ficaram para o pouso, ao relento... Pois vieram diretamente de Pinda, a caminho do Paiol Grande, a bem dizer, da Pedra. Com a descida da noite e a neblina que caiu inesperada, resolveram acampar, achando de bom augúrio a vizinhança da Cruz. Fora ilusão, pura ilusão trabalhada de distância, as várias fogueiras acesas a fim de esquentar a tropinha que o frio da noite enregelara. No instante mesmo da chegada assavam uns preás e umas aves, à moda dos tropeiros... uns preazinhos de lamber os beiços!... Vinham de abrir picadas por caminhos desconhecidos e o chefe Novemi pedia desculpas às mulheres pelo susto e lhes rogava compreensão, pois muito bicho ruim, a essa hora, já se embrenhara no fundão da mata... Ora, ora... os valentes meninos que andaram sozinhos, abrindo picadas por estes vales e serras de Deus e agora só pedem licença para uma passeata, ao raiar do dia, antes de reiniciarem a subida... Pois não sabem? Escalam a pedra, amanhã...

— Mas e a Cruz? — Perguntaram dois ou três ao mesmo tempo.

— Intacta, meus filhos, intacta...

Os que o olhavam, desconcertados e com um começo de indignação, se perguntavam se frei Nicolau não era daqueles que arreliam só pelo gosto de se divertir por dentro? Que graças, que mais desculpas esfarrapadas encontrava o frei para aquele desatino de pôr fogo no morro? E os cometinhas, fantasiados de praça, até já falavam num desfile! Santo Cristo! quem havera de dizer!...

Pedindo licença para trancar a porta da igreja, frei Nicolau deu as boas noites e escafedeu-se, muito ladinamente, dizendo aos que interrompiam os seus passos que ia em pressa trancar a sua igreja, que àquela hora podia estar albergando uma família inteira de corujas e de morcegos, que lhes disputavam os altares e até os parapeitos do coro.

Sorumbático, a tremer de frio, Severino tomou a dianteira e arengou que, se fosse ele autoridade, descia os invasores para a Várzea, para a friagem das celas. Por uma noite havia de trancafiar os tropeirinhos. Com essa e outras haveria de ensiná-los a evitar contrariedades aos que cuidam de sua vida... Pois não era injusto que alarmassem as famílias, a horas tardias, que pusessem em brios os meninos? Agora iriam ver a façanha repetida pelos moleques, que faziam as suas pândegas nas imediações da Cruz! Iam ver! E uns após outros, a ajustar contra o corpo os parcos agasalhos, desciam a rua, a imaginar corretivos aos fedelhos que pernoitavam lá em cima, a roubar-lhes o sossego da noite tão fria .

Ao entreabrir o portãozinho de ferro, Estêvão sorria, relembrando a figura do padre e as indisfarçadas evasivas para não cair morto de riso ali mesmo. Mais uma faceta de caráter padresco que ele desconhecia. Agora era aquietar as mulheres e pôr todo mundo na cama e a desandar, com a promessa de uma boa clarinada. E um pouco participante, Estêvão coçou a cabeça.

Capítulo 3

Bemóis e sustenidos em fugas

Siá Andradina dava aulas de música às meninas. Era uma senhora alquebrada, magra, sempre vestida de preto. Morava num colonial plantado atrás da igreja, casa antiga de muitas janelas, que olhavam a rua quieta e estreita. Ficava ao pé do morro. O quintal de numerosas árvores era úmido e frio, atapetado das folhas que o vento despia das árvores, dia após dia. Nunca fora varrido. Vivia de pequena pensão e das mensalidades que as alunas lhe davam. Sozinha no casarão que mais parecia um túmulo.

As meninas chegavam, caderninho pautado debaixo do braço, entravam sem bater e sentadas no banco, rente à parede, esperavam que ela surgisse lá de dentro. Uma hora ela aparecia. Gênio seco e impetuoso, sem muitas falas, empurrava o banco para junto do harmônio e fazia a menina sentar-se.

— Vamos começar — dizia, a abrir o método sebento.

— O solfejo primeiro: dó... ré... mi... fá... fá... Comece de novo. — E batia a mão seca na borda da madeira escura e gordurosa.

Como tudo naquela casa, o harmônio era velho e carcomido e tinha um som que enervava. Mas entre as meninas havia talentos, um gosto inato pela música que as fazia voltar. Ao fim de algum tempo podiam sentar-se a um piano de verdade e arrancar dos pontos negros o colorido que eles guardavam.

Lenita chegou acompanhada da mãe. Vinha para iniciar. Umbelina, que conhecia o temperamento da filha, a sua incapacidade em aplicar-se durante muito tempo a uma coisa que do fundo do ser não apreciasse, tinha lá as suas dúvidas. Mas Lenita possuía uma voz harmoniosa e rica, que ela gostaria de cultivar. E era bom que fosse, desde logo, se aplicando às notas, até o dia em que pudesse sair, a estudar.

Combinou-se o horário, os dias todos da semana, de segunda a sábado, às cinco horas da tarde. Outras horas não tinha, que a manhã inteira gastava nos arranjos da casa e da cozinha. Umbelina rebuscou o dinheiro nos bolsos da saia e um pouco insegura perguntou se num ano poderia Lenita adiantar-se a ponto de tocar umas valsas na pianola... Ficou ainda algum tempo a conversar, a indagar da vida de sua amiga, tão arredia, dos seus afazeres de mestra. Contou-lhe Andradina que as cinco horas de aulas mal lhe deixavam tempo para as lides caseiras. Um rol de meninas a encherem-lhe os dias. Algumas mais preguiçosas ficavam semanas numa lição. Mas iam aprendendo e dando alegrias aos pais. Já formara duas organistas, que supriam o coro da matriz, mas isto Umbelina sabia. A carmelita, que iniciara com ela, cursava agora o conservatório, em São Paulo. Muito aplaudida! Umbelina pensava que aquele era um mister espinhoso e admirava em sua amiga a paciência. Despediu-se, avisando que ia mandar-lhe umas frutas da fazenda do Quilombo, que o Júlio trouxera na véspera. Estava o Ricardinho muito atarefado quando saíra e por isso não as trouxera, mas logo à tarde teria ali as suas frutas. Mandava o suficiente para alguns boiões, se preferisse guardá-las em calda. E pegando a mão de Lenita, saiu para o ar puro da rua.

Tudo parecia correr bem. À hora marcada, a menina saía, encontrava as amigas na esquina do hotel e juntas subiam a ladeira.

Antes de terminar o primeiro mês siá Andradina desceu o Aterrado e surgiu em casa dos amigos, como fúria desabalada. Investiu o corredor e veio encontrar Umbelina na cozinha, a lidar com o ponto da marmelada. Entrou e foi dizendo, apressada como era.

— Umbelina! Trago o seu dinheiro, inteirinho como você me deu! — E espalmou a mão ossuda sobre as pratas que Umbelina lhe dera.

Um pouco afrontada com a notícia, Umbelina parou no ar a colher de pau lambuzada de doce e ficou sem saber o que dizer.

— Pois a sua menina, Umbelina, me debanda com as outras! Chega e não assenta! Não estuda a lição! Não conhece as claves,

diz que o solfejo a faz dormir. Vai para o quintal mexer nas árvores. Outro dia estava de prosa com o Afonso, sentada com ele na porta, querendo convencer o louco a cortar os seus cabelos, na hora mesmo da lição...

Enrubescida, Umbelina pousou a colher na taipa do fogão e olhou algum tempo a amiga. Chamou Arminda e mandou-a coar o café. Trouxe Andradina para a sala. Serviu-lhe quitandas e deu-lhe uns pêssegos maduros para ajudar na sobremesa. E prometeu que a menina não voltaria mais. Não atrapalharia a sua vida, tão dedicada ela era. Desobrigou-a da devolução do dinheiro. Afinal, tivera trabalho, tentara convencer a filha, lidara com ela. Nada lhe devia, guardasse o seu dinheiro. Serviu-lhe outra xícara de café. E, mudando de assunto, falaram dos dias de sol, das frutas da serra que esse ano estavam muito boas. Nem tivera trabalho com a escolha e a feitura dos doces. Haviam programado uma pamonhada na fazenda do cunhado e a convidava. Podia escolher, ir de carro de boi ou de monta. Se ia a maioria de carro, era por causa das crianças, que algumas não podiam ainda montar. Levavam as melhores pamonheiras e a Andresa para feitorar nos temperos... Ah! Mandaria o Ricardinho avisá-la com um dia de antecedência, para que tivesse tempo de se aprontar. Não lhes faltasse...

Entre desejos de saúde e de bom empenho no trato com a menina, Andradina despediu-se. Não fechara de todo o portão e Umbelina já chamava a filha.

— Lenita, venha cá. Aqui perto de mim. Que é que você andou aprontando na casa de Andradina, para que ela me chegasse de corrida e naquele estado de prostração?

— Aprontei nada, mamãe! É que eu não quero mais estudar. Ouvir aquele chiado... naquele rancho...

— Que rancho! Uma casa tão boa como a sua!...

— Mas o soalho treme inteiro, mamãe! Até parece uma gangorra! Vá ver os buracos que tem lá no corredor! Lá tem até rato, mamãe!...

— Olhe aqui, Lenita, deixe de fidalguias! Isso é pura invencionice sua! E quando é que permiti a meus filhos que desrespeitassem os mais velhos, que teimassem com gente grande? E a

casa, que é que tem a casa a ver com a sua música? Amanhã você vai lá cedinho pedir desculpas a siá Andradina. E vai levar-lhe de presente a caixetinha de doces, que lhe dei. Meu Deus do céu! Que atrevimento! Nem os meninos me atarantam tanto como você, não me dão o trabalho que você me dá! E se você pensa que isso vai ficar assim, está muito enganada, que Andradina não é ninguém que se brinque... Ai! Meu Deus, o que não vão as más línguas falar! Na cozinha as pretas confabulavam, tomando o partido da menina. Também não sabiam para que tanto estudo. Já não chegavam as lições da mestra, aquele nunca acabar de cadernos? No outro dia ela andava pelo quintal de boca aberta e livro na mão, falando pros ares sobre umas coisas de descobrimento. A resmungar contra a sua cabeça que não queria guardar as datas. Podia então a menina ficar horas lendo nos livros e ainda aguentar, sem reclamar, os repentes de siá Andradina?

A esse tempo, a velha professora chegava à matriz e parava no adro, para tomar fôlego junto às grades. Se perguntando como podia mulher boa como Umbelina ter uma filha vadia como aquela? Sem preceitos, ah! Menininha sem preceitos!... — Sentenciava, a comandar os passos para a casa perto. Lenita estava era precisando de mão forte e não de um caráter amoroso como o de Umbelina! E o pai? Como podia Estêvão, homem tão correto, deixar a menina crescer assim ao léu e à soalheira, igual uma ciganinha? Ia saber do Afonso o que eles tanto conversavam, o que podia entreter um louco e uma menina, se nem sentiam o tempo passar!... O mundo estava mesmo perdido, merecia ser punido...

E ralada de raiva, maldizendo as horas perdidas, os dias que gastara em sacudir aquela obstinada, saiu fora a juntar os gravetos que deixara ao sol. Voltou dentro, avivou o borralho e pôs a cozinhar em água doce os pêssegos que Umbelina lhe dera. Aquela santa Umbelina, mulher sem pecado! Não merecia a filha que tinha!...

Capítulo 4

Devaneio por culpa da Geografia

Por falta de recinto adequado a escolinha da Mestra funcionava nos baixos da casa do coronel Ildefonso, quase no centro da rua do Aterrado. A sala era ampla, adaptada a expensas do coronel, que embora residisse longe dera ordens ao cunhado para proceder com zelo às reformas. Terminava nos fundos por uma arcada que nos dias de festa se enfeitava duns panejamentos coloridos, à guisa de cortina. Atrás ficava o palco onde representavam. Mestra Astrogilda era famosa por sua disciplina e artes de bem ensinar, formada em São Paulo, após um curso brilhante, que enchera de orgulho os seus pais e os amigos mais chegados. Desde cedo demonstrara possuir método muito pessoal em transmitir e que não era medido pelos ponteiros do relógio. Muitas de suas aulas eram ministradas ao ar livre, em contato com a natureza e em passeios pelos arredores. De São Paulo e às custas de uma subscrição entre amigos trouxera o material especializado com que ilustrava as suas aulas de História Pátria e de Geografia. E continuava mantendo correspondência com os livreiros da capital a fim de atualizar-se com o que de mais novo saísse dos prelos. Valia, sozinha, por uma plêiade de ensinadores, cujas funções abrangessem os vários programas de ensino. Do bê-á-bá chegava com eficiência aos preparatórios e cada ano enviava às capitais e às cidades do vale um número selecionado de candidatos a doutor e ao professorado. Dentre os inúmeros misteres ainda lhe sobrava tempo para os ensaios de peças de teatro, de modinhas e recitativos, com que encerrava os anos letivos, sem contar as festividades menores que traziam à lembrança datas históricas ou outras de sentido mais afetivo: como a chegada da primavera ou o dia das árvores. Era respeitada e querida. Qualquer que fosse o acontecimento na cidade, mestra Astrogilda dava a nota de sua presença. Mandada fora a estudar nos tempos de mocinha, quando parecia

imperdoável aos pais separarem-se de suas filhas casadoiras, ela soube retribuir-lhes a confiança. Sua segurança adviria, sem dúvida, da certeza que os pais alimentaram quanto ao seu disciplinado caráter.

À hora do lanche era solicitada lá em cima, à mesa dos amigos. Mas quando o trabalho não lhe permitia sair, Umbelina mandava servir-lhe o café ali mesmo na sala de aula. Quando isto acontecia, Lenita dava saltos de contentamento e inventava mil pretextos para acompanhar Odete ou o crioulinho, feliz de entrar naquele mundo de sabedoria, onde a pessoa da mestra avultava. Sentava-se na carteira e ficava a olhar o quadro de honra com os nomes bordados a giz de cor, os desenhos de rios e vales, o mar azul de ondas mansas, que os alunos debruavam, dando voltinhas ao sabor caprichoso das águas. Ou então ficava namorando as letras, ansiosa por entender-lhes o sentido. Certo dia sentiu transbordar o contentamento, quando, durante o recreio, a mestra levou-a ao canto da sala para mostrar-lhe a carta com os mapas do mundo. Eram terras coloridas, adejadas pela azul amplitude dos mares, eram vulcões terríveis contracenando com planícies de sonhos... E num outro dia, como fosse meio feriado, deu-lhe o livro ilustrado de Geografia para olhar. Que enlevo de horas, premida de curiosidade, conhecer as raças dos homens, a magnitude das estrelas, os mundos ignorados, dispersos no globo como coisa ideada. E a certeza de que tudo aquilo existia de verdade, porque estava escrito e era a mestra que ensinava... Todos os dias... Ali na escolinha...

Desviou a cabeça e viu os olhos severos postos nela, premidas as pálpebras, com o fulgor dentro.

— Outra vez distraída, hein, Lenita? Responda a pergunta que lhe fiz!

A menina sentiu o sangue invadir-lhe as faces. Não se lembrava de ter ouvido nada!

— Diga-me o nome de duas plantas das quais você come a raiz...

— ...

— Sim, a raiz!...

Os olhos divagantes bateram e uma lágrima apontou.

— A batata-doce... o cará... a... mandioca...

— Como você denomina um aglomerado de ilhas?

— Um... arquipélago...

— Bem! Que é equinócio?

— Equinócio?! — Sentiu o arrastar do primo perto. E–qui–nó–c i o... Equinócio... é o ponto em que o sol corta o equador... igual... igualando os dias e as noites...

— Diga quantos são três dúzias de laranjas e mais sete pêssegos?

— São trinta... trinta e seis laranjas e sete pêssegos...

— Dê-me a adição completa...

A classe inteira que vinha contida pela autoridade dos olhos da mestra disfarçou o riso malévolo, mas foi um explodir rápido e de pequena percussão. Lenita levantou a cabeça e aparou a chispa irradiante.

— São... quarenta... e três... — Falou como num sopro.

E desandou a chorar, ofendida pelos cochichos rápidos e pela brusca atitude que invadia o centro da classe. O que ela rememorava não era coisa aprendida ali mesmo e que o seu sentido buscava? Por que sentia aquele desejo de indagação, como coisa reprimida?

— Muito bem, Lenita! Levante a cabeça. Olhe para mim, sem choros! Anote no seu caderno de dever: cópia do primeiro parágrafo da página 15 do seu livro de leitura. Assinale todos os substantivos que encontrar no segundo parágrafo. Conjugue no presente do indicativo o primeiro verbo que encontrar no sexto parágrafo. Está aí no início. E para o futuro preste mais atenção à aula. No curto silêncio em que se ouviu o raspar do lápis no caderno, sorrateiramente, Rui anotara na capa do livro as ordens da mestra, sem perder uma só palavra. Um desgosto profundo e irreprimível apossou-se dela. Sua reação que não era deliberada gastava-se nas lágrimas, que não podia conter. Não ouviu mais nada, não entendeu as lições, incapaz de fixar o pensamento noutra coisa que não o seu desapontamento, a invencível tristeza de sentir-se alvo de todos os olhares. A aula parecia não ter mais fim

e as vozes repetidas dos colegas doíam-lhe na alma como alfinetadas pressionando a sua sensibilidade desperta. Ao sair, tentou esquivar-se, não ouvir os afagos reprovativos das meninas, que a correr se acercaram dela. Primo Rui esperava-a no meio da calçada e sem qualquer alusão ao fato segurou-lhe a mão. Deram juntos os poucos passos até ao portão e aí pararam. O que ela desejava era andar, seguir os caminhos da distância, não ver gente que a amolasse. Mas primo Rui teimava em segurar-lhe os cadernos, em ficar a seu lado. Por que primo Rui não largava a sua mão?

— Encontrei um ninho de colibri no alto de um galho velho da laranjeira-seleta de tia Laurita, no fundo do quintal. Venha comigo, Lenita, vou te mostrar como ele é pequenininho! E os ovinhos estão lá...

Lenita não abriu a boca. Calados e unidos permaneceram até os instantes em que Rui impediu-a de abrir o portão.

— Não gosto da mestra quando ela caçoa da gente! Todo mundo não riu de mim?

— Ninguém riu, e você acertou tudo! Você fez a soma certinha! Muita gente não sabe somar direito de cabeça... até eu! Venha comigo, que tia Laurita não importa. Te mostro o ninho e os dois ovinhos...

Lenita levantou os olhos vermelhos e orvalhados. Pensou, antes de indagar.

— E se a colibri estiver chocando?

— Não está, não é hora do choco, boba...

— Como é que você sabe?

— Eu vi os dois arrulhando, longe dos ovos. Tão entretidos que nem deram comigo, ali perto...

Ela chegou-se às grades, fez ângulo com o braço e recomeçou a chorar.

— Mas você respondeu as perguntas, não respondeu? Não respondeu sem errar? Então! Eu faço a sua lição, faço num instante... Te faço os problemas de divisão, o de duas contas...

Ela secou os olhos com as costas da mão.

— Não gosto da mestra quando ela faz pouco caso de mim... Ninguém gosta, mas a mamãe diz que é certo... sempre ela diz...

Beiraram o muro, já nos fundos da horta, o muro alto que seguia o quarteirão, deixando ver o copado altaneiro das árvores do pomar. Experimentaram o portão de madeira, grande e largo, mas que facilmente cedeu sob a pressão das mãos de Rui. Ninguém no quintal, que ali sofria um pequeno aclive. A casa sumia, lá em cima, protegida do denso árvoredo. Rui enveredou sob as figueiras carregadas de frutos e colheu os maiores, os de polpa mais macia e deu-os à prima. Por ele não comia figos tão cedo, que enjoara. Chegaram à laranjeira e ele adiantou o braço para impedi-la. Fez com a mão um gesto e a reteve junto de si.

— Olhe ele ali, pendurado no galho velho, o mais alto. Quase entrando no pessegueiro, não vê?

Lenita fez sombra para os olhos. Custou um pouco para divisá-lo.

— Que galanteza! — falou, corando de alegria.

O ninho pendia gracioso, preso à forquilha, um emaranhado de seda e fios tênues, diferente dos outros ninhos. Mas isto ela sabia.

Ao ver o primo elevar o corpo para subir na árvore, distanciou-se.

— Não subo nessa árvore, primo Rui, é muito espichada!

— Já te vi subir em árvore mais alta! Que luxo!

— Mas não assim espinhenta...

— Eu te ajudo! Ali, no lado direito não tem aquela forquilha aquela de três galhos? Ali eu ponho o seu pé.... Você não sabia que laranjeira é dura de quebrar? Pois então...

Subiram, ele primeiro, ela depois. O menino amparava-a, dava-lhe a mão. Sentaram num galho vivido. Ficaram algum tempo olhando o copado das árvores, satisfeitos da proeza. Aquilo acontecia sempre, mas era em Lenita que o sentimento de liberdade se manifestava mais profundamente. Rui esgueirou o corpo entre os ramos, negou um dos ovinhos com cuidado e deu-o à menina para segurar. Ela fez concha da mão e parou um tempo a fitá-lo. Ficou sem proferir palavra, olhando o ponto branco, perdido no côncavo rosado de sua mão.

— Que delicadinho! Como pode sair daqui um passarinho?

Lenita, que amava a natureza, não conhecia tão bem os seus mistérios, como primo Rui. Ele é que sabia as coisas, o tempo de pegar um ovinho sem perigo, a hora exata do choco e a ensinava. Nem o seu irmão era capaz de conhecer e saber tudo como ele. Ninguém. Alisou o ovo com a ponta dos dedos e fechou-o de novo na mão.

— Os filhotes vão nascer na cheia...

— Vão nascer na cheia? Ah! Você já contou? Os dias, Rui?

— Marquei na folhinha que o Salvador deu. Te aviso quando chegar a hora. Até dia dez eles nascem... Vão nascer peladinhos...

— Que maravilha!

Escorregaram do galho e saltaram ao chão. Esgueiraram sob as figueiras, abrindo de frente os galhos. Lenita colheu os figos mais maduros e destacando a polpa da casca pôs-se a comê-los. Ali havia muitos figos, roxos e amarelos, estes achatados e de polpa mais açucarada que os passarinhos picavam mais que os outros.

— Não vê que eles não sabem, primo Rui, os passarinhos de tia Laurita! Mas ela nem vem aqui! Fica lá dentro tricotando as meias de tio Zeca que tem o pé frio. Já reparou como tio Zeca é velho e tia Laurita não é? A Maria Augusta até não parece que é sua irmã?

— Nunca reparei.

— Pois repare, primo Rui, como as duas são bonitas! Se tia Laurita não usasse o birote, a gente ia até pensar que é irmã da Maria.

Ziguezaguearam entre as últimas árvores e chegaram ao portão. Passado o encantamento, a caminharem os dois pela rua Nova deserta, a lembrança da aula ensombrou o rosto da menina. Rui segurou-lhe a mão e a trouxe com ele. Em silêncio chegaram às primeiras casas, depois de olhar a rua empinada que ia dar no hotel da Nhara.

— Quando chegar a hora, passo na sua casa. Te trago para ver os filhotes. Não quer ver os filhotinhos pelados?

Ela não respondeu.

— Se você for lá em casa, te mostro a minha coleção de pinhão.

Enfiou a mão no bolso da calça e retirou-a cheia de olhos-de-cabra, vermelhinhos e pretos, naquela simetria de encantar.

Os olhos da menina tiveram um súbito estremecimento.

— Papai tem uma caixinha cheia delas — disse, sem despegar os olhos das contas. Mas não deixa a gente pegar. Diz que já não existem mais...

— Mas eu sei de uma árvore que dá muitas — apressou-se Rui. Na roça do Zuza também tem. Tio Estêvão não sabe, porque ele não anda nos matos, é por isso que ele não sabe, Lenita... Titio que só anda em mato raso... não como eu!...

A cancelinha gemeu e Rui tomou-lhe a dianteira. Tirou a chave do prego e abriu o galpão, onde tinha os seus guardados. Mostrou-lhe o jirau coberto de suas vasilhas de barro, muitos boizinhos gorduchos, uma galinha de asas esvoaçantes e os pintinhos. E havia a cabrinha graciosa, ensaiando o salto, de que ela mais gostava. Coisas que Rui fazia do barro lá da mina do Doca, também a do Passo Fundo que barro ali é mato...

— Pinto isso com urucum. Se preciso de outras tinturas, o Josino pintor me dá...

Abriu o velho baú de folha, com estamparia rachada, e dentro, desordenados e coloridos, os cordões, vários cordões de pinhões furados, entrelaçados de contas e de sementes. Os mais bonitos eram aqueles que ele combinara com os olhos-de-cabra, os maiores que já vira.

— Que beleza, primo Rui!

— Te dou o mais comprido. Até fiz pensando em te dar...

Lenita entrelaçou os pinhões, armou o colar e enfiou-o pela cabeça. Veio bater-lhe à altura da cintura. Riu, de satisfeita que ficou.

— Por que você vai me dar este? O mais bonito?

Ele cuspinhou longe.

— É tão fácil a gente fazer esses coloridos! Difícil é só furar as contas, mas isso o Vicente empalhador me ajuda. Quando ele precisa, dou uma demão no trançado de suas cadeiras e até já estou aprendendo a empalhar... Um dia, ganho o meu...

Lenita levantou de si o cordão e ficou a olhá-lo. Maravilha de cordão, pensou, a alisá-lo ao longo do corpo.

— Armo o fecho e te dou. Só falta armar esse fecho aí...

Ela assentiu com a cabeça. E baixou os olhos, um pouco,

aflita e com vontade de chorar. Queria agora voltar, ir para a sua casa. Ver a mamãe:

— Você não vem, primo Rui, até a subida do hotel?

Rui aquiesceu, reuniu as vasilhas de barro no canto da mesa e guardou as contas no baú. Vieram unidos até o largo dos cinamomos, agora cortado de sulcos profundos, atulhado de madeiras, de tijolos e de montes de areia. Da terra iam surgindo os primeiros alicerces, aqueles murões encravados no chão e tão largos que davam até para uma pessoa correr em cima, sem perigo de cair. Iam fechar a Escolinha da Mestra e eles viriam estudar naquela imensidão. Iam ter outros professores e muitas classes onde estudar...

— Mamãe já falou que vai ter pensão dos meninos que vêm estudar aqui... Que o grupo vai ficar muito longe dos seus cuidados...

— Mas o que eu queria saber é como a Mestra vai tomar o seu café com merenda, todos os dias, como titia lhe mandava na escolinha...

— Mas o papai falou que o diretor vai aumentar o horário do recreio e mamãe já deu um jeito. Disse que vai comprar uma bandeja de folha, com cercadura, e que não pese. Mamãe já pensou até nisso!

— Ai, que canseira...

— Ela não acha...

Separaram-se na rua grimpante. Rui seguiu-a com os olhos até que ela subiu a escadinha de pedras rugosas, que ladeava o hotel, e desapareceu. Seu mundo se estreitou.

Capítulo 5

Violetas são outros sonhos

Apontando-o com certo receio, as crianças chamavam-no o buracão. Em verdade, era um fosso de mais ou menos três metros de profundidade, revestido de tijolos, de chão batido, com canteiros de violetas beirando os sólidos alicerces. Construído de propósito para que as janelas não ficassem muito rentes ao chão. A casa elevava-se em terreno acidentado, sobre cômodos amplos, que no tempo da colheita se abarrotavam dos gêneros trazidos das várias fazendas do coronel. Hoje estavam vazios e no maior deles funcionava a escola isolada. Franqueada pela aparentemente frágil cercadura de ferro forjado uma estreita sacada corria ao longo de duas portas de vidro, que eram interiormente resguardas de espessos estores de veludo inglês, bordados nas extremidades. Quatro janelas, duas a duas, abriam-se também, de grande altura. A entrada ao lado era marcada de gracioso portão, que precedia a escadaria em ângulo, levando ao patamar. O jardim era vasto e um tanto descuidado, onde as formigas faziam incursões frequentes. Vezes havia em que derriçavam o jardim inteiro. Lenita lembrava-se de uma plantação de feijão, que o pai fizera ao longo do muro divisório, que separava o jardim do pomar, para aproveitamento da terra recém-estercada pelo Júlio: os pés viçaram muito, chegaram a botar vagens, macias e adocicadas, que ela e os meninos gostavam de trincar nos dentes. Veio a nuvem de gafanhotos e derriçou tudo num abrir e fechar de olhos. Fora a primeira e última experiência agrícola de Estêvão, que, um pouco descoroçoado, alegou que tinha mais coisas de que cuidar. Mas ali vicejavam lindos pés de beijo, brincos-de-princesa, roseiras-chá, manacás e outras plantas caseiras que não exigiam muito trato. O fosso saía do espaço aberto sob o patamar, seguia ao longo de cinco janelas e ia encontrar o alto muro, com a parede lateral do casarão de fumo de permeio. No fosso, Lenita implantara o seu

mundo. E acumulava suas experiências com plantas, encerrando-as em latas de diversos tamanhos e formatos. Uma semente que encontrasse ia para a terra e ela assistia-lhe o nascer. Mas como a terra fosse pobre e pouco o sol, logo ela morria. Prendia-se na borda, balançava o corpo dentro e deixava-o cair. Para facilitar a subida, às escondidas, cavara um pouco da argamassa entre os tijolos, à guisa de escada. Para muitos pareceria uma proeza difícil de realizar, mas não o era para Lenita, que antes via nas fugas periódicas motivo de grande contentamento. Sua capacidade de evasão povoava-lhe o mundo novo e encantado que sua imaginação criava. E a si mesma propiciara a posse de todas as violetas... Os canteiros eram folhudos e vários, de um verde capitoso e brilhante. Acetinadas, de um roxo profundo, as violetas despontavam dali, trescalando o seu doce perfume. Quando já bem visíveis, Lenita colhia-as e fazia delas um buquê. Trazia-o para a mãe. Parava-lhe à frente e a obrigava a sentir-lhes o cheiro perguntando-lhe se aquilo era ou não era um cheiro bom de cetim. E quando Umbelina dizia-lhe que cetim era um tecido de que as mulheres gostavam muito, ela emendava.

— Mas será mais macio do que este, mamãe?

Umbelina não a contradizia, mesmo porque não conseguia entendê-la muito bem. Noutro dia Lenita escolheu as mais bonitas violetas que encontrou e fez delas um ramalhete. Fechou-as no arredondado de folhas e amarrou-as com uma linha de meada. Correu a esconder-se sob a arcada ao pressentir gente perto. Deixou as flores no respiradouro, o pequenino espaço aberto rente ao chão e que dava para a rua. Galgou a borda do fosso e disfarçadamente atravessou o jardim. Beirou as grades e encostou-se à casa. Esperou que os homens passassem. Então abaixou-se e retirou as flores. Pôs-se a correr rua acima e só parou na esquina do hotel. Ali começava a descida, o caminho mais curto para chegar à casa de primo Rui. Perdida a pressa, seguiu ao longo dos muros dos quintais, olhando as árvores desgalhadas. A rua Nova era comprida e despovoada. Saía da rua de São Benedito, na Várzea, e ia até o Bumba, numa reta só. De terra vermelha e argilosa, no tempo das águas virava um barreiro, muito apreciado pelos meninos, que

por ali passavam de propósito. Muito orquestrada das conversas dos sapos, era uma batraquice que só parava quando o sol punha medo neles: concerto muito animado de sapos que até era bom de ouvir, de longe. No Aterrado não tinha, só ali e nos pastos, e nas beiras dos rios.

Lenita rememorava os brinquedos no barro e comparava a secura da terra de agora com a dos outros meses do ano. Agora era setembro e tudo era belo, até o mato era lindo, no seu tapetado de flores e no canto dos passarinhos. E a passo miúdo aproximou-se do largo. Parou para ver os homens trabalhando. Os cinamomos, cacheados de roxo, perfumavam os ares até muito longe. A beleza da flor decerto vinha do perfume pensou. Quase foi abalroada pelo Zé Ferreiro que passava na sua bicicletinha. O homem olhou-a espantado e aprumou-se nos estribos para não colidir com ela.

— Ai, que frio! Que frio que você me deu, menina! Não me viu pedalar? Não? Aonde vai com essa flor? Sua mãe sabe?

— Vou ver minha tia Elisa...

— Pra quem é a flor?

Ela titubeou, respondeu sem olhá-lo.

— É para são Bom Jesus de Matosinhos, que titia tem iluminado... Aquele santinho que ela trouxe de Minas...

— Que raio de santo é esse?

— São Bom Jesus de Matosinhos?! Então você não sabe? Ah! Zé Ferreira! Pois é um santinho milagroso que fica perto de Belo Horizonte. Diz que faz milagres todos os dias...

— Mais essa que eu não sabia! Então ele veio de lá?

— De lá! Tia Elisa trouxe com ela de mudança... eu nem já era nascida...

— Deve de ser um santinho muito véio, então!

— É!...

— Reza um Pai-Nosso pra mim?

— Pois não!

E Lenita, o rosto afogueado do esforço de mentir, viu-o partir, dando graças a Deus. Nunca, que soubesse, pensara em levar flores para os santos! Eles viviam trancados nos seus nichos e as flores gostavam era dos espaços. Uma vez dera violetas para a me-

nina do circo, a que andava na bola. Para presentear-lhe a graça. Tinha a sua idade e vestia-se de cores muito bonitas! Gostaria de correr o mundo com ela, de dormir nos prados, dentro das tendas de pano encardido. Adorava o circo, com os palhacinhos e os bichos, sua gente livre que não parava em lugar nenhum. Se pudesse aprenderia a voar nos trapézios e calçaria aqueles sapatinhos mimosos que não pesavam nos pés. Mas não dizia isso a ninguém, nem ao primo Rui! A pensar que poderiam armar um circo, nas férias, chegou à casa da tia. Olhou o portãozinho de madeira, fechando o corredor de cimento, cheio de vasos de malvas-de-reloginho e das chamadas paco-paco e de begônias de pendão cor-de-rosa. Uma galinha ciscava no quintal. As árvores eram muitas, com o lixo a estercar-lhes os pés. Tão grande o silêncio que em prestando atenção até podia ouvir os cochichos da terra. Calcava o terreno úmido e sentia-o ceder sob os pés. Um cheiro de ervas maceradas subia do chão. Não ficou zangada de não encontrar o primo. Tinha um vago pressentimento de que isso ia mesmo acontecer. A tia decerto saíra para entregar as suas encomendas de camisas. Mas por onde andaria o seu primo? Deu volta à casa e entrou no barraco. As coisas dele estavam espalhadas na mesa de carpinteiro que fora de tio André. Nas prateleiras ele reunira os seus bichos. Primo Rui que tinha jeito para tudo até parecia estar presente... Pegou as vasilhas de barro, revirou-as na mão, com uma doçura de alma tão grande que até se esqueceu de fechar a boca. Ninguém fazia aquilo tão bem como ele! Acercou-se da espingarda que até parecia ter um brilho novo, com ela aprendera a atirar nos umbigos das bananeiras. Primo Rui a ensinara a atirar, rindo sempre de seu medo, a floberzinha* que até soco lhe dava! E o susto que tinha de seu estampido, no começo... Primo Rui chamava-a de boba, dizia-lhe que a floberzinha não socava ninguém, quanto mais ela... E andavam pelos campos, atirando a esmo, só para aprender. Quando os arrozais empendoavam, primo Rui atirava nos passarinhos, do que ela não gostava. Não seria capaz de

* Flobert foi como se tornou conhecida uma espingarda inventada pelo armeiro francês Nicolas Flobert (1819–1894). A palavra tornou-se de uso corrente para designar armas ditas passarinheiras. [N.E.]

matar um ser vivente, nem mesmo uma formiga. Os coitadinhos que eram inocentes não conheciam a ruindade dos homens, até vinham ao seu encontro para morrer. De uma feita, primo Rui atirara em uma cobra. Ao vê-la contorcer-se, quase separada em duas, sentira um dó imenso e era da vida que se extinguia. "Quem é que você queria que morresse? Ela ou eu? Não vê que é venenosa e que até cega?" E revirando a cobra com o cano da espingardinha contou-lhe que era uma ibiboca, não cobra-de-capim, não! Mas, morrer, não queria que morresse ninguém. Lembrava a pretinha Matilde a quem vira morta, dentro do caixão. Fugira de sua mãe e correra morro acima para ver aquilo... A sua amiguinha espremida ali dentro, sem um respiro! Que fim lhe deram da vida, de sua alegria de correr com ela no terreiro da escola, brincando de pique-será? Ninguém vencia a Tide, que desviava do pegador como se fosse de nuvem, ligeira mais que um raio. Ao ver-lhe a imobilidade fria, ficou ela também sem um pingo de ar. Desceu o morro em disparada, com vontade de vomitar. E a mamãe querendo saber o que ela comera, que fruta, que doce lhe fizera tanto mal. Na cama sentia a friagem da mão da morta, a sensação de distância que o frio transmitia. Voltou os olhos e viu as violetas no canto da mesa. Se primo Rui as visse, ali, pensaria que eram dele? Parou um instante. Foi ao jirau e tirou dali a cabrinha que ensaiava o salto. Se juntasse as duas, o primo saberia? Podia trazer-lhe as flores no outro dia, mas o que queria era pagar-lhe logo a pulseira de pinhões que lhe dera, para fazer par com o colar. Revirou os bolsos do avental, ver se trouxera também o ovinho de angola que encontrara no ninho. Retirou-o dentre os papéis coloridos e colocou-o ao lado. Descansadamente ficou a memorizar o mundo tão grande de maravilhas, que era o mundo de seu primo. Se mamãe deixasse, ela bem que viveria uns tempos ali com tia Elisa... Deu conta da tarde que caía e mediu o céu. Para os lados do Serrano, o sol dormitava numa nuvem. Um colorido que era maior que toda a beleza que já vira. Podia separar dali todas as cores bonitas e deixar sozinho aquele dourado, sem o contorno do azul? E aquela nuvenzinha vadia que tinha pingos de ouro parecendo mais um rabo estrelado? O azul era profundo naquele canto alto do céu,

mas já ia tomando uma cor de açafrão melado. Elas mudam com os meus passos, não vê! Se eu corresse seria mais ligeira que elas? Que tomam formas e desaparecem? Nunca podia saber quem as fazia tão ligeiras. Seria o céu? Seria a terra? Talvez fosse a serra! Tinham espaço, o azul tão grande para cambiar. Mas por onde andaria o primo Rui? E tia Elisa que deixara o portão aberto?

Quando chegou em casa encontrou a mesa posta para o jantar. Num canto da sala Elisa conversava, sentada na cadeirinha austríaca e tinha um pé no sofazinho, por causa das suas varizes. A mãe balançava na rede. Pareciam entretidas num segredo muito velado e sua ausência nem fora notada. Lera isso nos olhos das duas. Deslizou pelo corredor e foi contar a Arminda que estava quase morrendo de fome. O primo e o irmão Amadeuzinho jogavam batalha na cabeceira da mesa e disputavam a negra com selvageria. Se quisesse, podia entrar e começariam uma bisca — falou-lhe o irmão — mas perca quem perder, não aceito xingos — avisou.

— E fique longe de mim, para não enxergar as minhas cartas...

Foi curta a parada e o jantar reuniu-os à mesa. Incontida, Lenita esperava o momento para contar ao primo a sua fuga. Fazia-lhe gestos e trejeitos, que ele não compreendia. Tentou falar-lhe na língua do pê e do eme, mas Arturzinho reclamou e Amadeuzinho riu dela. Os pais e a tia continuavam o linguajar meio cifrado e que lembrava um caso de amor, que custara a vida do próprio homicida, após cumprimento da pena em penitencária de São Paulo. O pobre Manuelzinho que depois dos anos de reclusão veio encontrar o pai de mancebia com a mulher, aquela que deixara e não esquecera...

— Essas coisas, Estêvão, que até parecem de romance! Coisas que a vida determina! — Exclamou Elisa, que apreciava muito os livros de crimes e de andanças. — Os filhos dele, coitado, de cambulhada com os outros, que nasceram depois, os dois... E aquela desmiolada, como se prestara ao despropósito de amar o sogro, o mesmo que lhe servira de pai, tantos anos? Andou solto o Demônio naqueles fundós de Minas e a noite veio encontrar o cadáver

estendido num canto escuro do paiol, com uma bala perdida na boca. Para a negridão da ofensa só mesmo a própria vida, coitados!

Não foi sem custo, para a curiosidade natural dos filhos, que Umbelina conteve o suspiro que lhe elevou a saliência do peito. Estêvão ouvia cabisbaixo, a enrolar e desenrolar o seu cigarro de palha, sem querer dar prosseguimento à conversa. Animada pelo silêncio e incontida Elisa arriscou:

— São os vícios do mundo, as maldades do mundo! Pois aquele moço educado na santíssima lei de Deus se fez duas vezes matador! Ah! que calamidade mais triste! Sentiu sobre ela os olhos de Umbelina, a adverti-la da curiosidade desperta das crianças. Santa Umbelina, boca sem pecado — pensou. Por ela mal algum alimentava o triste mundo, não fosse o homem o carrasco que é!

Recolhido, Estêvão pigarreou, acendeu o cigarro e perguntou se o café não vinha. Tomaram o café passado na hora e as meninas se encaminharam para o salão, pôr a funcionar a pianola. Maria Inês, que fazia os preparatórios, pediu a bênção aos pais e foi buscar os cadernos.

— Leva o casaco, Inesita, que vai esfriar. Às sete te mando buscar. Espere o Ricardinho chegar. Mando também o guarda-chuva, que inda agora vi fuzilar um corisco. Dá o meu abraço na Mestra.

E já passavam o quartinho, enquanto, entre risos, as meninas procuravam adaptar o rolo no oco da pianola. Paciente e entendido, Estêvão ajudou-as e em pouco tempo o estranho e pontuado rolo de pergaminho estava perfeitamente ajustado na parte metálica do piano, com todos os sonhos e angústias que ele guardava. Se queriam ouvir música romântica, sentassem em roda. Ouviram em silêncio toda a partitura e mais dois noturnos de Chopin. Mudaram de gosto e Maria Rosa cantou a *Ave Maria*, de Gounod, acompanhando-se ao piano. Maria Rosa e a prima Lisa tocavam também de ouvido. Foram alunas durante cinco anos de dona Estefânia, mulher do juiz de direito, que era exímia pianista e um pouco exigente, mas devido aos bailes periódicos e aos arrasta-pés domingueiros, descambaram ambas para a música ligeira e era ouvir uma vez e tocar para sempre.

— Que voz que ela tem, Umbelina. Não dá canseira ouvir essa menina cantar. No coro, ninguém lhe leva a palma. Outro dia ouvi-a no *Tantum ergo*, a uma voz, e não pude conter o choro que me veio nos olhos. Fiquei comovida ... — E como se estivesse ainda na igreja seus olhos marejaram.

Num canto do vasto salão, Eglantina bordava em silêncio, erguendo seguidas vezes os olhos. Mas na saleta de frente as quatro crianças se esbaldavam nos improvisados brinquedos de cabra-cega e de esconde-esconde. A gritaria chegou até eles e Umbelina mandou a Odete acalmá-las. Tia Elisa desejou ouvir mais uma valsa de Strauss e como já passasse das nove, achou que era tempo de partir, de correr as ruas escuras. Chamou o filho, abençoou as sobrinhas, abraçou os irmãos e reformulou o convite para o ajantarado de domingo. Não lhes faltassem as meninas, ficava combinado um ajantarado com cuscus de galinha e arroz de monjolo da sitioca de Glorinha, recém-chegado. Ia ver se contornava a preguiça de Madalena para que lhes fritasse uns pasteizinhos de queijo. Ela era terrível nas massas, um privilégio que lhe tocava...

— E depois vamos à Quita, que já anda com recados porque não apareço. Não fiquem em promessas.

Nas ruas quietas não havia vivalma. Ah! Mundo invernado, mudo! Alcantilados? Há quanto? Só mesmo para as retinas do bom Deus e daquela luinha vacilante, no céu escuro, luz nenhuma para ajudá-la nos seus passos. A repentina tristeza obrigou Elisa a arrastar para junto de si o seu filho. Aconchegados, divisaram o jato de luz da farmácia do Alfredinho. Abreviaram os passos. Arreados e cabisbaixos dois cavalos paravam às portas e havia uma reunião de homens, dentro. Os pingos eram tão mansos que seus donos nem cuidaram de prender num canto mais longe as suas rédeas. Alguma doença grave em qualquer lugar perdido na imensidão da serra — pensou Elisa, a parar.

— Vai-se ver, Ruizinho, pode ser até um conhecido! Alguém deve de estar morrendo...

Enrolada no chale, correndo o olhar ligeiro, Elisa deu as boas-noites e mais um se mostrou à porta. Reconheceu o filho mais velho do fazendeiro Daniel, o Cesarinho. Pois não era o Cesarinho?

— Ah, meu filho! Que é que te trouxe à cidade a estas horas? Alguma coisa em casa? Alguma doença?

O moço aproximou-se.

— É tia Sinhana que está com a dor, outra vez! Levei lá o doutor Brandão que aproveitou para consultar mais três famílias. A ver, a última carga d'água abreviou a pneumonia. Mas de tia Sinhana, é como a senhora sabe, aquelas dores precisando de intervenção, o que ela esconjura. Se trata com as ervas da terra mas se come carne de porco ou chouriço volta a perrengar que é um Deus nos acuda. Minha tia não tem mesmo conserto. Por essa e outras, papai vai logo começar a reforma da casa que tem ali na subida do morro, perto da Santa Casa. Antes das chuvas, vêm os três, pra ficar. Os dois velhos e tia Sinhana estão muito precisados dos confortos de cá e de deixar os cafundós de Várzea Grande, onde recurso não tem. Levei mais de quatro horas pra chegar, por causa dum desbarrancamento que carregou a pinguela. Vau não dava naquele crescimento das águas. Precisei de dar aquela voltinha de légua e meia e me servir da ponte do Barro Fundo. Doutor Brandão ficou na fazenda e lá dorme porque havia um caso feio de panarício e, parece, que um de caxumba, a Deodora, que tem idade demais e estava de pescoço muito inchado. Lá ficou e segue amanhã pra Paraisópolis.

— Doença é o diabo, Cesarinho, tira qualquer sossego! Que lástima a moléstia de Sinhana! Quando vierem, passe em casa para avisar, vamos logo fazer-lhes uma visita. Estimo as melhoras. Que o Bom Jesus de Matosinhos guarde e salve os seus doentes. E vou andando, que dentro dessa garoa não vejo um palmo adiante do meu nariz. Dê as notícias. Boa noite, fica com Deus, meu filho.

Quando chegaram à casa, a pretexto de encontrar um caderno extraviado, Rui pegou a lamparina e foi remexer nos seus guardados. Ia em busca da lembrança que Lenita lhe trouxera. Encheu de água a vasilha de barro e colocou nela as violetas. Guardou-a no alto da prateleira e pôs-lhe ao lado a cabrinha. Voltou os olhos, perdido em melancolia, sentindo o apelo interior, que não sabia explicar. Ouviu a voz da mãe chamando-o da janela, a lembrar que estavam sem gravetos para o fogo da manhã, não ha-

via nem um só sobre a taipa. Rui puxou a porta e foi até a coberta onde guardavam a lenha cortada. Fez um feixe dos pedaços mais secos e trouxe-os para junto do fogão. Espalhou uns poucos sobre a chapa amornada. Manhãzinha era chegar-lhes a língua de fogo e num instante pegavam...

Espichou o corpo na cama estreita, puxou as cobertas e pediu a bênção à mãe. A voz materna e a lembrança da prima confundiram-se nele como um bem apaziguante, bom, muito bom de sentir.

Capítulo 6

Tesouro dos pobres

Quando chegava o sábado, Estêvão trocava por níqueis as pratas de dois e de mil-réis, fazia várias pilhas delas e deixava-as sobre a mesa do escritório. No decorrer do dia elas iam baixando e ao aproximar-se a noite restavam apenas alguns tostões, que ele recolhia numa caixinha antiga de havanos, cuidadosamente escondida no canto esquerdo da primeira gaveta da escrivaninha. Era uma seara irregular aquela! Havia os pobres costumeiros, os que nunca faltavam. Chegavam à janela, perguntavam da saúde, faziam previsões sobre o tempo, desejavam felicidades às crianças e iam com o dinheirinho no bolso, depois do Deus lhe pague. Alguns sabiam cacetear. Mas Estêvão era homem de índole mansa, observador, com um sentido humanístico de vida que lhe plasmava a tolerância, já elástica por natureza. Inquieto com os problemas da existência sofria por não poder remediar a sorte daqueles infelizes, muitos roídos de doenças, alguns com aleijões irreparáveis, mas todos sofrendo da ignorância que os corroía mais do que a doença. Viviam em casebres afastados, na Várzea, nos morros e eram assistidos pelas irmandades e pelas famílias mais abastadas, a quem esmolavam. Quando acontecia de alguns deles faltar, Estêvão pegava o chapéu e ia indagar. Outras vezes eram queixas de vida difícil, o dinheiro não chegando para mais nada. Pois era de se acreditar? Um metro de linguiça custando seiscentos réis? E um frango, um franguinho à toa a setecentos? Por causa dos forasteiros que iam agora povoando os Campos do Jordão, do outro lado da serra; bicho e fruta, ia tudo para os doentes do peito que precisavam se tratar. Mas aquilo que amealhavam das mãos piedosas, dava-lhes de sobejo para a subsistência, até que a morte os viesse colher. Não teriam sonhos ou anseios de uma vida melhor. Os pobres de Umbelina eram outros. Mães de família, velhas cegas, meninas desamparadas. En-

travam em casa de cesta no braço, sentavam no canto da cozinha e ficavam esperando que Umbelina largasse a ocupação e viesse atendê-las. Tia Alexandrina todos os sábados vinha almoçar, com o menino-guia. Que hora chegassem encontrariam o prato feito, amornado sobre a taipa. O menino chegava-lhe a banqueta, ajudava-a a sentar e ficava-lhe ao pé. Ali os dois comiam devagar, os olhos de Alexandrina sondando o silêncio.

— Tá bom, meu fio? — Interessava-se pelo apetite do menino. Come tudo, Quim, não deixa resto no prato.

E ficava repetindo a sua vida, as suas dores na perna, aquela canseira que só aumentava. Umbelina tinha uma paciência infinita. Arrumava-lhe o feijão, o arroz, o pedaço de carne de fumeiro.

— Como vai a gordura? Ainda tem a gordura, Alexandrina?

— Um restinho, Sinhá...

Nesse instante a Arminda já trazia a banda de toucinho defumado, enfolada no papel de manilha. Lenita não desgarrava a mãe, ficava-lhe de roda, a meditar naquela vida triste, moendo-se de dó. A cega pressentia-a e tentava arrastá-la para si. Mas quê! Lenita não se deixava agarrar, presa de profunda náusea só de olhar a mão de unhas sujas que procurava apalpá-la. "Há pobreza suja e pobreza limpa" — sempre ouvia a mamãe dizer. Mas como podia ser limpa aquela pobre, se não tinha olhos para enxergar? Como limpar a sujeira se não tinha olhos para ver? Sentava-se no degrau da escada, fazia concha da mão e pousava nela a cabeça pensativa. Como sentindo o afeto próximo, Alexandrina teimava em agradá-la, remexia nos seus guardados, confundidos nos vários sacos de algodão, apalpava daqui, apalpava dali e afinal encontrava o que queria: uma brevidade doirada ou um pãozinho doce, coberto de açúcar cristal. Deixava vagar a mão no ar em busca da menina. E se ela não vinha, mandava o guia levar-lhe a guloseima. Umbelina olhava aquilo com tristeza e afirmava que não era preciso, que deixasse as quitandas para o seu café, não esbanjasse as suas coisas de comer. E tinha pena do destino que sempre dava às prendas da cega. Arminda retirava do armário a caneca que lhe era destinada e enchia-a de café. Fazia o mesmo com o menino-guia. Satisfeita de já haver comido, Alexandrina sorvia a bebida, deixando-se distrair, descuidada do

tempo que passava. Quando sentia vontade de partir, Arminda arrimava-a e compunha-lhe as dobras da saia. O menino só esperava aquilo, punha-lhe entre os dedos o bordão e juntos seguiam pelas dependências da casa, ela segurando numa das pontas e ele na outra, fazendo ecoar o eterno rosário de agradecimentos.

— Sê feliz, nhá Umbelina! Sê feliz... — E ainda no portão, a voltar a cabeça, como se pudesse enxergar:

— Deus lhe pague, nhá Umbelina. Sê feliz... feliz...

Vagarosamente desciam a rua e só depois de pisarem a calçada, do outro lado, o menino deixou-lhe o bordão. Liberto, descansou a mão da cega em seu ombro. Como um prolongamento de sua sensibilidade, Alexandrina ia arrancando os sons elucidativos do terreno que pisava: aqui a calçadinha, acolá a terra. Quando chegaram à Várzea, ela sorriu. Atravessaram o campo e entraram na rua que ia acabar na estrada do Serrano. Era uma ruinha clara, de terra batida e arenosa, sol derramado, ladeada de casas de parede-meia, brotadas do chão. Uma família inteira de galináceos esgravatava a cerca de taquara rachada, pipi-piando junto do arredondado das asas. O cachorrinho de siá Benta, de arcabouço estriado e craquento, deu uns latidos asmáticos, veio para o meio da rua e envergonhado do conhecimento meteu o rabo entre as pernas e voltou para a soleira, onde o sol não pedia licença para entrar. Mas, ah! nas portas e nas janelinhas ou sobre os marcos de pedra, o gosto crioulo depusera coloridos e cheiros nas latarias e nas cerâmicas mineiras e o vento, que às vezes era brando, levava nas asas os mil caprichos das begoniáceas e dos pés de cheiros, juncados de folhas e de flores. E ensombrando um arcaico murinho divisório um *amaranthus* de pinceladas loucas, qual 'Van Gogh serrano' espalhava a tamanha exuberância, que não havia passante de pé no chão ou algum menos inspirado que não fincasse ali o pé e o espanto. E súbito, como ideal valorização daquela bucólica descatalogada, os sinos da matriz começaram a dobrar, ecoando na Várzea. Tia Alexandrina parou.

— Pois, já não é então meio-dia, Juquinha? Quem havera de dizer!

Nesse mesmo instante e querendo amparar-se na cega, uma

menina desguelhada começou a gritar que o Jujuca Cabrero estava fazendo coisa feia nela...

Alexandrina segurou o ombro do menino-guia e indagou se não havia monsenhor no arredor.

— Me diga se aí não tem, monsenhor ou manjericão?

— Tem, tia, nas lataria e no quintalinho de Zefa! Monsenhor este ano está que nem praga!

— Eu bem sabia... — concluiu. E, alegrada, aspirou profundamente o ar. Nunca eu me engano do meu ar, fio!

Chegaram à casa que ficava no começo da estrada. Juquinha amparou-a, até que passasse a soleira que era mais alta que o piso da cozinha, dentro. Levou-a até a banqueta preferida, onde Alexandrina deixou cair o corpo cansado. Depois dos vários suspiros de alívio, pediu o pito ao menino. Ele encheu-o, socando bem o fumo picado, foi até ao fogão e revirou o borralho. Encontrou a brasa e a pôs no copinho de barro. A casa rescendeu a barro queimado e a fumo torcido, de corda.

— Eu acho, tia, que esse canudo aí está precisando de reparo — falou-lhe, ao ver a fumacinha escapar da rachadura. Se a senhora quiser, campeio outro nos mato.

— Campeie, fio, campeie... Dantes, bem que eu era destemida e embarafustava por esse mundo de meu Deus e inda cozinhava sozinha o meu barro de pitar. Não pagava os dois tostão praquele unha de fome de seu Nico, em antes, meu fio, quando esta negra tinha a sua serventia.

— Então o seu Nico cobra o seu pito? Cobra, tia?

— Pois cobra...

— Que marvado.

— Deixa ele! Deus é pai, tenho o de meu! Sempre tenho um dinheirinho aí, ajudo o seu Nico...

O menino resmungou, levantou os sacos do chão, levou-os para cima da mesa e separou aqueles que devia guardar no armário. Por fim contou o dinheiro, os tostões e os duzentos réis.

— Tire o seu ganho ganho, meu minino.

— Dois e duzentos. Tem uma pratinha de quinhentos e uma de mil, que seu Salvador da loja deu...

— Tire o seu ganho — insistia a cega, a baforar.

O menino fez a subtração e entregou-lhe o restante. Vagarosamente Alexandrina alisou o dinheiro e concluiu que o troco estava certo.

— Deixe as coisas de siá Umbelina em riba do jirauzinho, no canto do fogão. Sei o que pego.

Juquinha reuniu as quitandas no embornal de xadrezinho e pendurou no gancho da janela. Depois pegou a vassoura e varreu o lixo da casa. Juntou-o no pé de limão, que ensombrava o poço, cuidando em não espalhá-lo além da cercadura de cacos de tijolos. Verificou se o pote estava cheio. Carreou lenha para o fogo da manhã e empilhou-a no buraco, sob o fogão. No banco e em silêncio, a cega acompanhava-lhe os passos, "minininho bão" — pensava, de olhos cerrados.

— A bença, tia. Já vou. — Avisou o menino, relanceando os olhos pelos cantos da casa, ver se tinha ordem. — A bença...

— Deus te abençoe, fiico! Vai com Deus! Levou quitanda pra sua mãe? Leve bastante.

Na rua Juquinha adquiria a sua condição: malhava os bichos, atirava pedras nos passarinhos, batia nas portas das casas e ia esconder-se nos vãos das árvores. Juntava-se aos moleques para comer as prendas de Alexandrina e para jogar a amarelinha. Amarelinha de macho. Chegava em casa ao anoitecer. Cansado, moído das brincadeiras na rua, atirava-se na cama, já a dormir. No sábado voltava, para o peditório.

A lavadeira Sabina arriou a trouxa de roupa no batente e adentrou sem dificuldade. A passo de gato retirou a lenha torada e trançou-a sob a chapa de ferro, com sabedoria. A língua de fogo lambeu as cascas ressequidas e pegou na primeira investida. Encheu a lata de água e saiu para o quintal, esperar que ela fervesse. Dividiu as peças de roupa, espalhando-as no quintalinho, as brancas de um lado, as de cor de outro. Dispôs as bacias sobre o jirau de toras roliças, fixadas a pulso de homem aos sólidos moirões e beirou o poço. Balde por balde encheu as bacias. Voltou dentro, ver se Alexandrina já se mexia. Encontrou a cega remexendo nos

seus guardados, bem que sentada na cama, com as pernas inchadas pendentes da borda.

— Bom dia...

— Deus te guarde, Sabina. Te vi chegar, agorinha...

Sabina foi ao fogão e passou o café, bem forte como Alexandrina gostava. Deixou a caneca na mão da cega e chegou-lhe o pedaço de pão e a brevidade. Ela mesma pegou o seu quinhão e comeu-o em pé, o volumoso corpo apoiado ao fogão.

— Por que não te assenta? Não sossega pra comer? Assenta...

Aquela pobre não tinha olhos e via — considerou Sabina, a olhá-la de viés. Vai ver que por obra de Deus...

— Lavo a roupa e faço a comida, pra hoje e amanhã — disse a abrir o armário, onde Alexandrina guardava os seus gêneros. Madrugadinha vou campear lenha, mais a Rufina, perto da invernada de seu Fonsico. Há bem duas semanas puseram fogo nos mato. Pegá o que é meu, que sinhô Fonsico me deu de parceria com Vida. Vô com orde dele e de Doninha. Dexo tudo de mão...

— Vai, vai com Deus, Bina, e Deus te guarde de alguma cobra peçonhenta, toma pensão, te aconselho. E se não tem no peito o teu bentinho, bom é fechá o corpo! Cobra não escoe...

— Não cuida, não, tia, vô com a bênção de meu são Benedito, que inda há pouco tive com ele uma conversinha de quase uma hora. Pro seu menino prometi uma capinha branca com bordadinho e a encomenda já fiz. Comprei tudo na loja de Salvador. Cuida não! E se encontrá lá uns pau de angico lhe trago umas torinhas, fogo de duração, não tem melhor.

Ajuntou a louça na gamelinha e os cacarecos usados pela cega na noite anterior. Depois tomou-lhe a mão e levou-a para fora a tomar a brisa. Sentou-a no banco que tinha o encosto, sob o beiral. Manhãzinha fresca, de muita fragrância, com a névoa ainda incerta subindo do chão. O sol radiou o campinho de ervas caseiras e pendurou umas luzes nos galhos do jenipapeiro. Doçura alimentada de revoar ingênuo que acabou num trinado de muitas vozes dos passarinhos. Alexandrina pediu o pito, para pensar. Ficava horas sem palavra, a remexer nos folhos da saia.

Às vezes murmurava coisas, tinha atitudes repentinas de quem se defende. Caía depois num mutismo triste, respeitado por Sabina, que a olhava de longe.

O quintal era grande, um capinzal sem divisas, com árvores de fruta de permeio. O caminhozinho sinuoso, muito irridente, umedecido da proximidade franca da água abria-se frente à casa, carregando com ele os aromas das latadas que floriam ao pé da hortinha, cuidada por Sabina e o menino-guia. Adiante seguia em diagonal até encontrar o fio d'água que corria ziguezagueante; rasura muita, só servida dos bichos caseiros. O pequeno espaço livre de mato era seco e batido, varrido diariamente pelas amigas vizinhas. Quando o tempo permitia, Sabina parava ao lado da cega e ficavam a prosear, a fiar e a desfiar os fatos da terra. O que agora se falava de boca cheia era o caso do Manuelzinho, caso de morte traiçoeira, acontecido pros lados de Minas. Não havia mais na cidade cão ou gato que não conhecesse essa história fatalista! Pois um homem enviuvado, cinquentão, com dois filhos já taludos, vexar-se de amor por uma menina, vinte e cinco anos mais moça do que ele? Foi começo da triste desgraça. Amigaram, como toda gente sabia, e a família passou a ter mais um ente. O mais novo dos dois filhos, inconformado, não quis ver na mulher a companheira que o pai tanto precisava, mas aquela que veio tomar o lugar da defunta. Anos passaram na surda luta. A mulher ia envelhecendo sem a dita de um filho. Mourejava na direção de seu biango — que era uma vendinha — sortida de deliciarias caseiras, dividindo o seu tempo entre a cozinha e a casa, prestimosa, limpa, dona de um pulso forte que a tudo comandava. Surda às indiretas e às ameaças do enteado, que mal via. Manuelzinho escolheu mulher, casou e lhe deu dois netos. Pensavam que isso ia ser o fim. Qual! Depois de casado, foi ocupar os baixos da casa e mal subia para comer. E dava vazão ao seu ódio, mandava recados malcriados à madrasta, mal comparando ela com um porco, que um dia havia de sangrar. Logo fazia o pior — prometia. E veio certa noite esperar a pobre, escondido no corredor escuro, atrás da porta. Horas e horas tocaiado, de arma na mão. O estampido reboou, seguiram mais dois e encheram o silêncio tranquilo da noite. Tomada de assombro, assim

a desoras, a cidade relançou os olhos para todos os lados e muita taramela saiu de seu lugar sem se dar conta. E com o mal traiçoeiro Doninha morreu, depois de batucar horas seguidas no ferro de engomar, com sede, coitada, pois foi a custo que lhe tiraram o copo vazio da mão. Um tiro morteiro que lhe furou o coração, pelas costas. Moradores e amigos, livres de malefícios, estarrecidos viram o explodir daquele veneno que durante anos alimentou de ódio o coração do moço Manuelzinho. Preso, foi cumprir pena em São Paulo, por arranjo do doutor Rubião, que era amigo de seu pai. Montaram o moço num baio ligeiro, ladearam ele de guarda e foram rumo a Eugênio Lefèvre,* a caminho de São Paulo para o cumprimento da pena, a justiça que condenou Manuelzinho a vinte anos de prisão. O tempo passou. Seu Claudino, por necessidade ou moleza trouxe para o regaço os dois netos e a sua nora, a mesma que fora mulher de seu filho. À boca pequena começaram a falar dos amores dele com a sua nora. A situação foi ficando feia, levou o homem a juntar os seus trastes e passar a divisa. Ergueu um rancho, abriu uma venda, quebrou — diziam. Fundou um hotelzinho. Foi vivendo, pelejando naquele ar diferente. Pois não é que o filho lá foi parar, depois do perdão da pena por boa conduta? Buscar a mulher e os dois meninos? Encontrou foi aquela desdita. A mulher vivendo de achegos com o pai, juntando os seus filhos com os outros que ela lhe deu. Infelicidade e confusão que desnortearam o moço. E ele, que já era criminoso, matou outra vez. Depois de acabar com a vida do pai, lavou as mãos, jantou no botequim mais perto e, na calada da noite, deu cabo de sua vida também. Com um tiro medonho na boca. Nenhum buraco do mundo servia mais para o pobre esconder a sua vergonha. O que ficou foi a família, quatro crianças e uma mulher sozinha pra carregar a desventura. Coisas do mundo!

Alexandrina lembrava, lembrava bem de Doninha, mulher boa que lhe mandava linguiças e guisados, com a sobremesa, tudo

* Estação Eugênio Lefèvre, da Estrada de Ferro Campos do Jordão, assim denominada, desde 31 de dezembro de 1918, em homenagem ao diretor-geral da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo. Antes conhecida como estação do Alto da Serra. (*Correio Paulistano*, 1 jan. 1919, p. 3). [N.E.]

fruto de suas mãos de santa. Uma vez, fazia tempo, mandou pela menina Hortensinha um frango inteiro assado e umas quitandas, quando cozinhou o banquete do doutor Rubião, que vinha cavar votos pra ser deputado do PRP.* Cozinheira sem jaça! E a comida dos presos encarcerados? Diziam que era da mesma que ela comia com os seus hospedados. Os presos até engordavam! E não era de cortar o coração o zelo que tinha com o pobre do Chico? Recebia ele ali mesmo na varandinha, para tratar do seu pé doente. Mandava depois o moleque lavar o corpo inteirinho. E lhe dava uma roupa limpa, daquelas que seu Claudino ainda usava. Não merecia a morte que teve, o triste fim! Comovida com a lembrança da morta, Alexandrina deixou pender o beiço grosso e emudeceu. Com a mão polpuda limpou o pranto que lhe escorria dos olhos. Pediu mais brasa a Sabina, para espairecer. A pobre da Mariazinha com a penca de filhos, entre estranhos, de certo amaldiçoava a existência, a viuvez de dois homens, em tão pouco tempo. Ah! incertezas do mundo... Sabina tossiu para aliviar o sentimento, ela também querendo chorar com a cega. Lembrou a roupa de corar, a que estava secando, debaixo do sol. Recolheu as limpas de corar e espichou as mais encardidas sobre o capim, para que recebessem o orvalho da noite. Encharcou-as de água limpa. Torceu, encheu os varais. Se Alexandrina estava cansada, voltava com ela para dentro. Mas a cega queria sentir a calada da noite ali mesmo, ouvir o canto dos passarinhos na hora de recolher. E esperava o menino-guia que ia trazer-lhe umas encomendas. Fosse em paz. Deixasse o bordão encostado no batente, ao alcance de sua mão. A janta não estava amornada em cima da chapa? E já não tinha coado o seu café? Fosse com Deus, ainda tinha a sua serventia. Sabia se mexer!

Sabina deu as despedidas e deixou a pobre em solidão. A casa ficava perto, em precisando era só chamar. Passou a pinguelinha musguenta, que era uma laje de pedra cobrindo o fiozinho de água, e deixou a cega com o seu mundo. Esperando o menino-guia.

* Sigla do Partido Republicano Paulista (1873–1937), primeiro movimento organizado a favor da república. A mesma do Partido de Representação Popular (1945–1965). [N.E.]

Capítulo 7

Água de serventia vem do ribeirão

Que tempo Catarina vinha substituindo a mãe, já velha, na entrega de água para as famílias do Aterrado. Morava no morro, num casinholo de taipa, de janelinha amarela e portinha falena, com frondoso quintal que subia empinado, até alcançar o caminho da Cruz. Ruinha muito barrenta. As mulheres vizinhas com o decorrer do tempo foram ajuntando por ali umas pedras, à maneira de escada, para facilitar a subida, quando as chuvas tornavam-na impraticável. Em meio das pedras cresciam uns capins e outras plantas baixas que até floriam, para consolo das galinhas de complicadas descendências e das crianças, que eram muitas. Catarina descia todas as manhãs, lata à cabeça, correr as casas de sua freguesia. Entrava, pequenina e folhuda de saias, o riso calmo e inexpressivo: "Bom dia..." — parca de atitudes e de falas. Destampava os barris e fazia os seus cálculos. Com as mãos experientes forçava a talha bojuda, assentada sobre a pedra-mármore de cantoneira, no canto esquerdo da sala de jantar. E saía, rumo ao rio. A água de cozinhar e de beber era colhida no chafariz dos padres, que ficava detrás da igreja, naquela frescura de lugar, mas a água de toda serventia ia buscá-la no rio, ali na entrada da cidade. Voltava, equilibrando na rodilha de saco a lata cheia, a passo miúdo. Gastava boa parte do dia no seu afã de encher e desencher as latas, meses e anos a fio. Mas o bem que votavam a Catarina não decorria somente de seu trabalho de aguadeira. Catarina era louvada todos os anos, por volta das festas de são João, quando, em sua casa, recaiada e embandeirada, recebia a gente boa da cidade, para com ela louvar o seu santo. Era a sua promessa. O quentão de Catarina era muito apreciado! Uma magia de gosto que ninguém atinava, um segredo de dosagem e cozimento que em vão as outras devotas tentavam igualar. A mesa posta de brevidades, de cartuchinhos rendados, biscoitos de vento, doces

de abóbora e batata, sequilhos de nata, raízes da terra, paçoca e pés-de-moleque despertavam o riso satisfeito. E vinham as moças, seguidas dos rapazes, alguns recém-chegados, que as férias traziam de longe. Faziam roda, cantavam, tiravam sorte. Quando o tempo permitia e o inverno não era muito rigoroso, dançavam ao relento, ao som das violas e dos bandolins. Sanfoneiros também vinham. O quintal, muito varrido, engalanava-se dos cordões sanfonados, entrelaçados entre as árvores. Se fazia luar, dispensavam as lanterninhas. E repetiam o quentão, retirado às conchadas das latas fumegantes, dividindo a alegria, esquecidos de sua condição. Para sentir aquele bem interior tão simples, Catarina trabalhava o ano inteiro e reservava os seus tostões. Escondia-os sob a cama, no seu baú de lata encardida, enrolados em pedaços de jornal. Amealhava durante o ano e nos frios pagava a sua promessa.

Chegou manhãzinha, encheu a talha e a moringa e parou na cozinha, procurando Arminda com os olhos. O que queria era falar com Sinhá. Arminda, que acabava de descansar sobre a mesa a gamela de vinha-d'alho, apagou o pito e informou que Sinhá estava, mais a Andresa e a Ditinha no barracão de fumo, lidando com o sabão. Fosse lá, que tão cedo ela não subia... Catarina desceu as escadas, atravessou a hortinha de couves e foi encontrar as mulheres entretidas com a medição da barrela. No centro do vasto barracão estralava o fogo sob o vasilhame de ferro fundido, onde a massa esbranquiçada pululava, trescalando a vísceras e a toucinho cozido. Catarina aproximou-se e falou baixo à Umbelina. Só depois cumprimentou as duas mulheres. Umbelina desatou o avental e convidou-a a voltar com ela. Já estava mesmo para subir, descansar um pouco da labuta que começara muito cedo. Na cozinha verificou se os lombos estavam revolvidos no tempero e recomendou à Arminda que separasse as carnes de fumeiro. Pendurasse logo aquelas peças, que o dia começava a esquentar. E arranjasse uma banda de toucinho para a Catarina levar. Sentou na rede com um uf! de alívio e empurrou para a ponta dos pés os chinelos de fios trançados, que ficaram a balançar.

— Vai cedo hoje, Catarina! Tarefa pouca, hein? — Falou a olhar a mulher com seriedade.

— Três latas pro barril grande, Sinhá, duas pro barrilzinho. A talha já enchi...

— Assente, Catarina.

— Demora pouca, Sinhá. Fiquei pra lhe contar que vi a sua menina lá em cima! Conversando com o Afonso, sentada com ele na porta da farmácia. Naquela sujeira, Sinhá!

Umbelina parou a rede de chofre, sem atinar com que responder à mulher. Que soubesse, Catarina não era enredeira, era, sim, muito recolhida e sensata, merecia a justiça que lhe faziam.

— Pois é! Os dois... Tão enlevados, e a menina com um ramo de flor na mão. Quando ia chegando, vi o Afonso pegar no braço dela e depois entraram pra dentro. Um tempão estiveram lá. Ele voltou com um livro grande e a menina veio com ele. Se sentaram de novo na porta. Lenita pôs o ramo no colo, segurou a cara na mão e ficou ouvindo o que ele dizia. Que tempo, Sinhá! Tão mal avisados que nem deram comigo a espiar, ali no canto do chafariz...

— Você ouviu o que ele dizia? Que mais fazia?

— Ouvi, não, siá Umbelina. Mas pensei que Sinhá devia saber. A menina naquela companhia...

— Quando você desceu, ela ficou lá? Há quanto tempo desceu?

— Agorinha.

Umbelina deixou a rede e gritou da janela o Ricardinho, que atravessava a porteira, quase sumido detrás de um feixe de taquaras maduras.

— Pois venha levar um pedaço de carne lá em cima para o Afonso. E se avistar Lenita, diga-lhe para vir correndo. Preciso dela aqui. Um pé lá, outro cá, Ricardinho! Vamos! Largue as tabocas, menino!

Voltou dentro e fitou Catarina. Seu rosto estava escarlate e a custo escondia o desapontamento.

— Você tem certeza de que era mesmo Lenita? Você sempre se queixa dos olhos, Catarina! Você...

Catarina pediu desculpas por contar-lhe aquele despropósito de criança e deu até logo, mais amedrontada que satisfeita,

um pouco temerosa até da confissão que pusera corado na face de siá Umbelina. Olhando as horas, Umbelina concluiu que Lenita não ia demorar. Às onze serviam o almoço e a fome a instigaria. E ficou a andar, da sala para a cozinha e desta para os quartinhos, parando nas janelas, para ver a rua. E punha culpa nas férias que ocasionavam a vida andeja dos filhos, às escapadas, livres que ficavam dos deveres da escola. Aquilo precisava ter um fim, tinha que descobrir um meio de pôr fim na vadiagem de Lenita, de prendê-la junto de si. Pois não é que dera agora de frequentar o louco? O que fazer, meu Deus?

Ficou esperando o menino voltar. Voltou só. Vira o Afonso caminhando na frente da casa, entrando e saindo das portas, no seu passo ligeiro, as mãos enlaçadas atrás das costas. De Lenita não vira nem o rasto.

Umbelina olhou de novo o relógio. Esperou, a contar os minutos, andando inquieta, de um lado para outro. Ouviu-a bater o portão e parar na escada, para conversar com Nhanhã, que dormia no meio das plantas do vaso.

A menina adentrou a sala, olhando para os lados, alargando as narinas, afogueada de sol. Viu a mãe de pé, alisando a ponta da toalha, os olhos lustrosos postos nela. Falou, de passagem.

— Hoje vou pôr sangue pelo nariz, mamãe, já estou sentindo uma coceirinha... — E sumiu no corredor.

Umbelina foi-lhe atrás. Fechou-se com ela no quarto de banho e puxou-a pelo braço.

— Venha aqui! Onde você esteve, Lenita? Durante toda a manhã? Não andou no adro da igreja? Que andou fazendo no adro da igreja?

Lenita respirou profundamente e encostou-se à parede. Apertou a mão contra o nariz, os olhos muito abertos fixos na mãe.

— Não disse? O sangue já vem vindo... Ai, mamãe...

Quando retirou a mão, trazia-a manchada do sangue rubro e quente. Umbelina levantou o jarro e despejou a água na bacia, sem ocultar a sofreguidão. Banhou o rosto e a testa da filha. Puxou-lhe a cabeça para trás.

— Que fez você nesse sol? Desceu a ladeira correndo?

— Fui na casa de tia Elisa... beirei o muro dos padres...

Céus! — Pensou Umbelina. Elisa morava longe, nas imediações da Várzea, como podia Lenita estar ali e lá ao mesmo tempo? Olhou-a, incrédula.

— Aonde mais você esteve? Que andou fazendo na casa do Afonso?

Lenita encolheu-se e cerrou os olhos, fazendo beiço. Uma gota de sangue caiu-lhe do nariz e ela jogou a cabeça para trás.

— O Afonso tem um livro de santos, na prateleira do seu quarto — confessou, quando a mãe chegou-se mais a ela. Com umas figuras douradas, grandes! Disse que vai me dar de presente, quando souber tudo de cor. Umas histórias de santos, mamãe! Mas nem chegou ao meio, de tão grande que ele é!

Umbelina suspirou, sentou na única cadeira, sobre a pilha de roupa. Um súbito cansaço invadiu-a.

— Mas Lenita! Nenhuma menina, que eu saiba, gosta de conversar com um louco como o Afonso! E ficar com ele na casa a ouvir histórias. Com tanto irmão que você tem! Pois saiba que desta vez conto tudo para o seu pai. Não vou esconder isto de Estêvão. E lá você não vai voltar mais.

Lenita engoliu o soluço e sustentou o olhar de Umbelina, entre lágrimas. Assoou-se até deixar o nariz limpo, sem sinal de sangue.

— E que mais ele disse a você, ali, na porta? Que é que vocês conversavam?

Ela pareceu brotar de um encantamento e, de repente, seus olhos amendoados sorriram.

— Ele disse que viu Jesus, uma noite, quando voltava sozinho do Paiol Grande... Falando com ele de longe, numa voz mansa, numa auréola de luz azul...

Umbelina abriu a boca.

— E você acreditou nisso?

— Que ele viu Jesus? Ah! mamãe! Jesus é seu amigo, aparece sempre, vara as paredes, senta com ele na cama. No outro dia, ele estava comendo sozinho na sala, viu Jesus sorrindo com um pedaço de pão na mão. Na outra ponta da mesa...

Estremecida, Umbelina cobriu o rosto com as duas mãos. Meu Deus — pensou. Não fosse uma criança, seria de bradar aos céus! Afinal, Lenita parecia aceitar as visões como uma verdade. Era muito ingênua e pura para mentir sobre coisas que acreditava virem de Deus...

Tirou o lenço do bolso da saia e enxugou os olhos, indecisa do que mais lhe falar.

— Bem, Lenita, arrume-se para almoçar. Penteie esse cabelo. Converso depois com você. E tire essa mancha de sangue aí do canto do nariz. Vou lá em cima, de tarde, falo com o Afonso. Deslindo isso. E levo você comigo.

Chamou Eglantina e contou-lhe as prosas da irmã com o louco. Tinha que dar um jeito, evitar que Lenita voltasse a importunar o pobre homem com as suas perguntas.

— Que acha você que eu devo fazer? Conto ou não conto para seu pai?

Eglantina ouviu-a em silêncio e perguntou-lhe o porquê de sua condescendência. Noutros tempos ela não titubearia em dar-lhes um severo castigo, pô-las a bordar com tarefa marcada ou a ajudar nos serviços da casa. Por que só Lenita merecia a sua complacência?

— Sem pulso forte, Lenita não se emenda mesmo, e papai deve saber.

— Vou pensar, Eglantina, vou pensar... Lenita não tem maldades, se junta aos pobres e à gente infeliz dos morros, quer socorrer a qualquer um. Não posso despertar nos seus sentidos a imagem do mal, que ela desconhece.

— Então não precisa pedir o meu conselho.

— Eu sei, minha filha, mas eu muito preciso dele. Não, não sei mais como contê-la! Se trancasse as portas, ela saltaria as janelas e até podia cair lá em baixo no fosso. Trancá-la, não posso.

Eglantina abaixou a cabeça e ficou olhando os dedos das mãos.

— Não sei, mamãe, mas eu penso diferente da senhora. Já lhe pedi para tomar conta de Lenita e sempre a senhora vem com desculpas. Há tempos já lavei as mãos nesse caso.

— É verdade, a pura verdade, mas vamos almoçar, quero pensar devagar...

— Como a senhora quiser! Posso tomar conta de Lenita, já lhe falei várias vezes, é só a senhora não se intrometer, para desarranjar tudo. Se não quiser frear Lenita, ela continuará a ser o moleque que é.

— Vou lá, de tarde, falo com a irmã dele. Afinal, ela pode contar-me a verdade sobre aquele livro e até correr Lenita de lá. Vou pedir-lhe isso.

— A senhora é quem sabe, mas, não me iludo, tudo vai ficar na mesma.

— Não vai, Eglantina, você verá, converso com Severina.

— Não se esqueça que Afonso nunca fecha as portas da casa, a qualquer hora Lenita pode entrar lá.

— Meu Deus, não exagere tanto! — E sem a serenidade que gostava de ter à mesa, Umbelina mandou servir o almoço.

Capítulo 8

A assombração vagueia e o amor faz das suas

Na estreiteza da Cidade as vidas corriam muito próximas. As negras quitandeiras, que frequentavam as famílias e tinham banca no mercado, faziam as vezes de gazeta, circulando pelos becos, colhendo enredos que iam depois desfiar diante dos ouvidos das sinhás. Contavam dos amores de homens velhos com crioulinhas mal-entradas em anos. Coisas de fazer suposição! Nos tempos que corriam, contavam de uma assombração que pela calada da noite transitava por ruas ermas, fazendo até medo nos bichos vadios: "Um pálio rodado, sinhazinha, bem aconchegadinho, um chapelão desabado, quatro pernas e uma cabeça! De fazer vergonha na cara! Ouviam rumores de uns homens que de porrete iam surrar a assombração, qualquer dia de noite. Logo acontecia..."

Foi numa tarde, lia Umbelina o seu livro de rezas, veio Arturzinho indagar se era verdade que na rua Nova aparecia e desaparecia uma assombração.

— Uma coisa gorda, mamãe, andando de quatro, com uma cabeça só, os olhos que nem duas brasas, e o nariz era um oco, como as caveiras de cabaça seca, que os meninos faziam, no tempo.

Umbelina ouviu só em meio a história. Marcou o livro e ficou olhando o filho.

— E ela cresce, mamãe, joga fogo pelos olhos. Anda de quatro, some pelos matos...

Umbelina fechou a cara e quis saber a origem da estória, quem havia dado corda a tamanho disparate:

— São coisas de quem não tem o que fazer, meu filho — falou, a puxar para o regaço o seu filho.

— Onde ouviu esse caso? Da boca das negras? Foi a Arminda, foi a Odete? Pois não acredite, são coisas de quem não tem de que cuidar. Malvadezas, meu filho.

E foi indagar de Arminda se não sabia quem andava enchendo a cabeça dos meninos. Com aquela história de estragar uma inocência! Sabia?

Arminda era a negra de boca mais suja da cidade — segredo não era, mas, ali, em casa, trazia-a trancada de malefícios. Respeitava sinhá, respeitava sinhô.

— Mal não diga, sinhá, isso só pode ser coisa de Maria-Bate-Pau, que ela esteve na passagem do terreiro, conversando em voz baixa com a pagem da Carminha. Vi Arturzinho com elas duas. Também pode ele ter escutado os falatórios na escola. Isso até já está apodrecendo de tanta falação, por aí... Só sinhazinha não toma conhecimento! — E desfiou uns nomes em voz baixa, ao ouvido de sinhá.

Umbelina não respondeu e foi terminar a sua reza. À noite, todos a dormir, pensava naquela impropriedade, naquele pecado de confundir até gente grande, quanto mais as crianças! Alguma indecência que a maldade aumentava. E se punha a rezar, rogar aos céus pela fraqueza da carne dos homens, o seu desconhecimento das coisas limpas de Deus. Persignava-se, pedindo pela inocência dos filhos, que cresciam no meio de tanta maldade disfarçada.

Quando Estêvão chegou, chamou-o para indagar. Ele ouviu-a em silêncio, pigarreando e tirando as roupas para dormir. Umbelina era mesmo uma santa, perdida nas lides caseiras, não sabia da vida lá de fora. Caso tão conhecido e ela ainda a rezar, a pedir pela inocência dos filhos.

— Que é que você acha disso, Estêvão? Que é que você me diz?

— Dizer, o quê? Coisa tão falada, Umbelina!

— Coisa falada? Conhecida? E vocês não fazem nada? Deixando chegar aos ouvidos das crianças, num lugar tão pequeno? Deviam ter mais vergonha na cara, não fazer ouvido mouco aos diz-que-diz-que, chamar às ordens os...

Não encontrou palavra com que qualificar a assombração. Então, era a Arminda quem estava com a razão, ela que até os nomes sabia...

Desfiou com devoção o seu rosário, persignando-se com os

dedos nas contas, o pensamento longe, às vezes. Ouviu as horas tardias batidas no relógio e só então deu pelo tempo. Nas proximidades do parto sentia aumentar aquela lassidão, e o sono, já difícil, transformava as suas noites num quase suplício. Os dias passavam entre os deveres e as arrumações, as horas até correndo pequenas, com tanta coisa a ordenar e a distribuir. Por Deus que filho não teria mais. Que tempo mais para cuidar de suas existências, os anos pesando-lhe de fadiga, premida de temores pelos seus entes queridos. E Estêvão a perorar no afastamento dos dois meninos, falando em mandá-los aos salesianos, em Lavrinhas, tão longe. Maria Eulália que tempos andava fora, a estudar! Vivia de angústias, numa crescida saudade! Vinha-lhe a fraqueza daquele conhecimento recente, de sua impotência em frear os filhos, impedindo-os de andar à solta, aprendendo coisas feias da boca de gente desrespeitosa. Estêvão olhava-a de revés sem bem compreender a razão daquelas lágrimas tardias. Dobrava o travesseiro, puxava as cobertas, em vão procurando o sono que não vinha.

— Se rezas consertassem o mundo, Umbelina, não seria o mundo o que é! Vou lá dentro ferver um chá, que sono já não tenho. Com esse frio, nada melhor que um chá bem quente. Tomo também. Não quer?

E sem esperar resposta foi arrastando os chinelos, mexer as panelas, na cozinha. O fogo não custou a pegar. Procurou nas latas a erva-doce e andava às voltas, abrindo e fechando os armários para encontrar o coadorzinho. Ordem de mulher... Ah! Ordem de mulher! — tartamudeava — vá um homem entender! Encheu a panelinha de água. Estava a preparar a louça na bandeja quando ouviu o miado enfraquecido, perto. Atentou o ouvido e concluiu que ele vinha da arcada do fogão, onde guardavam os gravetos e as toras aparadas. Baixou o corpo e revolveu aquele emaranhado, útil somente à Arminda e ao seu desleixo, bom, muito bom para paradeiro dos bichos. Havia de dizer isso à negra, de manhã. Viu a gata estirada, numa roda de palhas, a respiração opressa e difícil. Em trabalho de parto.

— Ai, ai, onde você se enfiou! Mas que te deu? — Apertava o corpo endurecido, rijo, de pelos molhados. Na sua idade, Nhanhã!

Devolveu-a ao ninho, aconchegando-lhe as palhas. Vou chamar Umbelina. Vocês se entendem.

Um pouco descoroçoado venceu o longo corredor, atravessou a sala de jantar e foi alertar a mulher, que afinal dormitava, esperando o chá.

— Umbelina! Levanta! A Nhanhã está com um gato atravessado. Se não lhe nasce esse, morrem os outros. Está dura como uma pedra.

Umbelina até parecia esperar aquilo. Com a ligeireza que seu estado permitia saltou da cama e atirou-se fora do quarto. Arrastava o chale consigo, pedindo coragem a Deus. Agora, logo agora que Arminda fora em visita à mãe, Nhanhã achava de adoecer. Nada entendia de nascimentos, embora estivesse a caminho o seu nono filho. Podia fazer-lhe umas massagens, dar uma beberagem, uma infusão de sene e maná — perguntava ao marido. Se a Arminda não jogou fora, tenho uma lata cheia, lá em cima, no armário. A de maná, Estêvão!

— Que coisa vou lhe dar? Ai, meu Deus! Sobe lá, Estêvão, para procurar... o purgativo, homem...

Já vira nascer algum bicho, mas não tinha jeito para aquilo, morria quase de dó! Um sofrimento tão grande!

Ao inteirar-se do estado da gata, pôs-se a chorar.

— Jesus! Que vou agora fazer? — perguntava-se, aflita, sem desfitar Estêvão, que parecia mais atarantado que ela.

— Esperar... esperar, Umbelina — respondeu-lhe, por responder uma vez que não acreditava em milagres.

Encontrando a água a ferver, atirou-a sobre as folhas de sene, abafando a caneca com um pano dobrado.

— Dou-lhe umas gotas pra dor, Estêvão? Coitadinha! Como está pregada!

Correu a buscar uns panos limpos, afofou o ninho e nele ajeitou a gata. Nhanhã quedava imóvel, os olhos dilatados, a seguir os dois.

— Bem, se chorar adiantasse, no mundo a morte não existia...

— Hein? Que foi que você disse? — e assustada, Umbelina plantou-se no meio da cozinha, como se de pronto atinasse com a realidade.

— Quer dizer então que ela vai morrer? A Nhanhã de Lenita?

— Se você lhe der essa beberagem de mulher, acredito que sim.

— Por que não disse antes! Que acha que vou fazer, então?

— Estou pensando, Umbelina. Acho que vou lá em cima buscar o Afredinho. Afinal, o bicho não é tão diferente de nós, sofrem os mesmos vexames, coitados.

Atarantado vestiu-se, enrolou o cachecol na cabeça e meia hora depois voltou com o Alfredinho, estremunhado de sono. O trato com as doenças tornara Alfredinho muito atilado. Era um moço cauteloso e gastava boas horas da noite a ler. Possuía um Chernoviz muito vasculhado, que lhe ficava à cabeceira da cama, para as consultas noturnas. Quando precisava atender um cão doente ou uma galinha engasgada, sabia como fazer e tão bem os assistia como aos seus pacientes. Mas nunca ajudara uma gata em trabalho de parto, logo uma gata como a Nhanhã. Hábil no tato, concluiu que a ninhada era grande. Umbelina não soube afirmar a que horas ela andou sumida, mas talvez Lenita soubesse. Se precisasse, acordava a menina, ela sabia...

— Deixe a menina em paz! Que ideia! Ela vem é atrapalhar tudo — apressou-se Estêvão, a retê-la pelo braço.

Umbelina rodeou o moço, querendo saber o que ele ia fazer. Ia dar-lhe uma injeção? Mas isso não era o fim? Estêvão interveio e mandou-a dormir. Ele ficava com Alfredinho, não dificultasse mais as coisas com aquele rol de lamúrias, deixasse de apartear.

Depois dos momentos de reflexão Alfredinho destampou o estojo que guardava a seringa. Se após a injeção o gato morto não nascesse, quatro horas depois deviam aplicar-lhe outra dose. Mas Estêvão deu-se pressa em alegar a sua incapacidade. Aquilo não fazia! Faltava-lhe coragem. Nem ele próprio seria capaz de tomar uma injeção... Ora, ora, mais essa!

Instintiva, temendo perder a companhia do moço, Umbelina pediu-lhe para pernoitar ali. Arrumava-lhe a cama numa das alcovas do salão. E podia lá ir descansar, ela ficava fazendo companhia à gata, não tinha mesmo sono. Quem ficou foi Estêvão,

depois de obrigá-la a ir para o quarto. Ah! O exagero! Essa discrepância caseira em querer confundir gente com bicho! Ele ia ficar, que muito gostava de ver clarear o dia, ali da porta. Na hora marcada foi acordar o moço. Nhanhã continuava extenuada, parecendo às vezes que ia morrer. Empanzinada, cheia de glu-glu-glus e de ronqueiras, Estêvão não dava um figo por sua vida. Alfredinho aplicou-lhe outra dose e correu a agasalhar-se, na cama.

Madrugadinha nascente, o sol pingando doirados na lisura saliente da serra, Umbelina veio pé ante pé ver o que causava aquele silêncio. Seguira do quarto os passos dos dois homens pela calada da noite e em dado momento ouvira um miado prolongado e aflito. Cobrira a cabeça e foi daí, por certo, que lhe veio a sonolência mandada por Deus. Encontrou o marido derreado na cabeceira da mesa, a ressonar, com a cabeça enfiada nos braços. Correu a desenrolar a gata. Ah! O alívio! O bem tão desejado! Quatro gatinhos dormiam a sono solto, um frufru trêmulo, manchado das pintas da mãe. Baixou o corpo com dificuldade e alisou a ninhada. Nhanhã tinha a idade exata de Arturzinho, era um bem de família, por isso tinha aqueles dengues... Sacudiu Estêvão, que estremunhado perguntou o que era.

— Vamos esconder a ninhada, Estêvão, onde eles não a encontrem. Já pensou no desassossego que ela vai ter? Nhanhã precisa de paz, uns três dias. Só uns três dias, e Lenita não deve saber...

Resmungando umas raivas Estêvão retirou os gatinhos e foram ambos escondê-los num canto do casarão de fumo. Tempo para a gata se refazer, antes de sofrer-lhes os assaltos. Ninguém ia poder conter as crianças ante a beleza daqueles quatro pompons, bonitos mais do que a capa da *Revista Feminina* — dizia-se intimamente Umbelina, a arredondar o ninho. Se até a gente grande se contagiava, quanto mais as crianças.

Odete puxou a porta do casarão de fumo, depois dos cuidados a Nhanhã, e arrebanhando a saia rodada pisou célere o capim umedecido de orvalho. Ao longo do trilho cortado no mato. O coração batia-lhe descompassado, vaga poderosa que a abstraía, tornando-a insensível à aspereza do chão e à íngreme subida. Apressava o passo, quanto mais longe se via da planura lá de bai-

xo. Não voltava a cabeça baralhada de sonhos e impulsionava o corpo, resoluta, quase alada, espicaçada apenas pela certeza do amor. O desejo irreprimível de libertação avolumava-lhe a saliência dos seios, alongava-lhe a silhueta estuante e vigorosa. Corria. Quando chegou à estrada, aberta no morro, parou a respirar fortemente. Deu conta do ar que aos borbotões lhe entrava pela boca, sem contudo aplacar-lhe a sofreguidão. Não parou, e atravessando a estrada batida de sol, foi esconder-se entre as hastes altas do capim amadurecido. Jogou-se por terra, as mãos abertas sobre o peito, como para conter as batidas aloucadas do coração. Ficou esperando, olhos quebrantados. Passava o tempo, tão mais rápido quanto mais sentia avolumar-se o seu temor. Saltou, ao mexer dos galhos, e foi inspecionar o caminho. Sinuoso na terra vermelha, ele descia, contornando o morro. Sua visão perdeu-se nas terras de tia Diamantina, coberta do milharal já vestido da cabeleira ruiva de suas espigas. À medida que os minutos passavam ela ficava mais inquieta. Não sabia o Tião de suas horas contadas e que tinha de banhar as crianças, antes do almoço? Por que então não vinha cumprir o combinado? Alongou o corpo na barranqueira ressequida e encompridou os olhos na estrada. Dentro do silêncio remanchoso pareceu-lhe ouvir um rumorejar de água perto, depois, o sussurro de um bicho que se esconde. Pôs-se a esgueirar sob os ramos. Andou alguns passos até encontrar o veio d'água aprisionado no tronco cavado de uma aroeira-preta. A água caía de pequena altura sobre a laje já porosa da infiltração. Pés de maravilhas em flor, avencas tremulantes e samambaias faziam-lhe roda. Odete parou a boca e deixou-a encher o líquido fresco. Ensopou o rosto, a testa e a carapinha que ficou mais colada à cabeça. Procurava equilibrar-se entre as pedras escorregadias quando se sentiu agarrada por dois braços vigorosos, que a imobilizaram. Quando a pedra falseou sob os seus pés, ele levantou-a como uma pluma e sentou-a entre as moitas altas do capim. Depois pressionou a mão sobre a testa pingada e obrigou-a a pender o corpo para trás, até deitá-la completamente. Olhou-a com desenvoltura e agrado. Ela não se mexeu, vagando os olhos naquele riso disfarçado.

— Vim de prosear com o peão Vicentino, que encontrei na

subida do morro — disse-lhe, como desculpa. Vai mais o Antoninho seresta pegar a boiada do coronel Celestino na entrada da Barreira. Dali seguem pra Minas, pro embarque. Vou com ele...

Odete arrumou o corpo num prisco de gazela ofendida e ia investir estrada abaixo, quando se sentiu de novo aprisionada. Arrebatou-se com valentia dos braços que a sustinham e, tomando uma atitude agressiva, deu alguns passos em direção do caminhozinho aberto no capim. Fuzilando-o com os olhos embaciados.

— Negro sem míngua de palavra! Pra isso quis que eu viesse morro acima, de corrida... Ai, pra se despedir, não é? Tu não sai mesmo da promessa, negro enganador. Nem bem chega e já vai! Mas desta vez não espero, não! Juro que vou me enredar e tu bem sabe com quem... Que não faço piloia nenhuma...

Ele não mudou a postura do corpo, mas, quando ela fez menção de recomeçar a descida, pôs-se a sua frente. Segurou-a com uma só mão e fê-la retroceder, bruscamente. Apertou-a nos braços e enterrou a cabeça nos seus seios.

— Mulatinha assanhada — empurrou-a de si. Pra que pensa então que eu vou? Pra engolir a poeira da estrada e dormir nos rancho, rodeado de boi? — Cuspinhou longe, como se já sentisse a alma cheia de poeira. — Vou decidir uns empréstimos e volto pra te levar. Isto já tratei com a minha irmã. O que não posso é ver os teus fricotes, a tua excitação. Me põe avexado...

Ela deu um soluço rouco e dobrou o corpo para a frente. Levantou a ponta da saia e assoou o nariz. A figura dela, a cinturinha fina, o pedaço de perna nervosa deram mais crescimento ao seu desejo.

— A verdade nua é que já ando meio doida, cansada de te assuntá, Tião. Inludindo sinhá pra te encontrar. Dantes era o pé de meia pros encargos, o que tu dizia. Que tempo que tu vive correndo atrás de boi, sempre com uma inventiva? Não espero mais não!

— Pois casamos nas festas. Desta vez com juramento.

— Pra quem tu jura?

— Por essa água que cai...

— Isso é juramento de cristão? Creio, não!

Tião colou-se a ela e tendo-a segura beijou-a seguidas vezes no pescoço, na cara molhada, nos braços nus.

— Homem é homem e o que está jurado, está! Venho e te levo, com banho ou sem banho, que não tenho muito embaraço de pôr batina nisso, não!

— Casamos com Deus, Tião, com a bênção de sinhá e o Santíssimo Sacramento — sentenciou ela, de beiço caído.

— Bobagem...

— Teu pecado é a tua vida descuidada. Pois sou moça donzela, Tião!

— E eu acaso duvido? — Ele apressou-se. Se casamos na lei dos homens é pra que te dê definidade na vida. Por mim já chegava te conhecer mulher, por todos os santos que chegava...

Ela secou os olhos e enroscou-se nele.

— Se não arreda de mim, babau, perco a cabeça — e cobriu-a de beijos melados.

— Me leva s'embora, Tião! Não quero mais vivê te esperando...

— Ai, que não me alivia o teu destempero, Dete! Virge! Disfarça, porqueirinha, que o meu juro já dei, não dou mais, que sou sujeito de bem. É só esperar um dinheirinho que tenho engatilhado e vamo descendo, que negócio arrefecido é mais que perdido. Me dá cá, frissura, a sua mãozinha.

Ela sacudiu-se e ele agarrou-lhe a cintura. Saltaram o barranco e se acharam na estrada. Não longe, um boi mugiu. Um sabiá-do-campo desandou a cantar e o bem-te-vi respondeu. Então um casal de rolas fez hum... hum... E tudo azulou e doirou. O sol afastou a viseira da nuvem e escutou o sussurro do coração dela. A terra era um jardim...

De mãos dadas e no silêncio dadivoso começaram a descer a estrada empinada. Chegavam quase à gameleira, donde começava o cercado das terras de tia Diamantina, e viram o carrinho do Zé Ferreiro e mais ele, que, em vagando as horas, se fazia de entregador. A meia distância os dois pararam, sem que o homem desse por eles. Tião espichou o braço e fez a negrinha parar. Seguindo a desfaçatez do homem, conservou-a junto de si.

— Depois não digam que não há fricotes nisso! O Zé Ferreiro fingindo de entregador para sua amásia. Os santarrões! Mulher só, é isso! Qualquer um lhe entra no quarto!

Os olhos da negrinha alargaram-se de surpresa e espanto. Como podia o Tião, que vivia mais pros lados de Minas, saber dessa intimidade? Tomou o partido de Diamantina, lembrando o trabalho que tinha com a sitioca, que ela vivia sem os filhos que arrearam a carga e foram pros Campos negociar. Como podia a pobre mourejar sozinha, só com os braços que Deus lhe deu?

— Pois se achegue, case. Marido nunca falta pra quem tem os seus amealhos. Cobrindo o sol com peneira, enganando os filhos, vivendo de chegança com as famílias. No meu olho ninguém põe viseira, não!

A mulher parava à porta, desempenada, lenço colorido na cabeça. Bonitona a valer, com dois brincos redondos enfeitando-lhe a cara morena. Odete encabulou-se com os olhos que ela lhe pôs. Baixou a cabeça, depois do cumprimento. Tião chegou-se, comunicativo, dando os bons dias. Falou do tempo e da seca brava que esturricava a plantação.

— Vim de ver o seu milharal, tia Diamantina — mentiu. Ali na lombada do morro, o milho até já está de folha enrolada. Se o céu não ajuda, a bicharada fica este ano sem mantimento. Não acha que o céu anda carrasco demais, tia Diamantina?

— Acho não, seu Tião. Não dou semana e vamos ter enchente. Já chove nas cabeceiras. Mais dia a água despenca. Com esse calorão...

— Que os anjos digam amém...

— Se acheguem. Passo um café.

Era muito conhecida a excelência do café de tia Diamantina, café da terra, seco no próprio terreiro, torrado com açúcar mascavo e ponto de fazer cor e sabor, ela sabia...

— Deixa pra outra ocasião — animava-se Tião, olhar direto na figura bonita. Vou entregar esta menina que encontrei campeando um bezerrinho, ali na ribanceira. Já lhe disse que isso é trabalho de home. Uma menina sozinha nesses matos...

— Lá isso é! Trabalho pra moleque, seu Tião — respondeu-lhe sorrindo.

Parou para o dedo de prosa com o Zé Ferreiro, que encabulado e de mãos trêmulas empilhava a sacaria sobre o moirão. Fala-

ram de negócios e da viagem para Minas, como se nada houvesse. Trocaram desejos de serventia enquanto Zé Ferreiro ia-se enfiando igual um cágado velho na carapuça, o rosto magro coberto de uma vermelhidão acusadora. Tipo à toa, dizia Tião para si, a raiva despontando. Com a penca de filho que tem. Mas deu as despedidas. Voltava noutro dia, para o café, aceitava.

— O seu café não é mesmo de renegar, tia Diamantina. O mais no ponto de toda esta redondeza. Venho logo, muito obrigado.

E se afastaram, a crioulinha meio de longe e de beiço caído, pensando nos banhos e no caldeirão que esquecera de encher de água...

— Não dou uma hora e sinhá já sabe de tudo. Tu não tem mesmo caridade. Parar ali, pra quê? Pra que fiquem sabendo, não é?

— Pior é fugir, passar de esguelha. Não cumprimos crime nenhum. Também eles não fazem a sua tramoia? Mais dia, casamos. Tu conta pra siá Umbelina, ainda hoje falo com o velho, estou mesmo pra lhe falar.

— Falar, dar testemunho que é coisa decidida, tu não faz. Conheço a tua lábia. Fica tudo como está... pra depois...

Como ela previra, aconteceu. Madrugadinha ele montou o Tordilho e foi esperar o sol sair, na entrada da Barreira. Ali começava o estado de Minas, para onde ele ia. O que um homem combina, tem que cumprir.

Capítulo 9

Os apuros de frei Nicolau

Durante o tempo que frei Félix esteve ausente a cumprir o seu santo ministério, num dos colégios do Vale, frei Nicolau substituía-o nos encargos na igreja. Isto obrigava-o a pensar constantemente nele, desejando o seu regresso. A paróquia de São Bento compreendia todo o vale do Sapucaí, do campo do Monteiro à Barreira, nas divisas com Minas Gerais, e dos contrafortes mantiqueiros de Campos do Jordão até o Serrano. Mais de mil almas para zelar. Os carmelitas são três, nenhum envelhecido ainda nos salmos ou nos ofícios diuturnos, um é loquaz, outro divagante, outro sereno: trindade sem mistérios, pés aos frios das sandálias e irmãos de Nossa Senhora do Carmo. Entre as dobras das roupetas já surradas pendem-lhes os rosários negros, de contas de madeira. Suas mãos são afeitas ao afeto e que mais não possam, têm os olhos sempre postos na Cruz. Cada um tinha a sua hora de oficiar com a preferência destacada dos fiéis muito assíduos. Encomendavam, batizavam, casavam e amortalhavam, além dos ofícios encomendados a léguas de distância, dada a proximidade da morte de algum crente ou pagão. Nos encargos a distância, era sempre frei Nicolau quem deles se desincumbia, em urgentes cavalgadas, às vezes. Nessas andanças nunca que frei Nicolau dispensava o Beca que lhe cuidava do transporte e de sua comodidade. Iam de monta se a paragem fosse nas alturas da serra, e, se permitisse o terreno, alugavam o calhambeque do Antoninho, que lhes diminuía a canseira, apesar de andar ele meio emperrado. Quando era a planura e pequena a distância iam a pé, o frei e o Beca trocando suas ideias, falando da vida dos santos e dos mexericos da terra. Sentavam nos barrancos batidos de sol e muitas vezes o padre se queixava de um reumatismo que nos frios lhe encolhia uma das pernas, com muita dor, sempre pela madrugada. Beca receitava-lhe unguentos em fricções, lembran-

do que os chás caseiros eram sempre os melhores. Da farmácia, não tomava um níquel. Sua mãe cuidava de uns canteiros, onde havia de tudo. Se o frei quisesse trazia-lhe uns ramos. Ia indagar de sua mãe o que havia de mais seguro para as suas dores de perna. E seguiam estrada afora, no cumprimento da obrigação. Depois dessas caminhadas, a confiança unia-os mais. Por isso é que se dizia, como verdade, ser o Beca o braço direito do padre. Beca ajudava ainda na feitura das hóstias, se era tempo de festas, dava um brilho sempre novo na sacristia, dobrava-lhe os paramentos, como ninguém, e ainda cuidava dos santos em disponibilidade. De maior desempenho era o seu ajutório nos ofícios religiosos, no que frei Nicolau não encontrava substituto que lhe igualasse. Já era familiarizado com o latim e sabia tudo de cor. Se fosse preciso cantar uma missa inteira naquela língua de bis e de pronobis, sem perigo de errar, ele a cantaria. Beca era moço muito crente, já ingressado em irmandades maiores. Nas horas de folga dava aulas aos meninos coroinhas, reunindo-os atrás do altar. Estes eram muitos e prestavam os seus serviços nas solenidades da Semana Santa e nas festas anuais do Divino, que eram as mais concorridas. No sábado, dia consagrado a Nossa Senhora do Carmo, durante os ofícios solenes, sentavam-se nos largos bancos das irmandades, alinhadinhos, muito tesos, e quando, na ladainha, respondiam o coro, ajudando as vozes das meninas Iracema e Carminha. Estas vinham lá de cima, do espaço aberto sobre o pórtico, e eram dirigidas por Lisa, a organista. Quando acontecia de Lisa faltar, o que era raro, Conceição substituía-a ao órgão. Respondida a ladainha, as meninas voltavam para ajudar no *Salve Regina* e nos cânticos finais. Os meninos seguiam-nas com os olhos, sem dar muita demonstração. Uns poucos seriam mais tarde distinguidos com bolsas de estudos, sustentados pelas madrinhas escolhidas em concílios e que o regulamento exigia se conservassem em segredo os seus nomes. Eram assistidos de mestres, tinham pequena mesada para as necessidades mais urgentes e, quando chegava o tempo, viam-se metidos nos seminários. As madrinhas, como se vê, eram pessoas de posses. Entre os bem-dotados e distinguidos pela frequência aos cultos estava o menino Amadeu, o Amadeuzinho,

como era mais conhecido, filho de Umbelina, que queria fazê-lo padre. Jamais em suas preces noturnas Umbelina esquecia-se de recomendá-lo a São Bento para que despertasse no menino as boas qualidades que iriam fazer dele o seu servo. Beca e Amadeuzinho eram inseparáveis. Com o passar do tempo foi o menino aprendendo as obrigações, descobrindo o intrincado daquele mistério de eficiência que era o seu amigo Beca, e que o tornava insubstituível, a ponto de frei Nicolau nem sequer poder respirar sem ele. Chegasse frei Nicolau à igreja e não encontrasse o Beca, o mundo vinha abaixo. Remexia as gavetas, abria os armários, batia as portas e não encontrava o seu breviário. Beca chegava correndo, abria a gavetinha e surgia com o livro na mão. Sua ordem era impecável! Foi assim o menino se enfronhando nos gostos do padre, hoje ajudando-o a vestir-se, amanhã limpando-lhe os cálices, até que um dia foi convidado a carregar o missal, precedendo-o à entrada do altar, para o sacrifício da missa. Amadeuzinho quase desmaiou de contentamento. Ensaiou várias vezes sob os olhos experimentados do amigo a sua entrada triunfal, ali no recinto festivo, rodeado das irmandades, com o precioso livro encostado ao peito. Dizia com presteza as respostas latinas, servia a água e o vinho, sem se enganar, sempre no momento exato. Começava a ser eficiente também.

De uma feita, o Beca adoeceu, com umas cãibras e uns calafrios que o prenderam na cama. Era a entrada do inverno, Com os chuviscos precursores das geadas e das pneumonias. A cidade cobriu-se do véu da garoa e o céu baixou, pesado e indevassável. Estava o frei a ler os seus clássicos, os pés metidos em lãs, quando ouviu o tropel à porta. Mandou a Maria atender, aguçando os ouvidos, sem se mexer.

— Qual é o frei que está? — julgou reconhecer a voz de Raimundo. Chegando de longe, Maria, acertar uns casos com frei Nicolau. Já está ele recolhido?

— Já está, sim, senhor! Está com o seu livro de rezas, na sala das prateleiras. Desapeie. Pergunto se o senhor pode entrar...

Era o fazendeiro Raimundo, do sítio da Palhoça Fria. O padre, a quem a recente doença do Beca deixava insone e preocupado, sentiu um mal-estar de fadiga ao saber da visita tardia. Que

lhe queria o homem? Não fosse alguma desavença. O convite era de festas. Sentando-se na larga cadeira, Raimundo, que era muito esmoler e penitente, espichou as pernas e sacudiu-se do torpor.

— Com sua permissão, frei Nicolau, faço circular este sangue. O frio endureceu até a ponta dos meus pés. Estes frios repentinos não são mesmo de arruinar qualquer cristão? Que acha o senhor da friagem?

O padre assentiu de cabeça e concordou que era mesmo um frio de enregelar. E contou a doença do Beca, que não queria chamar o Alfredinho. Tratado com as mezinhas da mãe, com as folhas colhidas no seu quintal. O desprezo do Beca pela medicina parecia-lhe um despropósito.

— Pois é, frei Nicolau, passou o tempo e só agora os dois demos pela coisa! Eu e a Mariquinhas fazemos as bodas! No domingo. Vim atrás dos seus ofícios. Mando armar o altar, compro as velas e tudo mais que precisar. Mariquinhas e a afilhada já fazem os enfeites. Mato um leitão e umas frangas de peso. Dou um ajantarado, depois da missa. Despesas por minha conta, nem se conversa. Vamos ter muita comunhão.

Frei Nicolau pensou no frio que havia de fazer naquelas alturas, mexeu-se mal na cadeira e um pouco desditoso aconchegou a lã nos pés.

— Vou de carro, Raimundo.

— Mas nem se conversa. Alugue o pé-de-bode do Antoninho, trate o coadjutor, leve os apetrechos e deixe a coisa comigo! Não pense em economias, bodas não se repetem. Antes de começar a subida faço parar os animais. Mando um agregado para portar as malas, de confiança.

Nesse momento, frei Nicolau não pensava em economias, pensava como iria se arranjar sem o Beca, que continuava estendido na cama. Alvitrou com um adiamento, um mês, uma semana que fosse, não conseguiu convencer aquela alma singela que queria comemorar com tanto brilho a data dos esponsais. O jeito era levar o Amadeuzinho...

No outro dia, como Amadeuzinho estivesse entretido na ornamentação dos altares, mandou chamá-lo.

— Venha cá, Amadeuzinho — puxou-o pela mão. Você já está traquejado no respeito às hóstias, não está? Já sabe responder à missa e serve com presteza a água e o vinho. Muito bem. Raimundo vai dar uma festa, sabia? Pois consertam as bodas com um ajantarado, no domingo, depois da missa. Agora você vai descer e falar com sua mãe que o escolhi para meu coadjutor. Vai lá e vem aqui depressa. Fico esperando a sua resposta, a de sua mãe, ouviu?

Amadeuzinho deu saltos e cabriolas de contentamento, e correndo foi antes levar a novidade ao Beca, que morava perto do chafariz, atrás da igreja. Encontrou-o de nariz afilado, queixando-se de dores muito fortes nas costas. A mãe achava que era lumbago, mas lumbago durava tanto tempo assim? Perguntava, olhando o menino, na esperança de sua concordância. Amadeuzinho não queria ouvir falar de doenças, nem dos seus nomes. Lembrava era do passeio, na roça, em companhia do frei, ele como coadjutor. Levava os paramentos, mas de que cor? Levo o encarnado? Levo o verde?

— Se são bodas de casamento, leve o encarnado. Ficava bem! — E o Beca começou a aliar na memória aquilo que o menino devia levar.

— Teve a caldeirinha de água benta, a naveta já cheia para a defumação. Leve o turíbulo, o amito, a alva, o cíngulo e a estola. Espere, leve o manípulo e a casula e não esqueça a hóstia da consagração.

Amadeuzinho guardou tudo de cabeça. E ao voltar em casa expôs à mãe, um pouco assustada, a sua intenção de fazer tudo direitinho, para não desapontar o padre. Vestia a sobrepeliz de linho com aqueles babados folhudos, de bordados. E tinha o latim inteirinho de cor, escrito na sua cabeça.

— A senhora já não mandou engomar a minha sobrepeliz? A de manga rendada? Mande a Dete engomar ela, mamãe, que a festa vai ser de pompa. E vamos no pé-de-bode* até a venda do Genaro.

Não querendo acreditar como verdadeiro o entusiasmo do

* Um dos apelidos dados no Brasil ao modelo de automóvel Ford, fabricado entre 1908 e 1927. O mesmo que Ford de bigode. [N.E.]

filho, Umbelina chamou Maria Rosa e mandou-a lá em cima falar com o padre, apresentar-lhe as suas desculpas. E se eram bazófias do filho, ia repreendê-lo severamente. Não permitiria que a sua pouca idade lhe criasse transtornos em vez de ajudá-lo, frei Nicolau tinha que pensar melhor e arranjar outro substituto, antes que fosse tarde demais.

Maria Rosa voltou com um rol de elogios endossados pelo frei, que teimava em levar o seu irmão. Só lhe pedia duas coisas: que o agasalhasse bem, porque iam subir um bom pedaço de serra, e lhes preparasse um pitéu, para comerem enquanto cavalgavam. Umbelina levantou os dois braços, em aflição. Ora, o frei Nicolau! Pois entre tantos devotos não encontrara algum mais preparado que o seu menino?

Maria Rosa sorriu e avisou que já fizera a sua parte. Afinal, frei Nicolau não iria brincar com as coisas de seu ofício e tinha confiança em Amadeuzinho, dissera-lhe repetidas vezes.

Amadeuzinho não dormiu, a memorizar a obrigação. Deixou a cama ao alvorecer, arengando contra a Arminda que atrasava o seu café. Viu nascer um sol lindo e grande que amarelou o céu, parecendo um ouro! O mundo até parecia uma pintura! Se a Arminda continuasse a embromar, desistia de comer — dizia à mãe, em sua ânsia de encontrar o padre.

Umbelina puxou-o pela manga da camisa e fê-lo sentar à mesa.

— Se não come, não vai! Então para que pensa que Arminda madrugou? E está fritando com tanto gosto os seus bolinhos ? Que assanhamento, meu Deus! Que é mais isso, Amadeuzinho, assanhamento ou devoção? Pois se não come, não vai, está dito!

Arrumou-lhe a cestinha de broas, de sequilhos e juntou-lhes figos secos. Fome não iam passar. Tivesse cuidado, não fosse esquecer alguma coisa e deixar frei Nicolau em apuros. Não tinha uma lista com ele? Uma lista dos paramentos? — Qual lista — respondia-lhe o menino. Então pra que tenho cabeça? Minha lista é a cabeça, mamãe, e batia na testa com segurança. Foi esperar o padre na porta da casa paroquial.

Frei Nicolau fazia as abluções quando ele chegou. Vendo-

-o da janela, sorriu, acenando-lhe para entrar. Mas Amadeuzinho queria era ver chegar o Antoninho com o seu carro bufador.

Seguiram pela estrada banhada de sol, muito alegrada do canto dos passarinhos. O bambual que guardava pios e arrulhos movia-se molemente, a balançar estrelinhas de orvalho na ponta das folhas. A máquina sacolejante até destoava, parecendo um monstrengo de ferros, a demudar a feição da manhã. Na venda do Genaro, depois de quase uma hora de corrida, encontraram os cavalos, vigiados pelo guia. Aquilo era o pior para o padre, que tinha as suas dores. Podia perder a vida naqueles ermos, ser colhido pela morte, mas até lá não se acostumaria. Quem exultou foi Amadeuzinho que ia montar um rocim muito cuidado, com malhas brancas no casco, parecendo luvinhas, propriedade do guri de Raimundo. O padre tomou o conhaque oferecido pelo vendeiro e serviu picolé ao menino. E foram serra acima a matungar. Chegaram depois de quase duas horas no terreiro embandeirado, colorido como uma feira. O mastro já fora levantado ao amanhecer, promessa de Mariquinhas. O padre viu, com dorido espanto, a fieira de bateria armada ao longo do arvoredo. Pensou nas pobres árvores, como iriam sofrer com aquele disparate de bombas. Um barulho que a serra tão quieta haveria de ecoar, vai ver com que espanto! Para ser queimada depois da missa.

Raimundo veio correndo dar as boas-vindas e avisá-la de mais de um desmaio, desmaio de mulher, pois toda a colônia ia comungar. Aquelas pobres estavam em jejum desde madrugadinha e já passava um pouco das nove. Frei Nicolau prometeu que, abertas as malas, viria logo confessar. Contava com os préstimos do menino, mas, antes, gostaria de umedecer a garganta com um bom verde, pois se cansara muito da subida. Deixou Amadeuzinho ao lado do altar a desenrolar as roupagens e adentrou em companhia de Raimundo. Cumprimentou as mulheres, reunidas na sala de janta, abraçou Mariquinhas, que gordalhuda e servil dirigia o renque de cozinheiras e auxiliares. Deu-lhes as bênçãos e os confortos espirituais. Uma azáfama tremenda, no que gastaram três dias. O cheiro de assados e de fervuras inundava a casa inteira. Raimundo carregou o padre pelo braço e foi mostrar-lhe

o quarto, para o repouso. Telha vã a permear uns rainhos de sol, a cama coberta de bilros, o lavatório portando a baciinha e o jarro de louça pintada. A toalha, de franja amarrada, pendia de um dos cabides, tudo reluzindo a ordem e asseio. Sobre a cadeira de encostar, pendia um são Serafim. Frei Nicolau pensou no seu suor e como lhe seria prazeroso espichar-se, ali, naquela cama tão fresca. Pois não é que o sol lhe havia aquecido demais o sangue? Efeito da subida, que dúvida! Desceu a confessar, no que gastou mais de meia hora. O altar posto e as roupas ao lado do missal, sobre a mesinha, todos os acessórios dispostos para o uso fácil, reunida a família e os convidados, frei Nicolau ia dar começo à missa. Olhava para os lados, a compor-se, a disfarçar o olho aflito pela ausência do menino. De Amadeuzinho, nem sombra. Cansaram de correr-lhe atrás, a casa inteira alvoroçada com aquele súbito desaparecimento. Assustado, após as buscas infrutíferas, frei Nicolau resolveu oficiar sozinho. Apaziguou os amigos lembrando que Amadeuzinho era uma criança, ávida de novidades. Estaria a derriçar alguma árvore de fruta. Fossem outra vez procurá-lo entre os pessegueiros, que vira carregados de frutos. Estaria a empanturrar-se de pêssegos, vão ver! Os homens voltaram correndo, a avisar que Amadeuzinho não estava no pomar.

— Poderia estar no rego d'água?

— Lá, não! Lá havia umas mulheres cuidando das louças, não viram o menino, não!

Ao introito, frei Nicolau pensava no Beca, e em sua ânsia solitária revia-o estendido na cama, a tratar-se com as mezinhas da mãe. Na farmácia pagara uma conta bem alta, esperançado de que ele a moer-se das pontadas nas costas deixasse de parte a ojeriza e aceitasse as beberagens que Alfredinho lhe receitara, a pedido seu. E bradava aos céus pela ausência do coadjutorzinho, prometendo-se dobrar-lhe as orelhas, como castigo. À hora da elevação, descobria o porquê da sumida do menino. Fez o sinal da cruz! Um tremor sacudiu-o inteiramente. O cálice sagrado estava vazio! Pensou nas mulheres, nas crianças, em toda aquela gente confessada que ia ficar sem a sua comunhão. Invocou o céu, a plêiade de santos e com as mãos a tremer de confusão abriu de novo o

sacrário. Fechava os olhos. De braços abertos, foi descerrando-os devagar, com medo daquilo que iria ver. Mas, oh, céus! Aquele outro estava cheio, repleto das hóstias pequeninas, arrumadas caprichosamente, vintenas, centenas delas a emergirem, como um milagre, do invólucro doirado. Sentiu um bem-estar fluídico, uma paz tão generalizada que até as pernas se lhe firmaram. Não olhou para os lados, e como um ladrão que se visse de repente tocado de graça, destacou, a tremer, uma das hóstias e passou-a para o cibório vazio. Os fiéis nem notaram, tocados como estavam pela fé. Pensou até que a fé, a alimentar aqueles puros corações, poderia transformar em tamanho e beleza aquela partícula tão pequena que consagrava ao seu Senhor. Mas a Amadeu haveria de dar uma surra, uma dura penitência e fazê-lo, ainda, aluno mais atilado do Beca .

Os fiéis que apinhavam a salinha nem de leve suspeitaram que ao voltar várias vezes as páginas do missal frei Nicolau não as lia, e, sim, via baralhar, de forma confusa, as palavras do ofertório, de si tão conhecidas. Ao volver inteiramente o corpo, para as palavras finais, o que puderam notar foi a palidez que cobria inteiramente a sua face comumente afogueada. *Dominus vobiscum... Ite missa est*... e em breve estaria com eles buscando os matos, os caminhos encarapitados do morro, os paióis de milho e os currais. Correram a colônia inteira. Afinal, quando descoroçoados sentavam na varanda para refrescar, ouviram os gritos de Amélia, que atarantada rompia da despensa. Ouvira uns gemidos no canto mais escuro daquele quarto lúgubre, ali onde empilhavam os sacos de mantimentos e de farinha. Levara um susto! Amadeuzinho estava ali, coberto de farinha e pó desde a cabeça, vermelho do esforço de abaixar-se, cansado de chorar.

— Maroto! ah ! maroto! — disse-lhe o padre a levá-lo para o canto da varanda. — Limpava-lhe a roupa nova e despregava-lhe o cabelo dos olhos. — Esqueceste a hóstia, hein? Logo a da consagração! Ficaste na rua jogando pinhão e saracoteando em vez de cuidar de teu dever. É como se eu estivesse vendo, Amadeuzinho. E essa barriguinha, como vai a barriguinha? Não está com fome?

E com vontade de castigá-lo ali mesmo, apalpou-lhe o ven-

tre vazio. Trouxe-o pela mão e pediu um prato com frango à Mariquinhas.

— Come, meu filho, que a Arminda fica muito a dever a essa negra que a Mariquinhas tem na cozinha. Prova o teu frango de peso! De outra vez não hás de esquecer a santa hóstia, veremos... — E, ao falar, revolvia-lhe no prato a farofa úmida e cheirosa.

Choroso ainda Amadeu só conseguiu engolir umas casquinhas pururucas de leitão, se mais comesse engasgava — pedia, a olhar o padre.

— Deixa então um lugarzinho para os papos-de-anjo. O pudim não te aconselho, tem coco demais.

Ao primeiro espoucar dos fogos Amadeuzinho já se esquecia da fuga. Cercava o fogueteiro, ajudava-o a carregar as varas, corria de um lado, voltava de outro, moía-se de canseira.

Mas, contra todos os presságios, os seus pressentimentos e rogos, na manhãzinha seguinte, frei Nicolau chamou-o a um canto da sacristia, deu-lhe uns puxões de orelha e mandou-o limpar o sótão, onde havia a imagem do Senhor Morto trincada, estendida daquele jeito de arrepiar, um Senhor Jesus tão triste e acabado! E varresse o chão bem varrido, limpasse as caixas de palmas e de outros enfeites, areasse os vasos um por um e levasse aquelas mortalhas para a Maria lavar. Há mais de mês o Beca não limpava aquele sótão! E lidasse bem com as coroas de defunto para não quebrar as suas hastes de porcelana importada. Voltaria mais tarde para ver se cumprira a obrigação. Se ia gastar naquilo o dia inteiro, não se preocupasse, pois já mandara o Tuca avisar a sua mãe. E saiu, puxando a porta atrás de si.

Em casa, Umbelina ralava-se de cuidados, fazendo crer aos seus filhos que Amadeuzinho ficara lá em cima para ajudar o padre nuns reparos no quintal. Parece que iam reformar os esteios do parreiral, talvez só voltasse de noite. Não discutira ao ser informada, não discordara do padre quando Tuca falou-lhe no castigo, mas achara demasiada a tarefa. E engolfava o pranto, a lembrar que Amadeuzinho era tão pequeno ainda. Passou a tarde a rezar, a olhar a rua. Caía já a noite quando viu o filho chegar risonho e animado. Frei Nicolau dera-lhe um santinho, um terço de lágri-

mas e um saco de balas. E fizera-o jantar na sua mesa, junto com o vigário. Comida insossa, mamãe! Mas a Maria fizera-lhe quindim e fios de ovos. Os padres só comeram doce de abóbora do quintal e porque era tarde. E o frei prometeu levá-lo ao Serrano, onde tinha uma reza encomendada. Lá dormiam, na quinta-feira. Desta vez não teriam canseira porque iam de charrete até a casa do festeiro, no sopé da serra, na fazenda Catavento, mamãe.

Umbelina abraçou-o com ternura e mandou-o tomar banho. A cama já estava afofada, pronta para ele dormir. E a Arminda estava batendo uma gemada de duas gemas com café forte, para ele tomar. Andasse depressa, que ela também queria descansar, depois do terço. Ah! tudo tem o seu fim, meu filho.

Capítulo 10

Nhá Engrácia e seus perfumes

As jabuticabeiras floriam à entrada da primavera em florações tão fecundas que a espaços, perdidas nos socavões da serra, era aquele descortino novo do branco a vestir inteiramente o copado verde das árvores. Atraíam as abelhas aos milhares e, por vários dias, uma orquestração maviosa parecia dominar o arabesco incessante dos voos.

A fazendinha ficava nos contrafortes da serra, a fazer vista para a cascata. Fazenda de engorda. A casa era baixa, de pau a pique, coberta de telhas velhas, porta estreita de uma folha só. Dentro era um cômodo e a cozinha, não agasalhava ninguém. No decorrer dos anos e por necessidade acrescentaram-lhe um puxado onde guardavam os arreios, o milho, os mil e um cacarecos que se foram acumulando, amontoados nos cantos. Era pasto dos ratos. Vez por outra, tio Antão fazia uma limpeza, varria o cômodo, matava os bichos a pauladas e muitos deles se espavoriam pelos matos. Mas iam voltando, na calada da noite. Ia-se a Pouso Alto por ocasião das frutas, em cavalgadas ziguezagueantes pelos caminhos estreitos e pedregosos. Os bois, que eram a única razão de existência daquele pouso solteiro, depois dos meses de engorda, desciam do outro lado, rumo a Pinda, a caminho dos trens que os conduziam para a capital. Dois agregados, bons andarilhos, mais tio Antão, davam conta de tudo. As jabuticabeiras eram quinze e, formosas no arredondado de seus galhos, abriam alas sombrias no quintal. Favorecidos do ar puro e da soalheira cresciam os frutos desde o chão. Primo Valério instigava com antecedência a gula das moças, acenando-lhes com as pintas das frutas, avisando que mais dia mandava juntar os cavalos para a subida. Madrugadinha, para aproveitamento da fresca. O novilho já está mais que gordo — animava. Mando matar de véspera. E levamos as negras para o ajutório. O Lino também vai, para o que der e vier. E o melhor de tudo era o seu riso...

Requestado, rodeado das primas, cujos olhos rivalizavam em beleza com as frutas, marcava o dia na folhinha, o amadurecimento das frutas era contado desde o aparecimento das pintas. Vinte dias e pronto, já estão no ponto de comer.

Manhã clareando iam os cavalos chegando às portas das casas, trazidos alguns pelos moleques, outros pelo Lino. O lojista Salvador emprestara o seu baio, que era de boa andadura, disputado pelas moças. E havia o Negro, de bom sangue, a Satúrnia, o Romão e muitos outros. Negro, apesar de veloz, quando bem conduzido trotava gracioso, montado sempre por Maria Rosa, que ninguém tinha o seu garbo e coragem. As famílias, quase todas aparentadas, que moravam no Aterrado, viam, com indisfarçado cuidado, as suas meninas, algumas vestidas de saiote, outras em apertadas montarias, galgarem as seletas com garbo e desenvoltura. Elegantes e lindas acenavam para as janelas, apinhadas de gente. Meninos faziam roda, contavam proezas, as negras em redor. Os pais ajudavam, a vaidadezinha encoberta, a recomendar atenção com as rédeas. Não fosse o Negro fazer das suas ali mesmo. Primo Valério sorria, encurtava um estribo, experimentava as barrigueiras. Tinha conhecimento, ficassem em paz, dizia-lhes. As meninas já eram acostumadas às subidas, tinham consciência do garbo, estavam em boas mãos. De tardinha voltavam.

Aparelhados, meio a trotar, subiam o morro, passavam pela chácara de Donana e ganhavam a estrada. Devagar, a experimentar o pulso, aos poucos iam soltando as rédeas. Até que alcançassem a sitioca do Gordo, a par da primeira cascata, podiam ir em disparada. Depois o terreno não favorecia. Mas havia tanta beleza em que parar os olhos, tanto cochicho no chão, meneios e estalidos, borboletas aos pares, coriscos de preás, passarinho voando... orquidários, bezerrinho lambido fazendo denguices, invernias e nuances de verde, céu balanceando, que mais não suba e despenque a terra de desmedida formosura! A cachoeirinha do Torto ficava a meio da subida, a arrancar exclamações. Não rumoreja como Duas Pontas e suas águas mais parecem um rendado de espumas. Samambaias gigantes crescem em touceiras, ávidas de espaço, abrindo leques à brisa. Junquilhos, begônias, lírios e ma-

ravilhas faziam-lhe ala. O lago em baixo era um convite, calçado inteiro de pedras. Descia-se para ver de perto, colher nas mãos a água fresca, espargi-la no rosto, se fazia calor. Água de serra, pura, batida de sol e vento. Dava-se o dedo de prosa, enquanto se prendia uma flor à lapela ou à camisa, à altura do seio. Orquídeas pendem dos galhos...

— Povinho! Vamos subir! — alertava o primo. Daqui lá vai quase uma hora. Garanto que as carnes já estão no braseiro...

Muitos alargavam as narinas, ver se já sentiam o cheiro no ar. Sorriam. Primo Valério ajudava-as a galgar o estribo. Ai! ai! não vão escorregar na ribanceira, em cima dessas seletinhas... Seguia de permeio, repetindo as suas proezas de vaqueiro e de bom cavalgador. Desenrolava os casos de noitadas ao relento, à brida solta através de caminhos prolongados de luar...

— Ah! Primo! Essa eu já conheço. Conte outra...

A risada do Zezinho, de breves longos e sustenidos, era o coro mais querido. Tivessem pejo os namorados...

E iam galgando as alturas, fazendo valer a alegria. O sangue corria quente, revigorado do ar fino e rarefeito. Um colorido mais rico já tingia as faces.

De forma inesperada a casinha surgia do arvoredo batido de sol, mas era só um ponto de referência. Descia-se em busca da sombra das árvores. Nhá Engrácia, que dera o primitivo nome à fazenda, já não existia. Casada com Bento Vintém, tinham ali uma engenhoca movida à mão e nem pensavam em boi. Engarrafada a supra-suma — não havia serra nem enchente que impedissem a sua circulação — que até precisou de calendário. Seu Bento era homem seco, olhos miudinhos, cara quadrada de mandão, diziam que quando passou a divisa, tinha uns acertos de conta que nunca ninguém comentou. Subiram aquela serraria de lenhada de truz e que mais não seja, por sua lonjura e impedimento. Ergueram o rancho, assentaram a moinha e o segredo. Presenteado o Sr. Dr. Juiz de Direito, o doutor Promotor, a caninha andou e girou que nem rodapé em tempo de folia. A encomenda levava o tempo mesmo de uma gestação: nove meses e era esperada com ansiedade. O rancho não aumentou, hortinha não plantou, a terra arredondou

de cana-de-açúcar e as jabuticabas — algumas já encontrou. De chupar as frutas, outras nasceram, que em multiplicação chegaram sem saber ao legado evangélico, e deve o bom Pai ter-se alegrado muito. Vai não vai a vidinha dura, nhá Engrácia, mais que trintona, um dia anoiteceu e não amanheceu. Levou-a o mestiço bem apessoado que veio de Campos com uma mala de cheiros e que ali pernoitou. Não deixaram nem rasto. Só o nome por algum tempo ficou, que há uma bem humana desenvoltura em conservar o que é futrico ou desencontro de desventura. A filha Osminda, renegada, não arredou pé, e o segredo o velho levou. Casada em primeiras núpcias com tio Antão, viúvo e vinte anos mais velho, viu a sitioca passar de mão em mão. Gente sossegada e maneira e Antão que era bem um patriarca, ali ficaram com permanência.

Depois dos cumprimentos, na porta, Osminda voltava para a janela, sem demonstrar interesse. Mirradinha e tostada olhava o desuso e mais um pouco, sumia. "Não dá uma demão diziam as negras, a olhá-la de viés e com ojeriza. Sem parecer dar conta das presenças ia para dentro e só retornava na hora das despedidas.

Estralava o braseiro e o cheiro estabanava os bois, agrupados além das cercas de arame farpado. Passarinhos canoros e outras aves corriam a se esconder nas árvores distantes. Só os cachorros ficavam. Bebia-se o vinho, esfriado sob a bica d'água, com parcimônia, que o primo cuidava bem de dosá-lo.

— Pra que pensam que matei um novilho de ano, gente? — perguntava, a animar os comedores. Foi acaso pra alimentar os cachorros? Pois vamos dar cabo dos espetos. — E retornava com as mãos cheias deles.

Os meninos comiam, apressados, pensando na colheita e nas latas de vinte litros que tinham de encher das frutas negras como breu.

— Quem é que vence este ror de fruta? — Perguntava o Zuza, já meio empanzinado, ao companheiro destinado, como ele, a encher as quatro latas vazias. — Que árvore de fruta, meu Deus! Ai! Fruta! Fruta!

Preparavam os cargueiros, cobriam as vasilhas com galhos frescos, para levarem serra abaixo, de presente. Muitos ficavam

a cochilar, deitados sobre o capim. Os namorados que tivessem compostura, para salvar as suas responsabilidades — recomendava o primo.

Só desciam à tardinha. Noite beirando, os pais vinham à janela olhar o morro. Mandavam as negras espiar.

— Já vêm as meninas?

— Mor que não! Devem de ter parado na bica de pedra, pro gole d'água. Logo evem...

Desciam, sol se deitando no Serrano Como uma bola de fogo. Era a promessa cumprida. Saltavam e iam correndo para o banho, se refrescar, enquanto Odete se desorientava a dividir as toalhas entre os dois quartinhos, a repor água nos latões, sobre o fogo.

Hora do jantar, reunidos à mesa, rememoravam os fatos, divertindo as crianças e fazendo rir os mais velhos. À mesa de Umbelina a alegria era sempre maior, nesses dias, com Maria Rosa a exagerar os fatos. Engraçada e de fala solta, com um faro muito acentuado para o ridículo, contava do susto do Zezinho, cavaleiro novato, que de repente se vira a montar a barriga do Piquira. O selim mal apertado soltara-se na descida e rodeara o cavalo, com ele preso aos estribos pelos pés. Primo Valério galopara no seu meio-sangue a tempo de pegá-lo no chão. Por muito tempo a risada do Zezinho ficou ecoando nos montes, que ninguém ria tão gostoso como ele. Viera de São Paulo, coisa de três meses, em visita aos parentes e ao tio, que era prefeito. Não queria mais voltar. Roía-se de amores pela cidade, mas à boca pequena já se dizia que andava era caído pelos olhos azuis da prima Altamira. Quanto a andar a cavalo, logo aprenderia, que já era entrado o tempo das cavalgadas. A serra ia ensiná-lo a manter-se firme na sela, se ele outra vez ousasse segui-los...

À sobremesa, as terrinas saíam dos armários e vinham negrejando para o centro da mesa. Os meninos tiravam a sua porção e iam separando as maiores para comê-las no fim. Empanturravam-se, apesar das recomendações de Umbelina que já alvitrava com breves purgativos de óleo de rícino. Sem vislumbres de canseira, com o sol a arder-lhes ainda na cara, as moças prosseguiam

em seus planos de festas. Dia a dia iam dando fim aos enfeites, aqueles das barracas e dos andores. Na reunião da noite, iam discutir certas coisas com os festeiros. As cestas encrespadas, os corações trançados de papel-crepom e os canudos já abarrotavam as camas de hóspedes. Desta feita iam dar uma boa lição nas irmãs Vicentini. Elas que monopolizavam o comércio dos andores, já tinham o seu gosto meio embotado. Gosto até discutido. Não se lembravam do andor de são Sebastião que era uma cópia exata daquele que carregara santa Teresinha na procissão de são Bento? Elas só mudaram a cor das rosas e adelgaçaram as hastes. Para ajudá-las, contavam com o apoio de Almerindinha, que era uma artista e entrara para o grupo. O que mais gostariam de saber era se dona Ofélia ia de novo oferecer-lhes os mesmos biscoitos ao chá das dez, como há mais de uma semana vinha fazendo. Contudo, sabiam das delícias que ela trazia trancadas no quarto, ao longo das prateleiras, construídas de propósito. Souberam de tudo pela Ditinha, que andava auxiliando a mãe e as outras quitandeiras na feitura dos doces, as prateleiras abarrotadas de novidades.

Com uma palmada na mesa Umbelina interrompeu-as, censurando-lhes a gula e o mau jeito, pedindo-lhes educação. Por isso ela nunca aceitava sair festeira, por mais que os freis lhe pedissem. Não era por falta de fé. Tanto encargo, tanta canseira, para depois ouvir aquilo! Lembrassem que a festa era em louvor ao Santo Divino e não pagodeira profana. A verdade é que não tinham muito empenho em assistir desde o começo as ladainhas!

— Mas nós vamos lá todas as noites, mamãe!

— Vão! Vão mas é pensando nas conversas, nas horas que passam a tagarelar. O Divino mesmo é secundário...

Estêvão baixava a cabeça, alisando com vagar a palha do cigarro. Não perdia um á da conversa. Sua índole compreensiva fazia-o adorar aqueles bate-papos caseiros que traziam à tona o caráter dos filhos, os seus gostos velados e a inquietude da idade. Vigilante estava Umbelina, com a palavra certa, a orientá-los, embora com os mais pequenos já mostrasse uma condescendência meio cansada. Em verdade, não propiciara aos filhos mais velhos aquela meia cegueira amorosa que chegava ao cúmulo de escon-

der-lhe muitas de suas faltas. O que não queria é que ficassem pelas ruas, a horas altas, sem companhia. Nisto era inflexível e fazia valer a sua autoridade.

Momentos depois, alertadas pela Odete, corriam para o quarto, a enfiar os vestidos. Chamavam a mãe para ajuizar. Da janela falavam às primas, na casa fronteiriça, lembrando o adiantado da hora. Lisa já saíra, pois tinha o encargo do coro e não podia atrasar-se. No sábado cantavam o *Salve Regina*, com a reza muito solene. Como é, chegaremos ainda a tempo de receber a bênção do Santíssimo? — Perguntavam às primas, do outro lado da rua. Será que vai dar? Então esperassem em baixo, na porta. Logo desceriam.

Capítulo 11

Os caminhos inóspitos

Os ecos da guerra* chegavam ali muito tardiamente. Alguns poucos habitantes — contavam-se nos dedos — recebiam os seus jornais, assinados na capital e desde Lefèvre trazidos em lombo de burro, através dos caminhos da serra. Às vezes com um ou mais dias de atraso. Juca Estafeta arriava dos ombros a responsabilidade e explicava que não era dele a culpa, mas do burro que estava muito velho. Quando acontecia chover, o que era frequente, chegava noite fechada e encontrava os ansiosos à porta do Correio. Entregava as malas e safava-se. O resto ficava por conta de seu Nenê, que, fechado atrás das portas, punha seu bom empenho na distribuição da correspondência. Algumas vezes um ou mais interessados vinham ajudá-lo, mas só quando ia em meio à distribuição ele abria uma das portas. Os ansiosos entravam, olhavam o monte de cartas e corroíam-se de desânimo. Moças e rapazes procuravam um canto obscurecido da salinha e ficavam a prosear, em voz baixa. Os que tinham parentes ou amores ausentes, não se arredavam, trovejasse ou não. E, se chovia, tanto melhor, encontravam na chuva o subterfúgio para dali não arredarem pé. Os mais velhos, a quem os anos e a experiência calejaram, desciam o morro, deixando um amigo ou vizinho encarregado de trazer-lhes aquele bem tão remoto que lhes falava de um mundo inacessível, onde a guerra fazia os seus mortos. Horas depois desciam os renitentes a ladeira, fazendo pequenas paradas às janelas, para os comentários. Outras vezes deixavam-se ficar na casa do Juca Pires, onde havia um piano e a sala sempre pronta para o arrasta-pé. Quando isto acontecia mandavam o negrinho Faísca, que sempre aparecia no momento oportuno, levar a correspondência e avisar os pais que iam ficar um pouco mais, vigia-

* Primeira Guerra Mundial, ou Grande Guerra (1914–1918). [N.E.]

dos pelo Batuta, o primo mais velho daquela parentela que parecia não ter mais fim. Das dez não passariam... Doninha ficava embarafustada no quarto, gorda e calma a zelar dos filhos pequenos. As três filhas mais velhas — e Elvirinha só tinha dezessete anos — faziam as honras da casa, onde cada um mandava um pouco. Angelina e o estudante de direito, Sergino Madeira, iam namorar na cozinha, sob os olhares complacentes da negra Germina. E no doce folguedo as horas passavam descuidadas.

Mas naquela noite o negrinho Faísca voltou apressado, trazendo a ordem severa. Parassem com as danças. Os velhos Carmenuti tinham recebido carta, atrasada de oito meses. De seus pais e tios, de seu vilino não restava mais nada! Se a guerra chegara ao fim, havia ainda muita dor nos corações. Parassem com as brincadeiras e viessem abraçar os amigos que já não tinham parentes no mundo. Muito a contragosto o primo Batuta consentiu em mais um tango argentino. Mas a Alicinha, que andava decorando a segunda parte do *Abismo de rosas*, pediu permissão para ensaiá-la mais uma vez, com a prima Lisa ao piano. Cantaram em surdina a valsa tão em voga, repetindo-a nos pontos menos sabidos, soletrando as notas. Desceram as escadas em franca alacridade, esquecidos do apelo dos pais e das dores distantes. Pararam na janela das Oliveira para o boa-noite e a Rosalina, que olhava o morro em frente, contou-lhes que fazia tempo se distraía a ver os meninos brincando de entrar e sair dos buracos que eles cavavam no morro. Eram buracões profundos que escondiam dois ou mais deles, que de lá surgiam em alvoroços. Imitavam as fitas de vaqueiros ou os filmes em série exibidos no cine São Bento onde, em certas noites, luas e estrelas penduravam a sua distância entre as rachas das telhas. Olhando-os de longe Maria Rosa reconheceu seus dois irmãos, Amadeu e Arturzinho, montados em cabos de vassoura, brincando de Tom Mix com os moleques de sua idade. Sujos como dois bichos do mato. Estariam fugidos de sua mãe que saíra em visitas, com Eglantina. Fê-los correr para a casa, vindo em seguida. Encontraram os homens de posse de suas notícias, sentados em roda, nas altas calçadas de pedra. Nas janelas, as mulheres conversavam, enumerando os fatos mais recentes e falando nos

filhos, sem olvidarem a prolongada canseira. O café era servido em bandeja, acompanhado de bolinhos fritos na hora. Os homens aqueciam-se da beberagem, fumavam o último cigarro, enrolavam a tira de lã no pescoço e se despediam com o até amanhã. Algumas vezes acontecia ser a reunião alentada dos forasteiros que nela ingressavam, com alegrias para os prosadores, que se viam, em falas, transportados aos grandes centros de cultura, numa vida diferente e menos ociosa E não era difícil acontecer que ao chegar ali um moço casadoiro e admitido ao convívio familiar, não se sentisse logo atraído por uma das filhas da terra. Não seria menos pela beleza agreste do chão que pelos dotes de formosura das que cresciam sob o sol e o clima ameno da serra. Até parecia existir uma reciprocidade, um interesse mútuo de troca entre a natureza e a promessa que emanava em cada forma de mulher.

A distância e a precariedade dos caminhos não impediam que eles, viajando de Pinda e de outras cidades do vale, e até mesmo de São Paulo, arrostassem a longa caminhada, socados nas duras bestas, para buscarem o sossego que de antemão sabiam não encontrar. Vinham pelas férias ou por conta das festas religiosas periódicas cuja fama já varara as distâncias. Os pais eram zelosos e os mais moços não viam com bons olhos aquelas aves de pouso incerto que lhes toldavam o céu da preferência e do afeto, muitas vezes com vantagens duradouras. Mas se precaviam de dizê-lo, e, se não davam largas ao espírito hospitaleiro herdado dos mais velhos, nem por isso se mostravam arredios ou grosseiros. Aceitavam porém a realidade com profunda relutância interior. Acontecia muitas vezes unirem-se as cavalgadas ali mesmo na raiz da serra, e aos estudantes, saídos como eles das escolas, prestarem os seus serviços como bons conhecedores do caminho e da canseira que a nenhum deles poupava. Quanta amizade não fora sedimentada só com essa troca de amabilidades?

Apesar de estarem já acostumados às aparições súbitas, a notícia de que fora alugada a casinha do canto do largo do Rosário alvoroçou a cidade. Um médico, baiano, diziam, estudado no Rio, e o professor Amancinho estavam para chegar. Amancinho, que vinha preencher o cargo de diretor do grupo escolar fora removi-

do de Queluz. O doutor vinha tentar a clínica, parece que incentivado pelas irmãs do Carmelo. Pois chegavam e a casa já entrava em reformas. Os bem-informados eram arguidos disfarçadamente pelas moças, que ansiavam por pormenores. No decorrer das tardes subiam o largo e iam ver de perto aqueles consertos. Intrigados, os pais indagavam a razão do vaivém desusado e elas, entre rodeios e desculpas, diziam que iam em visita à chácara de Donana, comer as frutas que ela lhes dava. Se ali passavam era só por passar, que outros interesses não tinham.

Moídos de canseira, na noite encoberta de neblina, eles chegaram, cambiados pelo Lino. Avisado de antemão, o prefeito mandara-lhes de empréstimo a égua Serenata, de excelente andadura, mais o meio-sangue Romance, animais de grande confiança, que o Lino conduziu, de véspera, a esperá-los em Eugênio Lefèvre. Ao darem com a cidade deserta, sumida na garoa, com as poucas luzes alumiando o largo empapado, os dois moços se engolfaram em temores. Colados às selas como grude, indagavam-se se não valeria mais a pena retornar dali, repetir de novo a dura caminhada e descansar lá em baixo, de volta a seus pagos. E foi olhando as casas fechadas, impermeáveis à vista, que o moço diretor, recém-ingressado em viuvez, sentiu que ia desfalecer. Mais otimista, Xavier procurava desmontar. Perguntou ao guia que o amparava que era aquilo, aquela casa branca e altaneira, ladeada de solene escadaria, que ficava sobranceira ao largo? Arredando os cavalos, Lino seguiu o dedo indagativo do médico.

— Pois aquilo é a Casa Santa, seu doutor. Das irmãs do Carmelo, onde os doentes ficam.

Já meio esquecido da canseira e do tremor nas pernas Xavier sorriu. Não viu a cabeça do amigo caída de desânimo entre as golas altas do pálio que o Lino lhe emprestara, teimando em conservar os pés metidos nos estribos, numa última e teimosa resistência.

Fato estranho, dizia-se Xavier, admirado de sua pronta disposição em aceitar a nova realidade, quando seguindo de perto o hoteleiro penetrou no seu quarto. Encontrou-o aquecido de vapor d'água, exalante de uma vantajosa bacia de ferro e estanho

fundidos, quase totalmente cheia. Mal ouvia as desculpas de seu hospedeiro alegando a existência de um único quarto de banho de uso doméstico, o que não impedia que ali tivessem o seu banho quente, quantas vezes quisessem.

Sorrindo e se alegrando Xavier olhava o recém-areado bacião, pensando que aquele bojo espelhante guardaria com insuspeitada delícia o seu magro corpo estropiado, que seria tentador mergulhar aquela quentura líquida, após as nove horas na sela dura.

Angelico entrou com as jarras e as toalhas. Olhou os lados com conhecimento, empurrou a banqueta e pousou sobre ela as duas jarras de água fria. Fez um gesto como a dizer que a janta esperava, a boca falha de voz aberta num riso satisfeito. De passagem, escutara o aviso de Nhara: o aguadeiro era mudo de nascença, criara-se com a família Furquim na fazenda Cantagalo, um meio-irmão, seu braço direito na direção do hotel, de inteira confiança.

Despejou o conteúdo de uma das jarras e nem assim a água esfriou o bastante para que seu corpo não sofresse o mesmo processo de despelamento que as donas sinhazinhas empregavam no trato de seus leitões.

Entrou no quarto ao lado, ver como o amigo se arranjava. Encontrou-o em ceroulas, nervoso e colérico a puxar a chave da mala que enroscara na fechadura, os pelos eriçados de frio. Xavier sentou-se na cama e desatou a rir. Sem palavra Amancinho olhou-o de esguelha e com raiva.

— Que tal, a terra, Amancinho? Frio é que não falta, hein? E a cama, que lhe parece a cama? — Pressionava nela o traseiro para ver se cedia.

— Tomo posse e peço em seguida a remoção. Coisa de mês...

— Ora, ora, você não é papa do ensino, não vai balancear o monstro burocrático em um mês. Vamos, ingrato, tome o seu banho quente, você não teria outro igual lá na sua Queluz. Por mim, dou o caso por encerrado, viro curandeiro, alforria familiar, meu caro.

Aberta a mala, Amancinho se desorientava, procurando aquilo que iria vestir.

— Não te enfarpeles, a esta hora! Podes ir à mesa em camisola e sobretudo e com muita decência. Antes da digestão já estamos na cama.

Amancinho não se convenceu. Punha-se a alisar com as mãos as dobras da calça, pendurava os paletós, puxando-os onde as dobras pareciam mais marcadas. Coisa de um mês — dizia, entre os arrancos.

Ouviu a voz do amigo através do frágil tabique de madeira que separava os dois quartos, gabando-se das delícias do banho. Era como se o enxergasse metido na água, a lavar-se com volúpia. Mas ele iria sofrer os mesmos arrepios daí a pouco, pois o ritual higiênico já começava a acontecer no seu quarto, com a bacia, as toalhas e o mudo.

A janta farta e bem posta, cozida pela própria hoteleira, aliviou-os um pouco das incertezas. E, mais tarde, a cama quente e cheirosa propiciou-lhes o enlanguescer morno, que lhes permitiu esquecer por algum tempo as equimoses que lhes manchavam a barriga das pernas, o assento e os pés. Dormiram à solta. Amancinho ressonava ainda quando a batida na porta despertou-o. Sentou-se na cama, estremunhado, com uns começos de frio, o corpo mais moído que no dia anterior. Viu o amigo sorridente, plantado no meio do quarto, a barba por fazer, corado como um Murilo despejado do céu. Com um copo de leite na mão. Celestial que fosse não lhe pareceria mais disparatado...

— Fui conhecer a chácara de Donana e assistir à ordenha — falou, a mostrar-lhe o copo branco e espumante. Com o Angelico. Fica ali em cima no largo, a um pulo daqui. Tome para sentir o gosto, que pureza...

Amancinho, que se aprazia em renunciar ao cargo e tudo mais, não queria acreditar naquilo que seus olhos viam. Com pouco mais de doze horas de estadia, Xavier já descobrira os currais...

— Mas quem é Angelico?

— É o homem dos banhos. Mudo de nascença. Fui dar com ele as boas-vindas às vacas e esvaziei um úbere inteiro. Contratei uma vaca só para nós dois. Pagamos por mês.

Como Amancinho, já recostado, parecia distante, não que-

rendo aceitar o leite, Xavier contou-lhe que fora também em visita às irmãs do Carmelo e que duas delas eram enfermeiras, formadas em São Paulo. O único pensionista que tinham era um macróbio nascido nas serras do Quilombo, com umas dores nos rins.

— A terra tem bom clima, vê-se, e só com a chegada do inverno surgem alguns casos de pneumonia. Gente da roça que não tem meios de se tratar.

Amancinho puxou as cobertas até o pescoço, aconchegou-as bem e argumentou, irritado.

— Quer dizer que o seu trabalho saneador só vai começar com as geadas...

— É! E, pelo visto, não irei além dos pulmões. Chance muito pequena para a minha ânsia, meu caro. Que acha?

— Que é tempo perdido. A clientela não vai pagar-lhe nem a sola dos sapatos...

— Também já fui informado que se cavalga muito, velhos, moças e crianças. Como meio de transporte só existe um pé-de-bode encostado, à espera de folheiro. Dizem que anda...

— Pois torno a repetir que estou indignado, e não vejo a mínima condição de permanecer aqui. Os caminhos são precários, a distância é uma desgraça, como sobreviver numa cidade barrenta e abismal, que nada tem a oferecer-nos como conforto? Paraisópolis fica a seis léguas mineiras e Lefèvre é quase intransponível. O diabo não precisaria de buraco mais fundo para esconder os seus chifres...

— Mas os padres são três e possuem uma sala coberta de livros que funciona como biblioteca circulante. As festas religiosas são muito concorridas, com espectadores vindo de longe. Você seria capaz de arrostar a canseira só para assistir as procissões? Pois saiba que isso acontece, frequentemente! E também me contam que o juiz de direito tem um pendor muito acentuado por bengalas importadas e usa chapéu alto. E está enamorado de uma menina a quem prometeu cobrir de cetim todas as paredes de seu quarto. Pelo que consegui apreender, ela lhe corre às léguas. Não deve ser uma moça comum.

Amancinho arregalou os olhos.

— Isso é folhetim de porta de venda, Xavier, como pode acreditar?

— Pois estás muito enganado! Ao entrar, dona Nhara falou-me que não serve *à la carte*, mas que apresenta nada menos de sete pratos às refeições.

— E ela sabe o que é isso?

— Naturalmente, ingrato, e eu já não duvido de mais nada! Pois escute esta! Falaram-me de um tal Cortez, que é uma enciclopédia, e de Manuel Pinto, português de Lisboa, que é um palrador que nos deixará no chinelo. O promotor é um Romeiro e você não ignora que os antigos Romeiros, de Pinda, privaram com o imperador. Madre Vicentina contou-me que o grêmio encena duas peças teatrais por ano e que o coro da matriz é um céu aberto. Todas as missas são cantadas em latim. E tem mais: há um clube que funciona em prédio adequado, com bailes periódicos. Joga-se de tudo, desde a bisca até a muito intrincada estrada de ferro. Não é coisa de pasmar? De pensar?

— É, confesso que é, e se a novidade partiu de madre Vicentina, deve ser mesmo verdade. E daí?

— Daí é que vamos entrar na roda...

— Eu não! Estou decidido, tomo posse e me vou. Não entabulei nenhum negócio com as irmãs do Carmelo, e não pretendo alfabetizar os seus doentes, disto estou certo.

— Vamos então olhar a casinha, fica no canto esquerdo do largo, a cinquenta metros daqui...

— E onde poderia estar? A darmos dois passos deste quarto e já estamos na estrada. Praza aos céus, Xavier, que este fundão não tem nem mesmo a metade da minha sensaboria. Que terra triste! Que desgraça!

Xavier sorriu e foi abrir a janela. Como se estivesse esperando aquilo, um beija-flor tremeu as asinhas e entrou no quarto. Ascendeu, desceu, revoluteou, vendo-se ao espelho sacudiu-se inteiramente. De bico aberto era como um fru-fru de seda pairando no ar. Xavier conteve a respiração e procurou sentar-se no pé da cama. Amancinho deu um berro de dor e puxou a perna, escalavrada da fricção no arreio. Espantada, a avezinha debateu-se ao

encontro do espelho e caiu. Xavier saltou, apanhou-a do chão e fechou a mão. Sentiu as pulsações vibrando na sua pele. Alisou-lhe seguidamente as penas e foi gradativamente abrindo os dedos. Como uma flecha tremida ela escapuliu-lhe. Ele foi até a janela e abriu-a inteiramente. Dali olhou o amigo.

— Espero você lá fora. Vamos ver a casa.

Capítulo 12

Tem cobertura, pomar e tudo

Não era tão pequena a casa, como ocorria parecer aos que a viam de fora. Fazia ângulo com a residência da viúva do capitão Alípio, que vivia com a filha e os netos, na moradia sempre fechada. Junto dela ficava o espaço destinado à futura igreja de Nossa Senhora do Rosário, nunca levada a efeito, e da qual se viam os sólidos alicerces sumidos na vegetação rasteira, cobertos de uma penugem verde e limosa. Seguia-a em linha reta o muro com a gradezinha de ferro da casa de Estêvão. Em poucas passadas chegava-se ao Aterrado. Amancinho já não falava no seu regresso com a primitiva insistência. Os encargos no grupo, as inovações que pretendia executar como norma de ensino e o conforto inesperado que encontrou nas instalações do prédio faziam-no titubear.

Era quase inacreditável, dizia ao amigo, possuir a cidade um estabelecimento de ensino como aquele. Era de felicitar os seus patrocinadores, que pensaram nos mais pequenos detalhes, para que alunos e professores tivessem o máximo de conforto nas salas imensas, com móveis funcionais e de bom preço. Contando com apenas quatro classes, poderiam nos próximos seis meses desdobrar o primeiro ano e contar com mais de trinta alunos para um segundo quarto ano. Uma seara comovedora e imprevisível naqueles ermos. Deixando fumegar o seu cachimbo na direção do amigo, Amancinho completou o seu pensamento.

— Lidamos com uma elite, Xavier, e já não me admiro de que mais de um crânio tenha saído destes matos. E muitas vezes me pergunto por quê? E como? A ascensão é difícil, a primeira cidade decente dista várias léguas daqui e os caminhos são difíceis ou inexistentes. Como sobreviver uma sociedade que pouco ou nada tem a que recorrer? Como atribuir-se um gosto e uma cultura que nada deixa a desejar de outro centro maior e com possibilidades de requinte? Nem mesmo a imitação seria possível aqui.

— E a contemplação? Você não leva em conta o descortino? Destes vales e serras? Qualquer sensibilidade pode plasmar-se neles, desenvolver um fator de inteligência pouco comum noutras terras com menos beleza. A erudição, meu caro, vem depois e é como a semente em terra adubada, não acha? Que me diz? — e sorrindo, Xavier não desfitava o amigo ensimesmado. — Por mim, só sinto a solidão das noites, a ausência de mulheres limpas. Eis por que a gente daqui se casa cedo, para ter com quem partilhar a cama. Não me admirarei se você conseguir desdobrar o seu grupo num tempo menor do que aquele que supõe... Ou supôs... Imperiosidades do sexo, meu caro.

— Sim, mas sua assertiva não invalida a minha perplexidade, não me satisfaz e não me responde.

— O tempo vai responder-lhe, não duvido.

E, pouco a pouco, foram os dois se integrando como velhos participantes do novo lar. Com nascente ternura assistiam aos progressos da reforma. O médico chegou a tempo de introduzir venezianas onde só havia a madeira impermeável ao ar, alargou o banheiro e saiu para o quintal, a plantar. Cada um deles pôde dar-se ao luxo de ter o seu quarto próprio e na salinha de frente Xavier armou o consultório. A saleta intermediária foi transformada em biblioteca e estava atravancada de livros e dos outros pertences que lhes chegaram mais tarde no lombo de dois burros. Mais modesto, Amancinho contentou-se com um terço apenas das estantes, o bastante para o seu zelo de bibliófilo.

Pintada inteiramente de rosa, e após quatro prolongadas semanas de espera, a casa acolheu os mais novos habitantes daquele pequeno mundo de abismos azuis. Comumente, ao cair da tarde e no silêncio apaziguante das horas, era costumeiro ouvir-se dali o som de uma pianola — eram noturnos sempre renovados de Chopin, minuetos, valsas, serenatas, mazurcas, ou ainda selecionados trechos de ópera. Enchiam os ares, cortados apenas pelas asas das andorinhas. Outras vezes os moços se deixavam surpreender por ligeira voz de soprano, acompanhada ao bandolim. E os dois amigos ainda incertos trocavam ideias, davam largas à imaginação, possuídos de uma bem justificável curiosidade. Já haviam recebido

a visita dos dois padres e a do prefeito. Este viera acompanhado do delegado e do coletor. Vinham oferecer-lhes os préstimos e a amizade. Rabo de saia só conheciam, de mais perto, o da negra Faustina, empregada de todo serviço. E foi por falas de Faustina que ficaram sabendo que a moça que cantava ao bandolim era uma das filhas de siá Umbelina, a Eglantina, que devido a recente intervenção na vista deixara o colégio onde fazia os estudos, em Itajubá, Era muito formosa e de prendas, com uma acetinada pele de pêssego. Diziam que cantava para se iludir, que seu desejo era entrar para o convento. Umbelina discordara com muita autoridade da inventiva da filha, alegando a vida em clausura, fechada entre pedras, longe da família. Já não bastavam os misteres que exercia na Pia União das Filhas de Maria? Perguntava-lhe, imbuída do amor materno. Também ali podia servir o seu Deus! Não se discutia a obediência dos filhos e Eglantina viu frustrado o seu ideal de tornar-se numa serva de Jesus. Sua religiosidade, contudo, não sofreu nenhum embate e docemente ela via decorrer os dias entre as preces e a assistência aos irmãozinhos, fazendo pouca bulha aos encargos festeiros das irmãs mais novas que ela. Era mesmo de angelical pureza. Foi a esse tempo que o mal estranho chegou inesperado, tomando de investida a cidade, transformando-a num imenso hospital. Poucos já se aventuravam a sair e os que faziam eram levados pelo empenho de consolar os mais aflitos. O moço Xavier, aliado ao Alfredinho, não teve mãos a medir. Nem um só dia passava sem que os dobres profundos dos sinos deixassem de sangrar os corações já cheios de temores. Os que tinham espaço e uma cama disponível recebiam doentes de outras casas, onde não sobrara ninguém de pé. E já era comum ver duas ou mais negras, a quem a doença poupara, levar à cabeça o tabuleiro com a sopa para distribuição aos doentes. Amedrontado com a responsabilidade que de forma impensada lhe caía às mãos Xavier adentrou a casa de Umbelina, perguntar-lhe se podia abrigar três de seus doentes que estavam perecendo à míngua de cuidados. Sua casa era espaçosa, mobilada com larguezas e nem todos estavam acamados. Seu amigo começava a preocupá-lo, atacado ainda mais de bronquite, com febre alta, que não cedia. Era cuidado pela negra Faustina, que também já se queixava de fortes dores nas per-

nas. Logo não teria quem lhe fizesse um caldo. E havia também as moças de Pinda que vieram em visita aos tios, lá nos confins do Bumba. Ninguém em pé na casa de sinhazinha. Além de febris, as moças estavam muito atemorizadas, por causa da solidão. Na cozinha havia um negro, ele só, para cozinhar e cuidar dos seis doentes. Cada dois ou três dias, vinha a Estefânia trocar as camas, mas essa também tinha os seus encargos e mais dia não aparecia. Na Santa Casa não tinham sequer o espaço onde colocar mais uma cama — a verdade é que não tinham mais camas... E a desenrolar sua aflição Xavier não desfitava Umbelina, escudando-se na sua bondade e no transbordamento compreensivo de seus olhos. Ela não pensou duas vezes, mandou estender os lençóis e lembrou o marido de buscar um dos negrinhos do Júlio, na fazendinha do Quilombo, para ajudar nos trabalhos mais pesados. Eglantina, a quem as preces pareciam preservar do mal, viu-se às tontas com mais esse encargo. Muitos dos misteres da mãe já haviam passado para suas mãos, pois, alquebrada pelas noites insones à cabeceira dos vários filhos e da pretinha Maria, Umbelina em quase nada podia ajudar. À Arminda não sobrava tempo para zelar da própria irmãzinha e os trabalhos com a cozinha consumiam-lhe até as horas de dormir. Iam rompendo os dias naquela luta, quando na pretinha Maria apresentou-se a disenteria. Foi o fim. No sétimo dia da moléstia foi retirada dali, para morrer. Chamado a desoras, Lino carregou-a nos braços até o leito, arrumado de empréstimo por irmã Gertrudes. Só algum tempo depois os acamados souberam que ela se fora dali para sempre. A perda da negrinha e a sua prolongada agonia abalaram profundamente Eglantina. Chorando às escondidas dos pais e dos doentes vivia envergonhada de sua fraqueza. Já lhe inchavam os pés, sua canseira não tinha limites, não iludia ninguém. Os cabelos desordenados pela premência de tempo caíam-lhe pelos ombros. Só a face, que a resolução interior animava, conservava ainda a frescura de louça.

Impossível que o professor, embora febril, não notasse a presença gentil que vez por outra lhe entrava pelo quarto. Debatia-se em dúvida, não querendo acreditar fosse ela um dos arcanjos que baixava até ele nos seus raros momentos de lucidez. Em suas an-

danças pela cidade, na companhia do amigo, parara muitas vezes na igreja para saborear a mestria do artista que a decorara. E via, em delírio, a nave imensa, a profundidade de céu com os dois anjos rosa e azul em voo ascendente, as mãos diáfanas, de uma graciosidade só concebida em mãos angelicais, elevando as gazes além das cortinas que davam entrada ao paraíso. Uma mensagem criadora um tanto ingênua mas de uma expressividade surpreendente. Concluíram que aquele mestre do pincel traria em si uma alma cândida e pobre. Mas ambos ateus, ele mais que o doutor, alimentavam acirradas discussões em que a teologia e a ciência se viam dissecadas, com o vagar e o silêncio que as horas permitiam. E de indagação em indagação chegavam ao *summum bonum* como solução para a felicidade do homem, na terra. Para os crentes seria o Deus imutável, infinito, a não substancialidade do mal como um caminho a seguir. Mas se perguntavam o porquê dessa vocação sobrenatural da humanidade, que constituía o extrato da fé religiosa e cristã. E a perguntar ele ficava da valorização daquele ente formoso que às vezes se reclinava sobre ele com a colher de remédio ou o copo d'água. Encontrou a solução no dia em que a febre o abandonou por alguns instantes, quando sentiu a mão benfazeja roçar-lhe a barba espessa, ao ministrar-lhe a poção. Pois aquele não era o paraíso que eles dissecavam, mas um céu bem atual e ao alcance de sua compreensão, ali naquele quarto. E teve medo. Um medo mesclado de pudor ao ver-se tratado por uma menina. Quando tomou consciência de sua situação, tentou levantar-se, deixar a cama. Não conseguiu parar nos pés. E ao encontrar Xavier, horas depois, exprobou-lhe o procedimento, que assim o deixava à mercê de uma moça, na solidão daquele quarto.

— Por quanto tempo? — indagou-lhe, aflito. Por que me trouxe aqui?

Xavier não lhe deu ouvido e prescreveu-lhe outra poção. Prometeu que o levaria de volta dentro de alguns dias, se tudo corresse bem. Se não mais viu Eglantina, não conseguiu tirá-la de seu pensamento. Era agora Estêvão quem o ajudava a alimentar-se e fazia-lhe companhia, quando os outros doentes permitiam. Sua debilidade tomava proporções alarmantes, quanto mais tomava

dela consciência. Debatia-se em indagações, premido de desgosto e cansaço, quando, certa noite, a moça entrou-lhe pelo quarto, sofregamente, como quem tenta orientar-se. Parou junto ao leito, a face transtornada, buscando na memória o motivo que a trouxera ali. Abriu a gaveta da mesinha de cabeceira, remexeu os papéis e retirou de dentro o seu livro de rezas. Quando chegava de volta à porta, o médico veio encontrá-la. Segurou-lhe as mãos e obrigou-a a sentar-se, ali mesmo na cama. E plantou-se à sua frente, impedindo-a, quando ela tentou reagir. Ele não ignorava o motivo que fazia vacilar aquela energia preciosa, mas era agora, como nunca, que mais precisava dela. Lembrou-lhe os desvelos, a segurança de seu afeto e o muito que ainda esperava de sua ajuda. Não somente a menina precisava de seus cuidados — repetia, sôfrego, mas os outros doentes, Arturzinho, sua mãe... a criança prestes a nascer...

Rugas ampliaram a fronte do médico. Inclinando-se com deferência, ele ordenou, reagindo às suas mais profundas desesperanças.

— Então, sossegue! Não desespere de seu Deus! Vencemos outras crises, venceremos esta. E pense comigo, Eglantina, seriamente, não sairemos disto com alegria, se não estivermos fortalecidos em nossa fé! Por que acha então que Lenita terá de pagar com a vida o que fomos obrigados a fazer com a negrinha Maria? Queria que a deixássemos morrer aqui? Repito, outra vez repito, ela já estava morta quando a levei às irmãs. Não contava com recursos para fazê-la sobreviver... Não contava...

Mediu em passadas lentas o quarto. Bruscamente, parou. Murmurou quase, sem desfitar dela os olhos.

— Se dentro de vinte e quatro horas Lenita não melhorar levo-a comigo. Esperamos mais duas irmãs enfermeiras, logo à noite. Houve um contratempo, qualquer desencontro que não compreendo, mas, amanhã, daremos alta a cinco doentes. Compreenda, Eglantina, nem eu, nem seus pais nos resolveríamos a tirá-la de seu lado, se você não estivesse tão sobrecarregada e se dona Umbelina pudesse auxiliá-la, como antes. Amancinho sairá talvez amanhã e sem Lenita. Sim, quero que pense que estamos fazendo o melhor para você e os doentes. Não tenho outra alternativa. Não tenho... Junto de mim, poderei cuidar dela mais assiduamente, dia e noite...

Eglantina já não oferecia resistência. Alheada, deixava as mãos pender entre as dobras do vestido e de seus olhos as lágrimas corriam, sem que procurasse estancá-las.

Mas quando Xavier tomou a direção da porta, ela, apressada, levantou-se e lhe foi atrás. Com ele caminhou até a cama de Arturzinho. Correndo, foi chorar no silêncio de seu quarto.

Na tarde seguinte, com febre alta, Lenita foi retirada da cama e levada para a Santa Casa. Seu estado inspirava cuidado, temia-se o pior. Veio com o pai que a não deixou, apesar dos rogos de Xavier para que se resguardasse da umidade e permanecesse em casa. A insensatez parecia tomar conta de todos. Convalescente, tia Elisa fechou a casa, deixou os bichos sob as vistas da vizinha, veio com o filho fazer companhia a Umbelina, depois das turras de Madalena, que não queria ir em companhia do Lino e de Candinha, para o Rodeio, ajudar a sua irmã, na casa cheia de doentes. Dali até o Zeca da Rosa já haviam morrido trinta e nove criaturas de Deus e mais algumas criancinhas. Amancinho, vacilante, dois dias mais tarde, deixou a cama e retornou à casa, ficar sob os cuidados de Faustina, que se ia livrando do mal. Enfraquecido, sem a companhia do amigo, a quem mal via, tomou-se de profunda tristeza. Pensou mandar vir de Queluz a sua irmã solteira, mas carta recém-chegada avisava-o de que ela se encontrava também acamada. A avó Belinha é quem cuidava de tudo e ainda supervisionava as casas vizinhas, até cozinhando para os doentes mais desamparados.

Não encontrando reciprocidade na leitura dos seus indianistas, corria os dedos vagantes pelas lombadas dos livros, sem nunca se decidir. Meio ao desespero, tentou uma tradução do *Spleen et idéal*, de Beaudelaire, uma tradução canhestra e um pouco tremida, que arrancou risos perversos ao amigo. Este tomou-lhe o livro e prescreveu-lhe caminhadas sob o sol, para readquirir as cores. Era a única coisa de que carecia. E, se o seu mal era de amor, nada o impedia de fazer a corte à menina. Afinal, não estavam tão perto?

Deixou-o entre as lamúrias e o começo de cólera.

Capítulo 13

O doutor doutora e o perfume adocica a terra

Na realidade, não sou mais que um feixe de ossos inútil. Afinal, por que fui imaginar que poderia salvá-la? Quando a morte se aproxima, depressa demais, qualquer veleidade: confiança, altruísmos, renúncias são meros inventos se opondo à miséria do corpo. Outro fracasso meu e acabo endoidecendo aqui dentro.

Levantou o pesado corpo da borda da cama onde Lenita se debatia e sofria e foi sentar-se à improvisada mesa, colocada ali de pouco por irmã Gertrudes, passando os olhos pela desordem dos apontamentos, os livros remarcados, as folhas dispersas do receituário. Inadvertidamente pousou-os sobre o caderno aberto, aquela espécie de...

— Não! Não posso acreditar... não quero acreditar!

Um frio terrível veio cortar o fio de seus pensamentos e foi quase tiritando que premiu as duas mãos sobre os olhos, fechando-os à sua realidade mais cruciante. Mas eu quero protegê-la, salvá-la da morte, mandar para as calendas do inferno essa besta feroz, não me entregar sem defesa ao perigo... Ah, tão próximo... E a voz soçobrou entre soluços desconexos, um vago gemido impotente, gasto e profundo, amargo, enternecido. Sua luta sem nenhuma trégua não era apenas a que lhe ditava a profissão e seu desejo de vitória em preservar a pequena vida — não lhe parecia maior que a despendida em situações idênticas, com os demais doentes, nos quatro cantos da cidade e até fora dela. Não consegue porém negar que é Lenita quem mais o preocupa, que o desgasta e comove. Em suas andanças obrigatórias tem-na penosamente presente aos seus sentidos numa quase obsessão, não o abandonando nem o quadro clínico, nem a pequena figura extenuada e inquieta, que ele, aflitivamente, sente escapar de suas mãos. Menina, prestes a ser mulher, não quer admitir que ela se vá, cerceando a promessa que o antigo

vigor lhe deixava antever: ver que as forças a abandonam a cada instante, ante sua impotência em frear a morte e o seu mal. No dia a dia de calamitosas surpresas esgotam-se os recursos, e a cidade não lhe oferece outros em que se agarrar. Removê-la dali... Impossível... O tempo incerto, a serra quase intransponível, a única estrada intransitável Mas, por que se esbatia aquele vigor, aquela pujança que há tão pouco tempo o impressionara tanto? Divaga, recomeça, deixando-se literalmente tomar de crescida angústia. Por que a morte que poupara velhos e desvalidos queria levar-lhe aquela criança com tantas possibilidades de cura? Tantos outros em piores condições não pudera ele arduamente salvar? Tão desproporcionada pareceu-lhe sua pequenez, tão imensurável sua limitação, que sentiu desejo de gritar, de uivar como um cão danado. Deu conta do tremor que lhe sacudia o corpo, a incerteza de continuar dominando as suas inquietações. Noites a fio sem dormir, sem sóis crestadores, nem luas, estrelas estriando o negrume do quarto abandonado, nem enfeixes de roseiras, fileiras de árvores, couves, pomares, as prodigalidades do tempo, uma estação inteira acenando o já novo arremesso dos brotos desmesurados, limites para a vista ociosa, secretamente ele se traía, sentia-se afundar, eriçando-se de remores: o herbário de lombada encarquilhada, os calomelanos, a aritmética dos infinitesimais, as amalgamadas pílulas de esmalte funéreo, poções, quinquilharias se contrapondo ao invisível e ao inesperado... rostos macilentos, contorcidos nos últimos estertores, barrado, enlouquecido também o corpo da inútil panaceia...

Virando a cabeça, olhou irmã Gertrudes que entrava. Não era justo que ele, diferentemente dela, se deixasse invalidar, fraquejar, quando ela, harmoniosa, esmerada e calma, não respondia sequer às suas razões, sem nunca se atrasar, esquecida do embaçamento de seus olhos, quando, sensível a todos os impactos, as lágrimas apenas bordejavam e mal lhe escorriam dos olhos, sob o peso de sua cabeça responsável. Pobre irmãzinha, eu a chamaria, de bom grado, anjo das alturas, guardiã dos padecentes, dos semimortos que não podíamos salvar, das centenas de vidas que pendiam de nossas mãos, os raros lampejos já assediados pela longa e dolorida imobilidade.

Semidesperta, Lenita ouvia um sussurro longo e abafado, um sutil segredo, alguém que falava à parte para não provocar o seu medo. O sonho... Mamãe... O rio... E agora a cabrinha... Com tanto frio ela ficava encolhida, esse sol branco que nunca chegaria a aquecê-la. Logo.... Amanhã... De tarde, ela e o primo Rui, iriam para a barranca do rio. Atirariam longe a isca... Ela fecharia os olhos quando o peixe espadanasse e primo Rui erguesse, entre muitos gritos malvados, o pedaço de linha espichado daqueles rainhos coloridos... Por que lhe doía tanto o seu corpo? E sua mão, por que não sentia mais a sua mão? Só a secura da boca crescia, fogo acesso na sua estreita garganta... a névoa dos olhos, qualquer coisa batendo em volta das têmporas... seus ouvidos cavalgando sinos, respondendo ao estribilho dos milhares de grilos saltadores... Ela só era capaz de entender isso...

— Lenita, minha criança, abra a boca.

Rolou os olhos... Doutor Xavier tinha bem aquela cara de afogado triste, com ele queria voltar para a sua casa, nunca mais vir ali...

O gosto amargo da aspirina não lhe descera à garganta e ela já cerrava os olhos, não ver o jeito de irmã Gertrudes procurando soerguê-la, fazendo rugir de dor a sua nuca.

— Irmã, as gotas, as que acabei de preparar... Sobre a mesa...

— Em que está pensando, marota? Tentando me enganar, hein? Por que não disse boa-tarde à irmã? Não a viu chegar?

Aproximou as mãos até alcançar a derreada cabeça.

— Então, minha pequena, um pouquinho mais de paciência... Ora, ora, Lenita!

E deixou cair uma a uma as gotas no canto esquerdo da boca febril.

Fez um gesto de desânimo e entreabriu os olhos.

— Que está sentindo? Olhe para mim...

Sobre o corpo moído, ela recebeu o incentivo de quatro olhos amolentados de ternura, estímulos que depressa se esboroaram na certeza, mais triste ainda que toda a interior tristeza que a consumia.

Apontando a parede em frente, articulou, num sopro:

— Cansada... Eu estou cansada, doutor... Cansada de subir aquela escada. Quando eu penso estar no fim, ela espicha para cima. A cabrinha está lá em cima me chamando... O senhor não vê a cabrinha? Não posso saltar como ela, que é muito arisca... Meus pés estão pesados... Não posso agarrar as grades de cima... Se ela descesse, eu não ia com ela?

— De certo que ia, bobinha. Descanse agora... Tente dormir. Quando você acordar, eu prometo, a cabrinha estará aqui, bem junto de nós dois, deste lado da cama...

— Agora... Tudo está manchado de verde... Não são as urtigas, doutor? Primo Rui está lá no pico da serra com o meu ninho de sabiá, aquele que tem a platibanda de penugens e algodõezinhos, bem entrelaçadinhos... Não é pequeno, ele é até grande para guardar os filhotinhos. Se a cabrinha continuar fugindo de mim ela vai arranhar o focinho nas serras das folhas de erva-cidreira... Aquela touceira velha do canto da horta de minha mãe... Sabia? Nunca mais mamãe me escutou. Quando eu gritava com medo do sangue, mamãe chorava... Não quero mais ver minha mãe chorar por causa de mim...

Irmã Gertrudes alisou-lhe a mecha rebelde dos cabelos e murmurou baixo, bem baixo, com funda desolação:

— Tudo é confuso, minha criança, já não respondemos às nossas próprias indagações... Moídos, estamos moídos de canseira e nossa angústia cresce, não depende mais de nós...

— Depressa, depressa... Ali... Uma chuva de estrelas... Vão comer os periquitinhos do viveiro de meu pai... A Arminda... É ela... Está dizendo que vai assar as fêmeas de içá na chapa do fogão de minha mãe para o Chico Louco comer. Venha, mamãe, depressa não deixe a Arminda fazer essa judiação. O Chico está ali na porta... Ai, ai... Coitadinho...

Xavier, sem desfitar a boca infantil, lutava contra o terrível desejo de fugir, divagava num aluvião de bálsamos, láudanos e tinturas, confundindo os miligramas e os decimais numa lauda inteira, fiel à sua certeza, e como nunca desejando adormecer na sua velha rede nortista, dobradas as bordas até alcançar-lhe

o queixo, e as cansadas mãos e as suas recentes desgraças... Ah! quanto desejava admitir um milagre, a sua fé, irmã, não ter ânimo para mais nada senão para aceitá-lo, e continuar lutando, impulsionado de esperança, aquilo que há mais de uma semana ele esperava em vão...

Detrás dos vidros soprou o vento da tarde e uma janela bateu.

Voltando a sentar-se, Xavier manuseava os livros, relia os pontos marcados, procurava entre mil cuidados ressuscitar a própria consciência, convencer-se outra vez de sua realidade diligente, dizendo-se amiúde, sem querer mais vacilar, que não falhara em seu diagnóstico, que estava certo, que agira sempre certo, que Lenita não trazia em si o germe que pusera enferma a cidade, mas um outro mal, insólito e perigoso. Por que então titubear, não continuar lutando, agora, mais do que nunca, se sentia consolidar-se a sua certeza?

— Por favor, doutor— alguém bateu... Deixo entrar?

Levantou-se ao ver Eglantina aparecer na porta, seguida de perto pelo pai. Em todas as noites sem sono, nos dilatados dias de espera, nenhum deles ousara fazer-lhe perguntas, qualquer indagação que viesse confirmar as suas próprias suspeitas, a afirmativa que iria ao encontro de seus íntimos temores. Eglantina, que não podia ir além das preces aos seus santos, não se permitia uma fala. Extravasada de fé, jurava-lhes penitências e sacrifícios em troca da vida da irmã.

Abraçado aos ombros de Estêvão, trouxe-os para fora do quarto, confessando-se alarmado pela demora do colega, às pressas chamado de Paraisópolis, pois sabiam-no a caminho por um aviso telegráfico, ali chegado, às duas horas da tarde, quando Brandão devia deixar a cidade. Deixando-se levar, não ofereciam resistências e vinham, às escondidas, chorar no canto da janela. Não se prestavam ao amparo, nenhum deles tinha palavra ou gesto que pudessem conter a vaga funda de terror que já os dominava.

Vendo Xavier atender a um chamado da enfermaria, escutando sua voz tombar em meio à penumbra, Estêvão resolveu partir sem a filha. Arqueado, submisso, claudicava de degrau em

degrau, quando percebeu um só olho fosforescente avançar, abrir sulcos na neblina e um ruído inopinado e desmoralizante. Extinguindo-se a luz, freado o motor, abriu-se a porta frente à alta escadaria, e ouviu-se uma voz mordaz reclamar da escuridão. Alvoroços, sussurros e várias janelas se iluminaram ao mesmo tempo. Atingido o patamar, doutor Brandão esbarrou com a irmã superiora e ela, tão apressada como ele, abriu caminho, adiantando-se a sua frente. Já no longo corredor escutava-se a voz estranha e forte enumerando as peripécias da viagem, pois o carro enguiçara nas proximidades da fazenda da viúva Eulália, que, por felicidade, tinha lá o mestre de engenhos, Rufino, para uns consertos. Pusera a máquina a funcionar. Não houve outro acidente, mas gastara nada menos de três horas para vencer as poucas léguas que separavam as duas cidades. Seguindo a reclamar, desvencilhava-se do longo sobretudo e adentrava o quarto, precedido de uma das irmãs.

Xavier conhecia de pouco o colega, um homem de meia idade, de apresentação cuidada, com a alentada calvície a ampliar-lhe a testa já respeitável. Chegava, afinal, escanhoado e tão fresco que mais parecia um bebê recém-banhado. O mais promissor raio de luz que de repente entrasse naquele quarto não teria o efeito de confortá-lo tanto! E inesperadamente sentiu que não estava só na sua desesperança, e a vaga acalorada de simpatia aprumou-lhe por instantes o maltratado corpo. Trouxe-o para junto da cama, onde a menina jazia imóvel, invadida de sonolência. Sem dizer palavra, o médico tomou-lhe o pulso e em seguida forçou o dedo sobre a pálpebra fechada. Tentou depois abri-la. Irmã Gertrudes, que o seguira até perto da cama, disse algumas palavras a Xavier e deixou-os, fechando a porta atrás de si.

A sós, eles se entreolharam, meditativamente, desejando ajustar o olhar e os pensamentos. Brandão releu a papeleta e atirou-a sobre a mesa. Calado, olhava a menina, o ex-consultório onde Xavier a isolara, os vidros dispersos desordenadamente. Uma por uma, leu as fórmulas nos rótulos colados.

— Chegamos, então, ao décimo primeiro dia de febre, febre alta e contínua... Você disse que debelou a influenza. Como sabe?

Voltou a sentir o pulso da doente.

— Vejamos o fígado. Dói-lhe o fígado? Alguma vez ela se queixou?

Seguidamente pressionou o ventre desnudo de Lenita, apalpando todo o intestino delgado com atenção.

— Fezes líquidas, disse-me a irmã. Poucos vômitos. Vertigens. Podíamos dispor do laboratório, Xavier? — Indagou, após alguns momentos de reflexão.

— Do laboratório? Mas, sim! Foi há dias transformado em enfermaria, tenho lá nove doentes, os mais graves... — E, de repente, como se caísse em si — mas não temos grande coisa lá, Brandão, é incompleto e desusado...

O médico assentiu com a cabeça, como se de antemão esperasse aquilo.

— É sempre a mesma coisa, o mesmo descaso. Essa pobre gente! Vamos tirar-lhe o sangue. Chame uma das enfermeiras. Eu me admiraria muito se a coisa fosse diferente...

Várias horas depois, debruçados sobre as lâminas, viram confirmadas as suas suspeitas. Chamaram a irmã superiora e avisaram-na do perigo, da necessidade de isolar completamente a menina. Ninguém da família, nenhum visitante que levasse consigo o germe da doença. Num passe de mágica, duas irmãs e um auxiliar, munidos de desinfetantes, transformaram a enchente em vazio. Tiraram da frente os dois irmãos e o velho Ananias, o casal que viera da fazenda Ponta de Pedra, o menino Josias, seus pais e os dois tios. Uniram mais as camas e, fechadas as portas do corredor, os doentes ficaram isolados na outra ala do prédio.

Só irmã Gertrudes teve permissão de passar aquela porta. E trataram de debelar o mal com a urgência que ele requeria. Passaram a noite a medicá-la, numa solicitude desesperada, entremeada de comentários, ao pé da cama. A espaços, vinham para o corredor fumar, entreabriam os vidros e olhavam a noite silenciosa. Em todas as casas, no largo e nas ruas adjacentes, havia duas ou mais luzes filtrando-se através das frinchas das janelas. A cidade velava os seus doentes, não dormia, entregue ao escorrer contínuo das horas. Ensimesmado, Brandão pensava naquele moço, mal saído dos bancos escolares, responsável repentinamente por tantas

vidas, a mostrar-se inconformado da própria limitação, o quase desterro, no aglomerado inacessível pelas proximidades da serra, sem estradas, ainda sacudido de ventos e chuvas contínuas...

Perguntou-lhe se a cidade não oferecia outras cambiantes que não o céu baixo e encoberto.

— Sempre que aqui venho, a chuva bate-me nos vidros, Xavier! E essa garoa nunca se esvai? Que cidade mais triste!

Xavier sorriu, tal uma criança que se visse afagada, após o castigo. Respondeu-lhe que não, que a cidade oferecia muitas belezas e que após o tempo invernoso voltariam os dias ridentes de sol, com poentes magníficos cambiando o alto céu espelhante. Já assistira ao fruir de uma primavera, quando nos campos floresciam os ipês e as quaresmeiras, a esmo atirados pelas encostas e os socavões profundos, como não improvisaria o melhor dos artistas. Em todo o ano não assistira esmaecer o verde dos campos e nunca que seus olhos procurassem deixaria de estar pronta a terra para deleitá-los...

— E a transição se faz rápida, Brandão, como num transbordamento!

Brandão olhou-o. Compreensivamente, sorriu.

Não seria o médico assoberbado de canseiras, mas um poeta que lhe falaria assim — pensou. Considerou que a experiência não se apresentara ao moço como a si próprio e que sua intenção falharia na assertividade que pudesse oferecer àquela inteligência, que se ia firmando no trabalho mesclado de durezas e de evasões. Não tinha o direito de imiscuir-se ali, na sensibilidade talhada para o humanismo e a beleza das coisas. Se o sucesso algumas vezes nos socorre, sempre nos damos pressa em acreditar que ele é fruto apenas dos recursos materiais, que consideramos mais urgentes. Xavier já encontrara o seu caminho. Convidou-o a visitar sua cidade. Dirigia ali um hospital, com boa clientela, mas, para um descanso reparador, oferecia sua fazenda, no caminho de Brasópolis, com gordas perspectivas para a sua ânsia. Esperava-o para uma pescaria e, se gostasse de cavalgar, criava soberbos cavalos. Teriam boas extensões para a caça de codornas, rolas e perdizes. Mandava-o chamar depois da calamidade...

— Há um centro telefônico aqui, parece-me... Ligue para minha casa, amanhã à noite, depois das nove. Ligue sempre que precisar. Vou mandar portador com algumas drogas, para melhorar o seu estoque. Esta malfadada epidemia afundou-nos de corpo inteiro e não nos adianta fingir certa confusão. Não voltemos as costas ao nosso anjo guardião, meu caro, e evitemos as opiniões apressadas. A verdade é que o corpo tem resistências inacreditáveis, não acha? Ai de nós se não fosse assim! Pois veja, eu, que comecei minha carreira num hospital de emergência, que precisei, no curto espaço de três anos, acrescentar-lhe duas alas, este seu criado que trabalhou como um mouro, jamais pôde imaginar esta provação estúpida, a lidar com o invisível, chegar às raias do curandeirismo, porque, neste caso, não tivemos outros recursos senão o de tornarmo-nos simples improvisadores inconformados.

Bateu-lhe alegremente nas costas.

— Um bom vinho lhe fará bem, há esplêndidos vinhos na terra! A menina, se conseguir vencer o segundo ciclo da moléstia, será um belo caso para ilustrar o seu currículo. Parabéns e boa sorte, meu rapaz, teremos tempo para um longo bate-papo, quando essa praga se for para sempre, aguarde meu chamado. O menino Josino e o carcereiro devem tomar o soro ainda hoje, já adverti irmã Mariana, para o caso de você precisar se ausentar. Por um peão da fazenda do Zeca, mando-lhe a medicação de que precisa, tenho lá cinco doentes, mas aqui ele não chegará antes da noitinha.

Partiu após o café, na manhã nascente. Depois do último gesto de adeus tomou a direção do largo, onde deixara o seu Ford e o acompanhante, estremunhado de sono.

Mas Xavier não parecia o mesmo homem. O inacostumado desleixo era agora uma réplica caricata à interior segurança que transbordava de todos os seus gestos. Aos poucos, parecia-lhe emergir do mundo opaco e sem perspectivas onde estivera afundado tantos dias, achatado como um prisioneiro que se visse a olhar o sol e não pudesse medi-lo em todo o seu esplendor e benefício...

Irmã Gertrudes abriu a porta e deu com Xavier voltado para a janela, a gesticular freneticamente. Falava com alguém pa-

rado nas proximidades e a esmo suas mãos distribuíam um sem--número de sinais que, naturalmente, só seriam inteligíveis para quem estivesse familiarizado com eles. Sorriu com complacência e depôs a bandeja sobre a mesinha. Ficou a olhá-lo até que ele se voltou, com os restos do sorriso a acentuar-lhe o canto da boca. Estava de novo barbeado e limpo e a boa cor já lhe voltara.

— O seu café com biscoitos, doutor.

Disfarçadamente roçou a janela a tempo de divisar Maria Rosa contornando as grades do jardim de sua casa, com alguns livros na mão. Pensou na possibilidade de existir entre eles um romance, mas calmamente Xavier contou-lhe que Maria Rosa e Amancinho viviam às turras. Ela apreciava muito a leitura e seu amigo, por razões inconcebíveis, antepunha-se ao seu gosto e queria, ele próprio, discernir sobre os autores e os méritos de suas obras. Ora! Maria Rosa era muito astuta e pragmática e achava que podia perfeitamente ir além de Dumas, de Victor Hugo ou Alencar, no que tinha muita razão. E contou à irmã como deixara a moça escandalizado o seu amigo porque lhe tirara da estante dois volumes do Eça e uma tradução de *Madame Bovary*, indo com eles para casa, lê-los, naturalmente, no silêncio de seu quarto...

— E às escondidas dos pais, sem dúvida — replicou a irmã, com certa inquietação. Mas ao querer dosar-lhe a curiosidade não estará o seu amigo procedendo como um bom cristão? Dou aulas de francês a Maria Rosa e sua alegria parece-me muito contagiosa. Por mim, ficaria triste de vê-la desvirtuada por más leituras...

Acalorado, Xavier discordou, lembrando que a sã alegria de Maria Rosa agiria como uma couraça contra o esprito de qualquer um daqueles escritores. De antemão podia ouvir-lhe as risadas, a fazer coro ao Eça ou aos deslizes românticos da Bovary. Ficasse em paz a irmã. Os tempos eram outros e uma moça bem que podia escolher as suas leituras sem precisar furtar-se às confissões periódicas, na igreja.

Pousaram ambos os olhos em Lenita, que não dormia, como pensavam. Xavier tomou-lhe o pulso, antes que a irmã começasse a ordenar-lhe a cama e o quarto. A febre subia sempre no início da tarde e hoje apresentava-se um pouco mais elevada. Mas se as

reservas de energia em Lenita eram imensas, e ele sabia, salvá-la já não seria impossível. Tinha que calmamente aceitar o ciclo evolutivo da moléstia e cuidar que ela não se enfraquecesse demais...

Veio fumar fora o seu último cigarro. O dia declinava. Teriam alguns instantes ainda de boa temperatura, antes que a neblina caísse de novo. Viu o cão vadio estirar-se no campinho de capim-cheiroso e distender os músculos com sabedoria. Depois dos vários movimentos saneadores descansar a cabeça entre as pernas dianteiras e adormecer, sem molestas complicações que invalidassem a sua necessidade única de dormir. Mas um cão não era um homem e ele precisava cuidar de sua vida, desincumbir-se das várias obrigações, antes do anoitecer. Deixou o corredor e entrou na grande sala. Como encontrando reciprocidade, à distância, viu irmã Mariana apontar do consultório com a valise e o pequeno fichário de bolso. No seu passo natural e altivo. Lembrou-lhe, além da atitude que ele dizia premonitora, que deveria passar antes pelo Constantino, que tivera a recaída. Se fosse lá primeiro, cortaria caminho e chegaria mais depressa aos seus doentes do Bumba. Sem entrar em detalhes Xavier despiu o avental e deixou-o em suas mãos. Esperava estar de volta dentro de duas ou três horas, falou, a olhar o relógio. Entregava-lhe os convalescentes da ala esquerda, desse-lhes os remédios e a alimentação recomendada.... e havia o menino Josino que lhe inspirava cuidados, assistisse-o primeiro.

Parou alguns instantes a meditar, a virar com cuidado as folhas do seu surrado roteiro.

— Irmã, preciso estar de volta antes das seis horas. Acredita que poderei estar aqui, antes do anoitecer?

— Sim, se fizer o caminho que lhe recomendei, se antes passar pelo Bumba, poderá estar aqui em tempo. O senhor não despenderá mais de meia hora com os convalescentes do Aterrado. Deixarei tudo pronto e antes das seis cuidaremos dele.

Ficou em cima, vendo-o descer. Antes de alcançar a rua e já próximo do hotel, Xavier voltou o corpo e acenou-lhe. Irmã Mariana tinha as mãos unidas dentro das mangas de seu hábito e parava numa atitude de evocação silenciosa. Tão serena que se diria pairar à distância da terra e de seus malefícios. Contudo, era

infatigável e de inaudita presteza, não sabendo como subtraía do tempo e até dos segundos o recurso de seu auxílio severo e competente. O que ele não imaginava sequer é que em todos os seus passos, em todas as suas ausências prolongadas ou não, irmã Mariana o tinha presente em suas orações e, insistentemente, pedia a Jesus que o iluminasse em suas intuições e no bom desempenho de seu mister. Jesus que fora, como ele, o curador.

Mas a comunidade, afeita a iguais sentimentos e ocupações, acostumada a partilhar dos folguedos de suas crianças, inconformada sentia que um elo fora partido. Lenita que era uma feição do conviver repetido continuava enclausurada, a tentar os passos — diziam — como uma criancinha insegura e medrosa. A cada dia vinham os parentes e amigos compartilhar aquela espera, sem poderem ir além da porta de entrada. Ficavam pelas escadas, falando do tempo e dos encargos, até que aparecesse uma das irmãs com notícias ou promessas de cura.

Transcorria friorenta a primeira quinzena de agosto, com raros mugidos de vento ou granizos, e dias passavam sem que os dobres fúnebres ferissem os ouvidos dos sobressaltados enfermos. Convalescentes já se mostravam às portas, amparados alguns, outros, mais ousados, buscando as estrias de sol. Formavam pequenos grupos, alimentavam um bate-papo meio inconformado, uns poucos menos feridos pela deserção irremediável, outros mais golpeados pela morte e o desespero. Mas se ajudavam, conforme a disposição de cada um. Familiarizado com a epidemia, Xavier recebia de fora relatórios e medicamentos que tornavam mais fácil o seu trabalho. Fora-lhe de grande valia a organização das irmãs, que, estabelecendo continuada correspondência com a direção, em São Paulo, trazia-o a par de tudo quanto se tentou na capital para debelar o mal. As irmãs Augusta e Valentina refalavam em aprontar as malas. Se o luto cobrira a maioria dos lares, com resignação assistiam ao demudar dos dias e dos cantões preferidos, com os prenúncios da primavera. Nebulosos ainda ao alvorecer, os dias radiavam com o crescer das horas e o vento soprava menos frio. Repetia-se o ciclo demarcador que tornava diferente a cidade das outras de clima mais regular.

E numa tarde, ao final das aulas, foram confirmadas as melhoras. Avisada pelo médico, mestra Astrogilda trouxe os seus alunos. O grupo inteiro. E pelas escadas foi aquele alarido, as crianças, soltas, revoluteando pelos arredores, demudando com seus risos fáceis a feição recolhida e um pouco triste da casa branca do largo. Foi quando, da janela de vidros cerrados, divisaram a menina, fraca ainda para manter-se de pé, amparada por irmã Gertrudes, que lhes falava sem ser ouvida, prometendo-lhes que mais dia a menina viria integrar o bando barulhento. Umbelina, que não deixava a casa, esperando a cada hora a chegada do filho, foi alertada pelas negras, que corriam para as janelas, ver aquele esparramar de boas-vindas. Eglantina, que milagrosamente ia escapando à moléstia, Maria Rosa e os dois meninos convalescentes, amigos e parentes vizinhos se reuniram em círculo, ao pé da escadaria, no relegado pátio de antigas belezas, onde um incontido capinzal punha manchas esverdeadas no que fora, há bem pouco tempo, um cuidado jardim de crisântemos. Erguiam os olhos, acenavam com muitas demonstrações de alegria ao verem a pequena doente espalmar a mão trêmula e esperançada contra os vidros da janela. Diziam coisas, faziam prognósticos e promessas que poucos ouviam. Era já a doce calma, o reencontro, o relativo sossego pairando sobre a cidade e a sua gente. À noitinha, já se divisavam grupos de três ou mais pessoas ao longo das calçadas ou às portas da farmácia, entretidos com outras falas que não a longa agonia dos dias que a influenza marcara. O comércio com a serra e as fazendas mais próximas supria regularmente o mercado e outros cargueiros já venciam as distâncias, parando às portas para a venda de frangos, ovos, frutas da estação, queijos frescos e farinhas. Sintonizadas no tempo refloresciam as grandes árvores. Nos olvidados jardins, dos roseirais recém-podados apressava-se a seiva em intumescências e tímidos coloridos. Os sem-fins readquiriam a sua voz, nas baixadas e nos montes, fazem-lhes coro o bem-te-vi e a corruíra, canoras avezinhas de todo ano.

No chão, era outro mundo, folhas e flores deteriorando-se placidamente, num perfume adocicado de terra e de vida madura.

Capítulo 14

Um nome para o menino

Estêvão bateu de porta em porta e às respostas que ia recebendo dos filhos acrescentava a sua emoção:

— É um menino! Venham logo. Acabou de nascer...

Em camisolas e alvoroçados, sentindo ainda no corpo o calor das cobertas, os filhos irrompiam a espessa atmosfera de vapor d'água, cheiros de álcool e de sabonete, do quarto materno. À luz mortiça da velinha de azeite, repetia-se o quadro costumeiro, a mãe e a criancinha repousando juntas, lado a lado, amparadas pelos largos travesseiros. Sorrindo, privilégio que lhe conferia a progenitura, Eglantina pegou a criança nos braços e mostrou-a aos irmãos, um a um, dando-lhes conselhos, por causa do umbigo. Arturzinho queria ver a cor dos seus olhos, se não eram azuis como os da prima Ceci... Contentou-se em alisar a mãozinha aquecida, perdida entre as flanelas e os bordados, repetindo que era o irmãozinho mais gorducho que já vira.

— Ai, mamãe , como ele é pesado, como dorme bem!

Beberam do vinho do Porto, parcimoniosamente dosado e reservado para a ocasião e voltaram para as camas, depois dos repetidos pedidos de bênção à mãe.

Umbelina viu-os sair sob o lento movimento dos olhos, pensando arduamente em Arturzinho que, agora, veria o seu lugar ocupado pelo nenê. Era assim sempre, cada três anos. um ser novo vinha aumentar-lhes a família. Parecia até natural, na invariável tranquilidade dos dias, que as famílias se multiplicassem em rebentos, assim como nos quintais ingurgitavam e se repetiam os frutos. Cresciam, em verdade, sem muitos problemas, que a salubridade do clima e a soltura temperavam o vigor de que careciam, para vingarem fortes e resolutos. Mais um cargo para a sua alma. Suspirou. Mas nenhuma de suas amigas e as primas tinham tantos filhos como ela! Esperava forças em Deus — suas furtivas ausên-

cias — não lhe negasse o bom Deus amparo e diligência, com que assegurar a inocência e o futuro de suas crianças.

Enquanto pensava, ia deslizando a ponta dos dedos, aqui e ali, sobre a pequenina cabeça ausente de suas inquietudes.

E voltando vagamente os olhos, reprimindo a dor tenaz e contristiva do ventre, pousou-os nos seus pertences, a ordem e o equilíbrio já restabelecidos de seu quarto. Nada mais, coisa alguma que lhe lembrasse trabalho demorado do parto, somente a cama e a presença indispensável da velha parteira quebravam a sintonia, o desejado recolhimento de que tanto carecia.

— Madalena — chamou muito baixo. Por que não deita direito? Ficar aí acocorada, com esse frio...

Enrodilhada, cambaleante de sono, a denodada mulher não dera mostras de reconhecer um só dos filhos de Umbelina. De rosário e bentinho, rezava, encomendava, desobrigando-se da devoção: um terço para Nossa Senhora do Bom Parto, são Benedito e são José... Manhãzinha ia à casa pôr ordem nas coisas, ver a criação que deixara a cargo da filha desmiolada. Meio-dia voltava, para o banho do menino, até que se cumprisse o tempo de descanso obrigatório, na cama; da quarentena, não tinha que cuidar...

Ajeitava-se entre as saias volumosas, depois de beijar os dois picuás de flanela encardida, viu Estêvão adentrar o quarto com as canecas de louça, fumegantes. Umbelina entreabriu os olhos. Finas gotas de suor umedeciam as suas têmporas. Alisou a mecha orvalhada com as costas da mão, e pensou que em tempo ele se lembrara.

— Madrugadinha fria, Umbelina! — Desdobrou o guardanapo adamascado. Desta vez, não duvide que acertei no ponto do açúcar, nem mais nem menos que duas medidas, a sua receita...

Só então percebeu como ela estava cansada, como lhe tremiam as pobres mãos.

— Renovo a velinha de azeite e vamos dormir, aproveitamos o resto da noite... Duas horas...

Siá Madalena tragou a beberagem, logo ajeitou a magreza no estrado e adormeceu. Umbelina, ao contrário, sorvia-a calmamente, cerrando e entrecerrando os olhos, sentindo o bom calor

retemperá-la por dentro. Ficou a rememorar os momentos angustiantes que precederam o parto, seu desejo de tudo ordenar e orientar para que o forçado recolhimento não viesse perturbar o bom andamento em casa. Preocupava-a a reinação dos meninos, ausentes de seus cuidados, soltos na vastidão dos quintais. Seus partos tornavam-se ultimamente muito difíceis e desta vez por pouco não precisara de doutor. Também o menino era o mais forte que tivera, ia para os quatro quilos! E como se mostrara valente, como a ajudara, no fim! Temia era a insônia que lhe sobrevinha depois, as horas de fadiga, dorido o corpo do esforço, a mente inquieta. Não era mais criança, os desvelos cansavam-na. E tinha filhos já tão grandes...

Sentiu o marido perto, mas que forças mais para falar? Queria estar só com os seus padecimentos, a paz em Deus...

Estêvão, julgando-a dormida, olhou de novo a criança e foi para o escritório. Durante uns momentos, Umbelina entreolhou o teto, respirou fundo e deixou cair as pálpebras cansadas. No domingo, levantava-se, tomava as rédeas da casa, não rolaria mais na cama, noite e dia, sem poder dormir. Devia ter pedido a Estêvão sua dose de acônito, sempre se acalmava. Ouviu-o pigarrear pela segunda vez, abrir gavetas, fechar e abrir as portas dos armários. Toma acentos — pensou — meticuloso como ele é...

Sempre ficava mais difícil encontrar nome para os filhos, depois que as crianças cresceram e passaram a opinar. Faziam listas imensas, onde entravam todas as letras do alfabeto. E levavam dias a discutir, entreabrindo os suspeitosos enroladinhos de papel, votando a escolha como num jogo intrincado. Mas, dessa vez, quem decidiu foi o padrinho. Não podendo vir em pessoa conhecer o afilhado, mandou portador com o bilhete: "Não tenho família. Com a permissão dos prezados compadres, desejo que o menino se chame Alonso. É o meu nome. Tomo ele a meu encargo. Se for menina, o que não desejo, proponho outra Maria, que é nome universal." Umbelina sorriu e abanou a cabeça, numa oposição velada. Os irmãos menores se rebelaram, rejeitando o nome, alegando que já havia Amadeu e Arturzinho com os nomes

começados por A. Fingiam ignorar as preferências de Estêvão e a existência de tio Aderbal, o rico tio de Capivari e irmão querido de Umbelina. Mas acabaram concordando, afinal, reconhecendo que não havia outro mais bonito para o pedacinho de gente que começava a abrir os olhos e a tomar consciência das coisas. Como lhe assentou...

Realizou-se o batizado, vinte dias depois, na matriz, num domingo. O ajantarado foi regado a vinho, e até o vigário mandou uma garrafa daquele moscatel caseiro, que ele próprio e os seus irmãos carmelitas faziam para o sacrifício da missa, das magníficas uvas do quintal. De muito longe eram conhecidas as excelências do vinho da terra. Da chácara dos Calimério o pai trazia, vez por outra, uns litros doirados que as crianças bebiam em sangria, para não tontear. Os mais velhos degustavam em silêncio goles demorados, para melhor sabor. Quando muito, podia torná-los mais alegres e conversadores, e, com um pouco de exagero, aumentar-lhes o calor da face.

Enquanto a conversa prosseguia animada, Alonsinho dormia, aquecido no colo da pajem, alheio à data que lhe conferia os direitos de entrada no céu. A bandeja de café foi depositada à frente de Umbelina, ao tempo em que o coronel Alonso enumerava as valentias do seu irmão delegado, que, auxiliado de um só praça, pusera fim à contenda entre os dois partidos políticos, que vinham sobressaltando as famílias, em Igarapava. Há coisa de um mês.

— Sertão bravo, Estêvão, de bravezas como ainda não vi!

Mas nunca que lhe sobrasse vaza deixava de lembrar ao irmão os perigos que corria. Já tinha uma bala perdida no corpo, desde o revide que emporcalhou as ruas de Sacramento, do que fora testemunha com o renque de praças que lhe chegou de Ribeirão Preto. Pois naquela tarde de sol quente, que mais parecia fogaréu acendido de propósito nos quatro cantos do céu, a valentia e o seu irmão foram indo pelo largo, onde era o reduto da jagunçada, ele só e o pracinha, fingindo desinteresse. Entrincheirados e bem municiados na casa do coronel Valentino encontravam-se os homens, os que eram seus, de contrato permanente, e os de aluguel,

arrebanhados léguas dali, mais seus três filhos maiores. Uma onçada calçuda, encurralada atrás dos paus de fogo e das janelas reforçadas de mais de uma tranca de ferro. Os do outro lado, daquela politicalha suja, vinham de tomar revanche, cobrar a morte do negro Serafim, que era amigo do peito do fazendeiro Tibúrcio e seu capanga mais credenciado. Queriam desentocar os medrosos, que homem briga em larguezas e não atrás de madeira malsegura, como aqueles pelegos... Marcara-se o encontro para as quatro horas da tarde e o espia já vinha correndo avisar que os homens estavam ensarilhando as suas armas. Mulheres e crianças foram levadas às pressas para as fazendas dos arredores. De mulher mesmo só ficou a Ernestina, com a sua Winchester, mulher um pouco destramelada, que nunca abandonava o marido nas suas refregas de porta a dentro. Dava ordem de macho, carabina em punho, para que nada faltasse aos seus homens. Quando o carrilhão de mais de cem anos anunciou o quarto de hora para as quatro, os cabras firmaram no ponto, arma mais que embalada, nos lugares de antemão destinados, pelo coronel, ora vejam! A ordem era de não atirar, deixar os tipos virem de encontro à casa. Podia-se saber quanto tempo aquilo ia durar? A expectativa, de fazer cócegas nas palmas das mãos, excitava a má catadura dos homens. As quatro badaladas soaram no casarão silencioso e armado como arsenal. Sob a soalheira só a calma, que subia medonha da terra seca do largo. Cidade mais que abandonada, com a maldade aluviando o chão, igual uma chaga. Quando iam angustiando a espera e a escuta, os dois homens surgiram. Um, de pequena estatura, moço quase trintão, desempenado no andar, que era o meu irmão, mais o trigueirinho do seu subalterno. Braços pendidos e peito alevantado, pararam, como presas só de cismas, frente à casa do coronel. Sem lenço branco, nem nada, olhando a casa inteirinha fechada. Ao ver aquilo, o chefão bateu a coronha da arma no chão.

— Desgraçados, molengos! Que querem dizer com esse menino?

O menino era o moço delegado, ora vejam, a dedo escolhido em São Paulo, depois de muita consulta aos canais competentes, que decidiram aquilo. Vinha pôr cobro àquela exaltação.

Chegara de pouco e já resolvera o melhor. Só com a sua coragem. E o tempo parado!

De repente, uma janela se abriu. O coronel, ladeado por dois homens armados até os dentes, gritou de lá.

— Quem é, que se achegue. Sem arma... sem nenhuma arma na mão.

O doutorzinho caminhou só, sob a canícula, e a uma ordem sua o ordenança se afastou dele, dirigindo os passos para uma árvore próxima, onde se encostou. Então, ele falou alto para ser ouvido.

— Vou desarmado, coronel Valentino. O meu comandado fica aqui com o seu parabelum. Ordem minha.

E resoluto parou ante a porta que mal se abriu, à sua chegada. Por ela, sumiu.

— Coisa de abismar a qualquer um, comadre Umbelina! Pôr-se o meu irmão, sozinho e Deus, no meio daquela jagunçada. Os que ousavam se mostrar nas bocas das esquinas, pois a notícia do feito já espicaçava até as covardias, viram, olhos estrelados de espanto, o doutor meu irmão aparecer na porta mais aberta, seguido do valentão Altamirano, que era o dono sabido da morte de Serafim. Preso pelas mãos. Houve gente que acreditou em feitiçaria e se benzeu, não admitindo o que os seus olhos viam. Mas quê! — Diziam. Um negro sem preceitos, matador credenciado, entregar-se assim, sem mais essa, a um moço novo como o doutorzinho? Que autoridade, que calor na cara podiam fazer bossa a um tipo mandatário do porte do coronel, que assim deixava levar o seu comandado? E apostaram na soltura do homem, mais essa! Aquilo até podia virar num conflito de bradar aos céus!

O destacamento chegou noitinha entrada, vindo às pressas de Ribeirão. Vinte guardas bem municiados. Sitiaram as esquinas e plantaram guarda no largo. A cadeia virou um quartel. À luz das estrelas, faziam reparo no brilho espelhado das baionetas. E na calada da noite os homens da Justiça caminhavam, aos pares, pelas calçadas e as esquinas, deixando atrás deles o som soturno de suas botarras de couro cru. Uma paz de maus augúrios envolveu a cidade, carregando de temores as consciências. O moço delegado não

dormia. Era visto, sem companheiro, perambulando pelas ruas em passadas lentas, as mãos enlaçadas nas costas, que era o seu costume, desde mocinho. Os moleques imitavam-no, às escondidas, e provocavam distúrbios avalentoados, imbuídos daquela força solitária. Sussurravam à boca pequena que ele trazia o corpo fechado por um trabalho forte de uma negra e que bala que o varasse ficava imune de o matar. Ora vejam, um moço tão estudado como o meu irmão! E mais não dizendo, levando a melhor, de toda aquela enrascada, recebeu ordem, fechou o Altamirano num carro policial e veio com ele para Ribeirão. Em Ituverava recebeu uma ovação.

Armou-se um processo que deu em nada e dizem, os de lá, que dinheiro correu que nem água. Ora vejam os compadres se é de vantagem ter tanta coragem e sabedoria. Os ossos até que podiam ter lá ficado na confusão.

Sacudido no riso Alonso pitava de resto o seu fumo, quase lhe queimando o canto da boca e a ponta adestrada dos dedos.

Estremecida, face na mão, Umbelina olhava o compadre, bom contador de casos, e procurava entender aquela animosidade que tirara de seu conforto um homem ilustrado como o doutor Salgadinho, para jogá-lo em terra estranha, onde os homens, tidos de bem, tomavam ares de feras e as mulheres exibiam armas com a mesma segurança com que ela empunhava a sua colher de pau, na feitura dos doces caseiros. Terra desabrigada, felizmente tão longe — concluía.

Deu fé das horas quando o compadre, levantando-se, sacudia as pernas do torpor de ficar sentado tantas horas. A Odete vinha indagar se punha ali mesmo a mesa para a merenda. Os bolinhos já escorriam na peneira, iam até esfriar...

Mas Estêvão lembrou que mais horas o compadre não podia caminhar, com a lua tardia e a estrada de si tão ensombrada.

— Dorme cá, Alonso.

Ele não podia. Tinha compromissos.

— Dois cabras marcadores amanhecem em casa — escusou-se. Marcação demorada. Tenho lá encurralado um gadinho, há dias. Não dão um passo sem o meu comando. Ficam para outra vez o pouso e a visita ao afilhado.

Deu um tapa na testa, se lembrando:

— De passagem apeio na casa do Florêncio para acertar o preço de umas vacas. Demora pouca. Antes das nove estou partindo. Mas tiro o homem da cama, embicado como anda naqueles matos. Agradeço a oferta e deixo um abraço para a menina Eglantina, que mal vi.

Um pouco enleada, sabendo da inclinação de Alonso pela filha, Umbelina desculpou-a, repetindo que de imprevisto fora à casa de Elisa, que estava com o netinho doente. Daria a sua recomendação.

Quando, acompanhado de Estêvão, experimentava a sela, a lua surgiu de entre as pedras, grande e amarela como um sol lavado.

— Que lhe disse, compadre. Vou ou não vou em boa companhia? Antes do seu último cigarro, pense bem, estou apeando na Barreira, para os acertos, desembico o homem... — e deu-lhe um abraço apertado.

— Boa viagem, Alonso. Esperamos tua volta antes do mês, vem na primeira quinzena para as festas da cidade. Ouvi dizer que vão leiloar um bom magote, uma suspeição do município. Está visto que ganha o Quilombo e vamos torcer desde já. Com aquelas pastagens altas, ninguém lhe leva a palma, certeza...

— Reapareço no final da festança, antes, não, acertar uns negócios com o Zé Figueira, que me comprou um gadinho e não pagou. Desta vez levo o meu dinheiro. Já deixei aviso, lá no seu açougue, hoje. Trago-lhes um novilho e um porco, presentes para o afilhado. Se for um gadinho bom, faço a minha oferta, a mais alta. Os garrotes do Quilombo valem bem as suas arrobas, pastagem de truz. Então, até mais ver, vou andando, com essa lua defluxada de companhia. Boa noite, até, compadre...

Ensimesmado, Estêvão parou no portão, seguindo o amigo até que ele subiu a curva elevada, além do ribeirão. À luz mortiça dos postes, viu sua alta figura estumar o meio-sangue num trote estudado, boa alimária, segura até demais. Não tinha que cuidar.

Firmou o portão com a pesada tranca de peroba sextavada e passou pelo paiol, ver se estava também trancado. No terreiro,

em elevação, a lua, já alta, abria um largo, mais parecendo um picadeiro que fosse de carbureto alumiado. Lua tardia, boa numa estrada, nem precisava melhor.

Pensava, ao subir as escadas, que coragem entre os Salgados era um bem de família muito cultivado. Coisa, aliás, muito sabida.

Mas como Umbelina lhe perguntasse se no caso do doutor delegado não havia muito de exagero, ele riu:

— Exagero nenhum, Umbelina! Você não conhece o mundo, não lê os jornais, não conhece Igarapava. Aquilo é reduto de feras, não de homem! Homem que não sustenta capanga não tem direito ao mando. E matar é como sangrar um leitão ou beber um café. Não tem diferença. Ou você pensa que o mundo lá fora é como isto aqui? Deus sabe bem o que faz!

Capítulo 15

Politicalha em regência de Cupido

Da ponte sobre o ribeirão do Paiol até o Bumba, que eram as portas da cidade, não havia mais de um quilômetro. No Bumba morava, parede-meia com outras casas iguais, o português Nuno Guerreiro, muito conhecido por sua severidade e caráter sem jaça. Homem brabo — um pouco encolhidas diziam as crianças, ao vê-lo passar. Em verdade, era um pouco violento. Apreciava a boa mesa e seu vinho era muito aclamado, depois das comidas que ele mesmo supervisionava, na cozinha, a ralhar com as empregadas, quando as tinha, ou com a mulher, quando aquelas rareavam. Farta era a mesa de seu Nuno. Os moços que vinham pelas férias na companhia dos filhos e que tinham a felicidade de aportar à sua casa, não sentiam ganas de voltar. Comia-se, proseava-se a valer, permeando as horas com o diminuto trabalho. Nuno era homem de algum preparo, bom conversador e hospedeiro sem igual. Havia porém uma característica que o distinguia dos outros homens de sua idade e que lhe outorgara a gente moça da cidade: a de agenciador de casamentos. Podia-se saber: quando Nuno batia à porta onde houvesse moça casadoira, envergando o seu bem escovado terno de casimira preta, era casamento na certa. Era, pois, uma instituição muito grata a velhos e moços e necessária ao crescimento demográfico da cidade. Seu empenho, aliás, não carecia de muitos circunlóquios que um acerto, naquelas alturas, era coisa já sabida e comentada. Na maioria das vezes, quando acontecia oficializar-se o noivado, a moça já tinha pronto o seu enxoval. Mas, somente depois da promessa efetiva dos pais, os futuros nubentes passavam a encontrar-se na sala de visitas, sob os olhares dos demais parentes, até que se servisse o chá das dez, todas as noites. O médico e o professor apreciavam muito seu Nuno e sempre apareciam, em visitas. Ficavam horas a saborear-lhe o vinho e a companhia. Sentavam-se

nas cadeirinhas empalhadas, dispostas em círculo na sala despretensiosa, tendo entre eles a mesinha redonda, de pés torneados, onde Nuno depositava os copos e a jarra de vinho, que era logo consumido. Olhava a rua através das janelas baixas e indiscretas. Acontecia correrem horas sem que vivalma apontasse dali. O que eles ouviam com frequência era o canto dos passarinhos pousados nas mangueiras e nos abacateiros da chácara de Sinharinha, debruçados frondosamente sobre os muros enegrecidos de tempo. Quando acontecia de Nuno ir lá dentro dar ordens à mulher, os dois, recolhidos, podiam escutar o bater das roupas nas tábuas largas de aroeira, inclinadas de propósito sobre as águas do Sapucaí. E o vozerio alegre das mulheres, aproximadas do campinho, no seu afã de esticar as roupas de corar, para o ajutório do sol. O Sapucaí corria nos fundos da casa. Falavam de política, a mirrífica* política da terra, e desta feita acertavam as festividades de recepção ao Rubião, sobrinho do coronel Ildefonso, que era deputado pelo PRP. Ao professor, que não precisava escrever de antemão os seus discursos, porque era improvisador de raras fluências, delegaram a oração de boas-vindas. Contavam dessa vez conseguir a verba para o erguimento do matadouro, há anos prometida. Pois era crível que continuassem a abater os pobres bichos ao relento, como ainda faziam? — exclamava Nuno, a levantar as duas mãos compadecidas. Um espetáculo de tal forma sanguinário que provocava cenas histéricas nas mulheres e gritos nas crianças. E os pobres indefesos naquela judiação.

— Até os mais duros de sentimentos sentem que é hora de parar, pôr cobro à malvadez inominável — arremetia-se, a encher de novo os copos de vinho.

Mas o doutor quis lembrar que a maneira de abater as reses tanto seria bárbara ao relento como entre as quatro paredes que pretendiam levantar. O que seria preciso fazer era empregar

* Conforme o original. A palavra cuja grafia mais se aproxima desta é *mirífica*, que significa magnífica, esplêndida, admirável. Seu emprego implicaria ironia por parte da autora. Outra possibilidade seria o adjetivo *mirrada*, talvez mais consentâneo com a expressão política da cidade, na época, e que não deixa de ressoar um pouco da enunciação da proposta constante do original. [N.E.]

métodos mais modernos e não tirar-lhes a vida a marretadas, a separar-lhes com cutiladas a cabeça do corpo ainda vivo...

— O Rubião, pelo que me disseram, é inimigo número um do coronel Francelino — adiantou-se, mais interessado em esquecer as pobres crias que de inteirar-se daquelas rusgas partidárias. Demandas de terras, me falaram...

— De terra só, não! Eles sempre jogaram as cristas na política, com furor.

— Pois é a oportunidade de fazê-los dançar, Nuno! E convencer o Francelino a construir o matadouro, cambiar votos para o seu candidato nas próximas eleições. Fazê-lo gastar o dinheiro...

Nuno riu.

— Não creio! O homem é muito amoroso das pratas e agarrado demais às saias da mulher, de quem ouve os conselhos. Oposicionista por turra e por burrice. A verdade é que ainda de longe o Ildefonso comanda esta joça. Vem cá quando é tempo e leva o peso da votação. Vocês sabem como é, tudo preparado de antemão, com as facilidades que o dinheiro dá...

E de repente, sentindo uma ideia feliz brotar-lhe na cabeça:

— Por que o doutor não toma as rédeas da política e não segue a trilha já segura do coronel? Não aproveita a votação certa da clientela? Pelo dito de Estêvão, que não mente, Ildefonso anda meio adoentado, ligando menos para o prestígio. Vendeu quase tudo que possuía, as duas fazendas e a criação. É uma força que não dura. Mais dia desapega de seu feudo, apaga o rasto.

Mas Xavier não achava de bom augúrio conciliar a política e a medicina. Uma coisa ou outra. Política demandava tempo, ausências demoradas na capital, com os conchavos aleatórios que iam longe. Os doentes precisavam dele. Além do mais, carecia de talento oratório, vinha de muito longe, não era da terra. As rédeas deviam ficar nas mãos ágeis dos coronéis, que por eles falavam os Rubiões e a sua grei. Faltava-lhe bossa para o cargo.

Amancinho concordou, alegando que se a medicina não lhe oferecia muitas glórias cívicas ao menos proporcionava-lhe o bem interior que ele sabia agradar-lhe mais. Além disso, havia as suas árvores, o seu pomar, para as horas de lazer, e disso Xavier não abria mão.

— Vai lá um dia, Nuno, ver as fruteiras, alinhadas e carregadas de brotos. Fruto, mesmo, só teremos em três anos, se bem que algumas se mostrem muito precoces.

E quiseram ver confirmados os boatos que corriam: que o coronel Ildefonso andava sofrendo de uma erisipela na cabeça, com infiltração nos ouvidos, que o deixava meio surdo.

Nuno interrompeu-os.

— Há muito de exagero nisso, não creiam. Vi o Ildefonso há coisa de seis meses, quando veio fechar o negócio da fazenda do Quilombo: a Rocinha. Jantou aqui com o Valério. A verdade é que o filho Guilherme, um molecote de pouco mais de quinze anos, já lhe cuida dos negócios, aconselhado por Marina, a sua mãe. Mas ninguém pode afirmar que não voltará, depois da educação dos filhos, pode lhe dar o vezo, o que todos desejamos. E fosse o coronel Francelino mais decidido, menos aferrado ao cordão da bolsa, a vitória não seria mais que uma passeata. Era vestir e calçar os que vinham de pé no chão pelos matos das estradas e dar de comer e beber aos cabras agenciadores, com muito foguetório, pois convicção não tinham nenhuma. Mas Francelino não sabe onde encontrar o fio da meada e Ildefonso maneja os dois lados, deixando correr que nem veio d'água o seu dinheiro. Compra e paga o seu prestígio, agora que está meio lá e meio cá, no que tem muito de agradecimento. Ele assim cuida servir os seus correligionários, os parentes e o compadrio.

Sem bem compreender os enredos daquele prestígio remoto, os moços concordaram. E, servido o café, se despediram com um abraço e a promessa de retornarem tão logo pudessem. Ficaram ainda na calçada conversando, vai-não-vai, numa última resistência, acompanhados de Nuno, que os deixou na esquina, frente à chácara dos Calimério.

E foram rua acima. Chegados ao morro, decidiram tomar a direção da igreja. O professor tinha cartas para a família e aproveitavam para passar no Correio. Contou então ao amigo que uma das cartas era de consulta aos pais. Pedia-lhes permissão para casar. Fora ao Nuno intencionado de falar-lhe no assunto, refletiu, achou melhor aguardar a resposta de Queluz, ficar o assunto só entre os dois...

— Você compreende, Xavier, os filhos de minha primeira mulher que tenho lá em casa, na companhia dos velhos e das tias. Vivendo entre adultos cuja indulgência você pode aquilatar, eles os tiranizam. Do que estão precisados é de uma mãe jovem, do convívio com outras crianças, e por isso pensei levantar um lar aqui.

Xavier escutava-o entre cabisbaixo e indeciso. Não esperava estes planos tão cedo. Que o amigo andava perdidamente enamorado, de velho sabia, mas até então ele guardara, enclausurada no peito, a resolução de casar. Em sua ausência prolongada, durante os tristes dias de imobilidade, na cama, tivera tempo de tudo arquitetar, a sós e maduramente. E quis saber qual era a opinião de Eglantina, se concordava com a vinda dos dois meninos.

Um pouco acalorado Amancinho alegou que isso seria uma simples questão de troca, pois Eglantina era acostumada ao trato com crianças, desde menina. Conhecia o mister tão bem como sua mãe Umbelina.

Alternando o ligeiro desconforto com a disposição feliz de seu amigo, Xavier confessou-lhe que achava a escolha muito sensata. Conhecia bem Eglantina, sua fortaleza de ânimo, fora o seu braço direito no trato daqueles onze doentes, não apenas os seus familiares, cujo desvelo seria natural, mas com as duas moças de Pinda, de si tão exigentes. Quantas vezes deixara a casa reconfortado, como que encouraçado na sua força serena, que nada parecia alterar. Acreditava que seriam ambos felizes, sem nenhuma dúvida ele fizera a melhor escolha.

Horas depois, a caminhar pela estrada quieta, Xavier ia pensando que a vida sobrecarregara de experiências o seu amigo. Aos vinte e nove anos era um homem viúvo, com filhos para zelar. E se propunha casar de novo, reunir os seus caros sob um só teto, que, naturalmente, aguardaria outros rebentos. E ele, Xavier, quase da mesma idade, pouco ou nada tinha que acrescentar à existência, decorrida sobre livros, com a meta da medicina a enredá-lo, desde os primeiros bancos da escola, em Salvador. Estudara com relativa facilidade, o pai e o tio Miguel médicos também, familiarizado desde cedo com a complicada nomenclatura na lombada

dos livros. Como amara aqueles livros! Seu desterro, decidido nos conchavos familiares, para que terminasse no Rio os dois últimos dois anos da faculdade, não fora também provocado por um caso de amor? Mas aquilo que lhe parecera grossa selvageria do pai, ao cuidar ele próprio de sua transferência, logo se lhe depararia como um bem. E sua permanência em São Bento, ao longe lhes parecia ainda um revide à atitude autoritária que o afastou de Salvador e de sua amada. Na realidade, o motivo fora bem outro e diferente da enrascada familiar. Não poderia nem de leve imaginar que ao aceitar sua integração na caravana entre estudantes de medicina do Rio e de São Paulo estaria dando os primeiros passos para o início de sua carreira e o definitivo afastamento dos seus, sem precisar socorrer-se do nome feito e da autoridade ranzinza dos dois velhos. O anedotário que embalara mais de uma reunião entre os colegas, animados pela verve do Guidice e de outros dois filhos da terra, cantores incansáveis das belezas da serra e de suas amazonas morenas, deixavam-no espicaçado e curioso. A estadia em Pinda, na chácara dos amigos, e o conhecimento, mais tarde, dos problemas que pesavam sobre a cidade, à míngua de médicos, fizeram-no pensar na fuga. Por fim, um artigo de jornalista serrano, inserto no *Correio Paulistano*, pusera fim à sua indecisão. Na cidade, morria-se por falta de socorros e as irmãs carmelitas, por não se acreditarem milagreiras, estavam decididas a deixá-la, amedrontadas com as responsabilidades que lhes caíam, às vezes, nas mãos. Falou-se até nas amargas lágrimas de madre Vicentina que via, pelos frios, morrerem os seus doentes, sem que nada pudessem fazer. Decidira-se. Decepcionados, os pais escreviam, chamando-o para ficar em família, com clientela farta e os sossegos do lar. Ouvido mouco, arrumara as malas, partira e ali estava, munido apenas de coragem, porque, acenando-lhe o interesse, haveria apenas o recurso das malas prontas para o regresso. Construía o seu mundo, parco mundo, para o seu desejo de aperfeiçoamento. E ia ficando, resistindo, deixando-se contaminar daquele feitiço que a todos enleava . Mas seriam apenas as tardes radiosas, a ociosa contemplação, a plenitude demarcadora dos relevos e serrarias, os encantos e a emoção puros da escalada os responsáveis

por aquele descortino que o envolvia como um vento quente? Riu ao próprio devaneio. Pôs-se a analisar os sentimentos, friamente, a si e aquela situação inesperada, não querendo recebê-la como uma verdade. Afinal, Maria Angélica era apenas uma menina, mal saída da puberdade. Não dava conta de sua força, do fascínio precoce que a marcava como uma flor esquisita e distante. Não podia ser de outra forma. Era uma menina — repetia para si. Convencê-la daquilo seria roubá-la aos devaneios próprios da idade e de seu temperamento reservado e altivo. E ali só vinha pelas férias regulares, regressando depois ao vale, onde continuava os seus estudos.

Subiu o caminho na campina espessa e boscosa. Envolviam-no a tarde esmerada de silêncios, o espaço devoluto onde a água surgia e se escondia, estremecendo as margens despretensiosas, secretos mistérios só conhecidos dos andarilhos, dos cães vadios e dos pássaros. Não longe, a cidade ostentava os seus painéis de traços primitivos, fachadas disparatadas e coloridas rasgando um pouco a perspectiva dos quintalinhos grimpantes, emoldurados de laranjais maduros, mornos de sol, maduros demais... Ora, se gostava de Maria, confundi-la com sua terra era tão simples!

Encontrou o trilho mais largo, no campo, um dos inúmeros espaços visíveis na verdura, que iam acabar na casa de tio Genaro. Era a grande extensão verde de pastagens, a espaços pintalgadas de pequenas elevações pontiagudas e terrosas, trabalho insistente e moroso dos cupins.

Ele se lembrava de ter visto nos terreiros pobres dos casinholos da Várzea porções enormes daquela massa inflamável e porosa, incendiando-se entre a fumarada ácida e demorada, para escarmento dos mosquitos. Nos tempos quentes e calmosos, em nuvens, invadiam eles as casas.

O enorme casarão colonial era soberbamente plantado na falda do morro, entre pinhos quase seculares e um bosquete de eucaliptos, que, há mais de vinte anos, desde que chegara tio Genaro, não sofreram o despojamento de um só galho maduro. Tio Genaro, que era filho de portugueses, morria quase de riso quando lhe falavam de seu jardim desprestigiado, e abria cami-

nho com uns restos de afetação, deixando crepitar em suas palmas crestadas os esmaltados bagos de pinha, que só eles lhe sabiam ao permanente e lhe deixavam marcos na memória. O pomar, em ascensão, terminava em imenso canavial, ao encontro da mata. Por cima dos varais pintalgados, mais rarefeito o ar atirava para o sul fios brancos erradios da fumaça dos fogões, aderentes aos perfumes resinosos, cheiros de hortaliças e de carnes recém-salgadas. Outros filetes de água caprichavam as recurvas, desciam em disparada e iam longe alimentar as fontes mais conhecidas, já no caminho do Paiol.

Xavier pensou que se deixara demasiadamente perder em seu combalido interior, para se surpreender no mundo circundante: sua permanente e excessiva doçura.

Pachorrentamente o gado pastava e um ou outro ladrido quebrava o silêncio bordado de ramagens. Através das hastes esguias dos bambuais rompiam, a intervalos, trechos de estrada e estrias de sol. Avançou entre os estiletes maduros e aproximou-se da bica transbordante. Teve sede daquela água. Foi impedido por ligeiro rumor entre os galhos de um pé de cambará novo, de cerrada ramagem, como se dali um bicho rastejasse. Voltou a cabeça e viu Lenita surgir detrás de uma moita de juás bravios e de craguatás, emagrecida ainda da recente enfermidade, os ralos cabelos colados de suor à testa, a mão espalmada e nervosa pedindo-lhe silêncio. Maneirosa tomou a sua direção, saltando sobre a macega. Apontou o primo que esgueirava, o vulto elástico coleando entre as ervas daninhas. Àquela postura incômoda seguiu-se o grito de alegria e uma ponta de corda vibrou no ar como uma chicotada.

Lenita saltou de entusiasmo e tal um corisco embrenhou-se entre os caules nodosos, a rir e a incitar o primo com exclamações de triunfo. Xavier olhava-os, sem compreender. Quando tentava os primeiros passos, viu o gesto de Rui pedindo-lhe para esperar. Lenita arrepanhou a saia, pulou o emaranhado de urtigas e de samambaias e veio buscá-lo. Puxando-o pela manga do paletó, carregou-o com ela.

— Venha só espiar, doutor! Primo Rui pegou um preazinho para eu criar, no laço que ele armou... Veja só que engraçadinho!

Descalço, a camisa amarrada com um nó, acima do umbigo, as canelas escalavradas de fora, Rui fazia rolo da corda. Deu um puxão rápido e levantou-a à altura do peito. Um animalzinho cinzento, ágil e espevitado surgiu na ponta do laço, dando guinchos de pavor. Lenita escondeu o rosto nas mãos e vagarosamente foi abrindo os dedos para dar vista aos olhos. Rui sorria, animado, dando corda ao animalzinho para vê-lo saltitar.

— Ai, coitadinho! — falou a menina, a pôr as mãos, como se ela não fosse também responsável.

— Ele está cevado, Lenita, olhe só como está gordo de comer as roças de tio Genaro! Crio ele até amansar...

Xavier alisava o pulso entre invejoso e divertido, vendo-os comodamente acocorados, a apalpar o animalzinho, incapacitado de qualquer resistência.

— Preá macho — assentiu o menino com convicção. O mais gordo que já vi! Te dou ele, Lenita...

A menina galgou a pequena elevação e foi em busca dos sapatos que deixara escondidos no mato. Voltou correndo e atirou-os junto da bica.

— Tenho um medo que ele escape, primo Rui — falava receosa, ao ver o primo desenlaçá-lo para pô-lo no embornal.

— Ai! que pelinho macio!

Com indisfarçada alegria viu o animalzinho sumir dentro do saco de aniagem. De um puxão de sua mão adestrada Rui encerrou-o, saracoteante, dentro da precária prisão.

Lenita sentou-se na ponta de pedra, ficou a olhar a água cair, primeiro sobre um pé, depois sobre os dois juntos. O primo veio e ela deu-lhe lugar, ao lado. Ficaram entre risos a disputar o fio d'água.

— Me enxugo na minha saia, mas o pé tem que ficar bem limpo, senão mamãe percebe... Primo Rui, não me empurre, chegue para lá... Eu não sentei primeiro? Então, esta biquinha não dá pra dois... Dá?

Levantou a ponta da saia de baixo e esfregou nela o pé. Equilibrou-se, deixou cair o peso sobre o ombro encurvado de Rui. Calçou o outro pé lavado e pulou fora, acercando-se de Xavier, que, apressado, estendeu-lhe a mão.

— Não vê que eu caio! Faço isso sempre! Nem precisa me segurar com tanta força! Faz tempo aprendi a equilibrar no nosso circo de mentira...

Punha-lhe os olhos dadivosos, a perguntar-se, dentro de sua convicção feliz, "e não sou a maior?"

Acalorada levantava os poucos fios de cabelo e puxava-os com as pontas da fita, a qual cerrou com um nó de duas voltas.

Pachorrentamente Xavier os olhava, ajustando ao pensamento a certeza de que eram ambos puros e sem qualquer malícia, para que tão longe levassem a sua infância. E Rui? Já não era tempo de estar desperto para a vida? Naturalmente, iria encarregar-se disto, sendo os dois tão unidos e inseparáveis.

Perguntou-lhes se se encontravam muitas vezes, se já haviam caçado outros preás em suas andanças pelos matos.

A menina afirmou-lhe que sim, que caçavam nos morros e nas estradas dos morros, mas que ela gostava mais da barranca do rio. Faziam pescarias com as peneiras que roubavam de sua mãe. Não ficava alegre quando primo Rui matava os passarinhos. Às vezes caçavam tatus e Ruizinho matava cobras... Noutro dia encontraram um ninho de irá, cheinho de mel. Antes de ir para o colégio haviam de correr todos os morros e nas férias iam armar um circo novo... Tinham programação... Ruizinho ia engraxar a espingardinha e areá-la, sabia? Já aprendera a atirar nos umbigos das bananeiras, mas nunca seria boa atiradora como o seu primo, que era muito certeiro nas miras, às vezes ficavam horas esperando um bichinho cair na arapuca...

— E vocês falam? Não conversam? Que é que vocês falam, enquanto estão de tocaia?

Ela riu, deu-se pressa em responder à ignorância incompreensível do médico.

— Os bichos são muito espertos, doutor, ouvem fala de gente, de longe! Não vê que eles chegam! Primo Rui não me deixa mexer uma palha! Eu faço coroas e coroinhas de maravilhas, coroas de uma só cor e coloridas. Uma vez contei trinta! Maravilha, no tempo, é mato! Já viu as maravilhas que dão na barranca do rio de minha casa? São as mais bonitas, por causa das águas...

Xavier não respondeu e fê-los parar. Chegando à beira d'água colheu um lírio do brejo e deu-o à menina.

— Em minha casa tem muitos lírios nos pastos... Tem até demais, beirando os regos d'água. No pasto pequeno tem uns pés tão folhudos que dão para esconder um bezerrinho, mas este é o lírio mais grande e bonito que já vi! E por que é o mais bonito, primo Rui?

— Pois era um lírio sozinho, boba! Não vê que roubou a seiva? — Apressou-se Rui, depois de olhar as folhas carnudas que circundavam a bica.

— Roubou a seiva... Apanho outros para você, apanho quantos você quiser...

Ela fez que não, que era tarde, hora de tomar banho. Estava com tanta fome que nem podia ir com ele tomar a bênção de titia. Se levassem o coelhinho e o escondessem no paiol alguém ia ficar sabendo?

— Você não acha que é o melhor lugar? Venha então comigo, primo Rui, o doutor não conta nada, não é doutor?

— Com uma condição, Lenita! Na próxima pescaria com peneira, que vocês fizerem, quero ir junto. Que é que vocês pescam? Lambaris ou traíras? Pois não há coisa de que eu mais goste que uma fritada fresca de lambaris. Se você me levar, mais o Rui, prometo não contar nada para a sua mãe...

— Sábado, de tarde, depois da escola — falou convicta. No barracão de fumo tem uma peneira pesada, de peneirar café que serve para o senhor. Eu peço para a Arminda dependurá-la da trave mestra, ninguém vai ficar sabendo.

— Combinado... sábado à tarde. Não preciso levar isca?

— Só milho encharcado, que bobagem! Primo Rui arruma tudo, que ele começa a cevar três dias antes.

Cumpliciados e confiantes despediram-se ao pé da escada. Xavier subiu os degraus e parou no patamar. Do alto viu-os descer, mão na mão, e juntos passarem o portão, que cerraram com cuidado. Em seguida, andarem cautelosos até o casarão de fumo, cuja porta cedeu. Desapareceram a gesticular. A seu lado, irmã Vicentina sorria.

Capítulo 16

As estórias de Tinho e Zé Arvelino

Com força raivosa Odete esfregava o ladrilho da sacada de frente, inundada que fora na noite anterior pela tempestade. Ali os meninos deixaram os seus rastos, depois de transformá-la em pista de escorrega, na falta de outro entretenimento onde pudessem gastar as energias acumuladas durante as horas de prisão, dentro de casa. Vez em quando parava o serviço e olhava a rua. O vento fresco tocava as nuvens e uma luz turva começava a derramar-se sobre a cidade. Redizia, a vassourar a água barrenta, que aquilo mais parecia um curral que casa de gente, e viu sua atenção desviada para o homem rechonchudo, que parava em baixo, nas imediações do portão. Quando se certificou de que era o sargento Eurico, correu dentro, buscar a sacaria, evitar que os pés emporcalhados do homem viessem inutilizar o seu serviço. Se ele vinha da Várzea, traria as botas pesadas do barro que rodeava a cadeia e lá chafurdara a sua gordura. Antecedia-o, abrindo os panos ao longo dos degraus até a porta, ouvindo-o perguntar se o patrão já tinha tomado o seu café.

— Já tomou, sim senhor, faz tempo.

No escritório, de porta cerrada, Estêvão acabava de redigir um contrato e relia-o, ver se não passara nele algum cochilo, um erro de gramática, uma vírgula ou um ponto final mal-empregados. Fazia questão cerrada de que a redação fosse perfeita. Escutava o esfregar dos pés na tabuinha crivada de tampas de garrafa — trabalho paciente de seu filho Amadeu, sem desviar a atenção da leitura.

Sargento Eurico era um homem gordo, calvo, meio ralador. Sulista como a mulher. A proeminência muito avançada da barriga não permitia que as calças lhe chegassem com sobras à cintura e isto lhe dava o aspecto grotesco de uma barrica mal-acabada, daquelas que o Vicentino recebia por ocasião das festas e que,

de uma vez, entrara-lhe também pela casa, com o bojo repleto de louças adquiridas em São Paulo, por encargos de Umbelina. Sabia-se de seu gosto pela bebida e aquela saliência precoce não seria por outra coisa. Estas divagações um tanto descabidas circulavam pela mente de Estêvão, enquanto retirava o pincenê e assentava os olhos no homem. Mas a aparência de Eurico era de alguém caído em desgraça. Procurou lembrar-se de algum fato ocorrido na cidade e que fosse recente, para obrigá-lo àquela visita tão matinal, mas, que soubesse, nada havia acontecido. Ofereceu-lhe um cigarro. Chegou à porta e mandou a Odete trazer a bandeja de café. Olharam-se durante alguns instantes, em silêncio, enquanto Odete, muito apressada, depositava a bandeja na mesa e fechava a porta, ao sair. Depois de enxugar as gotas de suor do rosto, Eurico deixou escapar a cólera.

— Vim por causa dos meninos... — Começou, a empurrar para os fundos da japona o seu lenço de merino de duas faces.

— Uma corja, Estêvão! E o meu Edgar é o pior, o mais censurado. Não digo que o Mariozinho seja dos bons, mas não é tão ruim como o seu irmão Edgar. Vai-lhe na onda. Agora veio a dona Alicinha em pessoa dar parte de que eles estão em pelo, a correr os pastos, a subir os morros, depois do mergulho. Quinze meninos taludos! Com as suas partes de fora! E não é essa a primeira denúncia, não, que já ando cansado de apaziguar as donas vizinhas do rio. Vez em quando mandam as negras à delegacia reclamar. Desta vez dona Alicinha veio em corpo, pedir providências, por causa das filhas que ficam vendo aquelas indecências...

Estêvão pigarreou, deu dois passos, afrontando-se com a denúncia.

— Você disse quinze meninos? Não é menino demais, Eurico?

— Quinze meninos! — reafirmou, e os seus dois de permeio. Contados a dedo pelo meu praça. Amadeu e Arturzinho estão lá...

Estêvão fechou o livro de escrita, amontoou os papéis dispersos e deu mais uns passos pela sala.

— Mando buscar os meus filhos, prometo que lhes dou um castigo severo.

— Bem, o que vinha pedir era permissão para tirar-lhes a roupa, até o fim do dia. As mulheres fecham a casa. Sem roupa eles não podem comer, sem comer não podem nadar, obrigo-os a jejuar. A lição, desta vez, vai ensiná-los, não vejo outra melhor, só venho pedir o consentimento...

Estêvão parou, bastante alarmado, concluindo para o seu feitio de homem conciliador, que aquele era um castigo forte demais, uma maneira desumana de corrigir as crianças. Que não pensaria Umbelina? E os quatro anos e meio de Arturzinho? Mas ante a série de denúncias e à lembrança de Umbelina, que vivia a queixar-se das fugas dos filhos para o rio, pensou dar carta branca ao sargento.

— E as mães, Eurico? O que acham as outras mães, da punição? — Perguntou, esperançado de que o amigo relaxasse um pouco a pena. Você já falou com elas?

— Só me falta falar com a mãe do Tiburcinho, a Clementina. Ele é o menorzinho da turma, mas dizem que para nadar é pior que um peixe. E que só mergulha em zona perigosa. Ela não vai pôr empenho, querer ver o filho morto em dia de enchente.

Estêvão pensou harmonizar, alegou que Arturzinho podia estar dormindo, bem que fosse madrugador, como Umbelina. Chamou Odete e indagou se vira Arturzinho em companhia de outras crianças. Ela respondeu que sim, que vira Arturzinho com os dois filhos de Simão carregando umas taquaras para fazer uma loja...

— Não viu outras crianças reunidas?

Vira! Os três filhos do Zé Poceiro e o Tião de Ernestina, esperando Amadeu, na rua.

Estêvão recolocou o pincenê, deu outros passos em silêncio e decidiu que Eurico estava com a razão. Se as queixas eram tantas, não proibia às mulheres o seu direito de queixar. Custava-lhe porém saber que seus filhos tinham já perdido a vergonha.

Dali Eurico saiu célere, buscando o praça que sabia esperando-o nas imediações da ponte. Margearam o rio, entraram na casa da velha pintada, das Dores, caíram sobre as roupas, sem que os meninos dessem acordo. Quando, horas depois, alertados pelo es-

tômago vieram secar o corpo ao sol, não encontraram as suas calças. Foi um alarido, um furrundum desencontrado, um Deus que me acuda! E trataram de averiguar, cuidando num embuste de companheiro. Viram foi um aviso pendurado na forquilha de uma árvore, ao pé da cerca, a carvão garatujado, numa folha de papel limpo. Leram, a trocar as palavras: "As roupas estão na cadeia, sob vigia. Venham buscar". Ficaram sem entender. Corriam as mãos pelo corpo, conscientes, de repente, de sua nudez, formando roda, aparvalhados, sem fala com que explicar aquela humilhação. O sol subira, limpo, quente e luminoso. Desafogada dos vapores do rio a paisagem reaparecia compacta e resplendente. Um bando de rolas resvalava o telhado, embicava a esteira de plumagens cor de baunilha fresca em direção do bambual, na falda inda orvalhada do morro do Fonsico...

Juquinha pisou forte um formigão que passava.

— E agora? — perguntou o Pirola a relancear o olhar ensandecido na imensidão de capim. Como varar esse mundão malvado de capim e procurar a casa, assim pelado?

Reuniram-se à volta da gabirobeira. Sua sombra era pouca e eles voltaram para o barranco do rio, sem vontade nenhuma de vencer as corredeiras, de mergulhar as apoteóticas braçadas. Tiburcinho começou a chorar, pedindo ao irmão a sua camisa.

— Mato uma onça e te tiro a pele, pixotinho. Te fantasio...

Procuravam soluções. Edgar opinou que roubassem roupas à velha. Vira um varal cheinho de panos no seu quintal. Nem pensaram, rastejaram rente à casa e deram com os varais lisos, esticados nos engates das taquaras, sem o enxumbre sequer de um pano de secar os pés.

— Hoje mato um praça!

Incentivada que fora pelos homens da lei, valia-se a mulher dos antigos rancores suportados, e injuriando, sabujando vantagens, apoiava os cotovelos no batente da janelinha, soltando gritinhos salivosos, rindo e abençoando com a cruz do persigno o seu poderio satisfeito.

Pensaram em apanhar um peixe e assá-lo na brasa. Justino sabia como fazer fogo com duas pedras. Muitas vezes ele fizera.

Mas ali, naquela aguinha sem vergonha, só dava lambari, lambarizinho de merda. Se pudessem iam roubar uma peneira... mas donde?

Augusto pegou um pau e foi ver se desentocava um tatu. Perambulou pelo morro e voltou de mão vazia.

— Vi dois xués numa xurreira! Foi só o que vi... Deste tamanho!

— Eu sei de um lugar que dá tatu, mas alguém precisava entrar no Beco e esse Beco é cheio de lavadeira. Me correm de pau...

Edgar teve outra ideia. Iam dois de nado, devagarinho, renteando o barranco. Roubavam um lençol à nhá Trude e o que mais desse. Ficava mais perto a casa de nhá Trude e, parede-meia, só morava a Leontina, que andava meio cega. Pularam n'água, Edgar e o pretinho Salomão. Cuidadosos como dois bichos que se vissem de perto rastreados, contornaram o rio, deram de vista com o Beco. O capinzal espraiava dos casinholos até o rio e cintilava, orvalhado, um silêncio abençoado, só cortado pelo cacarejar das galinhas. Sobre o capinzal não viram sombra de roupa, contudo, era ali que as velhacas as estendiam, dia e noite, afogando os matos com os seus panos... Voltaram desenxavidos, metidos em brios, confessando-se vencidos. Correr as ruas, debaixo daquele solão, com o pelo à mostra, isso nunca, não podiam... Ficaram enroscados, intimidados com a reação dos pais que consentiram naquilo. De certo estavam combinados com o praça ladrão, senão mandavam campeá-los pelo Ricardinho, e era como sempre fazia mãe Umbelina, quando eles sumiam. Nessa altura, a fome já os torturava. Desciam ao rio e bebiam água, encharcavam-se de água.

A tarde foi longa, doída, mais doída que uma surra de relho. Com que vagar viam o sol caminhar no céu. Nunca que lembrassem, o Serrano pareceu-lhes tão distante e nunca o sol demorara tanto no caminho daquela serra...

— Gentes, e se algum contasse um causo?

Fecharam a roda. Bom contador de causos era o Tinho, que nunca repetia aquelas estórias compridas de vaqueiro e de assombração, que ele sabia contar. O seu pai, que nunca arredou pé da cidade, conhecia o mundo como ninguém. Contava de um ho-

mem farreador que deixava a mulher sozinha em casa, com o renque de filhos. Um dia, era de noite, vinha ele descendo a rua com uma carraspana, escutou um ronco feio e um gemido e quase deu de cara com um porco orelhudo, tão medonho, que levantou num só arrepio tudo o que era pelo do seu corpo encurvado. O bicho sacudia a cabeçona, batia as orelhas em cada sovaco e vinha ao encontro dele, com a dentuça de fora. Ninguém sabia o que era...

— Era o lobisomem, Tinho...

— Que lobisomem, nada! Era um coisa ruim dos infernos que entrou no corpo de um porco, e só o rabo não coube. E, como eu ia dizendo, de arma o pobre só tinha a merda de um canivetinho de esgravatar o pé, da unha do pé, arminha sem seca praquele corpo tão grande. Lembrou de uma reza forte que havia aprendido e que até já havia esquecido, um credo cruzado tremido e fez o sinal da cruz, um em cima do outro. O bicho torceu de banda o focinho e veio vindo de frente e meio cambaio, batendo a cabeçona orelhuda nas paredes das casas. A ver, queria era entrar com o sem poder do esconjuro. Uma hora, de tanto corcovear, deu uns espirros e um pouco de fasto, foi andando de quatro...

— Ele foi fastando de quatro, Tinho?!

— Pois foi! E aí, c'o canivetinho espetado de frente, ele bem que tinha um brilhinho, o pobre não sabia a porta que entrava, que toda porta é semelhante quando não tem lua nem bestunto de inteligência pra disfarçar uma taramela de outra taramela... E o carraspana, que tinha a casa ali perto, deu um pontapé na porta tão medonho que até a taramela sumiu. No outro dia encontraram ela no meio das bostas das galinhas, e um pintinho pelado que ela matou...

— Barbaridade!

Então, o carraspana caiu de borco no cimentinho da entrada da casa e a mulher nem sabia o que fazer, andando de roda a ajuntar os filhinhos, chorando e rezando quanta jaculatória sabia, as cobertas nas costas. Começou a gritar os vizinhos de parede-meia, e ajudado de Tremembé o Zeca empalhador levantou o atacado e sentou ele na banquetinha. A cabeça do pobre até parecia uma bola girando na ponta de um pau. Só então a pobre da Mariinha reparou na cara branca do marido e na fala que ele perdeu

na rua. Não vê! Siá Mariinha bem que foi sufragada da tresnoitada dele. Quem sabe ele não vai se emendar de tanta noite perdida em tudo que é porta de venda. Pois não é? Home seresteiro, a bem dizer sem muita valência, que é bem de um martelo colorado que ele gosta. Já deve de estar estragado por dentro, por causa da acidez da má pinga. Pobre do meu compadre! Isto quem falou foi o Doca da Nocência, padrinho do Fiico, aquele remelento que nem aprende o bê-á-bá, que a mestra ensina na escola.

Rubininho soltou o sopitado soluço e enroscou o corpo inteiro no corpo do irmão, que o abraçou de um braço.

— Então... Sempre ajuntando a ninhada, siá Mariinha jurou que nunca mais dormia naquele quarto de janelinha na calçada, que ela ia era pros fundos da casa que tinha o porão por baixo, causa mesmo da maquinação daquela terra. Virge! Ai que noite mais triste! E, puxando os mais pequenininhos, a pobre deu o agradecimento, viu aquela gentarada sair de um em um e estremecida de sono nem se lembrou da taramela da porta, que dormiu aberta. O carraspana acordou só no outro dia de tarde. Seu amarelão durou um ano. Mudaram de casa, em frente de um poste de iluminação. Siá Mariinha chorou um meis... chorou dois... E foi de assim, meninada, que continuou a vida daqueles dois.

— Coitadinhos!

E mal se entreolhando, colavam-se uns aos outros, sem fala que falar, curtindo a nudez e o medo daquele sol morrendo.

— Cedo ainda para a passeata — falou o mais velho, Zé Arvelino, pespegando os olhos no beco. Gente pelada não anda de dia, só de noite fechada...

Olhou o céu escurecendo e coçou a cabeça.

— Ninguém mais que conte? Ai criançada sem maginação!

— Eu nunca mais escuto causo do Tinho.

— Nem eu.

Percebendo aquela fraqueza de menino, Zé Arvelino sentiu um dó lhe estremecer o peito, prometeu que ia contar uma história de valentia, pra que não lembrassem aquela estrujice do Tinho...

Se acercaram, juntando os corpos resfriados uns nos outros.

Sombras já se viam ao longo das cercas e nas faldas repousadas dos montes. A gabirobeira virou um canto só. Sussuros e gemidos possuíam os matos.

— E se a gente fosse brincar de Tom Mix? — alvitrou Amadeuzinho, pulando sobre os pés. Eu banco o xerife...

Para tanto movimento, faltava-lhes a alegria. E estavam com fome, pensavam nas mães e nos castigos. Ninguém se animou.

— Então, minha gentarada, era uma vez um moço troncudo, chamado Cipião. Filho de coronel fazendeiro que queria fazer ele doutor. Cresceu no curral no meio das bostas verdes das vacas, correndo nos campos com os filinhos dos pais que foram os escravos de seu avô. Crescido mais que um menino. Com uma peitaria que mais parecia maminha de mulher, cresceu, mal não diga, só dos dois lados. Mas arranjou uma força, de tanto deitar boi na marcação, de amarrar potro de amansação. Na escola da cidade, neris de pitibiriba, não ficou. Teimoso que nem bode. Mocinzinho já era vaqueiro, trepado no lombo de burro, nas invernadas e atrás das manadas de boi. Cipião era um mundo! Podia até alevantar um esteio de circo, sozinho co'as duas mãos. Sua força era muito respeitada, conhecida até dos mais forçudos. Um dia, era de tarde, vinha ele tocando um gadinho brabo e de engorda, que trazia dos campos da Bocaina, o pasto cujo é de capim chinfrim e de engorda demorada. Quem é que não sabe que capim-gordura é sastifatoriamente aquele que engorda em treis meis? Alguém não sabia? Pois então que fique sabendo...

Ajudado pelo peão-laçador Furacão, aquele lá que usa apargata de couro cru costurado na cozinha, na boca do fogo, mor que as botas do Salvador deram aquela subida no preço, depois daquela enchente pavorosa que carregou o estoque dele e as prateleiras, se alembram? Então... Como é mesmo que eu ia dizendo?

— O Furacão, Zé Arvelino, aquele que era peão-laçador, amigo de Cipião...

— Ah! O peão! Era mesmo! Então vinham os dois, mais o negro Ananias, ali dos lado do Varjão. Cipião tinha de olho um torinho muito afogueado, bom estourador de boiada, sempre saindo da linha, dando uns corcovos de banda, uns burrifos de mau

bofe, espraiando poeira e alguma pedrinha. Esse boizinho tretera, não é que parecia que queria dar de embira?

— Pro pasto, Zé Arvelino?

— Pro pasto, sim, cansado do comércio e daquelas ruinhas que mal não diga tinham só umas touceirinhas de capim e uns pé de amor-perfeito e manjericão nas janelinhas. Foi então que o moço se alembrou da escola, por onde ele tinha de passar, ele e o seu gadinho de engorda. E o negro ia era um pouco descuidado na frente:

— Oiê, maiado! Segue a tria de largo, sarnento! Jagunço, toma o seu rumo, safado! Ei! Gadinho assanhado! — Vinha o negro gritando, quando o tourinho desembestou, sacudiu a nervosia do corpo, virou a esquina de seu Nascimento e tomou a via da escola. Cipião desembestou atrás, maneiro no seu cavalo de sangue, o laço desfiando na mão. A poeira era muita, mas as estrelinhas que subiam debaixo daquele pisoteado de besta era inda maior...

— Como é que eu ia dizendo, criançada?

— O gadinho, Zé, que vinha de cambulhada...

— Ah! O gadinho... Pois é! E de uma poeirinha?

— É sim...

— Então, o coração do moço tremeu. Foi bem nessa hora que o sininho tocou, açodando até os boi mais desesperançado. Que nem uma fera, o boizinho arrepiou o lombo, meteu quase a cabeça no meio das pernas de frente. Ora veja! Não era então o sinal da arremetida dele? Quem mais não sabia senão o moço? Esporeou o seu cavalo de sangue, bem mais erguido que toda aquela lombada que até mais parecia cardume de traíra no cio e saiu de lado, inda bem que longe do cincerro do guia. Furacão nem via, nem ouvia, que tinha o bestunto direto na sua cuia de jambá e quando viu era já tarde. Cipião já voava que nem ave, co'a bestinha na frente dando corcovos e aqueles espirrinhos de defluxado. Virge! O que a gentarada viu foi uma gritaria, um corre-corre de pezinho de criança, gente grande querendo pulá a janela, outro batendo a porta e trancando a cachorrada dentro. Ai! O que eu vi, criançada, foi bem um gato correndo detrás de uma galinha, um cabrito pulando de banda e uma cabrita subindo em riba dum pé

espinhento. Foi o sururu mais medonho e até um gambá rondeador de galinhero apareceu e muita gente de bem comeu gato por lebre. O menino? Ah! Ele mais que cilhado, os dois pé sangrando no estribo de roseta dorada saiu que nem doido, rodeando o seu laço de cima da sua cabeça. Foi aquele banzé! O que aquela gentarada viu, Virge Nossa Senhora, foi bem um corpo sair rebolando, o laço estirado e, de repente, o Cipião despeja o peitaço nos gaio da fera. Ai, que tombaço! Mais não diga, foi até um disparate! Muita boca gritô e mais de uma muler centenária teve quase um desenlace. Mais quê! Sacudido e mastrejado, o caçula do Coroner era igual um rodaminho de vento, perna pra cá, perna pra lá, até a camisa, num resfungo da bestinha, saiu inteirinha do seu corpo. C'os diabo! A criançada parada fazia beiço e gritava. O mulerio besta só fazia se benzê... E, de tanto atentar na desavença, o que a gente viram, de dentro daquele farafafum, foi um corpo ir cedendo, mole, se dobrando até encostar na beirada da guia, ali no pé da criançada. E lá de longe, ai bençoada doidura, o que Cipião escutava era o aboio mais que conhecido do negro Ananias, levando na santa paz do Senhor, o mais grosso da boiada. Pegou o laço e peiou a fera ali mesmo. Então, desdobrou o corpo doído e olhou de volta. O que mais procurando, o pobre? Da sua boca saía uma sangueira. Tentou aprumar a fortidão, deu uns passinhos e caiu nos braços do seu irmão, que já chegava correndo. Estancaram a sangueira da boca dele, deram nele um banho de sal grosso e um copaço de arnica. As comadres fizeram oração, muita gente ofereceu prenda pros santos. Sua mãe chorou de fazer dó. No fim de dois dias já estava bom, campeando o seu potranquinha de ano e meio...

— E o torinho, Zé Arvelino? Morreu o torinho?

— Ah! O torinho? — Zé Arvelino abriu a boca melada de saliva e deu a primeira risada daquele dia de vergonhas.

— Pois o torinho... Era uma vez um torinho, passou numa porta e saiu por outra, quem quiser que conte outra...

Passado o encantamento, passou a alegria. Nem a sagrada beleza dos montes, nem o despedir comandado das centenas de passarinhos, nem a sangueira do sol se deitando no Serrano pu-

deram fazê-los esquecer a nudez e a tristeza. Mariano tossiu, friccionou o peito e lembrou que era hora de tentar a escapulida pelos matos. Edgar se apresentou como voluntário. Ia como desbravador, de nado até a ponte, olhava as ruas e varava o matagal do terreiro de siá Arlinda, ver se tinha lugar. Os outros vinham detrás. E pegavam a Várzea, depois do bambual. O pior mesmo era o charco das beiradas, que os porcos remexiam. Assim pelados, até podiam tentar. Deslizou do barranco e em braçadas longas foi vencendo a corrente. De longe, acenou para os meninos. Quando retornou com a notícia de que passagem não tinha, a noite caía. Havia umas nuvens que subiam e desapareciam, com jeito de bichos e de flores. E muitos caracoizinhos encerrando os restos de sol. Nas pastagens, espichavam-se as sombras, a cada olhar. Edgar sentou no barranco e tamborinou o peito com as duas mãos. Fugir, que esperança, ninguém podia, não! As lojas e as vendas já clareavam as ruas e as moças estavam de passeio com os namorados. Nas portas havia cadeiras com gente sentada tomando a fresca e até vira o moço Alvarino de braço com a sua morena. Tinham de esperar a gente se deitar. Depois era seguir o Beco, passar debaixo da ponte, pular o muro de nhá Rosa e seguir o quintalinho. A cerca do fundo era de meio bambu carcomido, não tinha segurança. Nhá Rosa que se danasse, no outro dia, para campear as suas galinhas. Pelo charco não iam, não, que estava muito fedorento! — Pensava, a triturar as unhas.

Fizeram roda de novo. De outra vez, iam era nadar no Sapucaí, escondiam as suas roupas no ocos das árvores. Nadar, só em descampado, que, ali, não vinham mais, não! E planejavam vinganças, quando fossem homens. Comeriam os praças de pau.

— Hoje não peço a bênção de minha mãe...

— Nem eu!

— Nem eu!

Quando o silêncio cresceu eles deitaram o ouvido no chão. Ouviram só o deslizar manso das águas. Uma coruja piou. A lamparina na casa da velha estremeceu, bordou uns risquinhos no beiral da janelinha e se apagou. Mariano pegou Tiburcinho pela mão e abriu caminho.

— Vamos meninada, que mais hora a lua desponta. Aposto que aqueles lazarentos já estão cochilando. A cadeia é longe.

Seguiam em fila indiana, sentindo o pelo eriçado do frio da boca da noite. Pois não eram acostumados ao relento, ora essa, as friagens da noite? Aquilo até não parecia uma passeata? Muitos tinham ganas de gritar, de atirar pedras a esmo. Quando alcançaram a Várzea, desembalaram. De longe e já passada a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, avistaram a cadeia, inteirinha iluminada, que nem dia de levar prenda pros condenados. O sargento Eurico estava esperando, sentado no pedestal do Cruzeiro, no meio do largo, sozinho, o malvado, com a pilha de roupas à vista. Do outro lado, era um nunca acabar de tocos de cigarros.

— Desgraçado, piolhento — falou Mariano, a abraçar Tiburcinho de um braço. Um dia, você há de comer o seu, lazarento! Logo!

Edgar ficou de longe, roendo as unhas. Uns poucos pegaram as roupas e foram vesti-las nas esquinas. Sem tugir nem mugir. Eurico nem se mexeu. Como gatos, via-os chegar e partir, alguns a capengar, as calças metidas pelos pés. Os que moravam no Aterrado se juntaram na subida do hotel para confabular. Uns poucos iam ficando pelo caminho, nas portas das casas, onde entravam sorrateiros, sem ousar acender a luz. Comeram do que encontraram, nas mesas arrumadas com disfarces. Não souberam que os matos sobranceiros ao rio estiveram guardados durante todas aquelas horas, com receio de que eles tentassem um desatino, que o sargento Eurico visitara as famílias, implorando que recebessem de volta os meninos, sem mais castigos. E que havia muita mãe de olho inchado de tanto chorar e esperar. Estas e outras coisas, eles nunca ficaram sabendo.

Capítulo 17

Mexericos e fundos de agulha

Comumente, durante as férias escolares, prolongam-se os serões até bem tarde e ao pé das bacias de brasas. Poucas eram as famílias que não tinham um ou mais filhos estudando fora, alguns em São Paulo, outros em colégios religiosos, no vale do Paraíba.

Dada a dificuldade de acesso a qualquer um desses locais de ensino, precaviam-se os pais em reuni-los numa só leva, marcando com antecedência o dia da partida, para aproveitamento do guia ou de algum comerciante que tivesse interesses a cuidar em São Paulo. Punham-nos em boas mãos para juntos vencerem a longa caminhada até a raiz da serra.

Prendendo sobre o seio esquerdo a comprida agulha de coser, Elisa arengava que as irmãs eram muito exigentes com a feitura dos enxovais.

— Para que doze lençóis, Umbelina? — Exclamava, a desdobrar os metros de morim casca-de-ovo. E a roupa de baixo? Você acha que uma criança vai gastar tanta roupa de baixo, assim? E no ano que vem não tem mais?

Umbelina suspirava, media com o metro de pau-marfim as fazendas, para em seguida cortá-las com a pesada tesoura da irmã.

— Está no rol, Elisinha, e pode lá a gente discutir com as irmãs, tão longe? E se as meninas não levam tudo o que elas pedem, ficam por baixo das outras. Faço sacrifícios, mas não quero que tratem os meus filhos com desprezo. Preparo tudo direitinho como elas mandam. A consciência é lá delas, não discuto.

E os candidatos a doutor ou ao professorado olhavam de longe aquela lufa-lufa de dobrar e desdobrar peças de pano, de conferir e marcar o que iria encher as fundas canastras de couro, já entreabertas. Os bem-afortunados pais, em sua maioria fazendeiros, que viam retornar os filhos mais guapos e falando diferen-

te, sentiam um certo orgulho velado, uma interior satisfação, que as visitas de parentes e amigos mais chegados ajudavam a prolongar. Mas o que acontecia de inesperado era a recusa deles em permanecer nas casas solarengas da cidade ou na fazenda, substituindo-os na dura labuta do chão. As zelosas mães, recriminadas sempre pela assistência amorosa que a prolongada ausência fortificava, aceitavam o problema com maior compreensão, servindo de anteparo aos revides de pais e filhos. E viam-nos refazer as malas, algum tempo depois, para fazerem valer o título em outras terras. Arredavam-se para sempre dos matos. Nas capitais arranjavam noivas e uma vez casados ficavam a aumentar-lhes a família, à distância. Os que se metiam a politicar arranjavam uma sinecura qualquer. Outros montavam escritório de venda de terras e outras corretagens, se não queriam fazer valer o diploma, tão arduamente alcançado. Alguns se faziam padres, contaminados pela frequência dos carmelitas na vida familiar. Só as moças ficavam, com o diploma inútil, guardado no fundo das malas. Mas os Gouveias fugiam à regra, nascidos de pais lojistas desde a fundação da cidade. A loja grande e muito frequentada, às margens do ribeirão do Paiol, que pertencera ao avo Tertuliano, fora passando de pais a filhos, num comércio sempre florescente. Ali mesmo casavam e iam ensinando aos mais novos a arte de comerciar. Muito secretamente eram invejados pelas mães, remoídas de saudade dos filhos ausentes. Estas coisas ia sofridamente pensando Umbelina, a caminhar pela rua quieta, na manhãzinha clara. Seguia-lhe o Ricardinho com uns embrulhos muito notados. Ia entregar à irmã o restante do enxoval de Lenita, que para o ano seguia a internar-se em Campanha, no sul de Minas. Para que a filha tivesse boa presença, Umbelina queria fazer tudo com antecedência, com as peças marcadas em cheio e bem terminadas. E pensava também agradar a cunhada, de quem Lenita herdara o nome e que se prontificara a cuidar de sua educação. Já lhe escrevera mais de uma carta, pedindo para mandar-lhes a afilhada, pois ia em visita aos parentes e achava bom que a menina se fosse logo acostumando com a nova vida, sem os atropelos escolares e as exigências mais que sabidas das irmãs.

Ao vê-la chegar, Elisa tomou-a pelo braço e foi antes mostrar-lhe os vasos de begônias que havia recebido do Rodeio, de sua filha Glorinha. Era ela quem cuidava de aumentar-lhe a coleção. Que soubesse, ninguém possuía begônias tão lindas! Nem mesmo a Marianinha, que cultivava as espécies mais raras. Algumas começavam a empendoar...

E a comentar o gosto paciente da filha, voltou com ela para a sala, onde tinha a mesa grande de cortar costuras. Desdobravam as cambraias, conferiam a qualidade e durante muito tempo ficaram a acertar as medidas. Lenita crescera demais e iam gastar um bocado daquela cambraia de linho na sua roupa de baixo.

— Entrego as costuras que estou terminando, as camisas brancas do tio Furquim, logo pego neste horror com gosto. Os caseados mando fazer pela Carmosina, que ela, sim, caseia com perfeição. E faço tudo com sobras, para o caso de Lenita espichar.

Encostado no batente da janela, Rui seguia os movimentos das duas mulheres, pensando naquela separação tão sentida. Lenita já lhe falara dos planos dos tios, de mandá-la estudar, ficar na companhia dos avós e da madrinha, enviuvada de pouco. Contara-lhe a chorar. Estudar, ela queria, que todas as meninas da sua idade faziam o mesmo, mas ver-se prisioneira, isso, não queria, não! Ele a consolava, acenando-lhe com as férias e as muitas caçadas que haveriam de fazer. A flobert já estava areada e tinha um brilho novo e bonito. Ia tecer-lhe um colar de contas lustrosas para ela levar de presente. Ia fazer outras arapucas e umas gaiolas grandes onde amansaria os passarinhos. Quando ela voltasse, encontraria os filhotes já nascendo. Faria um viveiro deles, o dos filhotes em separado. E a enumerar os planos, sentia-se também mutilado e aflito.

Dando com os olhos do filho, Elisa mandou-o coar o café. Na sua ausência confessou à Umbelina os cuidados de seu coração: o menino com certas tristezas, uns suspiros, falando em aceitar o oferecimento do primo Valério que queria mandá-lo, com Amadeuzinho, para os salesianos, em Lavrinhas. Mas como ficar sem ele, o seu braço direito, cuidadoso como era de suas coisas? Sem o filho, a costura não tinha rendimento. E como prover-lhes

das necessidades? Tempo havia em que entrava pelas noites a batucar na máquina, para conseguir o dinheiro necessário. Pensava arranjar com o diretor Amancinho a volta dele para o quarto ano. O diploma já tinha, tirado com louvor, mas que fazer do menino o ano inteiro, sem os estudos, sem nada? Repetia o quarto ano, não por desmerecimento, mas por necessidade de aplicar a inteligência nalguma coisa. Era triste!

Umbelina ouvia-a, a cabeça perdida no bordado, angustiando-se também pela vida de trabalhos que a irmã levava. Era o que acontecia. A cidade pequena, sem recursos, obrigando-os na separação dos filhos, com enormes sacrifícios. Quando o cunhado Ildefonso vendesse a fazendinha, ficariam eles também sem a meia nos mantimentos. E ficava o Estêvão sem a escrita. Às vezes até pensavam em mudar, procurar no vale uma cidade com escolas. Maria Eulália formava-se, arranjavam-lhe uma substituição. Ajudaria nos gastos com os estudos das demais crianças. Mas formados os filhos, que fariam deles, perdidos naquele fundo de serras? Até os mais ricos arreavam com os conhecimentos, não se sujeitavam à vida em casa, ao trabalho grosseiro nos currais, nas colheitas ou nas destilarias. Desiludida a mãe, desiludido o pai, viam-nos arrumar os pertences e buscar, longe dali, o meio de subsistência, numa vida mais adequada e divertida. Só ficavam os velhos, que iam aos poucos morrendo.

Mas Umbelina achava que a irmã faria bem em deixar ir o menino. Dar-lhe uma carreira, um título que os ajudasse a carregar a vida, não desperdiçar sua boa inteligência.

Elisa movia a cabeça, num sofrimento antecipado, como se a separação do filho fosse coisa decidida. Ia pensar, ia pensar... A proposta do primo Valério até já podia andar esquecida, que ele pensava em casar, mais dia. Ruizinho fazia-lhe falta, era o seu braço direito, repetia, sucumbida nas preocupações, quase chorosa.

Concordando, mais por satisfação à irmã, Umbelina lembrou que a vida lhes era sem tréguas, vida igual, com os trabalhos sempre repetidos. Mas deviam dar graças a Deus pela saúde que tinham. E as crianças eram até felizes, na vida descuidada que levavam...

Deu uns dinheiros à irmã para os preparos e como começo de pagamento. Não se ralasse muito a costurar, que teria o ajutório das meninas nos arremates, tinham tempo, quase um mês pela frente.

Na porta, Rui perguntou-lhe se Lenita estava contente de ir estudar tão longe. Quando ia?

Docemente, Umbelina sorriu, lembrada das peraltices e as fugas dos dois.

— Ventura que vai acabar, hein Ruizinho? Mas há tempo, meu filho — prometia. Tempo de sobra para vocês brincarem, até lá. Traquinas como é, Lenita vai estranhar a prisão, mas acostuma com o tempo. Tem as tias e os avós a quem pode visitar e, se for aplicada, sairá aos domingos. Passeará com eles. Quanto a bichos, de que gosta muito, lá o avô tem aos montes. Triste mesmo é a ausência, a longa separação. Ah! Os cuidados que ela me dá, sempre a fugir de casa, a correr os matos, como moleque. Lenita anda mesmo precisada de preceitos, Rui, de adquirir modos de menina. Se vestisse umas calças, não passaria pelo pior dos moleques? Com aquela inquietude...

Intimamente, Rui discordava da opinião da tia. Que menino teria os encantos de Lenita? A sua graça?

Deixaram Elisa a prosear no portão com Adélia, que, às pressas, viera dar um abraço na amiga. Passaram pelo arborizado do grupo, sem mais restos de entulho a enfeiá-lo. Umbelina lembrou que aquela era uma escola de enchê-los de orgulho, tão imponente ela era.

— Você vai então cursar o quarto ano de novo, Ruizinho, disse-me a sua mãe. Muito bom, meu filho, para guardar na cabeça o que aprendeu.

— Eu fiz o quarto ano em primeiro lugar, tia Umbelina. Sei tudo de cor... — Apressou-se ele.

— Pois é, meu menino! Você vai ter novamente o seu nome no quadro de honra, encabeçando a lista dos mais aplicados, como no ano que passou. Muito orgulho para sua mãe.

— É!

Avistaram o menino-guia de Alexandrina que vinha a pas-

so, tocando as cabras do João Carcereiro, duas cabrinhas e os cabritinhos, sem muito empenho, com um bambu maduro na mão. Chegou perto de Umbelina, pediu a bênção e candidamente foi contando que vira seu Estêvão agorinha entrar na casa do Constantino, o doente do sangue. Com uns embrulhos na mão. O Constantino que já andava até entrevado, da doença ruim que tinha.

Umbelina que não gostava de enredos fechou os sobrolhos. Mas foi-lhe tão profunda a impressão, tão desmesurado o seu horror, que, sem atinar com o que fazia, pôs-se a indagar coisas do menino. Como podia um homem cheio de filhos como o Estêvão fazer aquela temeridade? E expor-se àquela doença? Cobriu os olhos com a mão, como para afugentar a visão dolorida. E, apressando o passo, carregou consigo o sobrinho. Rui enfiou a cabeça no peito, recordando que ele também vira muitas vezes o tio entrar ali, ou ficar na porta conversando com o doente. Levava-lhe doces e remédios, as amostras que o farmacêutico lhe dava. O pobre, que vivia sozinho, que até a família já desprezava. Só de olhar, os que casualmente por ali passavam, se encolhiam, com medo do contágio. Mas tio Estêvão vinha sempre, recomendava aos que o viam acercar-se da casa que nada dissessem a Umbelina, pois tinha cuidados. Boca fechada — pedia — não fossem alarmar a família à toa.

Umbelina chegou em casa com ânsias. Sempre tinha ânsias quando o nervoso a pegava de surpresa. Apressando-se, Arminda abafou-lhe um chá de losna e afofou-lhe a cama. Sabia dos enjoos que maltratavam Sinhá, que a punham de olhos fundos e de humor carregado. Mas Umbelina não queria deitar-se. Andava pela casa, olhava através das janelas, numa crescente irritação. Cansada, sentou-se a chorar.

Descuidado — porque desconhecia a tormenta — Estêvão parou pouco no escritório. Tirou os óculos e veio conversar com as suas aves. Nem reparou na mulher. Vinha pensando que o sol batia em cheio nas gaiolas e que os canarinhos iam ressentir-se do calor. Verificou a limpeza do piso, a quantidade de alpiste e concluiu que Ricardinho não andava cuidando bem dos passarinhos.

Voltou dentro, reclamar de Umbelina o descuido do crioulinho. Deu com ela sentada na rede, olhos moles, cheios de lágrimas. Pôs-se em guarda, buscando o imprevisível, outro desconchavo de criança.

— Que é que foi? Outro malfeito dos meninos? Onde estão as crianças?

Ela sacudiu-se no soluço.

— Pois Estêvão, você de visita ao Constantino! Você vai, assenta, conversa com o pobre, com tanto filho que tem! Não tem medo da doença, não?

Estêvão enfiou a mão no bolso e retirou o lenço de assoar-se. Dando tempo para encontrar o que responder à mulher.

— Pois você não vai mais lá, não. Expor-se ao mal, naquela sujeira, naquele fundão úmido da Várzea. Com tanto filho pequeno, ai, meu Deus!

— E não é pelo seu Deus que eu vou, Umbelina? Ora essa! Não faço mais que seguir os seus preceitos...

— Que Deus? Manda Deus que você sacrifique as crianças? Um homem tão doente como o Constantino? E senta nos bancos, fica a prosear na sua porta...

— Constantino está no fim, coitado. Sofrendo mais de solidão que da doença, que não lhe dói. Não chega às geadas.

— Mas ele tem gente da família, tem os irmãos! Por que não olham por ele? Você é que não pode!

— Bom, resolvo isso comigo. Vou pensar. E não fique mais a ouvir criança que não sabe o que diz.

Sentou, o pedaço de fumo de corda na mão, pensando na inclemência do destino que tão cruelmente marcara aquele homem. Também nas razões de Umbelina, quando lhe pedia uma coisa que não podia fazer. Nunca abandonara o amigo e não seria agora que estava no fim que iria afastar-se dele. Sabia se livrar, tinha os seus cuidados.

À tarde, toda a família estava informada. As filhas mais velhas tomaram-no de assalto, esmiuçando seu procedimento, pintando com cores macabras o perigo da doença. Tinha os seus cuidados, repetia a si, repetia a elas. E diante da figura ainda aflita de

Umbelina, que mal tocava o prato de sopa, seu pensamento voou para o amigo. Àquela hora tardia, estaria enfurnado na cozinha de taipa, reunindo os seus cacos, na sua semicegueira, a cuidar da janta, no canto úmido e triste. Cada dia encontrava-o mais decaído, naquela inchação que se ia acentuando, trôpego às vezes mais que um bêbedo.

Procurou desviar a atenção para a conversa das filhas, que na ponta da mesa liam o rol de utilidades que iam comprar, prendas, fitas e enfeites para os vestidos de fim de ano. Só Maria Inês parecia desinteressada e cuidava menos de suas vestes que do presépio que pretendia armar. Estava pensando — falava baixo, ao ouvido de Eglantina, que se a mamãe emprestasse a bacia de prata de tia Marina, faria dela um lago de bordas prateadas, com luz para dar efeito. Já tinha a promessa do João Batista, que cuidava das instalações, na igreja. Ia ter um presépio iluminado, o primeiro da cidade...

— Ninguém ainda pensou em fazer um presépio iluminado, com luz de iluminação, mamãe. Em vez dos patinhos, vou pôr um par de cisnes nadando.

Mas Umbelina apressou-se, negou-lhe a bacia, afirmando que a bacia não emprestava, que não mexia nas pratarias de Marina. Quando ela quisesse as suas pratas, era só pedir que as mandava encaixotar e despachar.

Querendo amenizar o brusco desapontamento da filha, Estêvão lembrou que cisnes não medravam no Oriente. Como queria que eles estivessem ao lado de Jesus?

— Ah! Não? — insurgiu-se Maria Inês, a pesar o olhar das irmãs. — Então ponho os dois patinhos mesmo. Compro mais uns...

Conciliador, Estêvão sorriu.

— Pois os patinhos ficam muito bem, minha filha, se bem que Jesus poderia fazer qualquer milagre, até mesmo aquele da estrela viajeira. Ponha uma estrela no seu presépio e você não ficará de fora de toda essa história.

Umbelina não deixou sem senão a indireta, pespegou-lhe os olhos duros, cheios de reprovação.

— Eu sei o que a Inesinha está querendo, papai — falou

Amadeu engolindo o pedaço inteiro de frango. O que ela quer é ganhar o prêmio de surpresas, que os freis vão dar depois da missa solene, para o presépio mais bonito. Por isso ela está reformando todos os seus bichos. Só o Ruizinho já fez sete! E vi o Divino que ela encomendou ao Custodinho, que é duas vezes maior que o da Marianinha, com as asas brancas abertas.

— A asa branca? — Indagou Lenita que ouvira só o fim da conversa. Pois eu vi um Divino inteirinho dourado na casa de Teresinha!

— Você já viu pomba dourada, boba! — Caçoou Amadeuzinho. O Divino Espírito Santo é uma pomba branca. Então você não sabia?

Não se dando por vencida, Lenita convidou-o a ir com ela à casa de Teresinha. Mostrava-lhe a beleza de Divino, tão rutilante que até parecia um respiro de sol. Haviam de saber se aquele é que iria guardar o menino Jesus na sua caminha. Vira também muitos santos novos pintados, bonitos como os do primo Rui. Frei Nicolau até chamara Teresinha de artista, ela ouvira. Por ela daria o prêmio a Teresinha.

— Vamos ver, vamos ver! — Apressou-se Estêvão. Não discuto o gosto de Maria Inês, mas Teresinha é uma competidora muito forte e faz presépios desde menina. Porém, que eu saiba, Ruizinho é o melhor fazedor de bichos que conheço e ele vai ajudar, não é, minha filha?

Inês não se moveu. não abriu a boca. Zangara-se com a recusa de Umbelina em ceder-lhe a bacia de prata. Desfiava um mundo de pensamentos intimistas, não queria ouvir mais nada.

Retirados os pratos, Odete veio avisar que não conseguia abrir a caixeta de goiabada. Estava emperrada por causa da calda grossa que o calor fazia minar de dentro para fora dela. Siá Umbelina que viesse olhar.

Um queijo úmido e acabado de chegar do Quilombo surgiu do guarda-comida, pelas mãos de Umbelina. Repartindo-o em retângulos iguais, destinava uma parte a cada filho. Estavam a provar a sobremesa, quando Arturzinho reclamou, empurrando de si o prato de doce.

— Este ano deu goiaba demais! Até quando eu vou comer goiabada, hein, mamãe?

Umbelina desceu-lhe os olhos severos e pousou-os depois em Estêvão, que deixava passar sem reprimenda a reclamação do filho. Aquilo era mais uma malcriação de Arturzinho, que não media a sua gula. Mas prometeu que no outro dia abriria uma caixeta nova de pessegada. E mandava a metade dela ao Constantino. Mandava a Catarina levar, que ela ia sempre lá trocar-lhe as águas. O pobre que vivia tão isolado.

Estêvão sorriu e concordou de cabeça. Pensou que aquela era a Umbelina que lhe estourava o orçamento com as suas dádivas. Estava custando...

Mas, depreendendo das conversas que Maria Inês fazia despesas, quis saber de onde ela tirava o dinheiro.

— Pois então você não sabe! Dou-lhe quase todo o dinheiro da meia do leite que nos vem da fazenda. Há meses ela vem amealhando, nem compra as coisas que precisa, essa menina...

— E é bem empregado, Umbelina, um presépio só se faz uma vez no ano! E o cinema, Inesinha, você não vai mais ao cinema? — Indagou, lembrando-se das vezes que vira a filha sentada na ponta da mesa, a ler e a estudar, enquanto suas irmãs permaneciam fora em giros pela cidade. A verdade é que Maria Inês não fazia coro com as primas e pouco participava dos folguedos ao lado das irmãs. Tinha uma única amiga, a Nair, colega de classe desde a escolinha, com quem se aprazia. Era diferente das outras, muito sequiosa de suas coisas, ordeira em excesso, com um misto de egoísmo e usura a marcar-lhe o caráter. Exaltada quando via as irmãs partilharem de seus gostos, não aceitava pareceres de ninguém, nem desejava ver-se assediada por nada. Com um sentido de independência a marcar-lhe todos os gestos. Com quinze anos crescera muito e já não parecia uma menina. Ia cedo dormir e nem os atropelos de Maria Rosa conseguiam fazê-la mover-se sob as cobertas, numa demonstração de interesse pelos comentários que as irmãs alimentavam ao pé da cama. Tinha o seu mundo, estranho e diferente. Eles se preocupavam e a traziam de olho. Até os pequeninos não lhe faziam muita roda, por isso, Lenita, em

sua alheação criança, já queria conferir o prêmio a Teresinha. Não seria por menosprezo ou maldade, mas por sentir-se distanciada da irmã. Por vezes, lembrava-lhe o tio Genolino, que em moço deixara a casa e, mais tarde, constituindo família, vivia ainda em isolamento, sem participar dos achegos familiares. Quantas vezes ouvira o pai reclamar aquela ausência incompreensível, o quase olvido que o trazia desgarrado dos seus? Maria Inês era como tio Genolino, desinteressada e distante. No fundo, trabalhada de egoísmos, como ele.

Tomou o café, a seu modo pachorrento. Levantando-se, foi para a janela fumar. Parecia olhar a noite estrelada, o quintal imerso nas sombras, mas pensava naquela semelhança que o intrigava e entristecia, tão grande semelhança que nem o sexo amenizava.

Segunda Parte

A VIAGEM

Capítulo 1

Meio a meio

Vindo de longe, em caminhada sincopada, porque o homem é afeito ao cansaço, o vaqueiro Sebastião sentou na barranca do rio; balanceou o corpo e baratinou os dedos nodosos na corrente, alegrado mais do que já vinha, de sentir a frescura movediça, o bem líquido subindo, até alcançar a calota do joelho que lhe doía, doía, sem atinar por quê.

Um uf! prolongou-lhe o alívio, ampliou-lhe a ossatura descontraída do peito, onde, no meio das maminhas, o suor grudara um t'esconjuro, nichado e bem cosido entre dois retalhos de baeta encarnada.

Desta vez vinha por conta própria e como não possuía nem burro nem alimária mais vistosa recorrera às pernas que Deus lhe deu, num de graça. Mas, ei-las tesas, cansadas, como se tivessem carregado peso mais desgraçado que o do próprio corpo. Repassava na memória as longas horas de andarilho, vindo de além Paraisópolis pela estrada batida até a Barreira, a valer-se de uns restos de lua. A dormida ao relento, às desoras, para se refazer no curto cochilo, comendo do pouco que a irmã cozinhara no seu rancho mineiro, à boca pouca da noite. Boa era a sua irmã Carolina. Já no sítio Emboabinha pegara o solão de seca pelas costas, naquela insistência de vê-lo subir cada vez mais quente no céu padrasto. Desta feita abreviava a sua estória de amor, e levava de companhia a crioulinha. Passavam no padre para a bênção e acabou-se, punha um fim nas suas andanças de homem só, em afinal, homem precisa de mulher, homem novo como ele, que vivia nas brenhas tocaiando bem alheio, secando o pelo ao relento, dormindo nos baixeiros, um olho nos bois que pastavam. Mais dia sentava praça. Desejo forte nele era de subir o Aterrado, procurar a negrinha e freá-la nos braços até machucar a sua magreza, deixando ir no abraço a saudade que o consumia. Mas nem foi preciso, que sendo

presenciado pelo Toninho, o caçula do torneiro Tomé, correu o menino a campeá-la nos quintais.

— Eu vi o seu Tião! — falou num sopro, resfolegando e cuspindo canseira. Sentado, na barranca do rio, Dete... Sozinho... Refrescando o seu pé...

Odete descansou o corpo na borda da tina de roupa ensaboada e olhou o menino com incredulidade; a incerteza corroía-a.

— Vi! Vi ele, sim, na voltinha do Beco, depois da ponte, de frente da casa de Teodolino, sujo que nem um porco! Negro de fazer dó!

Ela agarrou-se ao enredeiro, como se quisesse ali mesmo socá-lo.

— Jura por tua mãe?

Ele esborrifou longe o seu cuspo, beijou os dedos em cruz como se beijasse a própria verdade.

— Juro por este cuspo, não por minha mãe! Pois vi o seu negro, nem outro...

Odete fez nadar a roupa ensaboada, desamarrou o nó da cordinha que lhe ajustava ao corpo o saco de aniagem e desceu desembalada o terreiro. Passou a cerca que dividia os quintais, com o menino atrás. O coração não era mais o seu.

— Você vai por onde veio — mandou. — Eu vou pelo mato. Beiro o corguinho. E boca calada, Tininho, não conte pra siá Umbelina, nem pra ninguém. Corto você de couro, se fico sabendo...

Sobressaltada, a respirar com esforço, atravessou os arames que dividiam os dois pastos, passou rente aos craguatás e os pés de lírios do brejo, pensando no que diriam os que a vissem passar de corrida, àquela hora: nhá Dita novidadeira, nhá Trude, a Ritinha...

Chegou ao rio e com tal decisão atirou-se à água que os respingos lhe molharam a saia inteira. O Sebastião, se fosse verdade, não ia sentir a sua presença, olhar para os lados? — perguntava-se, a escorregar no caminhozinho molhado. Tão poderosa é a força do amor! Sentado, a seguir com os olhos mal abertos a correnteza, Sebastião teve um estremecimento. Levantou a cabeça e vagou os olhos pelo espaço. Animado de súbito desejo. Viu o vulto de longe e não teve dúvida. Nem foi preciso um gesto. Jogou-se de

um pulo, varou a corrente e embrenhou-se entre as guaxumas do outro lado. Odete atirou longe a vara de que se munira para espantar os bichos e caiu-lhe nos braços, o coração aos saltos. Ai! Que coisas dizer, que ele já não soubesse, o seu nego enganador?

Ficaram de corpos unidos, presos aos braços como cadeias. Um tempo tão grande que deu para o sangue arrefecer. Então surgiram as queixas, as exprobações, a repetição da saudade, a angústia triste de esperar, sem um recado, sem nada...

— Mas pra que pensa então que eu vim, bestinha? Pra te olhar de esguelha, com medo de Sinhá? Palavra que vim te buscar, trato de uma semana, se tanto!

Ela relaxou o corpo num recuo assustado e, repentina, soltou-se.

— Sem os banhos, Tião, sem o consentimento de Sinhá? Caso assim, não!

— Então amigamos. Casamos depois na ignorância, ninguém precisa saber.

Dentro dela um peso de indecisão.

— Se nem tenho o enxoval, Tiãol Casar com o corpo nu...

— Passo lá em casa, de noite. Falo com siá Umbelina, falo com os dois. E me diga, frissura, pra que o enxoval? Não tenho ganho de meu, amealhado? Demais, assento praça, sossego, fazemos tudo devagar. A mula já comprei, a que foi de Honorinho, pego ela amanhã no pasto.

Concertaram o passo, mãos nas mãos. E vieram pelo caminhozinho batido no mato até encontrar a estirada vermelha investindo o morro, abaixo era a ribanceira, acabando no rio. De cima olhando a evasão verde, o caminhozinho macetado de mato, Odete sentia o sangue fervendo, um pouco de ódio e muito de amor. Em vez, Tião olhava o rio, abraçando-se com ela.

— Venci essa corredeirinha depois de uma chuvada de agosto. Te alembra? Atrás do zebu desgarrado que rompeu o cerco de tio Genaro. Deu upa pra enlaçar. Nesse tempo eu já queria ser domador, mais de quinze aninhos inda não tinha, macheza...

Ela fez beicinho.

— Missão perigosa, Tião! Santo Antônio não me escutou,

não te tirou dessa porcaria. Hoje tu é tropeiro, pra meu desgosto, por causa de tua andança, sempre com uma inventiva...

Ele riu, satisfeito, deu-lhe um beijo estralado no pescoço, alegou que ser boiadeiro ou tropeiro sem ser domador era o maior perigo. Tropeiro de muita valiança tinha que saber domar um potro...

— Nenhum potro me dá desânimo, Dete. Abuso, não, que pro encargo há gente pra que nasceu. E essa aguinha? Te pincho nela? Vem que te carrego...

Ela fazia dengos: nego mocador — pensava, deixando-se enlaçar. O corpo dele era um calor...

Na barranca deixou-a, mole como cera.

— Agora tu vai só. Travesso, não, por causa dos mexericos. Fico de cá te espiando. Endireita, bestinha, que vou te largar...

Ela desprendeu-se dos braços que a enlaçavam, titubeou, como se quisesse recomeçar. Afundou o pé no barro da margem.

— Nem um dia te vi montar, Dete. De garupa. Pois trata de aprender. Comprei uma mula mansa... Vai...

Sua voz chegava-lhe num eco. Corria. Entre os dois pastos parou, a alisar as saias amarfanhadas, lembrada da hora, do tempo que passava. Sinhá pensando o quê? Enganar Sinhá, podia? Voltou o corpo. Tião já era um ponto perdido na imensidão do morro. Alentou. Desandou. Torneou o corpo, varou o bambual que confinava a horta, onde tinham o veio d'água aprisionado. Sua roupa estava ali encrespada, secando a sujeira no sol, que ficasse... Abrigava ela com a bacia por causa dos bichos que fuçavam tudo. Precisava era de ver Sinhá, dar conta de sua presença. Sinhá que tudo pressentia! Subiu as escadas num prisco, entrou no quarto de banho, espiou os cantos, a desmesurar as batidas do coração.

Foi quando Arminda olhou dentro ver se enxergava Umbelina. Viu-a de tabuinha na mão, a conferir a roupa lavada. Uma trouxa tão grande e já aliviada dos lençóis e dos panos de enxugar, que cobriam inteiramente o sofá. Não viu a negra chegar.

— Siá Umbelina — disse ela baixinho, olhando para os lados. Os cachorros, siá Umbelina, tão ali em baixo fazendo coisa feia perto do renque de meninos...

Umbelina verificou o rasgo do lençol, separou-o para o reparo, tirando vagarosamente os óculos.

— Que foi que você disse?

— Os cachorros, Sinhá, fazendo aquela coisa feia no pé da escada. Espantando as crianças. Seu Estêvão é que é o culpado pois ele não deixa a gente prender eles na corrente. Estão naquela soltura, a Diana mais o Saci...

Insegura daquilo que ouvia, Umbelina aproximou-se da janela. Viu as crianças em baixo, seus dois filhos, o pretinho João e o filho do torneiro Tomé. Fazendo roda para os cachorros. Abriu a boca.

— Diana, venha aqui! — chamou de cima, de uma das janelas.

A cadelinha não lhe deu ouvido, mas ao segundo chamado começou a rodar.

— Venha já aqui! Meu Deus, que é feito da Odete que não olha esses meninos?

Deixou a sala e veio para a escada. No patamar parou.

— Anda, malandrinha, sobe aqui! Então, não me ouviu chamar? Já, já aqui! E vocês meninos, que estão fazendo aí pasmados, vão lá longe brincar, não quero criança rodeando as escadas... Vão ver a Odete, onde está!

Eles debandaram para os lados da cocheira. Diana chegou desconfiada, enroscou-se nas saias de Umbelina, que a tomou pelas orelhas.

— Que vergonha! Um cachorro como o Saci! De que vale o seu sangue, Diana, o seu *pedigree*?

Alisava-lhe o pelo macio, dava-lhe palmadinhas no corpo nervoso.

— Pois sim, de cachorros ando cheia! Me bastam as crianças. Não saia mais de perto de mim.

Sentou-se no sofá, ajuntou as roupas, viu sua atenção desviada para os arrepios da cadelinha.

— Sossega, o Saci já foi...

Diana encostou o focinho no seu colo, ganiu de leve, sacudiu o toco de rabo, espichou-se e deitou ao seu lado. Que tem-

po morava com eles, na casa. Cria de Ildefonso, fora deixada à Umbelina, juntamente com a casa, quando a família se mudou para a fazenda, na Noroeste, porque Diana estava com a ninhada de poucos dias. Tempos depois, quando os parentes vieram para o vale, numa troca de terras, escrevera-lhes perguntando se queriam a cadela de volta. Afinal, Diana era uma Dobermann de alto preço, tinha o seu valor e, agora, estava livre dos filhos. Respondera-lhe o cunhado que a deixasse ficar ornamentando a casa com sua fidalguia. Lembrava-lhe o zelo, o seu traço humano no trato dos bichos. Sempre repetia isso à Marina, que teimava em ver os seus bichos à distância. Diferente de Umbelina! Uma Dobermann não estaria melhor que em suas santas mãos. E entre outras coisas, perguntava-lhe como se comportava ela depois que morrera o companheiro? Era muito fidalga para sujeitar-se ao assédio de outros cães. Recordando o cunhado e suas tiradas Umbelina sorria, contando de memória as vezes que Diana premiara o seu descuido com ninhadas e outras de vira-latas. Sorte tinham de que parassem pouco, pois, antes de nascerem, os filhotes já eram disputados pelos que conheciam sua linhagem. Não tinham o gosto nem o dinheiro de Ildefonso e qualquer cão lhes alimentava a vaidade. Mas, como tudo na vida, Diana começava a envelhecer, gastara-se no desperdício dos cruzamentos e agora tinha aquela inflamação na maminha esquerda, que lhe dava cuidados. Não queria pensar que ela estivesse no fim. Desde que o cunhado viera para mais perto, onde as notícias chegavam amiúde, ventiladas pelos peões e os parentes, suas cartas começaram a rarear. Ia aos poucos se desenraizando e nem por estar tão perto aparecia. De Estêvão recebia os relatórios mensais, sem comentários, aos poucos fora-lhe passando a administração da fazenda. Ficava muitas vezes pensando que não seria por vaidade que conservava ainda o seu prestígio, vinculando-o àquela extensão não pequena de terra, mas, sim, para ajudá-los.

Viu Odete chegar e afobadamente abrir a gaveta do armário para retirar de dentro a toalha e os talheres. Outra manhã consumida em divagações, nos pequenos contratempos que lhe perturbavam o trabalho e as tarefas, pensava, a ajuntar numa só trouxa

as peças de roupas conferidas. Lembrou-se de que não vira Lenita durante o café nem nas horas seguintes, quando era seu costume ficar na ponta da mesa lidando com os cadernos e as lições. Era sempre a Odete quem a arredava dali, porque, terminada a refeição, a menina não queria nem mais ver sombra de lápis ou de livro que a impedisse de brincar.

Perguntou à crioulinha se avistara a menina nas horas da manhã. Que tempo não a via! Odete, que parecia interessada em espalhar os pratos sobre a mesa, não deu conta da pergunta.

— Você não viu Lenita? Já não aprontou o banho de Arturzinho? Não quero ver Arturzinho sujo à mesa... — Levantava com esforço o cesto cheio de roupa.

— Que há com você? Não me ouviu falar duas vezes? Está surda?

— Tô não, sinhá!

— Então, ajude-me aqui. Acabe de pôr essa mesa. Vá depois ver onde aquela vadia foi. Não estudou hoje as lições, não estudou ontem, que andou a passear com a tia. Não dou tempo e a mestra vem reclamar, fazer-me vergonha na cara porque ela não se prepara direito. Ponha esta trouxa no seu lugar...

Odete retornou pelo corredor e avisou-a que Lenita estava lá embaixo no fosso, recontando as suas violetas.

De outra feita ela não seria tão avara, teria mais considerações a fazer, cuidou Umbelina, pois a negrinha era cheia de recursos, não deixava sem reparos qualquer deslize das crianças. Olhou por cima dos óculos e viu a indecisão transtornando os seus passos. Umbelina conhecia de sobra a gente com que lidava para não se iludir. Coisas andavam baralhando aquela cabeça. Mas só quando a altercação surgiu da cozinha ela se preocupou. A abrir e fechar os armários Arminda se desesperava, acusando Odete de miolo mole, de desmazelada. Onde pusera a sua gamelinha de fermento? Onde pusera a gamelinha, que a não encontrava em lugar nenhum? Pois não tinha de amassar o pão, de assar o pão antes do jantar? Que tempo mais para o crescimento? E como Odete não lhe prestasse ouvidos, deu-lhe uns tapas a esmo.

Umbelina chegou a tempo de vê-las atracadas, aos murros e

aos pescoções. Arminda não era velha mas sofria de reumatismo nas duas pernas, perderia para a crioula, que era moça e desempenada. Segurou um braço no ar e evitou que a negrinha imprensasse a companheira entre a parede e o fogão, com perigo de se queimar. Não disse nada e parou no meio da cozinha, a olhá-las. Odete levantou a cara raivosa e ficou de braços caídos, a resfolegar. Caiu em pranto. Arminda aprumou o magro corpo, sacudiu no ar a mão meio desgovernada, e pensou que se tivesse quebrado um dedo, dois haveria de quebrar à diabinha...

— Outra vez, brigando e se esmurrando, como dois moleques! — Censurou-as Umbelina, a medir com desagrado a desordem da cozinha. Dando mau exemplo aos meninos. Preciso saber quando isto vai parar...

Enfezada, Arminda consertou a roupa no corpo.

— Não é de hoje, sinhazinha, que essa crioula me desarvora, me tira fora do sério, me esquenta a carapinha. Peço sua licença, sinhá, e tiro ela de meu lado, pra sempre. O meu serviço faço ele sozinha, sem ajutório. Prefiro. Pois ela finge surdez, sinhá, e quando lhe falo, vira a cara pros meus ditos...

Sem animosidade Umbelina considerou a atitude da negra, que se via de novo desautorizada por uma criança irresponsável como a Odete. Ela, que não tinha mãos a medir, que trabalhava direito, socorrendo-se do trabalho como um bem necessário à família e que a deixava descansada das lides mais pesadas, não era justo que Odete sendo muito mais moça ficasse a lhe amolar a paciência.

Mandou a negrinha terminar com a obrigação e cientificou Arminda de que ia pensar, que não queria mais a repetição daquelas cenas na cozinha, ainda mais na hora do almoço, quando as crianças já andavam de roda.

— Que se passa com vocês? Volta e meia estão brigando, uma socando a outra, como duas malucas. Que desvario, meu Deus!

Soube então das fugas de Odete, as suas horas perdidas de papo para o ar, estendida nos pastos debaixo do sol, esquecida da obrigação. Que tempo ela andava assim, por dentro das nuvens!

Umbelina concordou que a achava muito esquecida e mudada, que já não tomava bom tino nas crianças, largando-as ao léu. Mas foi o marido que, à noite, veio contar-lhe de seus amores, pela boca de Sebastião. Amor limpo. Mas acontecia da negrinha andar embirrada, não querendo casar sem o enxoval. E ele com pressa por causa de uns papéis que andava arrumando para se firmar na vida de praça. Queria que convencessem a crioulinha de que o enxoval não era necessário.

Umbelina deu um suspiro. Então era por isso! Vontade de casar! Por que não lhe disseram antes? Dessem-lhe umas semanas para os preparos, o tempo de cuidar dos banhos, na igreja. Odete andava mesmo precisando de um freio, de marido que a acalmasse e lhe impusesse respeito.

Levaram dias a costurar. Esmeraldina veio a chamado cuidar das roupas de cama e de dormir. Elisa cortou um vestido branco, de babados e mangas de tufo. De saia folhuda. Na faina inesperada Umbelina antevia a pequena alcova vazia dos préstimos de Odete, de sua mão privilegiada, sua arte de engomar. E como roteava bem os babadinhos, as saias de baixo, de bordados! Era ali chegar e colher: uma sainha rendada, um vestidinho branco, um babado refolhudo, as dimensões acusando as idades. Mas a menina crescera, tornara-se mulher, tinha de fazer a sua vida, criar os próprios filhos, na sua casa. E já não estava preparada para isso? Pena é que fosse morar tão longe, onde não podia prover as suas necessidades.

Deu uma laçada mais rápida no ilhós que estava fazendo e revirando os bolsos da saia tirou o lenço de merinó. Com ele enxugou os óculos umedecidos. Levou algum tempo sem poder fixar a vista.

— Tudo passa na vida — murmurou desconsolada.

Casaram na igreja enfeitada, à luz da manhã que entrava livremente pelas janelas. Frei Mauro fez uma prédica e abençoou os noivos, com a brevidade que sua pouca loquacidade permitia. Para Umbelina era como se casasse uma filha. E desejou a cerimônia completa.

A curto passo desceram a rua, entre as desavenças das crian-

ças que queriam carregar o véu da noiva. Maria Eulália aproveitara o fim de semana, viera de São Paulo, e, como nessas ocasiões se permitia o encargo de cuidá-las, não tinha mãos a medir. Impedia-as pelos braços, dava-lhes conselhos, amealhando-as ao pé de si. Podiam até arrancar a grinalda da noiva — recomendava, a perturbar-lhes a ingênua alacridade.

Serviram o chocolate engrossado com gemas de ovos, na mesa elástica, enquanto embaixo, no quintalino batido, a mula, ajaezada, esperava impaciente a sua carga. A despedida arrancou lágrimas dos olhos das crianças, que à pretinha se agarravam em repetidos abraços. De véu e grinalda Odete se viu içada à garupa do noivo, fazendo cara de choro. O que queria era fugir ligeira, evitar aquela penúria de separação que punha lágrimas nos olhos dos meninos. Mas breve sentiria que os braços de seu amor eram cadeias mais fortes que aquela dor de despedida.

E cumpliciando aquele enlevo o sol ressurgiu mais quente, alimentou a brisa que esvoaçou o seu véu, cobriu-lhe os braços, a princípio inseguros, que apertavam o seu homem, colando-o ao peito alto, como uma esperança. Nove léguas separavam-nos do rancho mineiro, por repetidos relevos e campinas, e que eles tão pouco iriam sentir.

Capítulo 2

Um passarinho cantou e a caça azulou

Tinham subido a escarpa erosada, falando das belezas que iam descortinar lá de cima. Feiura era só da subida, aquela terra escalavrada, cheia de veios, alguns tão profundos que davam até para encobrir um homem inteiro. Lenita lembrava-se de um desmoronamento que dera muita alegria aos meninos e como eles cavavam os buracos para fingir de esconderijo. Não havia lugar melhor para os brinquedos de bandido e de esconde-esconde. De enlevamento, ficava horas inteiras ouvindo os irmãos contarem as suas proezas de bichos cavadores que iam encontrar o fundo da Terra. Um dia chegavam lá, iam ver se era verdade o que a gente velha dizia, que a Terra era muito quente no fundo! Lorotas! Iam, iam conhecer aquela fundura!

Pararam para descansar. Lenita alisou a saia e sentou numa saliência de pedra, em contradição ao primo que queria subir mais. Tirou a sandália e deixou afundar os pés na graminha que nascia dali. Gostosura de graminha, primo! Rui arriou o bodoque a tiracolo, descansou a flobert e sentou-se também. E ficaram a olhar a cidade cheia de brechas, o céu lilás, os tetos enegrecidos das casas, a longa rua da Várzea aberta de pouco, estirada como uma fita vermelha, reta a dividir a cidade baixa. Quando começaram a abrir aquela rua, muita gente disse que ia virar alagadiço, e virou mesmo até que começou a ser servida pelos pés dos homens, que evitavam a lombada da Igreja, antes do Bumba. Os pés dos homens socaram a terra e uma areinha que o prefeito mandou espalhar, trazida em carrocinha de burro — levara tempo, quanto mesmo, primo Rui? — transformou a rua naquela beleza! Até carro de boi já passava mansamente por ela, sem perigo de atolar. Casas não tinha, desde a ponta que saía da rua de São Benedito até a farmácia nova. Mas, já se via o muro do grupo escolar, aquele murão que as copas dos cinamomos franjavam de verde, até pa-

recendo cabeleiras despenteadas. Lenita amava muito os cinamomos e os pés de eucaliptos que enfeitavam os dois largos do grupo. Mas queria saber o que iam fazer daquelas figueirinhas formosas e das plantas de beijo que estavam crescendo no canto do recreio das meninas. Ficavam ao pé da caixa d'água, branca de cal, como noiva vestida. Ouvira dizer que iam erguer ali uma cerquinha, para evitar a gula das meninas. Os figos eram do diretor!

À distância, campos se conjugavam, ondulados, macios como uma cama de musgos onde seria gostoso rolar. Lenita fechou a face na mão e ficou emudecida, olhando a beleza calmosa do verde. Manhã de placidez de regaço, dava-lhe tonteira de sono, tão bom de sentir. O céu sem nuvens debruçava-se inteiro sobre a serra, livre de ventos.

— Lindeza de céu, primo Rui!

Quis saber o que o primo ia caçar.

— Hoje, pode só atirar em tatu...

Rui esboçou o riso conciliador, dizendo que tatu ele pegava era com a mão. Gastava tiro de flobert com caça de lei. Por ele matava agora um nhambu fêmea, para a mãe fritar ao jantar. Era só internar no mato, que de nhambu sabia o pio de cor. Em silêncio se perguntava por que tanto apreciava caçar com Lenita, se era aquela peleja para que não acertasse nos bichos, com pena da vida que lhes tirava. Caçada com Lenita era caçada malograda. Até barulho ela fazia na hora da mira, alegando depois que era de susto.

Um sabiá cantou, pousado na paineira. Pulou de ramo e recomeçou um trinado tão estridente, tão pejado de vida, que arrancou risos aos dois meninos.

— Psiu! — fez primo Rui, pondo-se de pé. Pego esse peleguinho. No laço. Dá cá a cambuquinha. A de farelo, Lenita!

Puxou o laço do bolso.

Lenita falou baixo, lembrando que a ribanceira era muita e que o passarinho não esperava. Era bichinho irrequieto...

Maneiroso, Rui desligou da terra e firmou-se nas moitas de capim-açu que vestiam o alto do morro. Como adivinhando, a avezinha planou as asas e foi pousar na mangueira do quintal de dona Assunção, muito longe da mira do menino.

Lenita ria, subindo-lhe atrás, onde a escarpa era mais acentuada. Tapava a boca com a mão para que o primo não visse o seu riso. Junto dele pôs-se a chasquear. Melhor faziam era ir beber a água fresca do chafariz dos padres, aguinha tão boa!

— Vamos à tua casa — falou Rui, indisposto. Atiramos nos umbigos das bananeiras. Esquento esta arminha...

De puro prazer Lenita deixava o caminho fácil e se embrenhava pelo capinzal, deitando-o antes com as mãos que levava à frente do corpo. Arrancava as espiguetas que vinham verdinhas de sumo. Refrescavam até a sua boca! O primo escutava, deixando-a falar. Gostava de ouvir Lenita falar, embora só dissesse bobagem, naquele seu jeito de descobrir novidades...

Em breve o caminho cedeu, baixou com o morro e eles avistaram as primeiras casas do largo do Rosário. O sol faiscava nos vidros fechados da Casa Santa, baralhava as folhas luzidias do imenso abacateiro que sombreava o quintal de seu Pires, o coletor. Galinhas ciscavam às portas, faziam pasto das ruas. Fronteiriço ficava o vasto espaço, sem respiro de gente, esturricado de sol, saído vez por outra de seu marasmo pelo aboio de Simão pai, atrás dos muros da chácara de Donana, a conduzir as vacas de leite.

Sentado na pedra, à entrada da rua da doceira Etelvina, o pedaço de fumo esquecido na mão, estava o velho Domingos, chapéu desabado na nuca, tomando o sol pela cara. Olhando o tempo, a boca aberta, embebida de ar.

— Cansadinho, Domingos? Bebendo o sol?

Ele riu, um pouco vexado de ver-se surpreendido na sua pasmação. Nem vira os dois descendo o morro. Depois do susto, respondeu, olhando-a de esguelha.

— Cansado nada, menina! Tou vendo esse sol primoroso se erguer detrás do Baú. Nunca perco um! Sua novidade é que eu não entendo. Veja inda agora a menina! Não tem ele aquela orlinha vermelha, com pingos de azul escuro? Agorinha, era um ouro só!

Lenita afastou a viola que o homem trazia amarrada no saco de aniagem e sentou no bico de pedra. Desviava do primo os olhos, baixando de propósito a cabeça para afagar o contorno da viola através dos fios ásperos.

— Não sabia então a menina que eu sou madrugador?

— Sabia que você canta trovinhas muito lindas nessa sua violinha! Mas me diga, Domingos, você dormiu no sereno, aqui nesta pedra?

— Qui... qui... qui... — Fez ele num crescendo. Dormi aqui? Que esperança! Donde vim, já caminhei quase meia légua.

— De onde?

Ele fechou a boca, pigarreou, encolheu o ombro que o rasgo da camisa punha à mostra.

— Dormi na companhia de tia Diamantina, lá no seu rancho. Matei um porco. Que capado! Que pagodeira! Qui... qui... qui i i... Mulher boa é tia Diamantina, deu pra este véio um lombinho quase inteiro! Mas ele deixei lá na casa de Alexandrina. Pra que quer um homem sozinho um lombo inteiro? Fartura demais, carne demais...

— Mas você não come?

— Comer, eu como... Mas beber, eu bebo mais... Sou um homem perdido...

E descoroçoado, no íntimo renegando a própria miséria, Domingos deitou a cabeça para o peito.

Então Lenita, muito embaraçada, tentou o consolo.

— Bobo! Quem canta como você devia se alegrar! Eu até ficava mais um pouco, Domingos, só pra te ouvir violar.

— Com esse sol? — Fez ele, esquivando. Assim de manhã cedo?

— Só um rendilhado, daquele que você rendilhou no aniversário de Arminda. Não se lembra? Do rendilhado que tocou na nossa casa?

E esquecida da sujeira que ajudava a endurecer ainda mais o saco estamenhado Lenita desapertou-lhe a boca e retirou a viola.

— Como foi que aprendeu a tocar? — Perguntou-lhe, ignorando a mão do primo que queria arrancá-la dali. Era saber e tia Umbelina dava-lhe uma surra, na certa.

Dedilhou umas cordas antes de passar a viola ao homem. De cantar gostava muito — contou-lhe, mas nunca conseguira ler uma nota, que lhe faltava paciência, admirava quem sabia.

Domingos raspou a garganta, arrancou uns acordes sonoros e fitou a menina, sucumbindo, de repente.

— Minha inspiração só vem de noite — confessou. E no entardecer. Com este sol, menina, só mesmo um clarim. Sou improvisador...

Mas os olhos da menina incitavam-no. Ele pestanejou, baixou a cabeça, inflou o peito e foi largando a voz, num timbre cuidado para não ojerizar a vizinhança, não acordar as criancinhas.

Lenita, linda menina
De prenda e de coração
Quem que te fez ladina
Cortante como um limão?
dlim, dlim, dlim, dom...

Pedido não há que faça
Que não seja intimação
Meu peito já é couraça
Vencido de adoração.
dlim-dlim, dlim, dom...

Se venho de muito longe
Cansaço não tenho não
Te encontrei, já não sou monge
Perdido na atroz prisão
dlim-dom, dom, dom...

E com os olhos doces, mais que doce de leite:

Meu choro é como o canto
Da ave de arribação
Há vento, há desencontro?
Disso, não cuido, não!
dlim, dom, dlim, dom, dom...

Lenita bateu as mãos, pondo-se de pé, contemplando o homem, apontando-o com o dedo, como a puni-lo pelas recusas.

— Por isso é que meu pai disse, noutro dia, que o Domingos

era um poeta! Você não sabia que você é um poeta, Domingos? — e enrolando a saia nas pernas para outra vez sentar a seu lado. — Me diga, onde aprendeu trovar, tocar essa violinha tão bem? Com quem aprendeu rimar?

Ele tossiu, desviou os olhos para os lados.

— São coisas cá de dentro, meu Deus! Vontades do coração. Pego na viola e já não sou eu! — e teve um riso mais desolado que feliz.

Ruído de uma janela e a Florentina se pôs a comentar com a sua boca de enredadeira. Na porta de parede-meia o Joaquinzinho Poceiro, imundo e de mãos nodosas, apareceu, seguido dos ossos de seu cão, tão sujo e magro como ele, a acenar meio contrafeito, aprovando a cantoria. E o sol a vestir tudo de luzes.

Primo Rui adiantou-se, cansado de esperar.

— Vem, Lenita! — Mandou, arrastando-a bruscamente pela mão.

Ela que sentira o riso triste do homem, só então atentou para a sua miséria. Pensou que já ia chorar.

— Vou indo, Domingos, com o meu primo. Vai um dia lá em casa violar, cantar para o meu pai. Vai para jantar. Arminda te faz um pitéu...

A cabeça assentiu com agrado.

— Na minha volta do sítio, qualquer dia eu vou E ensaio uma trova com rendilhado. Ofereço ela pra teu pai. Home sem jaça! Daqui donde me vê, vou para a sitioca Ferreirinha, tratar uma porcada quase perdida de bicheira, com a minha benzeção. Que dia já estou a perorar, pois aquele filistreco do Zenóbio já não esteve lá, pra mais de uma semana, a ver se consertava a bicharada? O que ele fez foi apojar a dita nas carnes das bestas, ora veja! Mas este véio vai lá e põe a bicharada a moinhar...

— Se tiver um leitãozinho enjeitado, traga para mim. Crio ele na mamadeira. Já criei dois. E lhe ponho um nome, um nome catita, Domingos — prometia, a escorregar no caminho, levada pelo primo.

Desgarrou-se dele, amuada. E caminharam em silêncio, ela arrancando as florzinhas que viçavam, alongadas de entre o ca-

pim. Zanga em Lenita não tinha duração. Arrumando o buquê, veio para o meio da rua, seguindo o primo que contava as suas bolotas de barro queimado.

— Ouviu o que ele disse, Ruizinho? Que vai tratar a bicheira dos porcos com a sua benzeção! O pobre que em tudo acredita, como se fosse coisa de bem. Pois até não deu o lombo inteiro pra Alexandrina tão cega? Zenóbio não tinha que xeretar no negócio dele.

— E a prima não acredita? Pois vi a bicheira de uma égua remoinhar no chão só com a reza de um negro. Deste tamanho... — e fazia um gesto desmesurado, alargando as duas mãos.

— Coisa que eu precisava ver, primo Rui, mas sem ver, não creio, não!

Ele deu de ombros.

— Não sou como são Tomé! Se me disserem, eu acredito, ainda mais de ver! Lembra de seu Bastos, o espiritista? Pois ele deitava no chão qualquer bichinho com a força dos seus olhos. Uma vez fez murchar a avenca de sinhá Leotina, que até começou a chorar, de tão aterrada que ficou. Mas pra bicheira, não há como benzeção.

Lenita sacudia a cabeça, não querendo aceitar aquela verdade, por mais que primo Rui enumerasse os casos. Mas havia de ver quando fosse passear na fazenda de tio Ildefonso, que era criador. E encomendava uma bicheira ao primo Guilherme, que ele é quem cuidava da criação.

Pararam no portão da chácara. Simão pai acabava de sair, com um cesto na mão. Ia tão levado de pensamentos que não deu com os dois meninos ali. E trocava os passos, na sua cegueira repentina.

— Dou um tiro naquela cadela. Dou dois... — dizia, a gesticular.

Rui encostou-se ao muro e levantou o braço para proteger Lenita.

— Que é que ele está dizendo que vai fazer? — perguntou a menina, aterrada.

— Diz que vai dar dois tiros numa...

Simão pai parou um momento, considerando, e seguiu a rua da doceira Etelvina, a cara vermelha de furor.

— A cadela de minha irmã... paga... vai me pagar... e dava murros furiosos no ar.

Lenita levou as mãos aos ouvidos e colou-se ao muro. Descoroçoado, Rui tentava arrastá-la, puxando-a pelo braço.

— Deixe ele passar primeiro — pediu a menina a meia voz, aconchegando-se mais.

Só depois que o viu longe, desabalou. Passou o portão de sua casa e sem esperar por Rui foi lá dentro contar a Arminda o que vira e ouvira.

A negra fritava o arroz com a comprida colher de pau, colada ao fogo, como era o seu jeito. Ouviu a estória inteira, dardejando na menina os olhos de censura.

— E daí, especulinha? Se matar, faz muito bem. Mulher desmiolada! Deixar os filhos pequenos por causa daquela farda de praça. Que judiação! Três criancinhas pequenas, Lenita! O Paulinho ainda estava mamando.

Lenita atirou-se na banqueta. Alisava o pelo da gata, sem desfitar a negra.

— Mas por que ele vai matar, Minda?!

— Homessa, Simão pai é macho, acostumado com o duro da vida. Deu-lhe a vergonha na cara, coitado! Mas que eu saiba, Simão não mata um figo, conheço Simão pai! Mas bem que devia. Aquela desmiolada...

Levantando a gata nos braços, Lenita foi procurar a mãe.

— Encontrei o Simão, da Merenciana, mamãe — barrou-lhe os passos. Dizendo que vai matar a sua irmã, a mãe do Paulinho.

Umbelina fechou a porta do armário onde acabava de guardar as quitandas, deu-lhe duas voltas e fez sumir a chave no bolso da saia. Então atentou a filha. Lenita tinha os olhos tão súplices, tão desmesuradamente abertos, que a desconsertaram. Mediu-lhe a figura interrogativa, a roupa amarfanhada e suja, a fala suspensa de sua boca, como se daquilo que fosse dizer dependesse o bom andamento do mundo.

— E você nessa vadiagem por onde andou? Onde esteve para andar assim informada?

— Fui com primo Rui assentar a arapuca na ceva que ele fez

no alto do morro. Encontrei o Simão pai dizendo que vai matar a sua irmã, a mãe do Paulinho, mamãe...

Umbelina virou o corpo e olhou janela fora. Suspirou, desconsolada.

— E ele foi lá para o lado onde ela mora, com cara de matador. Agora o Paulinho não tem mais em quem mamar... Ai, que judiação...

Repondo os óculos, Umbelina voltou a medir a filha. Que poderiam aquelas coisas dizer-lhe respeito? Falatório que já ouvira, de encher o coração de tristeza!

— Mando logo a Arminda indagar, ver as crianças, saber se estão com a avó, com quem estão. Mando leite, mando mantimento.

— Também encontrei o Domingos violeiro, sentado na pedra da rua da doceira Etelvina. Com o seu violão. De caminho para o sítio Ferreirinha, para curar as bicheiras dos porcos. Disse que já andava a perorar, mamãe...

E de repente rindo, entre as lágrimas.

— E ele vai criar uma modinha de rendilhados para o meu pai. Na volta do sítio...

A sua filha — pensou Umbelina, meneando a cabeça. O natural pendor pela gente humilde, aquele seu gosto meio triste de descobrir mazelas, a partilhar das desgraças da cidade, como se as buscasse. Podiam até pensar que era por bisbilhotice. Verdade é que já não podia com ela, com a sua desenvoltura. Não via a hora de entregá-la às irmãs, que haviam de domá-la, pôr-lhe preceitos de educação, curar-lhe o vício de andar...

Encabulado, a fazer roda na mão com o laço, Rui parava à porta, sem desfitar a prima. Um raio súbito de entendimento passou pela cabeça de Umbelina. Que poderia existir entre aquelas duas crianças para trazê-las tão unidas? Sempre juntas, a correrem os matos atrás dos bichos, como dois extraviados, como se um não pudesse respirar sem o outro! E pôs-se a lembrar o dia em que surpreendera Lenita contando aos irmãos as estórias de caçadas que fazia com o primo, rindo os quatro, como perdidos. Contudo, já não eram as mesmas crianças... O menino crescera,

espigara muito. Também Lenita. Havia de dizer isto a Elisa, fazê-la voltar os olhos para as calças de seu filho, que mal lhe chegavam aos joelhos. Ora, o Ruizinho com mais de meio metro de pernas de fora!

Vendo a Altina entrar na sala com a bandeja de louças, saiu do embaraço.

— Ponha mais um prato, para o meu sobrinho. E vá depois à horta. No canto do muro, quase encostando no casarão de fumo, tem uma penca de seleta, madura. Não deixe despencar as laranjas, que mando o cacho inteiro para a minha irmã. Mando pelo menino.

Mas os dois já haviam sumido. Desciam as escadas que iam dar no terreiro e precediam a Altina na sua colheita.

— Vão inspecionar as árvores de fruta! — concluía Umbelina, abalada repentinamente pelos pensamentos que lhe cruzavam na mente. A ver, já não eram mais crianças, e sempre tão agarrados.

Capítulo 3

Caminhos do mundo

Acorda balançou na forquilha do galho mais alto e um corpo ligeiro desceu por ela. Debaixo da ramada Rui olhou para o alto, procurando divisar o minúsculo alçapão que deixara armado lá em cima. O que viu foi um pedaço de azul lavado reluzindo entre os galhos que a brisa afagava. Recolheu a cuia de farelo e as várias espécies de laço, mas a corda que amarrara com dois nós, deixou-a pendente da árvore: roçava-lhe o corpo fino e elástico no seu afã de recolher os xurumbambos espalhados pelo chão. Por último pegou a espingarda que fora de seu pai e levou-a consigo para o barracão. Terminava o colar de contas e sementes que prometera dar a Lenita, como lembrança. Coloria ainda as últimas sementes de caqui com a sua bem dosada aguinha de urucum. Revirava nas mãos as contas de olho-de-cabra para certificar-se se os furos estavam uniformes e bem postos e se permitiam a passagem da agulha grossa. Conseguira umas argolinhas douradas em suas buscas entre os remanescentes da loja, aquele mundo sossobrado de carretéis, argolas de enfeite, medalhinhas com correntes, agulhas de coser, peças de fitas e os montes de retalhos que mamãe aproveitava como podia, multiplicando a sua habilidade caseira. E ante as coisas criadas, os utensílios de barro cozido, os trançados de taquara, os bichos que sua predileção imitava, sua sensibilidade se comprazia e acalmava. Deixava-se evadir, ir-se contaminando de perfeita felicidade. Já não era o menino sofredor e assoberbado de obrigações caseiras, que a mãe abusava pela penúria de tempo. Ninguém que pudesse contradizê-lo teria acesso a esse fruir interior necessário. E Rui, que mal podia analisar-se ainda, vivia tão intensamente o deambular criativo, que ao retornar à realidade das horas medidas no trabalho servil, sua atenção se fragmentava, debatia-se o seu caráter e ele se sentia de novo infeliz. Considerava que a vida lhe fora madrasta, que o

deixara órfão tão pequeno, a mãe, sozinha, sempre atarefada, metida no quarto, costurando, costurando, sem tempo nenhum para esbanjar. Glorinha, que até precisou mudar a data do casamento, porque o pai se fora de repente, vivia agora na roça, cercada dos filhos, servindo de anteparo na moleza do marido. Margarida era aquele gênio impetuoso, fazia malcriações quando a mãe obrigava-a fazer as coisas de que não gostava. Porque era muito viçosa, esmerava-se nos dengues, temendo se estragar. Costurava os vestidos e fazia flores de papel-crepom, quando não ficava na cama, de livro na mão. Comia daquilo que ele cozinhava e da cozinha só lavava o prato de seu uso, assim mesmo de má vontade. Por isso viviam às turras. Mas Estelinha era alegre e chistosa, dizia graças para fazê-los rir. Quando Estelinha pediu para ir ficar uns tempos com a irmã na fazendinha do Rodeio, ele pensou que o mundo fosse acabar. Porque Estelinha acompanhava-o em suas fugas para o rio, nas buscas pelos matos e como sabia, meu Deus, desentocar um tatu arisco, de sua toca! E quanto ajantarado de domingo não fora aumentado com carne de rola ou nhambu, que ela o ajudava caçar e depenar. No estilingue era quase tão certeira como ele, não igual à prima que se lhes juntava, de vez em quando. Lenita até parecia desviar a bolota por conveniência. Seu mundo de agora era Lenita, e para vê-la juntar as mãos e rir de entusiasmo, ele moldava os seus bichinhos e lhes dava boa forma e movimento. E quando ela acariciando o barro recém-tingido retirava da prateleira o indiozinho garboso, que ele copiara do livro de história pátria, a bilha listrada ou um enfeite mais bonito ele se sentia bem pago do seu afã. E os dois riam com o mesmo encantamento.

Pensando encompridar o colar que ia lhe dar, abriu diante dele um vazio e esparramou as contas. Separou-as com cuidado depois de contar outro número igual de sementes. Recomeçava o trabalho de amarrio, medindo cuidadosamente as distâncias entre os olhos-de-cabra e as sementes, quando pressentiu a prima que entrava de mansinho, cerrando a porta. Parecendo encabulada, rodeou-lhe a mesa e disse umas palavras no seu ouvido. Rui deu mostras de dúvida.

— Ora quem! O Ricardinho não tem conhecimento, prima, confundiu o rasto...

— Mas ele disse que era um rasto novo, Rui... pisando todos os galhos do arrozal de meu pai. Disse que deitou muitos!

— Deve ser o bezerrinho que desgarrou...

Ela fez que não.

— O bezerrinho da Mansinha? Ele não precisa ir comer lá! É tratado na cocheira, mama o leite de sua mãe! E se fosse ele não deitava o arrozal inteiro? Eu penso que é uma oncinha, com pintas... O bezerrinho não passava na cerca, que é de fios juntos. É um bichinho pequeno, primo Rui — teimava, esperando convencê-lo.

Rui não queria acreditar. Alvitrou que podia ser a cabrita da velha pintada. E oncinha não comia arroz, que ele soubesse só comia carne de preá...

Lenita lembrou que a cabrita já era velha, andava com corda no pé, naquela judiação, e que na sua gulodice ia enroscar-se nos galhos mais altos e comeria mais do que o bicho comeu. Era um bichinho muito delicado aquele. E, na esperança de que Rui lhe descobrisse a oncinha e que ela podia estar perdida de sua mãe, insistiu mais. Rui pensou que teria de correr morro acima, desmascarar o Ricardinho e voltar depressa, em tempo de ajudar Elisa na cozinha. O Ricardinho era fraco, só conhecia os seus porcos. Até uma vez confundira o rasto daquele gambá taludo que andava comendo as galinhas. Gambá que tinha até cheiro!

Mas cedia sempre aos rogos da menina. Meio a contragosto ajuntou os fios e as contas e pôs-lhes uns resguardos. Carregou com chumbo grosso a floberzinha, socou-o bem, e foi espiar a mãe através da janela. Elisa alinhava um colarinho, ao lado do ferro de brasas. Rui viu-lhe as costas curvadas, o longo porte vestido de preto. Teve desejo de chamá-la, contar-lhe a fuga breve, mas, pensando em sua oposição, parou apenas a olhá-la. Passou a correia no ombro e dando a mão à prima atravessaram o corredorzinho de cimento, quase arrastando as folhagens. A galinha de pescoço pelado e os pintinhos rodeavam o portão, esperando uma brecha para o passeio matinal, na rua. Lenita pegou-a no colo, alisou-lhe as penas, antes de passá-la com os filhotes através das ripas do portão. Destacou as duas franguinhas pelo rabo e prendeu-as entre as mãos.

— Veja aqui, primo Rui. São ou não são franguinhas estas duas? — Indagava, ajuntando-as contra o peito. Olhe como já empinam o rabinho! Os franguinhos são seis. Que galanteza!

Mas Rui estava preocupado, pensava na obrigação. Assim mesmo considerou que a pescoço pelado era tremenda, a melhor chocadeira que tinham. Ovo galado não gorava com ela. A mãe sempre dizia que era por causa do seu calor e da rodada das asas. Ovo com ela, era pinto na certa. E criava os pintinhos até grandes. Mãe muito boa!

Pararam um instante a espiar o quintal do farmacêutico Bartolomeu instalado ali de pouco. Duas datas de terra que iam acabar na outra rua, com a cerca alta de bambu ao meio. Junto ao poço, entre as latadas de folhagens, havia uma tina, que o negrinho Justino enchia com a água tirada do fundo da terra.

— O poço é raso — falou Rui ao ouvido da menina. Nem precisa sarilho. Com um pouco mais você vai ver o farmacêutico pelado. Ele fica ali dentro da tina contando os minutos no seu relógio, dentro da água fria. Pra se curar. Diz que é naturalista. Às vezes fico aqui espiando o que ele faz. Muitos espiam, por isso o buraco da cerca está aumentando...

— E ele não sente frio?

— Está curando a sua bexiga.

Lenita abria a boca alegrando-se naquela novidade tão excitante, poder dali espiar um homem pelado dentro da tina de água fria.

Pensando a mesma coisa, Rui arrastou-a pela mão.

— Vamos pela rua da mestra Vicentina — ela pediu.

— Vamos por lá, não, Lenita! É uma rua muito comprida. Subimos o morro do hotel, fica mais perto.

— Ah! — fez ela num muxoxo de reprovação. Aquele morro tão empinado, primo Rui!

— Podemos então varar o quintal de tia Laurita. Saímos no Aterrado, em frente da sua casa.

Mas foram pela rua da mestra Vicentina, que ia dar na venda do Vitrúvio Mineiro. Pararam na porta e pediram uns torrões de açucar mascavo, os que emergiam dos sacos entreabertos, sua cor linda de mel rosado.

— Olhe lá a Marocas, na janelinha, Lenita. Logo vamos ter futrico. Foi ela que contou para minha mãe que viu o namoro de Margarida com o cometa de Paraisópolis, aquele parecido com o mocinho da *Malha rubra*. O que tem o topete, me lembro de tanto olhar a sua figura nos meus pedaços de fita.

Iam os dois a par. A enredadeira desceu as escadinhas. Abriu o portãozinho empenado e olhou os dois, entretida.

— Venha um pouco aqui, Lenita. É verdade que já acertaram o casamento de sua irmã e que a festança vai ser de três dias? E quando vai ser?

— Quando a lua encher... O convite já chegou aí?

— Chegou não, menininha abelhuda, onde canta o galo garnisé não pia. Pois lá não vou...

— Então vou indo, Marocas. Té logo. Olhe, o seu galo tá pinicando a sua galinha na rua. Uma hora o fordeco pega os dois... — e escondeu o riso, apertando de gozo a mão de Rui.

Não resistiram às belezas dos reclames das fitas, colados aos cartazes, à entrada do cinema. Uns quadros lindos da *Malha rubra* e das fitas de Tom Mix. Lenita se encantava de ver aquela forma elástica, fininha, vestida de malha preta, até os pés, descendo as escadas suspensas no espaço. Apontava-a com admiração, desejando ser como ela bela e livre.

— Minha mãe comprou uma permanente. Um caderninho com vinte e quatro entradas, e vai assistir o filme inteiro. Por seis mil-réis. Comprou de seu Nenê, que foi lá em casa. Às vezes até discute com meu pai, por causa desse esbanjamento. Meu pai que não convence.

Rui não ia ao cinema. Contentava-se em colecionar os pedaços arrebentados das fitas, que o Castrinho lhe dava. Tinha uma caixa cheia de fitas. Quando acontecia de haver muitos pedaços repetidos, trocava-os com os outros meninos, às vezes por tostão, quando eles queriam negociar os mais raros. Um dia quando Lenita fosse em casa, mostrava a sua coleção nova — prometia. Caminhavam juntos pelo meio da rua. De passagem, ouviram o piano tocado na casa do coronel Pontes. Lenita reconheceu a *Valsa do adeus*, que Eglantina cantava, essa que eles tinham na pia-

nola. Ninguém em casa não desconhecia essa valsa, até as negras.

Encontraram a tropa do cometa Estefânio que parava no hotel, acabando de chegar de Minas. Três burros armados de malas, que o camarada e o Angelico levavam pela mão, para a descarga nos quartos de baixo.

— Nessa hora eu queria ser lojista — alegrou-se Lenita, subindo de um pulo a calçada. Parando de propósito para olhar de perto as malas bojudas de couro de boi com tachas prateadas.

— Coitadinhos dos burros! — Condoeu-se a avaliar o tamanho das malas, presas aos lombos com rijas correias. — Esse que vem de cincerro parece o mais triste! E por que, primo Rui, se ele só carrega a carguinha enrolada? Pobrezinho que vem de tão longe...

Rui não desejava ser lojista. Queria poder estudar nos livros, fazer aquelas cavalgadas para Eugênio Lefèvre com os outros meninos.

— Mas você já pensou no mundo de coisas bonitas que eles trazem ali dentro das malas? Vi uma aberta na loja de Salvador. Fiquei horas vendo. Parecia um céu enfeitando o balcão, tanta cor diferente, Rui!

Quase chegando avistaram a aguadeira Catarina, de volta do rio, a lata cheia equilibrada na rodilha de saco de algodão. Reconhecendo os meninos, acenou-lhes, volteando um pouco o corpo prisioneiro daquela carga líquida. Firmou a mão no ombro de Rui.

— Estava pra dizer a sua mãe que hoje não vou lá. Mando depois o Juca com umas latas, que hoje estou meio rendida. Só servi siá Umbelina por causa das crianças e da sua ojeriza de não trocar as águas. Trago uma aguinha pra siá Laurita também, pra curtida dos seus doces. E só. Mando o Juca de tarde, quando voltar do Zeca da Rosa. Foi tocando a tropinha de burro do seu Aurélio. O filho dele só serve mesmo pra coroinha, aquele traste! Daquilo, só Deus. Demão nenhuma pra sua mãe, o vadio. Então, mando o meu minino, depois do meio-dia. Avise logo, siá Elisa.

Rui fez que sim e com Lenita passou o portão. Esperava encontrar o Ricardinho para inteirar-se do rasto do bicho. Correria

o arrozal com ele, e se era verdade que o bicho deitara os galhos, era porque estava acostumado, devia andar ainda por lá. Manha de bicho não era segredo para ele. Logo ia saber o lugar que pisava. Mas não encontraram o menino, nas suas buscas pelos quintais. Tinha ido ao Quilombo, mandado de Umbelina, buscar os ovos que faltavam para a feitura das quitandas. Devia andar ainda pelos morros, a correr as rolas e os quero-queros, coisa de que muito gostava.

Lenita amuou-se. Sentou na tora comprida de jacaré, que servia de banco e que ficava encostada à parede do barracão de fumo, olhando a horta. Viu perto a Arminda quebrando os talos de couve, um avental inteiro. Hoje vamos ter tutu de feijão — pensou. Deitou a cabeça na mão. Manhã de frescura, alta e luminosa, lavada da aragem da serra do Paiol. As terras reverdecidas, úmidas de orvalho, acendiam-se em luminosidades, faiscando nos ramos. O canteiro de couves era o mais bonito — afirmava, reunindo num só olhar as miríades de gotas que brilhavam no verde descansado das folhas.

— Que dia lindo! — murmurou, a encher a boca de ar. E como cheira! Se você quiser, primo Rui, vamos passear no rio. Caçar não quero mais...

Rui estava pensando em ir sozinho, reconhecer o rasto. Depois juntava-se ao Ricardinho para a busca. Mas Lenita, imaginosa, cuidando que ele poderia atirar na oncinha desgarrada, levantou o corpo e trouxe com ela a espingarda, procurando-lhe a mira. Rui fazia sombra com a mão para os olhos. Olhava o arrozal tremulante, separado do pasto pela cerca de arames. É verdade que dali só podia ver os moirões nodosos que amarravam os fios, mas dentro era aquela madureza!

Foi a última sensação de beleza que experimentou. Inesperadamente o tiro atroou, seguido de um espadanar de asas, de pios aflitos e do cacarejar arrebatado das galinhas, amontoadas no galinheiro. Rui estendeu as mãos, vacilou, enrijeceu o corpo, aprumando-o em direção da menina. Elevou-se nos pés, impulsionado pela última resistência, e, como se quisesse alcançar Lenita num voo protetor, tateou o espaço. Tentou mais uma vez caminhar em

direção ao tronco onde ela se sentava, mas, desequilibrando-se, rolou ao chão, afogado no sangue que lhe encheu a boca e os ouvidos, espalhando-se pelo queixo, extravasando o pescoço e a camisa aberta no peito.

Em pé, Lenita levantava a arma fumegante, agarrando-se a ela com as duas mãos, os olhos tão desmesuradamente abertos que se diria pequena a face para contê-los. Abria a boca numa contração de pasmo e de horror e a dor aguda penetrou-lhe o corpo, ferroando-lhe a base do crânio, como se quisesse rompê-la. Os olhos experimentaram aquela sensação de mil pontos luminosos que se comprimiam e afastavam, dilatados em volutas pelo espaço, o abismo à frente. Um calor de fornalha cobriu-lhe a face, donde parecia fugir a vida. Doloridas pelo esforço de olhar, suas pálpebras bateram, dissipando as cores que se fundiram no cinza quase negro. Sentiu vagamente que os pés falseavam na sustentação de seu corpo, que cedia ao próprio peso. Foi amparada por Arminda, que atirando longe as verduras correu saltando os canteiros pingados da horta.

— Jesus! Maria! — Exclamava, tropeçando nos feixes de taquara, levantando a saia carregada de orvalho. — Que foi isso, minha Nossa Senhora! Minha Santa Cruz! Ai, ai, meu são Benedito!

Aos gritos da gente caseira levantaram Rui e a correr deixaram-no estendido na primeira cama que encontraram. Alaridos, chamados e preces encheram a casa. Aos gritos das crianças acorreram os vizinhos e muitos voltavam da porta, em busca de auxílio.

— Ai, Jesus! Meu Jesus! — exclamava Umbelina, atônita, tentando com um pano limpar o sangue que cobria inteiramente o rosto de Rui.

Estremunhada de espanto, Arminda voltava com a bacia transbordante.

— Sinhazinha! Eu vi, eu vi o tiro sair! Deixa que eu paro esse sangue, água com arnica, sinhazinha! — e rezava, chorava, as lágrimas escorrendo pela face negra e demudada.

Trêmula, ensopou a toalha, cobriu a ferida, dizendo mil palavras de carinho ao menino, já meio morto.

A soluçar, Umbelina caiu de joelhos, fechando a face entre as mãos.

— Ai, que desgraça! Ruizinho, que foi isso meu bem, o que foi que aconteceu...

Elisa entrou de ímpeto, o fichu preto solto no braço. Esbarrou na cadeira e desabou sobre o filho. Vendo-o inerte, tentou erguê-lo nos braços.

— Jesus! — enrolou-o mal no chale, desviou os olhos da ferida, procurando um lugar, a porta...

Esbarrou com o médico que viera correndo. Sem ouvir-lhe as injúrias, Xavier tomou-lhe o menino e deitou-o na cama. Desesperada Elisa levantava as mãos, batia-as de encontro ao peito, chamando o filho entre soluços. A custo tentavam arrancá-la dali. Irmã Mariana aconchegou-lhe o chale, levou-a com carinho e a deixou entre as mulheres que acorreram, tomando conta do corredor. Fechou depois a porta e encostou-se nela. Inerte, o menino dava poucos sinais de vida. A calma de Xavier ao provocar-lhe os movimentos respiratórios não conseguia demovê-la da certeza de que a vida de Rui se extinguia. Com o suor a correr-lhe das têmporas, Xavier tentava, num último esforço, retornar a criança à vida, apossando-se dela com usura. E ia seguindo os últimos confusos movimentos, a palpitação debaixo da forma em seus derradeiros dilaceramentos, sem que ele pudesse mais contê-los. Por fim, paralisado o peito num estertor convulsivo, a face de Rui sofreu um estremecimento. Os olhos desmesuradamente abertos tiveram um rápido lampejo. Em segundos se aquietou.

Deixando cair os braços Xavier respirou profundamente. Firmou-se na borda da cama para não cair. Penosamente puxou uma cadeira. Sentou-se. Nervosamente apertava as mãos contra o rosto e só então sentiu o calor que porejava de sua pele. Fechou os olhos, obrigando-se a recapitular os poucos instantes que antecederam a sua corrida, da Santa Casa até ali. Tarde, muito tarde para impedir...

Baixou os olhos para as mãos inúteis. Quase podia ouvir o palrar dos dois meninos, há poucos dias na descida do morro, absorvidos em seus folguedos, tão honestos, tão distantes daquele

horror. Sem controlar a emoção, aproximou-se do corpo imóvel, tateou-lhe a face, as mãos, os pulsos ainda quentes.

Irmã Mariana não se movia. Tinha ainda nas mãos a caixa de medicamentos que nem fora aberta. Silenciosa deixou que ele se reencontrasse, que desse com ela ali. Mas Xavier não a via, não sentia a sua presença. Alojado na sua perplexidade, consciente como nunca de sua vacuidade sem limites, viu o raio de sol rutilar nos vidros, a claridade da manhã que subia morna e benfazeja. Explodiu num grito de revolta. Só então a irmã acercou-se dele, calma no seu desprendimento, segura de sua religiosidade, na qual se apoiava para aceitar mais um infortúnio. Mais próxima, procurou falar-lhe. Xavier mexeu-se com esforço, desviou-se dela e segurou com força o batente da janela. Das plantas em silêncio subia um halo de vida, a aceitação plena do chão, alimentado dos veios líquidos próximos. A frescura de orvalho fechou-lhe a alma, aumentando-lhe a confusão. As elevações, longe, perdiam a majestade, para limitá-lo e oprimi-lo. Cerrando as mãos na dureza da madeira sentiu a dor penetrar-lhe até os punhos. Fechou os olhos por alguns instantes. Quando os abriu, estavam úmidos e brilhantes.

— Estou cansado, irmã, cansado como nunca...

Ela sorriu mansamente como sorriria uma santa ao receber a sua provação. Lembrou-lhe que já esperavam demais: Rui estava morto, já estava morto quando ali chegaram e não precisava convencê-lo disto. Suplicou-lhe que não recebesse a morte como um fracasso seu.

— Poderíamos acaso evitá-la? — insistiu, com um começo de emoção. Cinco, dois minutos apenas teriam bastado? Vou deixá-lo aqui com Lenita, ela, sim, está precisando de seus cuidados. Levo Elisa comigo. Se precisar de alguma coisa, mande buscar-me lá em cima, não me demorarei.

Xavier pegou o paletó e seguiu-a. No seu deslizar havia tanta leveza, tão perfeita era a sua segurança, que ele chegou a invejá-la. Mansamente como ali entrara, desapareceu, entre as lamúrias e as exclamações de dor dos parentes e amigos, que se acotovelavam, colados aos móveis e às paredes, ao longo das duas salas e dos corredores.

Quantos anos teria irmã Mariana? — perguntava-se Xavier, horas depois, a comprimir o êmbolo dentro da seringa para expelir as bolhas de ar. Ela era como as mulheres cuja idade não se pode nunca definir, pela simples aparência. Poderia ter pouco mais de vinte anos, poderia há muito ter passado dos trinta, sem que os trabalhos a tivessem marcado com os seus traços mais comuns.

Retirou todo o ar contido na seringa e levantando a manga da camisa introduziu a agulha na pele.

Nada havia realmente que as mantivesse ali, nada além do zelo carinhoso que as marcava, as boas servas de Deus. O lugar era falho de recursos, a vida difícil, como suas companheiras irmã Mariana carecia de grande esforço para atender aos mais pequenos reclamos que a cidade exigia. Era muito sábia e prudente. Mas talvez estivesse convencida, como madre Vicentina, que o fruir apaziguante das horas era o bem maior que a terra podia oferecer-lhes em retribuição ao muito que davam de si.

Verificou se o jarro estava cheio e despejou todo o líquido na bacia. Banhou demoradamente o rosto e os olhos. Enxugava-se, a olhar através dos vidros a tarde que caía. A luz já se fundira no grave cinzento mas nas elevações havia ainda uns restos de luz frouxa e rosada.

Abriu os vidros e ficou olhando a cidade silenciosa. Para alcançar a casa, não precisaria dar cem passos — pensou. O mundo poderia tremer nos seus alicerces, a morte colher os seus mortos, a injustiça campear entre os homens, nada conseguiria demudar aquele deslizar moroso do tempo. Como combater a imensa tristeza dos momentos presentes, apagar da memória a lembrança daquela criança, tão tragicamente arrancada à vida? E de sua mãe tão aflita? Lenita parecendo desmemoriada, sem dar acordo de nada? Sentiu o inesperado apaziguamento ao recordar o convite que lhe fizera há pouco irmã Vicentina para ir com elas rezar na capela. Trouxera flores para os seus vasos, as primeiras rosas de seu confinado jardim, e em agradecimento ela lhe propusera um aconchego com seu Deus! Era o máximo que podia oferecer-lhes, a si próprio e à sua obstinação. Os caminhos da redenção pare-

ciam-lhe difíceis de aceitar, mas aquelas três almas aprimoradas no amor, tão compenetradas de sua espinhosa missão, e irmã Mariana, tão moça, para que ali permanecessem sem um queixume, sem o mais pequeno vislumbre de canseira, para que negar, já lhe falavam demasiadamente à emoção.

Capítulo 4

Ildefonso lavra um tento

Dilatados dias de dolorosa incerteza, de insistentes indagações foram aqueles que se seguiram à morte de Rui. Dias e horas de aflitiva espera, de uma parte Lenita extremada em seu mutismo, de outra a profunda tristeza de Elisa, que não podendo mais habitar a casa deserta do filho passara a residir provisoriamente com os parentes, no Aterrado. Uma carta fora endereçada a Ildefonso pedindo-lhe permissão para Elisa ocupar a casinha que ficava junto ao portão de madeira, descendo a rua, a dois passos da casa grande. Se abrissem no muro uma brecha podiam facilmente unir os dois quintais e a pobre irmã não se sentiria mais desamparada. Era um casinholo de sala, quarto e cozinha, abrindo para a rua as altas portas de duas folhas. Noutros tempos abrigara o capataz que ali vinha para prestação de contas ao coronel, e também servira de celeiro. Elisa e a filha ficariam alojadas no seu canto e bem perto dos olhos da irmã. Em seguida, Umbelina enumerava os trabalhos, as repetidas aflições, a vida desviada de seu ritmo com a preocupação contínua que o estado de Lenita inspirava. A menina, já de si esquisita, emudecera. E nada, nem as coisas mais queridas, nem a assistência demorada conseguiam animá-la, tocar-lhe a sensibilidade ou o interesse. Evitava mesmo qualquer espécie de brinquedo. Ao levantar-se, após os dias de completa imobilidade, quis rever os caminhos da serra, o rio e os campos, que o verão úmido de chuviscos tornava mais ridentes. Só a natureza, o campo aberto parecia entretê-la um pouco. A criança descuidada já não existia — e foi neste particular da carta de Umbelina que Ildefonso julgou ver lágrimas descerem de seus olhos: "e eu fico pensando no poder da dor que transforma assim uma criatura. Emergindo de seu mundo de solicitações infantis, Lenita tateia como uma tresloucada e isto a torna irresoluta e sofredora. Sei, Ildefonso, que será tudo uma questão

de tempo, de reencontro ou cicatrização da ferida profundamente aberta, mas quanto nos custa esperar."

Com isto concordava também Ildefonso, que foi rápido em sua resposta. Quanto ao antigo celeiro, deixava-o à disposição de Elisa e autorizava o cunhado Estêvão a fazer nele os reparos necessários. Lembrava-lhe até em murar em meio uma das portas, para que as primas pudessem espairecer à janela. E podiam erguer um cômodo nos fundos do quintalinho, onde Elisa poria a sua máquina e ali costurar os seus panos com mais luz. Alvitrava ainda com a retirada de Lenita dos lugares onde a recordação de Rui fosse mais penosa. E propunha ir buscá-la logo após as colheitas, deixá-la com a tia, na fazenda, ali onde os primos eram ruidosos e outra a convivência. Lenita recebeu a notícia como se nada a afetasse. Não fez coro com a mãe e as irmãs, não tomou conhecimento dos comentários e preparativos que a viagem suscitara. Mais segura começou a sair, a caminhar durante horas pelos caminhos de sua predileção. Quem a visse acalmada de repente, meditativa e serena, não diria que ela sofria. E aos que a encontravam, alegres por acreditá-la sadia de novo, a menina sorria um riso triste, diferente.

Foi só quando chegou a carta de Marina que Lenita pareceu dar acordo de si e muito vagamente tomar sentido nas apreensões que seu estado de saúde despertava na família. Conhecia de sobra os gostos de sua irmã Eglantina para aceitar sem indagações que ela ficasse tanto tempo ao seu lado, ausente de seus hábitos de permanecer longas horas no quarto, a costurar o seu enxoval ou a ler o seu livro de rezas. Começava a preocupá-la, na irmã, o aspecto concentrado, a solicitude com que atendia ao menor de seus gestos. Um vago, indescritível temor começava a tomar forma dentro dela quando as recordações lhe iam, gradativamente, encadeando na memória. Parecia-lhe estar emergindo de um acúmulo de sensações novas e incompletas e que só aos poucos iam formando sentido. Suas buscas afloravam indagantes e inseguras e não fora a atitude concentrada de Eglantina, ela já a teria crivado de perguntas. Noutra tarde recebeu com maior consciência a visita de Xavier e quando lhe falou de Rui, com embargos na voz sumida, o médico considerou que o pior já havia acontecido. Aquela me-

nina irrequieta, marcada de solicitações afetivas, profundas demais para a sua idade, vivia o seu drama e era muito intimamente que procurava compreendê-lo. À lassidão seguiu-se um esmiuçar ininterrupto, ela mesma procurando dar forma ao que muito vagamente se ia delineando na consciência.

Manhãzinha sem rumor, lavada de impurezas, descendo a rua invadida de sol, Lenita trilhou o caminhozinho cortado no largo e entrou no beco das Lavadeiras. Umas poucas mulheres estendiam as suas peças de roupa, nos varais esticados à força de bambus, ao longo do rio. Nhá Trude estava batendo umas peças, quando chegou a Rufina e falou-lhe ao ouvido, apontando a menina, sozinha, caminhando, lá em cima. Nhá Trude enxugou as mãos no avental e assoou-se para disfarçar as lágrimas.

— Vai ver o rio naquela curva de que eles tanto gostavam — falou para as mulheres. Lembrar o primo, coitadinha. Não desgarravam do rio, os dois...

Mas Lenita não foi até a curva d'água. Afastou uns ramos, as folhas secas que o vento acumulara, e sentou-se na relva. Bamboleando, à sua frente, o bambual lembrou-lhe uma renda de primores lavrados, com o sol pendurado nas pontas esguias. Não lhe era novidade o refulgir inquieto, mas por que a renda luminosa parecia-lhe tão diferente? Até parecia um matizado, de tão estudado... Lembrou o Domingos violeiro, os versos que ele cantava para ela ouvir, e como sequência propositada um sabiá cantou no galho próximo. Longe piou o inhambu. Uma rola saltitou na margem oposta e deixou no ar o seu nhum... nhum... entristecedor. Então ela sentiu o aperto violento no coração, a dor indescritível que lhe turbou o entendimento. O trançado luminoso ficou preso de seus olhos e desfez-se num transbordamento de lágrimas. Ela uniu os joelhos e abraçou-os fortemente contra o peito, deixando cair a cabeça. Ficou a soluçar baixinho.

Não quis mais ver o rio e quando dias depois a mãe mostrou-lhe o vestido novo que terminava, ela pela primeira vez concordou que gostaria de partir, ver os tios na sua fazenda do vale. Contudo, não evitava embaraços aos pais, insistindo naquela alheação de todas as horas. Sentava-se na escada e olhava compassiva a ser-

ra, tinha palavras meigas para a gata velha que vinha aninhar-se no seu colo. O pai encomendara-lhe um sagui — dissera-lhe — e ela se enternecia ao pensar que poderia tê-lo junto de si. Ficaria em casa, a rondar os cantos, a folhear os livros. Não pisou fora. Um contentamento, porém, desanuviou-lhe o semblante quando, numa manhã, o Afonso veio visitá-la, adentrando a sala, de surpresa. Umbelina, que tomava sol sentada na rede, abriu a boca de espanto ao ver entrar-lhe pela casa ainda desordenada aquele homem cabeludo, de feições marcantes, os olhos soltos numa luz estranha. Com duas frutas maduras na mão: como se de todas as dádivas terrenas aquelas pudessem ser as mais convincentes. Que mundo de fragrâncias aninhava-se naquele gesto simples de ofertar a uma criança enferma os dois frutos de uma seara precoce, amarelecidos de sol? Perguntava-se, em concentração silenciosa.

Confusa, após a agitação espontânea de alegria, Lenita fitou a mãe. Mas Umbelina já sentava o louco numa cadeira e perguntava-lhe pelo pomar, a casa, os seus escritos. Soubera pela filha de um livro que ele andava escrevendo. Era então verdade que andava escrevendo um livro? Afonso afirmou que sim, que era uma obra de muita ciência e que falava de uma seita nova que reuniria os homens e os levaria a habitar as profundezas da Terra. Por que nesse tempo todas as coisas criadas em cima estariam mortas, como lhe dissera, um dia, são Francisco de Assis, a passear com ele no quintal...

E a contar as suas vivências com os santos Afonso levantava o dedo pontudo, como se para convencer Umbelina não necessitasse de mais coisas que aquele apêndice profético, erguido quase à altura de seus olhos. Depois do curto silêncio Umbelina perguntou-lhe de suas andanças, do que ouvira falar, e como se mantinha vivo, sem alimentos e sem resguardos nas noites de frio? Mansamente ele sorriu: de uma feita tivera que comer umas raízes, mas de que se alimentava mesmo era das águas da serra. E para dormir tinha o aconchego dos bichos, que havia muitos pelas pastagens. Muito boi já lhe servira de resguardo e o calor que lhe davam carregava com ele no corpo, por muito tempo. De calor para as suas noites, só carecia mesmo quando estava em casa...

Umbelina baixou a cabeça, um pouco estremecida de ouvir aquelas confissões, a pensar que o louco semelhava o Deus de sua fé, que não tinha necessidades nem canseiras, e não carecia os cuidados humanos. Já não precisava explicações quanto ao fascínio que exercia sobre a filha. Eram aquelas falas, aquelas interrogativas para o espírito ávido da menina. Ambos inocentes, sem maldades deformadoras, simples como a natureza — concluía, olhando-os enternecida, sem poder despegar deles os olhos.

Mas como chegou, intempestivamente, Afonso partiu. Sem despedidas, apenas o olhar indagativo à menina.

Lenita correu à janela para vê-lo de longe e só voltou a encontrar a mãe quando ele desapareceu no ponto alto da rua, o seu andar ligeiro e elástico. Sem falar, recebeu as frutas que Umbelina, num repentino gesto de proteção, procurava conservar entre as mãos.

— Vou plantar as sementes, mamãe — falou a alisar as cascas amarelecidas — nas minhas latas. Quando brotarem, enterro elas no pomar. A senhora acredita que elas vão brotar? As sementes?

— Mas você vai lavá-las antes de comer, não?

— Vou, sim, mamãe! Amanhã...

Mas Lenita era muito criança para compreender que o repentino madurecimento de seu espírito tinha como causa única a morte de Rui. Não era somente a falta do menino e a lembrança de seu gesto que a acabrunhavam, era aquele dispersar de sua sensibilidade, o equívoco de suas emoções que, repentinamente, passaram a constituir o mundo novo em que se debatia. Menina, já não se aprazia em segregar-se dos mais velhos, em levar a vida vadia das horas soltas, a vagar. A sequência das horas já não obedecia ao imperativo de sua vontade. E já não tinha mesmo vontade para nada. Madrugadora, ia para o canto da cozinha sem que se repetissem os apelos de fome e de evasão. E Arminda não carecia mais cuidar de sua gula sincopada, entremeada de indagações e de fugas meditativas, que a alçavam em voos caricatos, onde sua fantasia tecia os mais lindos véus. Lenita emudecera. Tomava o café e ia sentar-se no seu canto preferido, na escada. Ficava a olhar

o céu, as nuvens vagarosas, num meditar inconsequente. Não se pensava mais em fazê-la estudar, por conselho do médico e enquanto esperavam por Ildefonso, nem os pais, nem ela própria tocavam sequer na necessidade de arrancá-la dali. E deixavam-na sozinha, entregue a si mesma. Mas era com profundo indagar que Umbelina, fingindo alheação, cuidava em segui-la, não a perdendo de vista. Contudo, Lenita desenvolvia-se como um ser sadio, a quem as tempestades interiores não parecessem afetar. Seu corpo afinara, já se lhe acentuava a saliência dos seios, porém a agilidade anterior fora substituída pelo aspecto recolhido e imaterial.

Quando tudo parecia prognosticar uma crise mais séria, tio Ildefonso chegou. Alegre e folgazão, socorria-se da verve intempestiva para reviver na família, ainda transtornada, a alegria de outrora. Incentivou passeios entre as fazendas, saía em visitas aos parentes e conhecidos, de onde trazia novidades. Levava os sobrinhos ao mercado, enchia-lhes os bolsos de guloseimas e de pratas. Parecia um vento bom que se encarregasse de prover os ares de ardência renovadora, isenta de remorsos e de apreensões.

Ao clarear da manhã, no nono dia, reuniram os animais junto ao pesado portão, e o Lino, que fora chamado para cuidar da menina, já revistara toda a tropa. Lenita deixou-se alçar na sela, ouvia as recomendações da mãe com os olhos vagos, postos nas rédeas que prendia entre as mãos. Deixou que Estêvão lhe aconchegasse às pernas as abas da capa, para resguardá-la do frio. Umbelina, que dela não despegava os olhos, cuidava em aprisionar os seus bastos cabelos no pequeno capuz, procurando com indisfarçada emoção o perfil rosado, sua face luminosa que o frio arrepiava levemente. E procurava conter o choro, pedindo-lhe para escrever. Ela escutava-a, silenciosa, assentindo com a cabeça. Às vezes erguia os olhos, notava os ares de neblina, parecia distrair-se, ora seguindo o escarvar das patas sobre o chão. Para os que a conheciam, por vê-la muitas vezes aquietada pelos pensamentos, aquela atitude poderia parecer natural. Mas para Umbelina a explicação era muito mais profunda e ela se deixava ralar de cuidados. Partiram, quando tudo parecia acertado para a jornada de muitas horas: o farnel, a água, a certeza das patas bem ferra-

das, das correias ajustadas com perícia, o estribo bem conjugado aos pés. O sol ainda não dourara os montes quando ligeira brisa começou a soprar, deixando sobressair o contorno das casas, das ruas silenciosas, as árvores em repouso. E então à porta da quitanda houve um bater de ferros. Gordo, apertado no seu avental de confeiteiro, Adrianinho apareceu. Com um embrulho caprichado na mão. Espalmou a mão livre no ar e fê-los parar, agitando o corpo pesado entre os cavalos inquietos. Acercou-se de Lenita.

— São rosquinhas de mel, minha menina, que lhe fiz. E uns caramelos bons de chupar. Para distrair você do frio...

Lenita fez-se vermelha. Respondeu com um ah! de agradecimento. Lembrava-se de que Adrianinho guardava-lhe pedaços de coco e umas cascas muito carnudas, que ela gostava de mastigar, arrancar-lhes o leite grosso e adocicado. Adrianinho era seu amigo, conhecia-lhe os gostos, sempre lhe tivera carinho. Agora trazia-lhe doces...

— Vou passear, Adrianinho, em casa de minha tia. Quando voltar lhe trago uma lembrança — falou à guisa de retribuição.

O homem limpou os olhos, mastigando umas palavras comovidas. Desejou-lhe boa viagem e parou na porta a olhar. Acenava-lhes com a grossa mão embranquecida pelo trato das farinhas, até vê-la sumir e ganhar a estrada, depois do Bumba.

Um ar mais fino balançou os ramos e afinal o sol apareceu, colorindo o arvoredo. A luz faiscante baixou de cima e espraiou-se pelos campos verdes, pondo no chão a sombra fresca das ramagens. Iam a passo, arrancando fina poeira da estrada. A última casa do campo do Monteiro ficou para trás. Ia Lino à frente. Seguia-lhe Lenita e o estafeta que se lhes juntara na primeira curva. Ildefonso conversava com o lojista Salvador que lhes aproveitava a companhia, indo a São Paulo para compras. Trechos da conversa chegavam até Lenita, que nelas não punha muito reparo. Deixavam longe o Campo do Monteiro quando a voz de Ildefonso alertou-a.

— Que tal um galopinho, Lenita? Para experimentar o freio? Antes da subida, minha filha?

Ela disse que não, que queria apreciar o rio, que naquele trecho era mais rumoroso.

— Que rio é esse, titio? É o Buquira ou é o Preto? Eu acho que é o Preto, por causa das pedras.

— Que menininha sabida! — respondeu-lhe. Deve ser mesmo por causa das pedras... ou de alguma morte... — tossiu, chamou o Lino, deu lhe uma ordem desnecessária.

O que Lenita via, de encher os seus olhos, eram aquelas rendas móveis, que depois de vestirem as pedras iam engolfar-se, remoinhando, unir-se às outras águas para formarem as corredeiras. Beleza de água — pensou. E firmando-se nos estribos elevava o corpo para ver melhor. Deixara cair o capuz. Aspirava o ar com volúpia, sentindo no rosto o calor que o afogueava.

— Não está achando quente o sol? Ponha o seu chapéu, teimosa! — e estendia-lhe o chapeuzinho de palha que o Lino lhe entregou. Esse capuzinho só serve mesmo quando serena. E o frio já não deixamos em São Bento? Que terra fria, meu Deus!

Ela ensaiou um meneio e devagar foi soltando as rédeas para um trotar mais rápido. Noutros tempos gostaria de assediar o tio com mil perguntas mas agora não parecia ter muito empenho em romper o mutismo. E ia enumerando os encantos da caminhada, na manhã povoada de silêncios. Sem encontrar vivalma. A estrada livre, calçada de seixos, cortava-se na verdura da mata. Sobre o rio luzia o azul espelhante do céu. O tio lembrava em regular o trote, antes de começarem a subir mais. Tempo bom para uma baforada.

— Que tal se fôssemos comer naquela sombra?

E à recusa de Lenita acrescentou:

— Já que viramos paulistas de novo, Lenita, que esta terra tem os seus feitiços! Uma nesga de chão que avança e muda de estado como uma brincadeira de crianças. Demora pouca, filha, o tempo de saborear o seu virado. Água cá a temos. E de sobremesa, nem precisa pensar, que aí tem nos bolsos os caramelos de Adrianinho. Ou você já os comeu?

Apeando, foram desfazer os embrulhos sob as árvores, com uma fome que parecia de dias.

— Que horas são, Salvador? Se este meu ômega não pifou, não compreendo — falou Ildefonso a pular do estribo.

— São nove e trinta, coronel. O que acontece é que a gente

não pode se abarrotar, de madrugada, quando se ceia às sete. Até agora guardo no estômago só uma xicrinha de café, que mais não pude comer.

— Já havia dito à Umbelina — sussurrou Ildefonso ao amigo, que se sentara a seu lado. É tudo uma questão de tempo e de ares. Ela já nem parece a mesma de quando cheguei. Veja só como come o seu frango com farofa. Pitéu algum lhe parecerá mais gostoso...

Capengando, sonolentos da supimpa nutrição, chegaram a Pinhal. Ali desmontaram para o breve descanso, cuidando em larguezas para a menina, o contato mais íntimo com os pinheirais.

Sol descambando aportaram na estaçãozinha resfriada, altitude de mais de mil metros. Mas o tempo que andara tão alegre nos contrafortes mudara ali subitamente. Toda a serra parecia entristecer. E quando escutavam os ferros sibilando nos cabos, a arrastarem serra abaixo o bondinho, Ildefonso correu a lembrar que iam ter vento na descida. E recomendou a Lenita que fechasse logo o laço de sua capa.

— Esconde o cabelo nessa lã. Não te quero resfriada lá em casa — e escondeu ele mesmo os ouvidos da menina.

Saltaram dentro e foram acomodar-se junto aos vidros para ter em vista a paisagem. Nuvens baixas erravam entre os ramos. Lenita apontou o fio branco de gaze que balouçava de um galho de pinheiro. Sob o céu era então possível existir aquela abóbada de verdura tão fechada, que nem dava vazão a um respiro?

— Que beleza! — exultou a menina, a apertar a ponta do dedo contra o vidro, chamando a atenção do tio. Aquele fiozinho de água, tio Ildefonso, que até parece nascer das árvores! Então a água pode ficar peneirando entre os galhos, como se nascesse deles e não da serra?

— Ah! São os feitos de Deus, minha filha, que ele aqui até parece prestidigitador! Esconde a serra e finge brotar a água de um tronco, seu cúmplice. Tudo combinado. São truques, boba, que ele usa para enganar as crianças, não acredite nisso!

Morria a tarde mais cedo. Ildefonso puxou do bolso o seu ômega de muitos brilhos e consultou as horas.

— Às cinco chegamos em Pinda. Tomamos o trem em seguida e antes das oito jantamos em casa, na fazenda. Mandei matar um capão que esteve meses a engordar. Pra festejar a chegada...

— Não gosto de ver matar bichos...

— Mas gosta de comê-los, hein?

— Se vejo matar, não como. Nada!

Ildefonso pigarreou, mexeu nos bolsos, presa de ligeiro embaraço, intimamente se censurando pela lembrança de matar o que quer que fosse.

Foi curto o entusiasmo. As paradas breves do trem, o vaivém dos que entravam e saíam não despertavam na menina qualquer interesse. Não a interessavam tampouco a paisagem, os pregões disparatados, os campos verdes do vale. Dir-se-ia que ela, a relembrar a casa, deixasse de novo contaminar-se de tristeza. Na estação de São José, ele precisou arrastá-la pelo braço.

— Ora veja, que menininha turrona, em casa não me custa dar-lhe uma sova...

O que lhe deu foi um abraço, antes de tomarem assento no carro.

Ao avistar o semitrole parado na rua de Humaitá, não teve dúvidas que Marina estava ali a esperá-los. Encontrou seu recado avisando-o de que saíra às compras, mais a filha. Coçou a cabeça. Perguntava-se se aquele contratempo inesperado não iria obrigá-lo a dormir na cidade, quando avistou as duas descendo a rua, sobrecarregadas de pacotes. Atrás vinha o Bento com o bornal estufado, pendido dos braços. Apertada no seu costume de sarja azul, a balançar-se insegura nos tacões altos, Marina apressou-se, a gesticular. Adentrou a exprobar o calor, dando-se pressa em sentar para tirar os sapatos. E quando Ildefonso lembrou sua necessidade de pernoitar na fazenda, após a longa ausência, ela, gulosamente, decidiu que não iria sem jantar.

— Apronte a mesa, Osminda — ordenou para a caseira, que a ajudava a desvestir o casaco.

— E traga a cesta grande de biscoitos que deixei no quarto de guardados.

Só então puxou para si a menina que viera tomar a sua bên-

ção. Pôs-se a beijá-la com estrépito nas duas faces. Rindo no seu riso cantante, de elevar os peitos.

— Mas veja aqui, Ildefonso! — Dizia a apertá-la nos braços. Não são os mesmos olhos de Umbelina? A testa, o mesmo nariz? Tão linda que foi a sua mãe! Não se cansou da caminhada, não? Daquela serra tão grande? Espero tão cedo não viver aquele inferno de cavalgada, minha filha...

Separou os cabelos caídos na testa e ensalivou-lhe a cara de beijos.

— Vá se lavar, com Susaninha — falou, a afastá-la. E volte aqui para junto de mim. Susana! Leve Lenita para se lavar, mostre-lhe o quarto de banho, filha.

Mas Susana olhava o quintal e parecia não dar ouvidos. Descuidadamente afivelava o cinto, ajustando-o com calculado vagar ao corpo.

Lenita parava entre a tia e a prima, incerta do rumo que tomar. Afinal, como que acordando, Susana deu alguns passos em direção ao corredor e Lenita lhe foi atrás. Querendo chorar.

Capítulo 5

Os amores da corruíra

Sem arredar pé da cadeira onde acomodara as gorduras, Marina dava ordens para apressarem o jantar. E à sobrinha que estava perto prometia levar de volta à cidade, no domingo, para um passeio de conhecimentos, depois da missa. Lá dormiam e de manhã ia mostrar-lhe as lojas e as fazendas bonitas que ia comprar-lhe. Iam de semitrole, com bagagem, para a permanência de alguns dias: fariam visitas às costureiras e aos amigos, às tardes.

— Lenita, você vai ou não vai gostar de ir comigo para a cidade?

A menina escutava-a um pouco distraída, pois, com as falas de tia Marina, ela não podia ouvir direito o canto seu conhecido, que crescia lá fora no alto da velha mangueira. Sabia que ali, num buraco do tronco, a corruíra fizera o seu ninho. Primo Guilherme contara-lhe que o macho é que fazia o ninho e que a mãezinha não carregava um fio! E concluía, a unir os dedos, que o ninho seria macio e côncavo como a sua mão. A relembrar, virava para cima a palma rosada e premia os dedos, fechando-os num prolongamento, pressentindo a maciez do algodão, o afofado de penugens, os ovinhos... Sorria.

— Em que é que você está pensando? — Insistia Marina, intrigada de ver a menina sorrindo para as próprias mãos.

Lenita cravou-lhe os belos olhos acinzentados, com rainhos dentro.

— Estou pensando, tia Marina, que só faltam seis dias.

— Seis dias para quê, menina?,

— Ora! Para saírem os passarinhos! Os filhotes da corruíra!

Marina passou a mão pelo canto da boca e ficou com ela aberta, o seu costume de esfregar os lábios quando qualquer coisa a intrigava, sem desfitar a sobrinha.

— Nunca imaginei que existissem corruíras aqui tão perto! Como descobriu isso?

Mas a atenção de Lenita já permeava as paredes e seguia o aboio de Bento, a conduzir o gado na descida do morro. Sem responder à tia, correu para a janela.

Era o cair da tarde, o silêncio grave do crepúsculo, quando os aromas parecem permanecer vivos e as vozes se conjugam na vibração amorosa que as fazem dependentes em seu canto. Um alarido breve que transformava as árvores num concerto de várias sinfonias. Lenita debruçou-se no parapeito e aspirou o ar embalsamado do cheiro das árvores em floração. Até ela chegavam as vozes de comando dos dois agregados:

— ...fasta Reparo voum... ô ô ô... Marcante... Oi Brefar... i... ila Vaquero... Fasta Junino... Vô ô um... Oi...

— Me diga uma coisa, titia — indagou, colada à janela. Por que é que as madressilvas cheiram mais a esta hora? A senhora nunca reparou?

— Ah! vou lá saber? Se pudesse responder todas as suas perguntas, a minha colcha não ficaria pronta tão cedo! E eu teria que andar de indagação em indagação, como você! São estas coisas que alimentam a sua preguiça, fazem o seu tempo ficar pequeno para as obrigações que lhe dou.

Ouvido mouco, interessava-se na paisagem e olhava o casarão ao pé do morro, de muitas portas, que em tempos idos fora a senzala. Agora estava fechado e as negras que serviam os seus tios dormiam nos quartos do fundo. Primo Guilherme mostrara-lhe aquelas vergonhas, um casarão sem luz e aquele quarto medonho com uns restos de correntes e de troncos, os engenhos com que os antigos senhores castigavam os seus negros. Muito feitor desalmado usara aqueles suplícios contra os pobrezinhos, contara-lhe o primo nas suas histórias. Até a fizera chorar. O bebedouro ficava ao lado, soltando a aguinha fresca que titio aprisionara para a beberagem dos bichos. Ali os passarinhos faziam roda quando o dia era mais quente, chilreavam, a saltitar. Bebiam daquela água junto com os potrinhos e as bestas de carga.

Viu os homens chegando de cambulhada com os animais.

Acuados por Toresmo os bezerrinhos alvoroçavam-se e o Bento estendia os braços, para ampará-los na entrada do curralinho.

— Sai de roda, Toresmo — dizia o peão a enxotar o cãozinho com o pé. Sai de roda enxerido...

Fechou a porteira e começou a desarrear o Pimenta. Foi quando avistou chegar Guilherme, que desde madrugadinha andava fora a inspecionar as invernadas. Bento correu, a tomar a rédea ao Soberbo, enquanto o moço saltava, desenvolto, calçado de botas. Era belo o primo Guilherme quando se punha a montar — pensava Lenita ao vê-lo caminhar na direção da escada. Por que ele tinha muita coragem. Ao jantar, ia ficar do seu lado para ouvir-lhe as histórias de vaqueiro, porque só agora primo Guilherme dera para parar em casa, a tomar parte nos serões da família, sempre com um caso novo a contar. E como ria tia Marina com aquilo que chamava os exageros de seu filho!

Lenita ajuntou a saia e correu fora, encontrar o primo no patamar, onde suas esporas já batiam com propositada intenção.

— Julinha, é já o meu Guilherme? — Ouvia a voz da tia perguntando. Não me diga que é o Guilherminho, a estas horas! Pois não ia ele até Sant'Ana? Como lhe pedi? Que mal lhe deu para chegar aqui tão cedo?!

— Mas é ele, sim, siá Marina! Seu Guilherminho em carne e osso! Brincando de rodar mais a menina, como dois loucos, meu Deus! Que doidura dos dois...

E Julinha se despencava de rir, a levantar com as duas mãos a ponta do avental onde escondia a boca desdentada.

Da sala Marina escutava-lhes as risadas, em reprovação. Verdade era que o filho andava diferente, mais alegre nos últimos tempos. Mas que teria feito de suas encomendas? A essa hora deveria andar ainda pelo comércio a desfazer-se dos encargos que lhe dera. À boca pequena soubera de uns casos seus com uma crioulinha que morava com a mãe viúva, dos lados do rio, na saída do arrabalde, e, de Sant'Ana, não costumava voltar tão cedo. Quando chegava, noite alta e a sabia desperta, desfiava umas desculpas muito estudadas, que ela fingia acreditar. Mas sabia dos seus passos, sabia...

Pois ele se desincumbira com desembaraço do rol de coisas que lhe dera, foi o que concluiu, depois dos acertos.

— Mas você não foi à Sebastiana, meu filho! — Lembrou, afinal. Faltou a Sebastiana, Guilherme!

— Fui à Sebastiana, sim, mas estava de cama, com umas dores nas costas. Vi a sua máquina fechada, coberta daquele damasco que a senhora lhe deu. Disse que manda fazer os terninhos pela Jurema, se nestes dias não se levantar. Está amarela e magra como um varapau.

Marina curvou a cabeça, pensando naquele contratempo da doença de Sebastiana, pois os terninhos eram parte do enxoval dos dois meninos que em julho iam para o colégio. E Jurema, que soubesse, não cosia ternos tão bem como a sua mãe.

E a preta Malvina que parava na porta pedia licença para servir a sopa. Seu Ildefonso mandava avisar que a sopa não lhe apetecia, que só vinha para o assado.

Marina indignou-se.

— Pois volte lá, Malvina, diga ao Ildefonso que venha, que deixe as contas para depois. E chame o Inácio também. Mas os meninos, onde estão os meninos que não vêm lavar as mãos? Chame a Julinha para pôr água nas bacias.

Malvina coçou a carapinha.

— Mas, siá Marina, os dois meninos foram com Jeremias levar siá Vicença que tem medo de atravessar os pastos. E a casa é longe.

— Então não sirva o jantar. Espere Ildefonso chegar. Pois havemos de estar sozinhas à mesa, outra vez? Onde mais a ordem desta casa? De amanhã em diante suprimo o lanche. Não se toma mais lanche nesta casa. Julinha, está ouvindo o que eu disse? — falou para a criada, ocupada em alisar a toalha. Lanche com quitanda só para as crianças, de amanhã em diante. E tome trato para que elas não saiam mais com a boca da noite, nunca mais. E foi só o Jeremias com elas? Com quem mais vão voltar? Não estava ele bebido?

— Com o Jeremias, sim senhora. Eu até penso que eles jantam lá.

Arrastando as chinelas Malvina voltou, pôr água na sopa para que não ficasse a sopa secando naquele fogaréu de peroba que até já aquecia a casa inteira. E sentou-se a esperar.

Sabedor da zanga de Marina, Ildefonso fechou o livro e veio trazendo com ele o Inácio, que se fazia de inapetente.

— Mas como? — Teimava Ildefonso, a meio parado no corredor. Você quer mesmo voltar para Formosa sem calçar o estômago? Com aquela estirada? Fica o acerto para depois, sem comer, você não vai daqui.

Inácio era um trigueiro robusto, peito saliente, muito galhofeiro, que vivia em Formosa, a fazendinha intermediária. Peão de primeira. Fora mestre de Guilherme na arte de cavalgar e ao relembrar a primeira vez que viu Guilherme entrar num rodeio de amansação, pôs-se a gargalhar: o menino já demonstrava coragem, medo nenhum dos garanhões. Até precisara pôr-lhe uns preceitos, rodeá-lo de seus braços, entre os cascos das feras. Valentia de nascença! Siá Marina decerto estava lembrada.

Susana remexia a sua sopa, com indisfarçada indignação. Sempre reprovara nos pais o costume de fazer sentar seus criados à mesa. E a maneira de demonstrar desaprovação era aquela insubmissa atitude que tomava, ausentando-se das conversas. Nunca Ildefonso lhe notava a ojeriza, mas Marina, que de sobra a conhecia, não despregava dela os olhos que da censura iam até ao embaraço. Não admitia que os filhos tratassem mal os seus hóspedes, ainda mais um homem zeloso das coisas de Ildefonso, como era o Inácio. Além do mais fora o protetor de Guilherme nas suas traquinagens de menino destemido, socorrendo-o dos chifres dos garrotes, quando queria fazer-se domador.

Estava justamente relembrando estas coisas, quando a risada de Inácio fê-la levantar a cabeça e deixar a faca com que cortava o pedaço de lombo de porco.

— E não é verdade, siá Marina, o que lhe disse certa vez desse menino? Que seria o continuador do pai na cobertura das duas fazendas? Raios me partam se ele não acabar administrador de todas estas bandas de terra. Pois jeito não lhe falta, nem a coragem de que precisa, benza Deus!

Marina concordava, afirmando que Ildefonso carecia de um ajudante eficaz como Guilherme, mas tinha para o filho outras veleidades e era ponto de honra para ela e Ildefonso que o seu filho se formasse em doutor. No próximo ano deixaria a casa para reiniciar o curso em São Paulo, com os parentes mais velhos que lá estavam a se formar.

Sorridente daquilo que ouvia, Guilherme trinchava o seu frango e confessava baixo a Lenita que ele só iria para São Paulo se pudesse ter uma cocheira nos fundos do quintal, para os seus dois cavalos e os cachorros. Do contrário, não arredaria pé. O pai que comprasse uma casa afastada, que fosse como um prolongamento da fazenda. Só assim ele iria.

Lenita contou-lhe que estivera uma vez em São Paulo com sua mãe e que não vira cavalos nas ruas, senão aqueles que puxavam as carrocinhas. Para que queria o primo os cavalos?

— Ora! Para montá-los, Lenita, correr os bairros distantes, como Santo Amaro. Ou você pensa que cavalo é para quê? Em Santo Amaro tenho dois amigos que conheci no colégio. Havia um loirão, Francisco Lang, que foi meu companheiro de quarto. Nossas camas ficavam próximas. Morava numa chácara com pomar e cavalariça e uma mata beirando o Iguatinga. Com caminhos cuidados e muita aguada. Um dia levo você lá. Faremos passeios, assistiremos às congadas, festas de que os santamarenses são muito ciosos.

A olhar através da janela Lenita pensava na possibilidade de ir com o primo conhecer aquelas belezas de Santo Amaro. Podiam ir montados, o primo no Soberbo e ela na Gaiata. A égua de Susaninha, que tinha o andar caprichoso, mais parecendo uma onda do mar. Até lá o primo a teria ensinado montar com mais garbo e ela já não teria medo de cavalgar uma égua tão ligeira como a...

Marina chamou-a pelo nome, lembrando que seu prato estava inteiro.

— Coma o seu frango, não deixe a comida esfriar. E não é você que vive repetindo na cozinha que é louca por frango? Pois limpe o prato.

Lenita, que galopava ao lado do primo, sentindo na face o

vento e a quentura do sol, voltou ligeira os olhos para as mãos, com medo que tia Marina adivinhasse o seu enlevo e a impedisse do bem tão grande de cavalgar a Gaiata pelas estradas cheias de sombra das árvores, no caminho de Santo Amaro, que primo Guilherme ia mostrar-lhe.

Pretextando dor de cabeça Susana deixou a mesa, antes do café, pedindo com exaltação a Julinha que fosse levá-lo ao seu quarto

Retirada a toalha, os meninos fizeram roda para jogar víspora, enquanto Ildefonso, sempre seguido do Inácio, descia as telas de arame para evitar que os bichos os viessem atrapalhar. Coisa detestada por Lenita eram os besouros que acorriam para a luz, dela arrancando incontroláveis gritos de pavor. Marina ajuntou a colcha e veio sentar-se ao pé do lampião, pensando em aconselhar-se com o padre Gabriel, após a missa. Havia de contar-lhe as ojerizas da filha, o mau caráter, que, ao passar dos anos, ia ficando pior. Pensava mesmo em rogar-lhe penitências, quando ela fosse confessar. Susaninha não tinha de quem herdar o orgulho. Ali eram todos filhos do mesmo Deus, viviam numa só família. Perguntaria ainda ao primo Aurélio, que conhecia os parentes mais longínquos, se aquilo na filha era herança mesmo ou pura besteira. Logo mandaria uma carta ao Aurélio, elucidaria aquele despropósito de fidalguia.

Capítulo 6

Onde falha a sacristia o esculápio opina

Com chuvas periódicas e intervalos curtos de sol chegava-se ao novo ano.

— Me dá vontade de sair voando — reclamava Rafaelzinho quando, mais forte, a chuva tamborilava nos vidros.

De cara fechada Lenita fazia-lhe coro, dizia que sim: gostaria de sair com ele voando, pendurar-se nos galhos da velha mangueira, ficar em cima daquela terra encharcada, balançando.

— Vamos nós dois lá, Rafaelzinho?

Resignando-se Rafael disse que não, que a mamãe já tinha escondido as suas botinas de elástico, e como afundar o seu sapato de dentro de casa naquela barreira que até já cheirava bosta de vaca? Não tinha lugar certo praquelas vacas sujarem o chão, qualquer saidinha e elas já deixavam as bostas cheirando tudo.

Verdade é que após os meses de permanência na fazenda os hábitos de Lenita não eram os mesmos. Sua aparência também mudara e como um arbusto viçoso punha raízes e se aformoseava. As notícias que frequentemente lhe chegavam de casa não exerciam sobre ela a mesma tensão emocional dos primeiros tempos, que a obrigavam a esconder-se no quarto, por muitas horas. Sempre se mostrara muito amorosa dos irmãozinhos, relacionando-os com bichos e travessuras, mas de Umbelina falava constantemente, possuída de dorida saudade. O que Marina notava, com íntima satisfação, era que a menina, sem parecer notar, começava a transferir-lhe um pouco do afeto que a ligava à mãe, dela se acercando com mais frequência. Conversavam demoradamente ao pé das janelas ou em pequenas caminhadas pelos arredores, quando a filha e os meninos estavam fora. Três vezes por semana Susana ia à cidade para as aulas de piano, tinha ainda o encargo de professorar Ricardo e Rafaelzinho nas suas lições. Guilherme saía cedo e gastava a maior parte do dia correndo as lavouras e

as distantes pastagens. Era visível que a morte de Rui não a afligia como nos primeiros tempos e já não era esse o problema que preocupava os seus tios. A mudança de ares, a vida calma na fazenda, manhãs inteiras de soltura, as escapulidas, ora a pé, ora a cavalo, debaixo do sol, concorriam para aquele aformoseamento, que, em Guilherme, mais que em qualquer outro, parecia exercer um fascínio muito profundo. A timidez de Lenita e o seu gosto de solidão pareciam tê-la deixado. Andava ela mais desenvolta, mais comunicativa, ficava horas ao pé da tia num aprendizado de agulhas, coisas a que de início não ligava a mínima atenção. Interessava-se em relatar-lhe a vida em casa, suas fugas prolongadas, os trabalhos de Umbelina para contê-los em suas traquinagens. Jamais, porém, fizera alusão ao primo e ao motivo que a trouxera ali. Por isso, ao ouvir o nome de Rui repentinamente pronunciado por ela, Marina sofreu um estremecimento, que apressada procurou disfarçar, fingindo ter perdido um ponto não entremeado de trancinhas e de caseados com que unia as flores de sua colcha. E conteve o curto acesso de tosse que lhe sacudiu em onda brusca a saliência resguardada do peito. Houve o breve silêncio, enquanto Lenita, parecendo procurar as palavras, deixava pender as mãos sobre o bordado.

— Por isso eu não posso compreender, tia Marina, eu que até nos umbigos das bananeiras não conseguia acertar, fui acertar no meu primo. E não entendia mesmo nada até que ele veio conversar comigo, naquela noite que a senhora me acordou do pesadelo... A senhora se lembra? Pois ele estava ali, quando a senhora chegou, parecendo contente de falar do mundo maravilhoso de onde ele vinha. Depois me contou uma coisa que eu já tinha escutado o Afonso falar. A senhora se lembra do Afonso? Pois foi ele, titia, que me contou que os mundos eram muitos e que a vida não é só daqui e que não termina nem aqui e nem lá, um mundo parecido com este... A senhora não acha que esse foi o sonho mais bonito que já tive?

— Claro! Lenita! Claro que acho, minha filha! Um sonho muito bonito. Mas, diga-me uma coisa: você tem sempre sonhos assim, você acredita mesmo nas falas daquele louco de São Bento?

Ela sorriu, lembrou que gostava muito do Afonso por encontrá-lo na igreja e nas procissões. Todas as vezes que fugira das aulas de siá América foi para ficar conversando com ele, sentada na porta: falavam de sua vida de andejo e dos santos milagreiros, seus amigos. Afonso morava perto. Havia muito tempo ninguém via ele fechar a sua casa e a sujeira lá dentro era tão grande que até já emperrava as três portas de folhas e ficava impossível levantar os caixilhos de vidros quebrados. Às vezes era lavada pelas chuvas de vento que entravam nela livremente, dava até agasalho aos bichos mais pequenos. De uma feita ouviram contar de um cabritinho fujão que desgarrou do morro e entrou nela por distração, o pobrezinho ficou tão desandado que saltou a janela e deu gemidos como gente. Outras coisas contavam do Afonso, indagando-se com quem partilhava ele a sua alma: com Deus? Diziam os mais caminhantes que ele aparecia num lugar e em outro, ao mesmo tempo, que conversava com as imagens dos santos, que via coisas no espaço. Certa vez viram ele vagando sozinho pelos montes mais altos da cidade. Foram correndo avisar os padres, que eram os seus amigos, e eles, um pouco espantados, mandaram de volta o portador com a notícia que o Afonso estava com eles, que não arredara pé dali. Estas coisas ela sabia. Pensava que a atração lhe vinha do mistério de sua vida de vagabundo e de tanto conhecimento que tinha.

A atitude reticente de Marina, sua necessidade de tudo esmiuçar e contar, vencida a inibição, Lenita pôs-se a segredar.

— Eu sonho muito, titia, e uma vez cheguei a salvar uma tartaruguinha, porque vi no meu sonho o lugar onde ela estava perdida da mãe: a beira do corguinho, junto de uma pedra. Não era maior que o botão grande do seu vestido azul.

— Ah! Você conseguiu isso? Como foi?

— Foi no sonho, vi o lugar exatinho e de manhã corri lá, sem dizer nada a ninguém. A jabotazinha era filha da Simplícia...

Marina mexeu-se na cadeira, presa de insopitado temor.

— A senhora, já sei, não conhece a Simplícia! É a tartaruguinha do doutor Xavier, uma muçuã, pequenininha assim, que ele trouxe da sua terra. Trouxe duas. Esteve sumida uns tempos

e quando a encontraram tinha a ninhada. A muçuãzinha que era mais viva, talvez fosse andeja, extraviou-se da mãe e ia morrer ali, comida por algum bicho. Via-a de verdade e trouxe ela para mim. Mas a mamãe não deixou, disse que ela era muito pequenininha para andar entre os meninos e os cachorros. E não deixou mesmo, até depois que o doutor Xavier presenteou-me com outra maior, que ele criava no seu jardim. Com mais de um ano ela já terá crescido, a senhora não acha?

— Não acho, não, Lenita! Esses bichos custam muito a crescer, levam anos para ficar grandes. Por Deus que não gostaria de ter uma tartaruga em casa, como a sua mãe. São tão repulsivas, minha filha...

— Pois eu me encanto! São vagarosinhas e comem com as mãos, com um jeitinho tão engraçado...

A prosa encadeou-se, com muitos racontos, onde os sonhos facilmente se mesclavam à realidade. Marina não dormiu bem e dois dias depois, pretextando ir ao oculista, mandou Ernestino atrelar a charrete e partiu com ele para a cidade. Desceu à sacristia e pediu para falar ao padre Gabriel. Contou-lhe os sonhos de Lenita com todos os detalhes: se ela era ignorante, ele talvez pudesse esclarecê-la.

Padre Gabriel coçou a cabeça e aviltrou com uma mentira. Talvez a menina fosse vítima da própria imaginação. Isto acontecia sempre com criaturas imaginosas. Então Marina não sabia?

No rosto de Marina espalhou-se logo uma vermelhidão de protesto.

— Não, padre, Lenita é muito leal e inteligente. Incapaz de uma trapaça. Aceito o caso como uma verdade, que nasce dela própria. — E sugeriu uma confissão, alvitre que o padre achou descabido e recusou, alegando sigilos e outros deveres evangélicos.

Ficou pensando, repensando até o dia em que, reunidas sob o lampião, ela contou-lhe outro sonho. Contou que andava pelos campos, não muito longe da casa de Vicência, ali onde havia a matinha de araticum-de-cheiro e de pés de araçás. A titia sabia que havia um cerrado perto, onde as crianças procuravam frutinhas

como cabeluda, maria-mole e pitangas? Ali, titia, onde tem um jatobá perto, um cerrado comprido, muito emaranhado? Pois vira ali um tronco velho que era a imagem perfeita de santo Onofre. Ela conhecia muito bem santo Onofre, a mamãe tinha um em seu nicho, com o copinho sempre cheio de água, ao lado. Como podia santo Onofre viver lá, naquela secura de lugar? Se a titia quisesse, voltavam de tarde ao cerrado, levavam junto uma moringuinha cheia de água...

Marina cerrou a boca, e à noite, portas trancadas, falou ao marido: queria ela também se inteirar, convidava Ildefonso a levá-la ao cerrado; iriam só os dois, como em visita a Vicência, ninguém ia saber. Queria ver o tronco, cuidar até onde iam as alucinações da menina.

Ildefonso riu às boas, indagou se ela com tanto filho taludo ainda se deixava enredar por falas de criança imaginosa.

— São suposições dela, Marina — mais disse, procurando sob a cama os seus chinelos. Coisas de quem não tem o que fazer. Encerrado o assunto, lá não vou, nem você.

E Marina, preocupada, encadeava mil e um pensamentos, perguntando-se se não andaria Lenita perturbada em seus sentidos. Podia ficar inativa, deixar que se fosse perdendo a menina naquelas alucinações esquisitas? Pensou escrever a Umbelina. Estava mesmo com vontade de tomar a seu cargo a educação da menina, mandá-la estudar com as irmãs no Bom Conselho. Mais de uma vez falara nisto a Ildefonso, e se os irmãos concordassem em deixá-la com eles, Ildefonso não se oporia. Mas na carta que mandou a Umbelina não relatou seu cruciante problema, com receio de alarmá-la. Escreveu-lhe que estavam programando um passeio pelo sul de Minas, em visita aos parentes. De volta passariam por São Bento, pois desejava muito falar-lhe. E levariam Lenita para matar as saudades. Falava-lhe de sua intenção de mandar educar a menina, que andava muito saudável e peralta e a quem os estudos faziam falta, como ocupação. Com quase doze anos e os ares da fazenda ela se ia transformando numa mocinha, de crescida e forte que estava.

Mas foi, numa tarde, procurar o doutor Gumercindo. Fez-

-lhe a descrição da menina, sem esquecer-se de acrescentar que era muito afeita à preguiça. Ficava horas emudecida, sem ligar importância aos encargos que lhe dava. Não terminava nenhum trabalho e tinha uma predisposição incalculável para caminhar. Mal comparando, parecia uma cigana. Louca por bichos. E para ilustrar o que dizia, para que o amigo não pensasse em exageros de sua parte, contava-lhe um fato: acontecera há pouco mais de quinze dias. Iam as duas pela cidade, após as compras, ao cair do dia. O tempo mudara de repente, com o noroeste arrancando pedaços de árvores e as folhas das janelas, nas ruas de Humaitá e São José. Atravessavam o largo quando Lenita, ao avistar o cachorrinho encolhido junto às escadas da igreja, soltou-lhe a mão e fez o disparate de levantar nos braços aquela sujeira, com o seu vestido de missa! E veio-lhe atrás correndo, a pedir dinheiro...

— Ah, doutor! O que senti! Foi uma vontade tremenda de surrá-la ali mesmo, sob a chuva. A menina parecendo uma tresloucada, quase levada pelo vento, com o cãozinho enrolado nos braços. Perguntei-lhe para que queria dinheiro, procurando detê-la junto de mim. Sabe o que me disse, Gumercindo? O disparate? Que ia ao açougue dar de comer ao cachorrinho. E como o homem não a conhecia, queria os tostões para pagar-lhe os miúdos.

O médico se sentara com um começo de interesse. No seu humor muito precavido, parecia ver Marina, gorda e pesada, a encharcar-se de chuva, na sua ânsia de conter a menina.

— E entre ficar na chuva e fazer-lhe a vontade, preferi ir com ela ao açougue, que felizmente era perto. Mas cheguei em casa molhada como um pinto, jurando um castigo contra aquela obstinação. Pois ela, não satisfeita com a proeza, trouxe consigo o cachorro e gastou a tarde inteira a limpá-lo, na casinha dos fundos, entre os trapos que Osminda lhe arranjou. Até hoje ele está lá. E o trabalhão que deu aos caseiros para curar-lhe as feridas e o couro pestilento. Mas isso é só um pormenor, Gumercindo, só um pormenor...

E Marina desfiou ante o amigo, uma por uma, as manias que tornavam Lenita tão disparatada. Ao fim, propôs-lhe ir jantar à fazenda, vê-la de perto. E fazer um diagnóstico.

Mas não era frequentemente que Gumercindo ia à casa dos amigos, por causa dos encargos no hospital e a clientela muito numerosa, que não lhe deixavam vagar. Era muito grato à Marina, que vez por outra abastecia-lhe a casa de homem só com frutos e guloseimas, trazidos pelo Bento. E quantas vezes não fora ele surpreendido com assados supimpas de cabritos ou de leitão? Grande apreciador dos assados tenros, conheciam eles os seus gostos, dividiam a fartura.

E numa manhã de domingo, ao entreabrir a janela, viu a charrete de Marina parada à porta, com Ernestino às rédeas. Vinha buscá-lo para o ajantarado e uma pamonhada e, se bem quisesse, podia levar amigos, ordem de siá Marina. Quatro negras já labutavam na limpeza das espigas e logo seria aquele cheiro bom de folha verde cozida, a encher os ares.

— Pois seo Dotô, credite! O alboroço começô co'o dia! — contava, a desmontar, procurando a gradinha, que ali mesmo esperava.

Doutor Gumercindo tinha outros planos e coçou a cabeça. Mas voltou dentro, tratando de se compor, enquanto a descrição que Marina lhe fizera da menina, só agora lhe voltava à mente. Estava a ver que era uma criança mimada, dessas com dengues, capaz de desafiar a paciência de qualquer mortal. Dissera-lhe Marina que ia para os doze anos. Mas ele, que conhecia Marina desde moça, que sabia de sua severidade no trato com os filhos, ficava a indagar do poder de Lenita para trazê-la assim preocupada e amolecida. Ia logo descobrir-lhe a malícia...

E foi pelo caminho indagando coisas ao Ernestino, que se punha a rir.

— A menina Lenita! a... a... a... — Descia a trança de couro cru nas duas ancas do cavalo. Muito traquina, seo dotô, põe os primos no chinelo! Pula cerca e sobe morro que nem um cabrito. E traz as negras num cortado com as suas inventivas. Sem seca, vive atropelando os negros véios, pra saber de suas vidas. Amansou até a Vina, que só não dexô a casa ainda porque não pode. Por causa dos mininos, de quem não quer nem vê os rastos... Mas de andar já conhece inté a colônia inteira e quando voltar pra sua serra, não vai

ter mão pra carregar as lembranças que lhe dão... Só que às vez emburra, fica sem falar horas, a andar pelos caminhos, quando a tia lhe tranca o quarto... Seo dotô não sabe que ela matou um primo...

Gumercindo apressadamente afirmou que sim, que lhe contara a tia essa infelicidade, um tiro disparado...

Chegou cá bem doentinha, mas os ares lhe fizeram bem. Amargura de criança é isso, dura pouco. Mas quem gostava da presença da menina era o Guilherminho, que tinha por ela um xodó! Coisa ansim de minino, seo dotô sabe como é!

Aproximavam-se das altas pastagens, já em terras do coronel, o gado esparramado por vários quilômetros, reunidos alguns aos magotes, outros perdidos na vastidão do horizonte, movendo-se molemente. Vastas eram as terras do coronel! Gumercindo se lembrava daquela fazenda, semiabandonada pelos herdeiros do tenente Saraiva, que ali não queriam pôr os pés. Veio Ildefonso e transformou-a naquela beleza. O que era pasto ou invernada sacudia-se do gado gordo e de preço ajustado, mas da terra boa não sobrara um palmo de terra por cultivar: fruto de sua direção, a que não faltara o bom dinheiro, mas quanto dinheiro não conheceu ele que só servira para o descalabro e a desdita? E quanto caso não poderia enumerar?

No terreiro batido pararam sob o entrelaçado ingazeiro. Ildefonso veio encontrá-los ao abrir da porteira, repetindo as boas vindas. O ar estava saturado ainda do odor forte de curral, de capim, macerado pelos pés das vacas após a ordenha; um bezerrinho recém-nascido tentava escapar das mãos de Bentinho ao reconhecer o chamado da mãe, era levado nos braços para uma cura no casco. Seu Noca, lenhador, montava o baio vigoroso, retesava a rédea no rumo da estrada. Do alto patamar, Marina e Susaninha acenavam-lhes alegremente. Quando o médico parava no meio da escada, com Ildefonso a contar-lhe a perda recente de suas aves, vitimadas pela bouba — nada menos de cinquenta por cento de suas galinhas — duas crianças irromperam da larga porta e vieram pelas escadas, aos saltos. Quase abalroaram os dois homens, que vinham descuidados. Ildefonso prendeu Lenita pelo braço e obrigou-a a parar.

— Aonde vai nesse corre-corre? Venha cá conhecer o doutor, nosso amigo. Veio para almoçar.

Lenita fez uma breve mesura e dispôs-se a seguir apressadamente o primo Rafaelzinho.

— Não posso! — Falou ao tio que a retinha. É uma cobra grande, tio Ildefonso, debaixo da cama de tio Ambrósio. Dormindo de barriga cheia. Comeu um sapo.

Gumercindo riu, pespegando a experiência naquele pequeno esboço de mulher, vigorosa e elástica, tremida de impaciência ante a imposição de Ildefonso, que teimava em detê-la.

— O senhor já pensou se a cobra fugir? Tio Ambrósio vai pegar ela no laço, vai tirar a pele inteirinha. Tem quatro chocalhos no rabo.

— Jesus! — Insurgiu Marina que do alto da escada ouvia a conversa. Uma cascavel, Ildefonso! Venha cá, Rafaelzinho, não vai lá, não, meu filho!

E gritando dentro:

— Julinha, venha depressa, buscar aquele menino! Rafael, pare aí...

Um tiro reboou a pequena distância e do casebre de adobe um homem surgiu à porta: levantava a cobra pelas mãos, exibindo-a entre risos perversos.

Lenita atirou-se no degrau da escada e deitou o rosto para o peito. Não levantou a cabeça nem mesmo quando Ambrósio aproximou-se para contar que a cascavel era filhote, tinha só três guizos no rabo.

Voluntariosa, pensou Gumercindo, a olhá-la naquela postura incômoda. Voluntariosa e sadia.

Ao almoço, sob o empenho do olhar de Marina, não a perdia de vista. Ela ouvia o primo contar as suas aventuras de andejo, com os rodeios que ele empregava para mantê-la entretida.

— O que eu queria mesmo, primo Guilherme, era ser escoteira, andar pelos matos de facãozinho...

— Você queria o facão, para quê? Você não mata nada!

— Ora! Para cortar as urtigas...

E começou a contar um sonho que teve com a cabrinha.

Prosseguia a contar, quando o nome de Rui provocou-lhe o estremecimento. Cerrou os olhos com força e baixou a cabeça. Emudeceu, recusando-se a continuar com sua história. Então lembrou-lhe Guilherme que aquilo de calar a boca era do pacto que haviam selado, mas só na hora da sobremesa, para dar-lhe tempo de rapar as compoteiras.

— Não é mesmo verdade que eu rapo sozinho as compoteiras, mamãe?

— Um hábito grosseiro, meu filho — socorreu-se Marina, a quem a atitude repentina da menina não passara despercebida.

Gumercindo vira-lhe também o gesto, o impacto emocional que a transfigurara, e, pensativo, pôs-se a separar os figos no prato, como se se ocupasse em enrolá-los ainda mais na calda grossa e doirada.

Reunidos na sacada, após o café, perguntou à Marina se Lenita já era mulher, se sabia.

Marina sobressaltou-se. Que soubesse, não! Lenita seria capaz até de esconder-lhe isso.

— Não será, não, Marina! — Atirou fora o cigarro. E vai fazer um estardalhaço quando isto acontecer. Bom seria falar-lhe no assunto, preveni-la. E dar-lhe um trabalho interessante para trazê-la ocupada, prender-lhe a atenção.

— Lenita sempre me pareceu tão criança, Gumercindo, por Deus, não havia pensado que...

— Seiva muito rica, Marina, rica demais para uma menina da sua idade. Será preciso entretê-la, descobrir-lhe um mundo novo, diferente daquele de onde veio. Criar-lhe uma ocupação, repito, num meio mais austero.

Marina caiu em cismas e quando levantou a cabeça para cientificar o amigo de sua intenção de interná-la no Bom Conselho, Gumercindo inteirava Ildefonso de sua demissão da presidência do Clube Recreativo e da crise que ela provocara, com a deserção dos amigos que com ele integravam a diretoria.

— Pois transformaram aquilo numa espelunca, Ildefonso, uma jogatina desenfreada que até já alarma as mulheres, que ficam sem os maridos a noite inteira. De recreação, só um baile por

mês. E podem lá as mulheres ficar naquela companhia? Muitos já fazem até do jogo profissão.

Ildefonso arengava que as mulheres tinham um lar, uma casa, e era nela que deviam permanecer, a cuidar dos filhos. Mulher fora de casa, era adultério na certa. E perguntava baixo a Gumercindo se não era verdade o que contavam da mulher do colega Iristeu que, ouvira dizer, vivia de mancebia com o oficial de farmácia, que lhe aplicava injeções, na ausência do marido.

Gumercindo levantou os ombros e contou que a vira à janela, em camisola, a horas avançadas da noite, quando voltava de um parto, na Ribanceira. Uma janela tão baixa. Rumores já ouvira e o que parecia certo mesmo era ser ela uma boa bisca. Mas não podia afirmar, que a maledicência campeava.

— Mas pôr-se assim ao fresco, a tentar os homens que passavam, a horas mortas, era pesado... — Concluía Ildefonso, após os momentos de reflexão.

Marina suspirava, distante, pensando no encargo que lhe impusera o doutor. Mas este, já esquecido, contava a Ildefonso que a alameda de sua casa, com a plantação e os canteiros marginais, custou-lhe quase três contos de réis. Só em pedras gastara para mais de conto de réis. Também eram quarenta metros, só de calçamento. E as árvores já estavam crescendo. Mudava-se pelos frios e deixava para sempre o casinholo da praça da Matriz. A largueza ia deslumbrá-lo, fosse lá o amigo, uma tarde, para ver os reparos.

— Ouvi falar em reparos e de grandezas e que a casa, com os puxados e inovações que fez, parece até um palácio! Mas para que quer você tanto quarto, Gumercindo, se é um homem só?

Ele riu. Cuidou que os comentários não se restringiam à cidade, que chegavam também ali, com um rol de exageros. Acendeu o charuto.

— É só uma boa casa, Ildefonso, com a biblioteca e o salãozinho de fumar. O mais são inventivas de quem não tem o que fazer: essas coisas de cidade pequena.

Momentos depois, desceram para um passeio pelo pomar. A passos comandados esperavam abreviar a digestão um pouco retardada pela ação das gorduras e dos vinhos vindos de fora.

Afastados da casa, Gumercindo quis saber com pormenores que tragédia ocasionara a vinda de Lenita para a fazenda, quando o meio familiar lhe seria mais eficaz no processo lento de cura.

Contou-lhe Ildefonso as apreensões de Umbelina, a menina de início desmemoriada e que ante a presença da tia ficava mais nervosa. Havia ainda os folguedos que lhe lembravam o primo, de quem nunca se separava.

— Você compreende, Gumercindo, uma cidade com míngua de gente, fechada entre serras, uma só quase família, vivendo em dependência uns dos outros nos tratos diários, uma única escola, os mesmos passos, as mesmas ruas levando às mesmas casas, como esquecer? Não duvide de que o melhor foi feito e que os ares de Bela Vista fizeram bem à menina, ela já não é a mesma de quando aqui chegou.

— Parece-me que há uma amizade muito profunda entre ela e Guilherme...

— Há! Lenita possui um encanto muito inocente e Guilherme já notou isto. Mas corto-lhe o couro se ele ousar fazer das suas com ela. Não lhe escondo que meu filho é muito mulherengo e que aos quinze anos já frequentava as mulheres da baixa de Santana. Não é homem para casar cedo, nem para fazer feliz uma menina como Lenita. São estas coisas que estão dando o que pensar à Marina, que já os traz de olho.

— Verdade é que entre nós as mulheres casam cedo e se considerarmos as duas idades Guilherme não é assim tão velho, não lhe ganha muito em anos.

— Ganha, sim, e com Lenita meu filho está fora de cogitação. Não desejo para ela um marido como Guilherme, que teria de frear como a um potro e ele é difícil de rédeas. Homem para casar aos trinta, Gumercindo, não antes.

Chegaram ao veio d'água que dividia o terreno. Na margem oposta cresciam as pereiras, esguias e ordenadas, a perderem de vista. Ouviram de longe o bater do malho na bigorna e Ildefonso contou que João Ferreiro andava forjando umas ferramentas que lhe faltavam. Aproveitava o domingo para adiantar o serviço. Era um bom homem, muito afeiçoado aos seus ferros, com uma penca de filhos, que Marina ajudava a alimentar e a vestir.

A tarde caía, irradiando calma. Num remanso, além das ameixeiras, Maria Andeja esfregava umas peças. O capinzal prolongado avançava até as proximidades da mata que terminava no horizonte. Um bando sacolejante de tizios rompeu a ramada, revoluteou em voo raso e cerrado, furou a folhagem verde-negro da figueira-branca, marinhou entre os frutos lumiosos e sumiu numa barulhenta cantoria. Então Ildefonso lembrou que se fossem riacho acima logo sairiam no cafezal. Beirando a orla dariam com o rancho de Augusto, encoberto numa baixadinha, entre os ramos de cheiro e umas latadas: xodó de mãe Perina. Fariam hora a esperar o café, que era da terra e saboroso, coisa de uns dois mil pés. Pararam antes no bosquete de eucaliptos, de vista para a sitioca. Ildefonso ponteou os olhos na direção de sua casa, presciente dos ares que já vinham de lá.

— As pamonhas já estão fervendo nas latas de vinte litros, estufando dentro da palha. A primeira leva vai para os colonos, que ficam a esperar. Nós vamos depois. Pamonhas com talhadas de queijo fresco, temperadas de cheiros pela velha Malvina. As melhores que vai comer. Mas vamos antes ao café, por aqui.

Capítulo 7

O primo primeiro

Encontraram a nascente fluindo de um atulhado de plantas rasteiras, junto ao pau-d'alho, num olho do barranco apenas perceptível de bem perto. A água perdia-se no capinzal airoso, espraiava até longe, carregando nas malhas líquidas o bem úmido e constante. Guilherme sabia daquela fonte, pois a encontrara em suas andanças, mas porque pusesse pouco reparo, perdera-a de vista. Agora, com o irmão e Lenita, via-a de novo brotar da terra, mais volumosa e ativa pela ação das últimas chuvadas. Água boa para o gadinho andejo, não se esqueceria mais de que nascia nas vizinhanças daquela árvore, a divisar com as terras do coronel Enéas. Tão distanciada de casa. Seguiram além do cerrado, entremeio aos pés de ipês, já na encosta, e galgaram o cocuruto faldado de capim-cheiroso, crescido ali em touceiras lamuriosas, às quais se agarraram para não cair. Iam dali espiar o sol se deitar no banhado. Um desperdício fagulhante cobria a cumiada das árvores, onde mais de um matiz se fundia em nuance de fogo quente, coloração tão vibrante e vistosa que arrancou exclamações à menina. Os poentes de sua terra eram mais ligeiros, por causa das elevações, mas ali naquela chatura, parecia que o sol até fazia descaso. E ficava rubro, mais que moroso, espargindo quenturas e rabos de peixe, sem pressa de sumir.

Guilherme lembrou que a caminhada era longa, logo a noite caía, deviam dali voltar. Fez reparo, envolvendo a prima nos olhos, como se dessa vez, mais que de outras, ela lhe aparecesse em todo o seu encanto displicente, alheia à força que o consumia por dentro. Mas ela queria resvalar o espigão, ver o corguinho serpenteando lá em baixo.

— Vou com Rafaelzinho — falou a empinar o corpo na descida.

— Vai, não! — Repenteou o primo, agarrando-lhe o braço e a sofreguidão.

Com os pés metidos na água, água mansa e salpicada de flor, Rafaelzinho acenava-lhes, pedindo para virem ter com ele. E à menina, parecendo entretida, gritou, fazendo concha com as mãos.

— Tem banana-do-brejo lá, boba, madurinha! E já vi um ninho de irá... Lá! Corre dele, prima!

Guilherme mal teve tempo para um balanceio, a menina lhe escapava, e foi quando, resmoneando umas delícias, arrastou-a para si, pela cintura. Sentindo-a prisioneira, apertou-a rijamente, afundando a boca em seus cabelos. Lenita debateu-se com fúria e enrijeceu o corpo. Uma lágrima apontando, espalmou a mão contra o rosto do primo e pressionou-lhe o queixo para trás. O que ele dizia não ouvia, via-lhe os dentes à altura de seus olhos, naquela sequência de pontos brancos e brilhantes, que depois ficaria a relembrar. Mas o que sentiu de mais perto foi o cheiro dele, o seu suor, trescalando a terra. Um ódio confuso apossou-se dela. Debateu-se, presa do riso e dos braços que se cerravam, envolvendo-a. Penosamente livrou uma das mãos e agarrou-lhe o ombro, mordendo-o com tal força, que sentiu, sem nenhum engano, a pele romper-se sob a fina camisa. Ele deixou escorregar a mão ao longo de seu braço e fechou-lhe o punho, premindo-o contra os dedos. A força que desconhecia no primo imobilizou-a, e ele, facilmente, travou-lhe o braço atrás, obrigando-a a um recuo.

— Está aí o que você fez — disse-lhe, amparando-a, para que não caísse. Eu só queria abraçá-la, cuquinha! Afinal, sou o seu primo, não sou?

Lenita arquejava, ansiedade incontida, o corpo trêmulo, as mãos trêmulas escorregando ao longo da blusa amarfanhada. Seu peito arfava em saliência rápida. Um homem, repentinamente crispado, com o sangue a afoguear-lhe a face, parava à sua frente. Quis falar, mal escutava as coisas que ele ia dizendo. Sem esperar Rafaelzinho que já os alcançava, gritando-a pelo nome, atirou-se abaixo e desatou de uma vez a correr. Ao saltar uma moita mais alta perdeu o equilíbrio e rolou, carregando com ela os seixos, galhos secos, tiras de chita que se iam desfiando e enrolando aos seus pés.

Um fio de sangue corria-lhe da cabeça, quando eles a alcançaram junto à árvore onde viera bater. Ao erguê-la do chão, Guilherme viu, com um começo de pavor, que o seu braço direito pendia desarticulado. Levantou-a e desabalou. Apertava-a contra o peito, comparando a força que empregava ao deitar ao chão uma rês necessitada de cura, e mesmo um potro bravio, com aquele peso de menina. Mas o sangue que aflorava e escorria permeava a sua camisa, colando-a à pele tal goma pegajosa. Ele conhecia o acre sabor do sangue, o cheiro característico que fazia engrossar a saliva em sua boca, mas de Lenita, se lhe fosse possível, ele o estancaria facilmente, com um só beijo — monologava, apartado daquela dor.

À frente e às tontas, Rafaelzinho corria. Não empregou tempo em abrir a corrente que fechava a porteira e subiu por ela, coruscante e presto como um raio. Desabalou pelo quintal, subiu as escadas aos trancos. Chorava ao transpor a porta.

— A Lenita... Venha ver Lenita, mamãe... — ia gritando pela casa, desandado atrás de Marina. Mamãe do céu, que sangueira, ai, ai! Mamãe!...

Marina arrebatou-se da cadeira, presa à longa colcha que calçou aos pés, sem querer. E viu, antes que pudesse articular uma só palavra, o seu menino dar meia volta ao corpo e descer de novo as escadas, como um louco.

— Meu santo Deus! — exclamou, a arregaçar as saias, em seguimento ao filho.

— Que foi isso, minha Nossa Senhora?!

E quase sofreu um desmaio ao divisar Guilherme, ainda no sopé da escada, coberto de sangue, com Lenita nos braços. Arquejando, ele abriu caminho, e sem parecer vê-la, foi deitar a menina no sofá. Às cegas, abriu espaço entre a criadagem e correu à despensa. Voltou com um vidro na mão.

— Sei o que faço — dizia à mãe, que tentava impedi-lo. Sei o que faço, mamãe!

E procurava ele mesmo desapertar o laço da cintura de Lenita, friccionar-lhe a fronte e os pulsos, fazendo-a aspirar a toalha embebida em vinagre.

Marina unia as mãos e chorava, possuída de susto enorme. Não conseguindo arrancar-lhe o vestido, cortou-o à altura do decote e rasgou-o de cima a baixo, deixando livre o braço que inchava.

— Avise Ildefonso, avise Ildefonso — pedia à negra, plantada na porta, com o branco dos olhos rodando-lhe na face.

Mas Ildefonso já ordenava do alto da escada que fossem à cidade buscar o médico. E voltassem de carro, alugassem um carro, gritava ao peão.

— Deixe o Baio, Ernestino, arreie a égua, não poupe a égua, quero você lá em dez minutos.

E descendo os degraus foi ele mesmo bater a porteira. De passagem deu umas ordens ao preto velho e voltou correndo, enxugando o suor.

Quando Gumercindo chegou, hora depois, Lenita jazia na cama, sem um gemido, parada, a olhar fixamente o teto. Mas ao virá-la de lado para examinar a ferida da cabeça ela deu o primeiro grito de dor e arrebatou o corpo numa recusa obstinada. Gumercindo percebeu a gravidade da fratura e mandou preparar o carro para levá-la de volta à cidade.

— Calcem o carro de almofadas. Bento, levante a menina, venha comigo. Você fica, Ildefonso, só preciso de Susaninha.

Quando, após os curativos, Guilherme que tudo seguia de perto fez menção de acompanhá-los, Marina impediu-o, valentemente. Recuperara a autoridade vencida pela surpresa e Guilherme percebeu que teria de haver-se com ela. Já soubera por Rafaelzinho do rol de perguntas que a mãe lhe fizera e que o irmão contara com exageros aquilo que vira. Mas, para sua surpresa, Marina nada lhe disse.

Ele arrumou a mala e avisou-a que ia para a casa, na cidade.

— Você vai, Guilherme, depois de falar com seu pai. Hoje à noite, quando ele voltar. Antes, não sairá daqui, não passará esta porta. Nem cuide de mudar nada, daqui você não sai, mesmo.

Batiam as dez horas quando Ildefonso chegou, alquebrado e quieto; trancou-se no quarto com Marina e contou-lhe que Lenita levara treze pontos na cabeça e que seu braço fora engessado,

com duas fraturas: levaria meses para curar-se, disto não tinha dúvidas. Sem jantar, meteu-se no escritório. Verificou uns papéis, arrumou-os na pasta e chamou o filho.

Guilherme sabia daquilo que o esperava e ninguém precisaria lembrá-lo, não relutou, porém, em passar a porta que o pai bem mal lhe abriu. Viu-o de pé no meio da sala, aguardando-o. Foi um tempo curto até que a porta bateu com estrondo nos sólidos batentes, como se uma força descomunal a impelisse. E houve o baque surdo de um corpo que cai. Marina cobriu os ouvidos com as mãos e recomeçou a chorar, pedindo a intercessão de todos os seus santos. Nem um ai varou o silêncio recolhido onde a mulher chorava e falava sozinha. Passou o tempo e quando Marina escutou alterar-se a voz de Ildefonso, sabia que seu filho fora punido. A porta que se fechara com inaudita violência abriu-se, sem ruído. Guilherme parou, a abranger a sala com os olhos, como se ela lhe fosse desconhecida. Não pareceu ver a mãe. Seu rosto comumente alegre estava fechado e sombrio, e os cabelos caíam-lhe desordenados sobre os olhos. Marina conhecia o caráter de seu filho, a força que aniquilaria a de Ildefonso e teve-lhe pena. Chorava ainda ao concluir que Guilherminho já não era uma criança, que sua natureza era a de um homem feito, sujeito aos imperativos de qualquer paixão. E que ele deveria amar Lenita para proceder daquela forma. Então a lembrança da menina se antepôs à sua piedade e ela levantou-se para falar-lhe. Guilherme ouvia-a em silêncio, entrecerrando os olhos com esforço. De suas têmporas o suor porejava e a boca raivosa não se abriu. Dando mostras de cansaço, afastou-a e tomou a direção de seu quarto. Incerta do que fazer, Marina chamou Julinha e mandou-a tirar a mesa, reservada a Ildefonso.

— Vá dormir, Julinha, ninguém mais vai comer nesta casa. Apague as luzes do salão.

Guilherme estava sem camisa e enfiava as botas de montar quando viu abrir-se o trinco da porta e a mãe acercar-se dele. Não demonstrou conhecimento de sua presença nem da angústia que a marcava. Esperando, ela seguia-lhe os movimentos, até que ele fechou a última mala e deu-lhe volta a chave. A um gesto que

fez, viu as riscas arroxeadas cortando-lhe a cintura, à altura dos rins. Ele aparara os golpes que a ira de Ildefonso desferira, ela bem podia calcular com que furor. Afinal, parecendo rememorar, ele parou à sua frente.

— Meu pai falou num contrato que vai romper com o capataz de Formosa, a senhora naturalmente sabe, a fim de mandar-me para lá, a feitorar a fazenda. Convença-o a não fazer isto. Não vou para Formosa e já lhe disse. Vou para junto de Lenita, até que ela fique boa. Depois subo a serra, para falar com os meus tios. Levo Lenita comigo.

— É isso só que você pensa fazer, Guilherme, amparado na sua covardia? Este caso e o que sobrevier dele só eu e Ildefonso resolveremos. Só nós dois. E que você leve a sua prima, não deixamos, não! Que confiança pode merecer-nos, depois do que fez com ela?

— Repito que foi um incidente e que Lenita foi muito longe naquilo que supôs... Lenita...

— Mas que acha você que ela supôs? Como se soubesse, meu Deus! Tenho bastante coragem para encarar os fatos como eles são, Guilherme. Se vocês estivessem sozinhos, não teria ido mais longe? Com uma criança indefesa, meu filho? E como ela está ferida, meu Deus! Nem posso pensar... Nos ferimentos que tem...

E a soluçar Marina passou várias vezes o lenço pelo rosto, acabando por fechá-lo entre as mãos.

Guilherme juntou as malas e deixou-a, sem palavra. No patamar esperou uns intantes, reconsiderando a sua atitude. Mas não voltou. Desceu dois a dois os degraus, tomou as rédeas das mãos de Ernestino e montou de um salto o seu cavalo. Sem uma palavra para o homem a quem tinha solicitudes de irmão.

Capítulo 8

Deus põe e Ildefonso dispõe

A casa comumente alegre estava silenciosa. Os quartos já estavam limpos, toda ela fora lavada e escovada de ponta a ponta, como se com aquele vaivém ininterrupto Marina pudesse dar um sentido ao tempo.

Ildefonso partira para Formosa, seguido de Ernestino. Há quase dois anos, era o filho Guilherme quem o acompanhava nas inspeções periódicas que fazia, ao dirigir as duas fazendas. Formosa ficava a pouco menos de quatro léguas da sede e era contornada de invernadas para o gado magro. Possuía uma casa rústica com gradil, sem as veleidades arquitetônicas que davam o aspecto vistoso e imponente a Bela Vista. Das elevações de um verde capitoso e agreste, quase iguais à distância, com o tope mais alto encimado pela coroa de velhas árvores, viera-lhe o nome. Um ermitão que fosse cioso de recolhimento não escolheria lugar mais lúgubre para o seu divagar indagativo — concluía Marina, a pensar naquela solidão. Para aquele ermo devia seguir o seu filho, a ter apenas por companhia os dois agregados e o negro Ananias, com a mãe meio caduca. Ildefonso fizera transportar alguns trastes e outras malas do filho, à revelia dele, que teimava em permanecer fora. Compreendia porque Ildefonso demonstrara tanta urgência em reformar a casa da rua Humaitá, coisa tão precisada, mas que ele, só agora, via necessidade de iniciar. Desalojava dali o filho, obrigava-o a voltar.

Conhecia a ambos para não alimentar esperanças quanto ao resultado daquela teimosia que o tempo até parecia deformar. Ildefonso nunca voltava atrás em suas assertivas e, enquanto Lenita permanecesse ali, Guilherme teria que haver-se com ele. Contudo, a promessa que fizera a Umbelina de devolver-lhe a filha curada trazia-a inquieta. Alarmava-a a atitude esquisita da menina, que se ia acentuando quanto mais Guilherme persistia no seu mutis-

mo, a fazer do recolhimento uma negaça para a vida. Quando, após intermináveis recusas, ela falava, era para pedir para voltar à casa. Queria ver a sua mãe. Isto era o pior de tudo: como devolver a Umbelina aquela menina cheia de faixas e de humor abalado?

Chegou a sentir falta das vozes das crianças e da inquietude delas. Chegou a maldizer o tempo que corria tão calmo. Chamou Juliana e mandou-a buscar os meninos para ficarem ao seu pé, que viessem os dois brincar ali na sala.

Instantes depois Julinha voltou para contar-lhe que os meninos estavam na senzala fingindo de negro velho e de feitor, Ricardo surrando Rafaelzinho, de mentira.

— Mas quem é que ensina a eles essas feiuras? Você sabe quem é?

— São os negros de perto da mina d'água, siá Marina, o velho Chico que até já anda caduco, ele é que conta esses causos de judiação pros dois.

Marina deu um ponto rápido no seu crochê e indagou se já não era hora do banho, de lavar aqueles traquinas.

— Que horas são agora, Julinha?

A negra chegou-se para o relógio e disse que eram só duas horas e se banhasse as crianças, só como castigo, que ficavam sem ordem de descer o quintal.

— Cedo inda demais, siá Marina, e Rafaelzinho não aquenta lugar.

Marina concordou e mandou-a cuidar da obrigação. Chamasse antes o Bento para fechar o casarão. Os meninos que viessem jogar a bisca na mesa, sob os seus olhos.

O tempo estava firme e quente, o ar impregnado do perfume das várias floradas, dia longo de estio — pensou, a descansar a maçaroca de linha no regaço. Afinal, aquela colcha já estava transbordando as medidas, cansava-se como nunca do floreado que não tinha mais fim. Ildefonso permaneceria vários dias em Formosa, que tinham marcação demorada. Homem de turras, achacado da erisipela, tomava a si o encargo do filho, além dos que já tinha. Teimosos os dois e enfezados, tanto um como o outro.

Os dias seguintes arrastaram-se molemente. Marina apega-

va-se ao trabalho, numa tentativa inútil para manter-se entretida e ausente de suas atribulações. Na casa vazia só os passos das negras quebravam a quietude e o correr monótono das horas. Olhou o espaço aberto através das janelas e suspirou. Longe, um pouco míope que fosse, podia distinguir os vaqueiros que reuniam o gado, conduzindo-o até os cochos reabastecidos de sal. As casas dos colonos, alinhadas e iguais, mantinham-se fechadas por causa do calor, e o sol, num crescendo, tornava o mormaço mais causticante. Subitamente pareceu-lhe divisar uma forma na estrada que descia entre as árvores. Levantou-se, o coração batendo. Era bem um homem que vinha. Instintivamente deu alguns passos e parou descoroçoada. Não era Guilherme, nem mesmo Ildefonso, que se faria acompanhar dos outros homens. Num instante ela acreditou ser o Ernestino, e quando mais próximos reconheceu o Negaço, que o peão montava. Um pressentimento seguido de temor levou-a até o patamar.

Ernestino passava a porteira e vinha o baio arriado com o peso dos vários picuás, o pobre tão escarmentado.

Vagaroso, como a penar, Ernestino desmontou e veio subindo as escadas, capenga e lerdo. De cima, Marina se impacientava. Perguntou por Ildefonso, por que ele também não vinha?

O homem galgou os últimos degraus e descansou a carga.

— Cinco dúzias de banana-da-terra do quintal de Formosa, melhor não há. Só de fritar já derretem. Nos outros trago umas fruitinhas de araticum e umas lima-de-bico. Também trago meio cento de manga-rosa verdadeira e seis abóboras em ponto de doce. O seu Ildefonso? Esse não vem, que está muito assoberbado com a nova boiada que chegou do sul de Minas com uns dia de diantera. Pois o chefe da tropa está de casamento marcado, o Honorinho, tocou os boi sem piedade! Um par deles lá ficou pelo caminho, servindo de pasto pros corvos, e tem agora muito boi pra marcar. Patrão manda buscar siá Marina e os óculos, que se esqueceu. Pede pra levar os dois mininos e uma negra pra cozinhar. Comida ruim a de siá Guerina, que comida ruim, meu Deus! Sinhozinho nem bole nos prato. Também uma velha tão velha! Diz que é pra mandar recado a Clemência mais o marido, pra vim fazer compa-

nhia, não deixar sozinha a Vina e a sinhazinha na casa tão grande.

Marina pôs as mãos.

— E essa, agora? Não faltava mais nada! Uma mudança, Ernestino! Mas por que Ildefonso não manda vir o Guilherme com a disposição e a prática que já tem? Que está esperando? Que eu vá lá? E ainda leve as crianças?

Ernestino escorregou a mão ao longo do queixo e parou a puxar os pelos ralos da barba.

— Acho isso mar pensado, acho, siá Marina. Patrãozinho não quer nem escuitar esse assunto, tá numa jeriza com o minino! Seu mandado é de esperar sinhá. Vô junto, atrelo o carro, mais o Bento. É pra ir hoje...

Marina gritou umas ordens e foi ela mesma abrir as valises, agitando as gorduras no vaivém de reunir as coisas mais indispensáveis. Bendito Ildefonso! Irem para o ermo de Formosa onde nem um quarto de banho decente tinham! — resmoneava alto, porejando calor. Abriu os armários, despencou os cabides, concluiu que no seu estado de espírito ia esquecer o necessário e pavonear só o supérfluo, naqueles matos, que Ildefonso, chegando cansado, não iria louvaminhar as suas ligas nem as suas fitas. Sentou-se.

Um pouco estomagada com a nova situação, de ficar só com a Vina e a Clemência, que esta até podia não vir, Julinha esperava.

— Traga a minha mala de rebites, a de levar no trole: ponha dentro três toalhas de banho e roupa branca de dormir, enfronhe os travesseiros de viagem, alpargatas para as crianças, dois *peignoirs* de casa e o meu costume de sarja marrom, uma saia de baixo, as duas batas de bordado inglês, a branca e a azul, o meu vestido de linho bege. Ai, martírio! Junte o meu *frivolité* e três meadas de lã para tecer umas meias à Guerina. A que lhe mandei já nem deve existir, que cuidado ninguém tem... Ah! Ponha por baixo os dois cobertores mais usados dos meninos, está me ouvindo?

— Estou indo, siá Marina. A senhora não quer também levar o seu chapéu de tomar sol? O de palha azul?

— Quero, sim, como não ia querer? Junte também o chapelinho de Rafael e o de Ricardo, de brincar.

E gastou um tempo enorme entre procurar os óculos de Ildefonso e dar as ordens, que repetia sem cessar.

Caía a tarde quando o semitrole ganhou a estrada. À boleia, como se adivinhasse os pensamentos de Marina, lembrou Ernestino que não precisavam instigar muito a parelha, que ia fazer luar. Siá Marina ia ver a beleza de lua aparecendo detrás da coroa, ia ser como um dia.

— Siá Marina não disse que ia levar a janta cozida? Pois então.

Mas Marina estava muito preocupada com o rumo que as coisas tomavam para pensar em comidas e em luar. Aconchegou-se ao fundo do carro e trouxe os dois filhos para o regaço. Rezou um pai-nosso e entregou-se nas mãos de Deus, a pensar mais em Susana que em Lenita, que se ia recuperando nas mãos de Gumercindo, na paz do hospital.

Por que, mas por que os obrigava Ildefonso àquele martírio de permanência em Formosa, o quarto de banho escalavrado, a cozinha negra de fumo? Desconsolada perguntou ao guia se a marcação levaria muito tempo, se Ildefonso não tinha gente suficiente para ajudá-lo?

— Tem não, siá Marina! Tirante o Inácio que é o dito e feito, tem mais ninguém. Os agregado, a senhora sabe como é... Mas dou uma demão, que boi ou podro é pra mim uma cachaça só. O de mais importância é ter quem cuide do que fazer na cozinha e siá Dita já deve de ter chegado, que saiu mais cedo na charrete. Inté o fim da sumana, penso, siá Marina já vai vim pro seu canto...

Marina escorregou no assento e descansou a cabeça, maldizendo a incurável obstinação de Ildefonso, que os obrigava àquele martírio sem par.

Capítulo 9

Além da compreensão suave

Recostada nos altos travesseiros, distante de tudo que a rodeava, Lenita parecia calma. Para os médicos que se acercavam dela não tinha palavras, nem de queixas, nem de aceitação de suas presenças. Doía-lhe ainda o corte na cabeça, a qualquer movimento que fizesse e o seu braço tinha que mantê-lo na postura horizontal que muito a desgostava. Na sua ignorância, não podia aceitar como natural o ressurgimento tão breve de sua carne e era interiormente que ela se mortificava, analisando com frieza o ardor que às vezes parecia triturar-lhe a cabeça, como se algo de contundente ali estivesse colocado para molestá-la. Fragmentava-se a sua sensibilidade e ela, um tanto aturdida, procurava um encadeamento onde situar-se no novo estado de coisas que os acontecimentos lhe apresentavam. Prima Susana fazia-lhe companhia, mas entre elas não havia ou não existira nunca uma harmonia que as completasse, tornando-as confiantes e seguras. Susana era muito mais velha que ela e taciturna, dona de um temperamento seco, que a tornava intransigente e rápida em suas análises, e que, por serem muito pessoais, paravam à tona e a não deixavam vibrar, ou mesmo imbuir-se de qualquer humanismo ou tolerância. No fundo, sentia Lenita aquela oposição, que a tornava arredia, não encontrando palavras com que encadear uma troca de impressões ou de afeto. Com Susana não sabia ser espontânea e ficava horas imaginando o que iria dizer-lhe, mortificando-se de ver passar o tempo, obstruído de silêncio, num afastamento quase angustiante. Afinal, pensava, não havia mesmo nem uma razão para que ela ficasse ali ao seu lado. Percebendo certa vez que a olhava de maneira estranha, Lenita sentiu um intenso mal-estar, um frio percorrer-lhe o corpo. Em sua mente, então, começou a tomar sentido a suposição de que Susana a detestava.

De forma não tão drástica, verdade era que Susana não ali-

mentava pela prima os mesmos sentimentos de camaradagem e afeto que os irmãos pareciam votar-lhe. Susana crescera um tanto à margem dos meninos, não somente por ser-lhes vários anos mais velha, mas por sua longa ausência de casa, a frequentar colégios distantes. Não era como Lenita informal no convívio com crianças de outro sexo e nisto os seus pais foram intransigentes. Por essa razão, mais de uma vez exprobara a mãe por sua conivência com que Lenita vivesse entre os homens, como se nada de anormal existisse nessa promiscuidade. E Lenita, mal não pensando, era como eles voluntariosa e insubmissa, levando longe demais a sua liberdade. O resultado estava ali. E foi pensando nestas coisas e em outras que, numa tarde, ao receber notícias de casa, mandou pelo portador um bilhete à mãe, pedindo-lhe permissão para voltar. Decididamente, não tinha vocação para enfermeira e sua prima a enfadava com o seu mutismo calculado. Além disto, Guilherme dera para aparecer, para fazer visitas... Achava que a mãe devia tomar providências, evitar que o irmão continuasse a transtornar a menina.

Marina fez voltar o Ernestino com ordens para que Susana permanecesse ao lado da doente, até que obtivesse alta. E mandava-lhe outro trabalho de mão para encher o tempo e aplacar-lhe a ira. Quanto às visitas de Guilherme, nada via que pudesse interrompê-las e era essa a melhor maneira de Lenita não guardar-lhe rancor. Percebendo que o primo estava arrependido, haveria de curar-se mais depressa e acabavam-se as brigas. Guilherme já fora duramente castigado e não tornaria noutra. Então, não pensasse Susana que Guilherme iria concorrer numa briga em família, coisa que ela detestava.

Susana leu o recado e encolheu-se, enraivecida com aquilo que acreditava ser mais um desatino de sua mãe. E quando na manhã seguinte Guilherme retornou com uns ramos coloridos, ela, pretextando cansaço, saiu dali apressada. Lenita que desejou impedi-la, levantou sofridamente o corpo, mas reconsiderando as maneiras esquivas da prima, deixou-se afundar de novo no travesseiro. Começou a chorar, escondendo-se sob o lençol.

Guilherme veio na ponta dos pés e quando ela, após o mo-

mento que lhe pareceu longo e insuportável olhou-o com azedume, ele deu-lhe as rosas.

— São para festejar a boa-nova, prima — disse-lhe através do riso divertido. A febrinha se foi, vamos levar você de volta, na sexta-feira, por ordem do Gumercindo. Mandei embandeirar o quintal, acredita? Desde a porteira até o patamar, e minha mãe pôs cortinas novas no seu quarto. A Vina mandou-lhe dizer que já começou os assados de polvilho e que vai fazer broinhas de fubá, daquelas que você tanto gosta, as douradinhas, lembra-se, enroladas em tigela?

Lenita se recordava de que fora um dia, ao trazer-lhe as broinhas ainda quentes, que primo Guilherme pegou na sua mão com uma força mais que comum. Mas pensou que à fazenda não voltaria mais, queria ir embora, voltar para sua casa, ficar junto de sua mãe.

Só a muito custo conseguiram demovê-la da inconveniência de uma viagem pela serra, montada em lombo de cavalo, com o braço imóvel, incapaz de ajudá-la a suster-se na sela, lá tão longe, onde os recursos eram poucos ou até inexistentes. Mais paciente, Ildefonso passou horas a seu lado, tentando convencê-la com promessas: durante as férias teria aulas com um professor que ia contratar, e o ano novo viria encontrá-la apta para tentar os exames. Ia fazê-la professora, punha-a a estudar com as irmãs, no Bom Conselho.

Ela pendia a cabeça, olhava o braço entalado, como se se sentisse inteira numa prisão. Mas não se opôs quando, numa manhã, levantaram-na da cama e a levaram até o carro. Deste a capota fora descida, Susana e o médico, que ficava em Santana para ver uns doentes, faziam lhe companhia.

Reviu os campos, os caminhos ladeados de árvores e não sabia por que o som das rodas sobre a areia fina não lhe dava nem uma alegria. Por quê? Foi quando, a descompensar a sua mais que insegurança, num emaranhado de catingueiro, cambarás e ariris a avezinha gorjeou, nervosa, exuberantemente.

Lenita espichou o braço livre e puxou a aba do casaco de Ernestino, com empenho.

— Pare aí um pouco, Tino, é uma carricinha! Ele não pode parar, prima Susana? —perguntou à prima que olhava fora numa alheação calculada. Me ajude a virar...

Então, Susana, abrupta, impediu-a, exprobando-lhe o procedimento, chamando-a de teimosa, de desajuizada: queria então tomar sol na cabeça ferida, forçar o braço entalado?

— Pois siga, Ernestino, instigue a parelha — ordenou ao peão, com azedume. Vamos ficar o dia inteiro na estrada? Com esse vagar?

Desconsertada Lenita deixou-se afundar no assento, conservando a maior distância entre ela e a prima, sem contudo perder interesse no canto, que parecia segui-las. Ia o trole devagar. Aquela era uma carricinha muito afinada e o ninho que o macho lhe fazia era cheio de pluminhas e de musgos da mata. Não dormiria nunca mais perto de sua prima, ia pedir à tia Marina para dar-lhe aquele quarto grande, junto das jabuticabeiras, onde os passarinhos cantavam o dia inteiro. Teria muito tempo de ouvir os passarinhos do pomar e os sabiás. O quarto era o mais bonito, tinha três janelas e ficava no outro lado da casa, longe de sua prima.

Mais tarde contou à tia as graças da carricinha, o seu gosto de escutar os passarinhos e pediu-lhe o quarto grande. Marina pôs as mãos e olhou-a com espanto.

— Num quarto tão longe, menina! Que ideia Você vai mas é ficar ao pé de mim, no quartinho de dentro. Bem ao pé de mim. E pare com inventivas, Lenita! Não tive pouco trabalho em pôr cortinas novas no seu quarto... Preciso cuidar de você, minha filha. Venha comigo.

Aproximada a noite, sozinha no canto da janela, vendo a chuva cair e resvalar nos vidros, Lenita pensava em sua casa, tão longe: não havia ali nem um espaço bonito e nem sossego nas matas, só água e o peso das nuvens, a sua cor tão triste, de cinza.

Mais cedo que o costume os lampiões foram corridos das correntes, mais de uma candeia mamoneira alumiaram de estrelinhas fumacentas o longo corredor, que era monopólio das negras. Só os homens arredavam de dentro, enrolados nos ponchos maneiros, calçados de altas botas, com que venciam o barreiro.

Marina um pouco balançava na cadeira austríaca e, por desfastio, fazia o seu crochê. À mesa, sob o lampião, Susana terminava a almofada de cetim que prometera dar de presente ao padre Gabriel, para o seu genuflexório novo. Parecia muito entretida e ensaiava uns volteios com o grosso cordão de seda, com que arrematava a costura.

Como todas as noites fazia, Julinha trouxe a jarra com leite, a cafeteira de ágata e sobre ela estendeu o guardanapo de linho português, várias vezes dobrado. Servia-os na outra ponta da mesa, suficientemente afastada de Susaninha.

Não vendo mais Lenita entre os meninos, Marina mandou a preta buscá-la. Dissesse-lhe que havia sonhos com mel e sequilhos de nata. Antes, procurasse a víspora nova que comprara ao cometa e o deixasse nas mãos daqueles peraltas, até as nove. E se perguntava o por quê da ausência da menina, que a essa hora só poderia estar fechada no quarto.

A negra, muito compenetrada, custou a mover-se. Voltou dizendo que Lenita não queria tomar leite com farinha e as outras coisas que antes gostava, que não queria comer nem beber. E tinha ficado lá dentro, em camisola, a espiar o tempo, detrás dos vidros. Marina deu uns suspiros e largando a agulha no regaço aninhou-se entre os braços da cadeira.

Diante da cortina descolorida, a saudade crescia: parecia que ia fazer horizonte. Qual nada! Aventurou-se, deixou-se ir com o vento para longe, na serra, onde, àquela hora, reunidas na sala de janta, mamãe e as irmãs faziam retiro, contando lorotas de gente grande, e no salão de portas escancaradas Maria Inês tocaria a pianola e na rua os meninos jogavam biroca, esquecidos da janta, ah! na mesa tão comprida, que papai, para ocultar-lhes os segredos, fazia concha com as mãos.

Ia contar à titia a sua grande tristeza, seu desejo de ir embora, ia prometer-lhe cuidado, trazer sempre imóvel o braço para ajudar-se na cura. Sua cabeça já não doía, ela bem podia montar o Russo, o Lino a ajudaria firmar-se no silhão, o Russo que tinha destreza mas era manso, não dava de rédeas e tinha um passo tão igual. Suspirou, sentindo as lágrimas cobrirem-lhe os olhos.

Com a estrada seca e o dia comprido não chegaria em casa antes do sol se pôr na serra? E não teria tempo de ver o sol, ali?

À lembrança querida, diante daquele fim de dia incerto, com as árvores deitando tristemente os galhos, sem um canto para arredar a tristeza, subitamente se pôs a chorar, a soluçar.

Capítulo 10

O ser e o ter

Entre seguir para São Paulo a tentar de novo os preparatórios ou permanecer em Formosa, Guilherme preferiu esta última solução. Em vão Marina tentou conciliar pai e filho, a Guilherme incentivando ao estudo e à vida sociável, num meio civilizado e mais condizente com a sua pouca idade, ao marido recriminando a turrice, os propósitos transpirados em um momento de cólera e de ansiedade. E tentava fazer valer a autoridade entre portas fechadas, com seu filho, na ausência de Ildefonso e com este na ausência de Guilherme, quando, a sós e sob a cortina da noite, se punham a elaborar planos para o encaminhamento dos filhos nos perigosos meandros da existência. Ildefonso queria punir o filho e nada o demoveria de fazê-lo com rigor. E perguntava à mulher se a teimosia dele em recusar os estudos e permanecer na roça não seria motivada pela presença da menina.

— As fazendas não ficam distantes, Marina, é só o tempo de uma cavalgada.

— Antes fosse! — Discordava Marina, entrada em cismas.

De sobejo conhecia a ojeriza do filho pelos livros e se lembrava do trabalho que tivera para fazê-lo chegar aos cursos mais adiantados. Com Guilherme era inútil insistir, nascera mesmo para a vida na roça.

— Ora, ora! — Contradizia-a Ildefonso, com um começo de irritação. Então um homem para viver da terra precisa de ser bronco? E meter os pés pelas mãos?

Numa proteção exagerada Marina recordava que ele próprio pouco ou nada estudara, que sabia das lutas do senhor seu pai ao cambiar professores para as fazendas, no cultivo dos filhos. Lembrava-se até do velho a investir contra ele com uma gramática na mão. E não era isto verdade?

A descalçar as botas de cano alto Ildefonso perguntou-lhe

se ela, ao tentar encobrir as limitações do filho, não procurava aumentar as dele? E com que singeleza se esquecia dos versos que lhe fizera, a queimar as pestanas no seu francês, hein?

Marina farfalhou os seios, alegrada de repente. Fora verdade, sim, a veleidade dele em querer cantar os seus dotes de moça em língua estranha...

— Mas quantos erros eu encontrei neles, Ildefonso, nos seus poemetos de pé quebrado! De bradar aos céus!

— Não digo que não! Mas eu, pelo menos, tentava alisar o meu verniz. E ele, o seu filho? Que faz ele? Monta e nada nos rios. Corre atrás das mulatinhas. Tentou fazer o mesmo com a menina. Diferença pouca dos garanhões que tenho soltos nos pastos para multiplicação dos meus bois. Pois irá para Formosa, é o que sempre quis para ele.

E esfregava os pés nus numa tentativa inútil para aquecê-los.

— Mas que fazer para obrigá-lo? Os tempos são outros, Marina, e, antigamente, um homem bem que podia viver sem os seus títulos ou carregar com aqueles que o imperador lhe dava. Nem uma família mais ciosa permite, hoje, que seus rebentos fiquem a mofar com os baixeiros, a carregar o suor do corpo. Você tem a sua culpa, porque rodeia ainda de cuidados aquele sarapinta, como se os cueiros ainda lhe aquecessem o traseiro.

— Bom, e o que faz você? Para torcê-lo? Quando muito mandá-lo para Formosa! Naquela solidão!

— Não se impressione, ele tem muito bom faro para não permanecer sozinho na cama. Não se iluda, pelo menos por esse lado.

No outro dia, ao jantar, um pouco distanciado mas bastante seguro de si, Guilherme avisou-os, sem mais essa, que pensara, pensara muito, que não seguiria mais para Formosa. Pedia um empréstimo ao pai, em adiantamento ao vínculo que lhe deixara o seu avô. Decidira ir para São Paulo, onde criaria cavalos de raça. Tinha em Santo Amaro alguns amigos do tempo do colégio, ia propor-lhes uma sociedade. Era assunto que entendiam muito bem, às maravilhas...

E parou, a sustentar os olhos inflamados que Ildefonso lhe pôs.

— Pago-lhe os juros, papai... Juros altos, se quiser. São só três anos...

Ildefonso atirou longe o guardanapo, agitou-se, bufou como um boi golpeado. Empurrou a mesa com furor e o pescoço taurino cobriu-se de uma vermelhidão assustadora. Caminhou em direção à ponta da mesa onde o filho se sentara. Houve um arrastar desmesurado de cadeiras, sem uma fala Susaninha deixou a sala e correu a fechar-se no quarto. Os meninos e Lenita não se mexeram. E quando Marina abriu a boca, Ildefonso a seu lado impediu-a.

— Ponha-se de pé, Guilherme! — Ordenou, colérico.

Parada no meio da porta Julinha ficou sem saber que rumo tomar, se chegar-se à mesa ou voltar apressada para a cozinha, com a compoteira de doces tremendo-lhe nas mãos.

Guilherme não se moveu.

— Já falei para se levantar, Guilherme, não desço a minha mão...

Houve um instante em que, estremecida e espantada, Lenita procurou levantar o braço enfaixado. Soluços e meias palavras entrecortadas vararam o silêncio e o mundo como que parou de repente. Quando dos olhos lhe caíam as primeiras lágrimas, a mão do tio descia espalmada sobre o ombro de Guilherme. Seu titubear era tão repassado de tristeza, seus olhos tão despejados de espanto que a Ildefonso paralisaram o gesto. Alinhavando aflitivamente as palavras, contendo mal o esforço, ela perguntou-lhe se não queria ir com ela ver uma coisa que ninguém ainda sabia, que descobrira, de tarde... nem o primo Guilherme sabia, só ela e o Bento, que lhe mostrou...

Ildefonso reclinou a cabeça e afrouxou os dedos. O rosto turbado fechou-se de embaraço e surpresa. E a mão que ele escorregara ao longo do corpo ficou crispada, a tremer.

— Nós só precisamos de uma luz, titio... — Falou a menina debilmente.

— Pois sim, pois sim, venha mostrar-me o que há...

São três cabritinhos, tio Ildefonso, acabaram de nascer, um é inteirinho branco e os outros com pintas, no canto do paiol, num monte de palhas. Venha comigo, vou mostrar os três...

Sem distanciar-se de seu lugar Marina seguiu-os com os olhos, até se certificar de que dirigiam os passos para o quintal. Então voltou a olhar os filhos. Guilherme se agarrava às bordas da mesa como se estivesse a bordejar um precipício, os olhos coruscantes de rancor.

— Até quando ele vai tratar-me assim? Como um boneco sem alma? Com esse jeito de quem vai engolir a gente?

Marina sacudiu a cabeça e deixou-a cair. Quando levantou os olhos os dois pequenos haviam partido, levados por Julinha. Frente à janela Guilherme parecia olhar a noite. Buscava uma solução e disto já não podia duvidar.

— Vou amanhã para a casa do tio Américo — falou a se voltar. Para a fazenda Elfrida. Saio desta casa para sempre, mamãe...

Apressadamente Marina enxugou o pranto, os olhos a arderem de súbito.

— Ah! Meu filho, você nem sabe mais o que pensar, a cada instante com uma inventiva.

Sem responder-lhe Guilherme deu alguns passos em direção à porta e abriu-a inteiramente: brilhava fora uma luz, nas imediações do paiol.

Era tão grande o silêncio que ao abrir-se o portão o ruído chegou até ele.

Saltou os degraus e foi-lhes atrás. Pressentiu-os a revolverem as palhas, escutou a voz do pai elogiando a ninhada.

— Pois não são três, tio Ildefonso? E isso não é raro? Tivemos uma cabrinha que nunca tinha mais que dois. Uma vez teve um, mas mamãe disse que era de velhice.

Coração apaixonado, ficou a escutar: balidos, reparos, as exclamações de Bentinho que se atarefava em retirar os sacos de milho empalhado para facilitar a reunião da cabra aos filhotes.

— Agora eu quero ir embora daqui, para a minha casa, tio Ildefonso, quero ver a minha mãe... Quando é que o senhor vai me deixar ir?

Ildefonso pigarreou e tossiu.

— Não antes de um mês, minha filha. Mais dia lhe tiramos esses trapos e então prometo que irá.

— Mas eu não quero esperar... Quero ir logo ver a minha mãe...

— Claro! Claro! Vou pensar... Combino isto com Marina... Amanhã.

Saíram de mãos dadas, aguardando que Bento lhes aclarasse a subida.

— O Lino me leva pela rédea, monto o Russo. É só avisar o meu pai...

— Já disse que vou pensar, Lenita, penso e decido. Agora o que tem a fazer é dormir, esquecer estes malditos repentes.

— Não quero mais que o senhor zangue com meu primo, que fique bravo com minha tia, só por causa de mim...

E desandou a soluçar.

— Olhe a lua que vai subindo, minha filha. Começo de crescente, a lua mais bonita. E veja aquela nuvem do lado. Não lhe parece um afofado?

Ela enterrou mais a cabeça no peito.

Foi aí que Marina, um pouco albergada detrás da janela, achou que era hora de intervir: abriu de par em par as folhas da porta e adiantou-se. Não vendo mais o seu filho — pois pensara encontrar uma saída menos deprimente para os dois — apertou até doer os seus dedos no gradil.

— Venha, Ildefonso, tomar o café. E você, Lenita, suba para não se resfriar. Que ficam fazendo aí os dois? Não sentem o sereno, não?

Ouviram o bater das xícaras na bandeja e a voz de Rafaelzinho reclamando o seu canivete.

À distância divisaram o vulto de Guilherme que se afastava em direção às cocheiras, seguido de perto por Ernestino.

Capítulo 11

Vontade de caminhar

Do alto da janela de batentes duplos Guilherme via estender-se vasto quintal sem vivalma a animá-lo. Somente às cinco começava o ramerrão diurno, com a clausura das vacas para a ordenha. Esperava por Ernestino que devia segui-lo até a cidade, levar-lhe as malas. Intrigado pela demora do peão, mediu a barra do horizonte, sem atentar para a casa do colono que continuava fechada. Desceu as escadas e seguiu o caminho que ia ter ao casebre. Indagativo, deu volta à casa, e olhando dentro constatou que estava vazia. Nunca que se lembrasse, Ernestino fizera ouvido mouco a uma ordem sua. Naturalmente fora admoestado pelo pai, que o impedira. Correu dentro e escreveu um recado à mãe: pedia-lhe para fazer seguir a sua bagagem, sem qualquer demora. Sua intenção de abandonar Bela Vista era irrevogável e se o pai teimasse em prender-lhe as malas abriria conta na Primavera e no Tertuliano. Ficavam, pois, avisados. Compraria roupas novas lá.

Arreou Soberbo, tateou o ventre do animal com os dedos e veio parar diante da janela do quarto de Lenita. Conduzia-o vago pressentimento, um que assim de tristeza e de desesperança, que juntas elas andam sempre lembradas. Bambeou as rédeas ao Soberbo, deu alguns passos e encostou-se ao abacateiro. E como o silêncio era muito e o tempo lhe parecia parado, cuidou que o dia não amanheceria nunca. Vieram-lhe repentes de esmurrar a janela, de gritar dali o seu nome. Estaria também Lenita precavida, a evitá-lo? Ela era madrugadora, conhecia de sobejo os ruídos que denunciavam o amanhecer em sua casa. Levantou as rédeas, passou-as sobre a cabeça do cavalo, afagou-o, mimou-o até que ele começou a relinchar. Percebeu claramente que alguém se virava lá dentro, que se esforçava em remover os ferrolhos. Resvalou para os galhos de uma romãzeira em flor, investigou os lados e levantou os olhos comovidos: Julinha descerrava os reposteiros; bocejou,

espiou fora se o dia ainda demorava. Sentiu um desapontamento, uma sofreguidão amarga, passou a mão pela cabeça aquecida e atirou umas pragas grossas à negra.

Apanhou o chicote que trazia enfiado na bota, fê-lo vibrar e cantar, mal deitou o pé no estribo e já estava montado. Conduziu o cavalo entre as árvores, seguiu o bambual, dando as rédeas para um deslizar mais ligeiro. Foi só preciso um mandar de freio e Soberbo saltou, gracioso e lesto, os entulhos: ramadas e galhos vivos de duas árvores recém-cortadas.

Não havia Guilherme deixado os limites das terras de seu pai e Lenita aparecia à porta. À Julinha que lhe vinha atrás avisou que não queria tomar café, esperava titia. Desceu as escadas, passo a passo, investigou os arredores, ver se avistava Ernestino. Pelo trotar conhecera que Guilherme ia só. Para que então recolhera o Ernestino os dois cavalos e ficara a escová-los, depois de separar e examinar os dois arreios? Como se fossem para uma viagem de dias? Viu o Bento apontar do canavial, caminhar cabisbaixo, como se lhe doessem os pés. Foi-lhe ao encontro, num vagar prevenido, pretextando insônia.

— Tive um sonho... Fiquei sem dormir. Vim tomar a fresca.

Ele fez que entendeu.

— Pra negro veio essa fresquinha é boa, muito boa, siá Lenita! Mas a minina devia era de estar inda na cama, a ressonar. Horinha boa de dormir.

— Perdi o sono de pensar...

Fechou a boca, remirou-o, perguntou de repente:

— O Tino não ia viajar? Arrear o Baio?

— Ia com seo Guilherminho pra Elfrida. Veio sinhô e disse que não, que ele não cocorasse o minino, madrugadinha saiu pra Formosa, mais Tomé. Negro véio ficou, ficou triste de pesar.

— E fica longe Elfrida?

— A Elfrida? Então a minina não conhece a Elfrida? Ora veja! Pois fica, sim, fica beirando um corgo grande, na cidade dos Resende. Praça do bisavô dele, o coroner Duardo, home de muito pejo. Gente que foi de dentro do imperadô, então! Então, a minina não conhecia a Elfrida, devera?

Lenita não respondeu.

— Lugar de muito luxo, siá Lenita, que criadage! Vi a casa de longe, quando casaram a Marina. A casa pejada de luz, o terreiro entupido de carruage. Festança de mais de um dia, com comenda de fogo e cavalhada. Passei treis a esperar, que fui levar a família. Mataram dois boi e diz que havia uma despensa cheia de guardado. Mais doce que em festança de igreja. Um farturão! Pois siá Elfrida era a bisavó de Guilherminho, casada com sinhô Duardo, tamém da corte do imperadô. Então a minina não sabia, quem havera de dizer!

Com a mão livre Lenita dobrava e desdobrava a prega do vestido, sentada entre os bambus, cabisbaixa, a feição contraída.

— Tio Ildefonso é um homem muito bravo...

— Chi! Não é brabo pra minina, jeriza só com o meu mininо. Deu nele a jeriza de novo.

Ela sacudiu a cabeça e os cabelos rolaram de cá para lá sobre a blusa enfeitada de entremeios de renda. Tempo passou. A casa revivia, abriam-se as grandes janelas, com ruídos, mandados e bocejos. Um raio colorado e inseguro franjou ali e lá os beirais e houve o tempo breve, até que ele inundou a fachada inteira. Um primeiro saltitar avivou os ramos e o pio isolado vibrou, como incentivo: sobre o copado lustroso cresceu o canto e encadeou-se, parecendo comandado. Lenita arqueou o corpo e olhou os ares, indecisa ainda, querendo indagar mais coisas ao preto.

— Que horas são agora, Bento?

Ele sondou a largueza do céu e veio com a assertiva:

— Passando bem das cinco, beirando as seis, siá Lenita. Em ante das seis, nesse tempo meio enxovalhado, a passarinhada inda não canta, fartando um pocadinho pras seis...

— Falei ontem com meu tio, vou-me embora, você não sabia? Vou para a minha casa na serra. Cansada de ver os campos daqui, com saudade de minha mãe. Voltar, não volto mais, não!

O preto coçou a cabeça e arrastou-se brandamente para ela.

— Noutro dia ouvi de sinhô que a minina não podia cavalgar. Seu braço, ansim, não vai impedir? Seu bracinho já não dói? Então...

— O Lino vem me buscar! E tiro a tala, por ordem do doutor, até já mexo a mão, não vê?

E ela movia os dedos com desembaraço, sentindo-se alegrar.

Entraram no terreiro batido, limpo de folhas, com o bebedouro soltando a aguinha fresca.

— Você que conhece a Elfrida acredita que o meu primo vai gostar de lá? Tia Marina nem quer mais comer, só pensando na separação. Não gosto que fiquem triste por causa de mim.

O negro esboçou um riso lento, convincente. Segredou:

— Se a minininha não se avexar, sei de um peão que vai pros lado de lá. Mando um recado...

Ela fez que não. Queria era não ver sua tia triste, chorando de saudade do seu filho. E tio Ildefonso sem querer entender.

— Mas não pense que isso vai longe, meu Deus! Pois digo, como sempre vi. Se ninguém fala no minino, logo sinhô conserta. Manda portadô. Conheço sinhozinho, brabeza só por fora, que por dentro tem lá umas molezas. É só pra firmar a valentia, logo manda recado. Não chore, faço arranjo com sinhá, coisa de tempo, meu Deus!

Lenita fechava os olhos, tremia, sacudida de choro.

Bentinho alentou o beiço e ficou com ele caído, a pensar naquela tristeza de menina.

— Já falei com sinhá Marina, falei onte, e este negro vai dar um jeito. Coisa de tempo. Sinhô Defonso não guenta um meis. Manda recado...

E ficava condoído, a ver de mais perto aquele choro triste.

Não era por seu desgosto que Lenita chorava e se maldizia. Sua dor maior era a de sentir-se culpada daquele desmoronamento, que aumentava a tristeza de sua tia, que afastava mais de si a prima Susana. E não chegava a entender a atitude repentina de Guilherme, o jeito mau de seu tio, assustava-se de ver tanta inimizade. Pensava que em casa a vida era diferente, mamãe que era um pouco brava mandava sozinha, homem grande não havia, só o seu pai, que não dava castigos. Sentia que o braço estivesse endurecido ali dentro, impedindo-a de montar, impedindo...

Viu Marina procurando-a, chamando-a pelo nome do alto

da escada. Foi, a medir os passos, querendo evitar os primos tagarelas, a prima Susana, sem querer olhar ninguém.

A mexer o café pensava nos olhos que tia Marina lhe pôs, olhos machucados de choro e da noite sem dormir.

— Não vi o meu primo. Fui ver amanhecer lá em baixo...

E cobriu o rosto com as mãos.

— Já pedi a tio Ildefonso para ir embora... Quero ver a minha mãe, o meu pai. Por que tio Ildefonso não quer?

Marina pespegou-lhe os olhos severos.

— Tome o seu café, Lenita! Depois vamos pensar em fazer as malas. Sem pressa! Agora não fique a choramingar e a intrigar os meninos que já vêm. Levante essa cabeça, olhe para mim. Por que pensa que Guilherme se foi? Por sua causa? Por mim? Foi para fazer valer o gênio mau que tem, não por sua culpa. E, olhe, não foi nem mesmo por Ildefonso, eu sei!

E, suspirosa, trincou o biscoito de vento.

— Breve vou em visita aos meus primos de Elfrida, e trago Guilherme, trago o meu filho comigo.

E ante o choro que cresceu:

— Vamos, desmanche a cara! Não gosto de ver gente chorando à mesa, logo cedo. Estraga-me o dia.

E propôs-lhe ir com ela à casa de Vicência para umas encomendas. Davam um passeio. Em caminho passavam pelos Teixeirinhas, numa visita rápida, ver a comadre que estava doente; mandara o Anjo, agorinha, tirar as vacas do pasto de passagem.

— Tome o café, minha filha, e vá buscar o seu chapéu de palha. Não quero ver você de cabeça quente.

Lenita, que amava perambular pelos matos, recebeu sem entusiasmo o convite da tia. Foi a princípio emudecida, respondendo por gestos as perguntas que Marina lhe fazia, mas ao entrar na estrada larga sua feição demudou, uma esperança refrescou a sua alma. Prendeu os dedos de Marina e passou a tagarelar. Lembrou sua terra, as caminhadas até a Barreira, com as irmãs e as primas, sempre iam lá. Tia Elisa, que era muito ocupada, quando saía pelos caminhos ficava diferente, contava histórias, muitas eram verdadeiras e outras não. Caminhavam quase uma légua,

até a casa de Teresa. Prima Teresa tinha muitos filhos, gordos de comerem mandioca-pão, daquelas branquinhas, que na primeira fervura já abriam. Dava-lhes lombo de porco com farofa de ovo, frango ensopado e bananas fritas. Depois iam descansar debaixo das árvores. Só de tardinha voltavam.

Então Marina quis saber o que faziam depois de caminharem tanto: iam dormir?

— Que dormir nada, tia Marina! Depois vamos à reza cantar o *Tantum ergo*. Só tia Elisa não vai, por causa das varizes que lhe doem.

Meio à clareira ficava a casa dos Teixeirinhas, encarregados de parte do cafezal, umas poucas centenas de pés de café que iam morrer na divisa norte, a confinar com as terras do engenheiro Sodré. E plantavam lavoura pequena, a meia. Vendo Lenita interessada, contou-lhe Marina suas lutas com Ildefonso para que lhes deixasse livre a terrinha. Doía-lhe ver os homens dividirem com eles o seu suor de plantar, eles que nadavam na fartura. Mas Ildefonso era irredutível, praguejava, esmurrava a mesa: "dou-lhes a terra, dou-lhes as sementes, quero os meus grãos. Divisão perfeita, Marina" — dizia. Ela procurava contorná-lo, lembrando que os pobres limpavam as roças, colhiam os grãos, cuidavam em secá-los, semanas inteiras ao sol. Não era como se lhes cobrassem duas vezes o chão?

— Era, tia Marina?

Então apareceu por trás da cerca um menininho moreno, vestido de trapos, seguido do cachorro que lhes investiu em grande alarido.

— Ei! Cachorro besta! — Acudiu o velho Teixeira, de pito na mão. Avô daquela rabada de meninos. Arrebitou a barbicha e escancarou os olhos ao dar com Marina.

— Se achegue! Ó Clarinha, é vê sinhá Marina! Arriba daí Dureza! — e enxotou de um pé o outro cão que modorrava na porta. Sai da soleira, preguiça!

Clarinha apareceu, esfregando as mãos molhadas no avental de aniagem, magra e enxuta, os olhos vermelhos da sapiroca. Deu os bons dias, um pouco intimidada.

— Como vai a sua vista, Clarinha? Recebeu o remédio que lhe mandei pelo Bento? Como vai a sua mãe?

Ela apresentou umas desculpas, limpou o banco para Marina sentar e chegou o caixãozinho para Lenita.

— Desculpe a desordem, casa de pobre. A mãe saiu capengando, está na hortinha, sempre queixando de dores. O seu pé parece um pão. Também não sossega e mal levanta da cama pega no duro. São os meninos, siá Marina, as crianças que dão muita pensão.

— Você tem filho demais, Clarinha! Pois são sete, não são? E o pequenino, como vai o pequenino?

— Riqueza de pobre, filho que Deus dá. Vai malzinho o menino, com as dores de ouvido. Chora a noite inteira.

Confundida Marina via crescer diante dela aquele renque de crianças, umas enxutas, outras ranhentas, os pés no chão.

— Limpe esse ranho, Justino, menino porco!

E afastou o menino, enxotou a turma inteira para o terreiro.

Sem saber o que fazer das mãos Lenita corria os olhos das crianças para a porta e desta para a tia, como a implorar.

— Não, não quero café, minha filha, acabei de tomá-lo — apressou-se Marina, a tocar a mulher com as mãos. Não se dê mais trabalho, que agorinha tomei-o em casa. Vou daqui até a casa de Vicência para umas encomendas. Vontade de caminhar. Na volta, trago o Vicente com uma quarta de farinha e frutas para as crianças. Passo para despedir.

Deixou a casa com o coração ferido. Ai, tristeza! O quintal vazio, a casa vazia! Fora nem um pé de fruta com que agradar os olhos dos meninos! Seco, tudo seco! Vida, só nos matos! Tinham chão mas não tinham alma, espírito criador, que custa pouco meter na terra uma semente! Talvez o desamor lhes viesse da penúria de nada possuírem de seu, o chão ou a casa, um teto permanente que lhes assegurasse a velhice. E foi pelo caminho a meditar, a procurar um remédio para a escuridão de ideal. Culpa mesmo não tinham e, se eram secos de ternura, era porque não podiam tirar nada da vida. Havia de falar a Ildefonso, abrir-lhe o coração, estancar o pecado do olvido.

Sobre os campos, luzia o azul. Um pio alongado varou a vastidão verde e outro respondeu. Apressando-se, Lenita largou a mão que prendia a sua e auscultou os lados.

— Tia Marina, é o sem-fim! A senhora ouviu? A fêmea respondeu! Espere para ver, vão se chamar de novo...

A curtos intervalos os dois continuavam a se identificar, cada vez mais próximos, mais convincentes.

— Está vendo como se entendem? Eles fazem sempre assim até que um encontre o outro.

Marina armou a zanga e tomou-lhe a dianteira.

— Não pense que eu vou ficar plantada nos pastos para escutar os passarinhos, Lenita! Se eu fosse endossar todos os seus conhecimentos, tão cedo não chegaria!

Voltou atrás e ainda a viu interdita.

— Não é o macho, não, titia, é a fêmea! Que maravilha!

— Pare já com essa história de macho e fêmea! Onde aprendeu isso? Onde se informou? Ah, calamidade!

Na salinha de entrada, lavada a sabão, Vicência tinha o seu nicho e uma lapinha permanente: Jesus, Maria e José. Havia outros santos de menor devoção, porque, como ela dizia, todos os santos começaram com Jesus e só Jesus lhes dava santidade. Tecia flores de papel e umas folhas esguias com que aureolava a lapa singela, mas na mesa de centro conservava em água fresca as flores de seu jardim. Várias peças de roupa estavam espalhadas junto à cuia de carretéis. Via-se que a mulher saíra em pressa. Marina bateu palmas e recebeu um "quem é?" partindo dos fundos do quintal. E Vicência mostrou a cara risonha, respingada de água da bica, os chinelos na mão.

— Ora, pois, siá Marina! Quem havia de dizer, se há tanto tempo não aparecia por estes lados! Não desça, que vou lá, não suje os seus pés...

Enrubescida de surpresa a mulher se enxugava no pano que pendia do varal, reclamando o esquecimento do marido:

— Pois o Silvestre desviou a água para a hortinha e se esqueceu. Tudo perdido! Tempo perdido! Uma encomenda da nora de Estefânia, as quartas de farinha, que estavam fermentando. Vamos

subir, assentar... Não pise no barro, menina, venha comigo... Fervo a água num instante.

E puxando a porta da queijeira, enxotou os mosquitos.

— Eles varam qualquer buraco, por causa do cheiro do soro. Pois não são muito nojentos esses bichos, dona Marina? Não posso mais com eles, são demais.

— Por onde anda o seu menino? — Indagou Marina, que ao ver os queijos dessorando, pensou mandar alguns para as crianças de Clarinha.

— Anda nos pastos, siá Marina, ajuntando os bezerros. Ele não tem pressa, gênio muito sossegado, maneiro, um pão...

No espaço fechado de bambus vicejavam canteiros com couves, almeirões, pimentas, pés de cheiro, e o pé de chuchu, meio rastejado e subindo, entrelaçava a cerca inteira. Longe, a perder de vista, o mandiocal seguia as duas datas de terreno, as mesmas que Ildefonso tivera de ceder-lhes, numa pendência de divisas. Quanto lhe custaram! Só por causa da aguada, que Ildefonso pretendia, com dentes e unhas, como se necessitasse dela. Pegara o seu, e bem, naquela usura surda das duas datas! — lembrou Marina a rir.

O canto da água chegava até elas. Vicência sacudiu o pano com estardalhaço e correu as galinhas.

— Se acheguem, vamos subindo — e deu a mão à menina.

Entraram na cozinha espaçosa, velho estar familiar, a mesa nua de cerne veiado, os nós podados rusticamente guardando ainda os coloridos, esfregada, limpa, cheirosa. Marina deixou vagar os olhos pela peça ordenada e enumerou a fartura do fumeiro: chouriços e linguiças ainda frescos exumavam o caldo grosso, gelatinoso, gorduroso, duas bandas rosadas de lombo, retalhadas de pouco, exalavam perfume. A seguir-lhes, no mesmo cordãozinho esticado, secavam as espigas de pipoca, engastadas no aloirado áspero das palhas.

Rememorou a casa dos Teixeirinhas e sentiu um vazio triste... Enfim, a verdade, Marina!

O perdigueiro ganiu e esticou-se inteiramente nas pernas.

— É o meu menino de volta dos pastos. Já cumpriu o seu! — Exclamou Vicência, ombreando a porta.

Então Marina falou-lhe de sua intenção de mandar umas frutas e farinhas aos Teixeirinhas.

— Frutas não tem, Vicência, nem um pé de limão. Tudo varrido e seco. Pago meio dia ao Vicente para levar-lhes um saco de suas laranjas. E dois queijos, daqueles frescos, que vi dessorando, para as crianças.

— Casa precisando de tudo, siá Marina. Sei! Passo lá quando vou a Bela Vista, a Clarinha sem tempo nenhum para a obrigação, a velha, sempre perrengue lhe dando cuidado. O Zeca com os filhos mais grandes passa o dia na roça, mas parece que nem força tem. E é ainda Clarinha que dá uma boa demão na enxada, a coitada, com o renque de filhos ao léu.

E fez um gesto como a dizer que Camilinho, o mais velho, andava bebendo, desgraçando a sua vida.

Um rapazinho taludo, olhar risonho, suado e afogueado do calor do sol, passou a porta. Era o mesmo que vez por outra vinha à fazenda desincumbir-se de encomendas, pois Marina, apesar das negras que tinha, só comia as farinhas que Vicência fazia, por causa do seu asseio.

Entrou num vozeirão de cumprimento e recebeu das mãos da mãe a caneca fumegante de café, sorrindo para Lenita, que apreciava muito as suas histórias de cevas e de pescarias.

Como Marina recusasse o convite para almoçar tutu de feijão com costeletas fritas, alegando que a demora era pouca, ele pediu licença para levar com ele a menina. Queria mostrar a sua coleção de cuias, dar-lhe de presente as duas mais novas, com tampa engastada, que eram de muita duração.

— Mas vem logo, filho, pra acompanhar siá Marina até a casa dos Teixeirinhas. De passagem vigie da cerca se seu Gerso já está apanhando as frutas. E põe cabresto no Pampa pra carregar os picuás.

— Trago o Pampa na volta, mãe. Vem, Lenita!

Rindo e saltando, cortaram caminho pelo milharal encabelado e chegaram ao rancho de pau-a-pique onde guardavam as abóboras, os arreios e as espigas de milho com casca. O mundo ficou pequeno para os dois.

Capítulo 12

Do fundo do baú

Mais de uma vez tio Ildefonso lhe dissera que de todos os caminhos que o homem percorre o de volta é o mais curto. Falava-lhe nisso, quando ela, a impacientar-se da demora da tia, se punha a enumerar as etapas da viagem até a raiz da serra. Já em São José, a abrir e fechar as malas, pois tia Marina tinha sempre visitas a fazer, Lenita via decorrer o tempo, deixando-se afundar nas largas poltronas de veludo lavrado, sem coragem para mais nada senão para aquele relembrar de vales e serras a fecharem a sua cidade, com os seu enlevos. Se fosse ave, gostaria de voar, fechar os olhos e só colher as asas nas alturas da matriz, dali ficar olhando a rua reta até o larguinho enfeitado de beirais. O ribeirão ficava perto. A casa grande de seu Fonsico quase em cima das águas com tantas janelas bonitas, até parecendo uma pensão, o morro atrás, redondo como um peito grande de mulher. O caminho vermelho que subia além da ponte, com as casas e as gentes encarapitadas na calçadinha e os caminhos do Paiol Grande ensombrados dos bambuais e o rio que dividia a estrada alta do Quilombo. Se fosse no fim do dia, podia abrasar os olhos na fogueira de luz que o sol fazia, queimando o Serrano, a serra mais linda de São Bento! A pressa fazia-a suspirar. Quando chegasse, correria para ver a gabirobeira no meio do pasto grande, e o campo espichado a divisar com a chácara, ah! a chácara de Donana, tão linda, tão colorida de mangas e de laranjais!

Ao retornar, após mais uma tarde de despedidas, Marina avisou-a de que era chegada a hora de ferrolhar as malas, tomar de manhã o trem para Pinda. Ali paravam só o tempo de ver os velhos tios, que habitavam o antigo casarão dos Romeiros, a um passo do jardim.

Lenita saltou, a reunir roupas e as inúmeras lembranças que trouxera da fazenda. A andar pela casa Marina se desesperava,

reclamando e contando o número de pacotes, a arengar que assim iriam precisar não de dois assentos, mas de um vagão inteiro.

— Alugo um trem, Lenita, para as suas bugigangas! Que teimosia! Você já pensou se não tivermos os jacás em Lefèvre? Se Estêvão se esqueceu? Pois deixo as suas coisas lá.

Mas Lenita estava muito feliz para emburrar. Corria a juntar as maletas no corredor e numa hora sentou-se para ver a arrumação. Rosto pousado na mão, meditava naquela felicidade de rever a mãe, experimentava o braço livre, liberto, após mais de dois meses de prisão. Cantarolava quando acomodou na cesta as cuias de Vicente, as bruxas de Vina e o balainho de Bento. Marina sacudia a cabeça e ia lá dentro inspecionar as gavetas, ver se trazia os seus véus. Ia para uma viagem de várias semanas, com tempo de rever os amigos e parentes, voltando pelo sul de Minas, um mês de canseiras. Chamou Lenita para ajudá-la procurar as luvas que não encontrava. A rir da incapacidade de sua tia, descobriu-as metidas em caixas, rescendendo a alfazema e outros perfumes.

— A mala de tachas é de roupa de baixo, Lenita! — Exclamou ao ver a menina forçar a mala grande. Não misture nada com as minhas roupas de baixo. Ponha as luvas na maletinha, a de fecho dourado, em cima da banqueta, menina.

Lenita abriu o fecho dourado, levantou a tampa e demorou-se a olhá-los, achando semelhança com aquela que doutor Xavier carregava durante as suas andanças pela cidade.

— Mas aqui não cabe nada, tia Marina!

— É a minha valise de joias, não preciso maior. Não mexa aí...

— Que desperdício — concluía Lenita, a levantar os colares, os braceletes e as inúmeras *barrettes* de sua tia: mas como brilham!

Joias lindas de colorido eram aquelas que o primo Rui lhe fazia, usando tinta de urucum.

Bateu a tampa num ímpeto, como se dali, naquele mesmo instante, pudesse ser vítima de uma mordedura feroz. E empurrou-a de si, arrebatando-se com a lembrança.

Ocupada em dobrar os vestidos, Marina não lhe viu o gesto. E, quando procurou-a mais tarde, foi encontrá-la trancafiada no

quarto, atirada na cama, os olhos muito abertos, fixos nos quadros dos santos, pendidos por fios ao longo das paredes. Pensou que a canseira se apossara dela e ocupando-se em conferir e fechar as suas quatro malas esqueceu-a.

Cedinho partiu o Bento para a estação, incumbido dos despachos. Voltaria para apanhar as duas mulheres e ajudar no embarque. Em Lefèvre encontrariam o guia; seus empenhos paravam ali, naquele rumor, ansiando-se já por voltar, tornar ao seu rancho ao pé da figueira, comer o seu jabá com farinha, espichar as pernas na porta. Vida sem seca.

Marina recomendou-lhe as crianças, os cuidados com Susaninha que tinha de prover a casa. Não a deixassem muito tempo na cidade, quando fosse estudar o seu piano. Ildefonso sabia cuidar-se sozinho, não perderia as suas botas. E não servissem o jantar muito tarde, para evitar os pesadelos, avisasse a Malvina, era como se estivesse em casa.

Partiram, a acenar-lhe da janela, confundido o trem na fumaça e nos alaridos dos pregões, Marina bastante comovida, os olhos molhados, sensíveis à separação. Mas suspirou com alívio ao sentir as gorduras acomodadas entre os braços da poltrona: afinal, partiam, o começo de uma viagem tão longa. Olhou a menina que se afundara na leitura de um livro, que ela ignorava. Donde aquela indiferença, Lenita que viera de casa tão tagarela?!

Cansada da noite insone e da trabalheira cerrou os olhos, premida de calor, apertada no seu costume de viagem. Antes de chegar a Caçapava já falseava os pés dentro dos sapatos.

Cuidadosamente Lenita olhou-a por cima do livro e pelo arfar ritmado do peito concluiu que ela dormia. Fitou-a demoradamente: era como se visse o primo Guilherme dormindo, e, não fosse aquela verruguinha no canto do seu nariz, poderia ser como ele bonita!

Encolheu-se, a rememorar. Há bem uma semana mamãe vinha preparando as caixetas de marmelada, as cascas de laranjas-da-terra, compotas de figos e de goiabas. Quitandas! Fizera-lhe também uma sorte de geleias... Sentiu o coração como se fosse arrebentar de felicidade.

Quando aquele trem vencesse os campos do vale, chegariam a Pinda. Viera de casa para a fazenda e tio Ildefonso não parou ali senão o tempo necessário para trocarem de condução. Por que tia Marina precisava parar, abrir malas, fechar malas? Fazer visitas? Não era tão prima como ele?

Disparava o trem pelos arrozais imensos, a estendida verdura recortada pelos veios de irrigação: traíra deve dar ali! — pensou.

Acompanhou a simetria dos veios luzentes, que os homens cavavam com suas enxadas, perguntando-se se não sentiam eles o frio, o dia inteiro com os pés metidos naqueles brejos, cuidando das suas folhinhas, limpando o mato até o arroz empendoar. Muitos estavam crescidos e outros se perdiam nos alagadiços, só a cor apontando deles.

— Vamos, Lenita, não se debruce assim. Não vejo mais os seus olhos. Você acha que dormi?

Lenita se limita a afirmar de cabeça e sorri.

O trem rola sobre os trilhos com um barulho de trovoada, ofegante, fagulhento, soprando rolos de fumaça.

De novo tia Marina parece que vai dormir, inclina a cabeça e a levanta por sacudidelas, o peito alto coberto das correntinhas de ouro, o reloginho pendente e saracoteante. Cochila.

O sol bate na vidraça, quente, quando se vão aproximando de Jacareí. Para o trem, subitamente, entre apitos furiosos e um estridente bater de ferros. Ai, aquele trem até parece sofrer — pensa Lenita, espichando o corpo. Marina abre os olhos e segura-a pelo braço. Uma sineta badala. A estreita plataforma se anima: pregoeiros de biscoitos e de frutas abrem caminho, aos bandos, mal deixam tempo para a escolha. Outro tabuleiro repleto de mangas roça a janela.

— Se não esqueci a minha faquinha compro-lhe umas mangas — prometeu Marina, a vasculhar o seu saco de viagem.

Mas comprou-lhe um saquinho de biscoitos, para que não se sujasse.

— Não coma demais que tio Lúcio é feroz à mesa. Implicado com crianças desde moço. Agora há de estar pior.

Lenita não conhecia tio Lúcio, seu tio-avô que vivia distante e de quem ouvira muitas vezes falar nos arrenegos familiares. Casado com Vitorina, que nos tempos de moça fora amazona de circo. Bonita de pasmar, vira-a num retrato que a mãe trazia escondido na sua mala de guardados. O tio andava afastado por causa da mulher que não quiseram receber em família. Teimoso, ficara em solidão. Mas tia Marina, indiferente aos reparos, conservara-lhes a amizade e, nunca que pudesse, deixava de parar em Pinda, para vê-los, sozinhos no casarão que mais parecia refúgio triste de padres. Falou de tio Lúcio, que era colecionador de barroco.

Seu gosto fora andar, viajar, descobrir novidades nas igrejas e nas casas velhas do interior, a arrebanhar tudo que encontrasse. Tinha uma sala que mais parecia uma forja de ouro, com uns anjinhos redondos e umas santas que fizeram milagres, tudo pousado em cima das mesas negras, cheias de torneados nas pernas. Lenita havia de ver-lhe o oratório! Mais rico que a igreja de São Sebastião, no Rio.

— Mas ele vai me deixar ver? As suas coisas?

— Deixa, se você as não tocar. Ciumento, pior que um frade. Deu em Susaninha umas palmadas só porque ela mudou de lugar um anjinho seu, alado.

— E Pinda fica longe, titia?

Marina consultou o reloginho de peito e afirmou que gastariam meia hora, se o trem não diminuísse o fôlego.

Chegaram no casarão fechado de muros, escondido na vegetação luxuriante, perdido em sossego. O bater da aldabra no bronze assustou a menina.

— Por que ele usa isso? A sua casa não tem chave, como as outras?

— Tem sim! É para estar fora do mundo, minha filha. Agora ele passa anos sem sair. A segurança está lá dentro nas barras de ferro que tem atrás das portas. Nas janelas tem mais de um ferrolho.

Ao cabo de alguns instantes, um homem alto, vestido de longo chambre preto veio abrir a porta.

Ao ver Marina, sem reconhecê-la, ficou meio intimidado e

arengou umas desculpas. Dormitava com o silêncio e a caseira estava na aguada lavando roupas. Vitorina fora aos seus pobres do dispensário... Gostaria...

— Mas sou eu, tio Lúcio, a sua sobrinha da Bela Vista, mudei tanto assim? Ah! O senhor nem me reconhece...

— São os meus óculos que deixei lá dentro. Estou meio cego, minha filha. Então é você, Marina! Há quanto tempo deixou de aparecer, você também nos esqueceu... De quem é a menina? Entrem, entrem, por aqui, vou chamar a Eudóxia. Deixe cá a malinha.

Lenita olhava-o, batia as pestanas, levantava-as, sorria. Seu corpo pequeno dilatava-se de doce surpresa ao constatar o contorno da fronte alta, aureolada por cabelos espessos, alvos como paina.

Puxou a aba da capa de Marina.

— Ele é o meu tio do retrato, tia Marina, aquele que a mamãe esconde no seu baú de guardados...

— Cale a boca, deixe de trombetear, Lenita! Não diga mais um á dessa história, enquanto estiver aqui dentro, está me ouvindo?

E deu-lhe um beijo na testa como selo de concórdia.

Mas porque se sentisse realmente satisfeito Lúcio deu a mão à menina, enlaçou Marina de um braço e as levou até a sala de jantar.

— Venham sentar, enquanto Eudóxia passa o café. Não querem as duas lavar as mãos?

Lenita sentiu uma ternura, um desejo irresistível de apertar aquela mão comprida, tão comprida que encerrava inteiramente a sua entre os dedos. Tio Lúcio tão bonito que até parecia um anjo de barba!

Ficou sentada a seu lado, descontraída, ouvindo-o perguntar dos parentes, de Ildefonso e de seus haveres, parecendo muito interessado.

— Afinal, Ildefonso acabou em fazendeiro! Quem havia de dizer, com o gênio folgazão que tinha, rico, alegre, vivendo em farras... Hein, Marina? Milagres de sua bondade, minha filha!

Ela ficou pensativa, de espacinho lembrando os trabalhos e riscos da mocidade, Ildefonso louco por festas e até mulherengo. Quatro filhos. Contou a malcriação de Guilherme, a fuga de casa para não estudar ou ficar em Formosa.

— Anda por Elfrida, tio Lúcio, a dar cuidados aos parentes. Muito trabalhador, dirigia quase sozinho as duas fazendas, mas viviam às turras os dois. No gênio, não diferem em nada, são repentinos e brigões como dois galos apurados. Ah! O trabalho que me dão...

Lúcio escutava-a, mudo, balançando a cabeça. Devagar alisava a madeira da poltrona, num sorriso compassivo, a incitar Marina, parecendo até concordar com as malcriações de Guilherme.

— Imagine que Ildefonso deu-lhe uma surra, tio Lúcio, com o seu relho de cavalgar, deixou-lhe profundas marcas no corpo...

Os dedos escorregaram, rápidos, e pousaram no ombro da sobrinha.

— Não tive filhos, Marina, mas por Deus que gostaria de ter um moleque como o seu menino, mesmo que tivesse de socá-lo de vez em quando, como o Ildefonso. Não desanime, não! O que você pensa ser mau gênio é brio, é vergonha na cara. Acha pouco que um homem tenha vergonha na cara, hoje em dia?

Suspirosa Marina baixou a cabeça. Não viu os olhos cintilantes de Lenita pousados no tio, seu claro sorriso uma retribuição, pensando, imaginando tio Lúcio como seu anjo da guarda, que protegeria Guilherme, e lhe daria conselhos... Havia de dizer isso a seu primo, avisaria o Tino para mandar portador.

E vieram os olhos descendo e subindo, o teto confinando Vênus e o seu zéfiro, com uns festões muito premeditados fazendo relevo, as paredes de musgo velho e umas guirlandas muito penduradas, brilhos de sol escorrendo...

Lenita ignorava Botticelli mas apreciou muito aquela moça bonita, vestida de gazes, com os peitos lindos de fora. Os móveis tão compridos, com frutos entrelaçados e uns bichos medonhos a ampará-los nas pontas, e aquele sofazinho de encosto que seria até bom de deitar.

E, então, a seus olhos se deparou a maravilha: um suporte

esculpido, com o príncipe e a princesa enlaçados, ensaiando um passo de dança, e a base alta, de negro cintilante, tinha o encrustado de madrepérola, imitando ramos. A luz da lâmpada fazia-a brilhar e rebrilhar. Veio, vagarosa, sem ruído, olhar a caixa de perto; olhou o tio, olhou a tia e de mão trêmula forçou a manivela. A sala inteira acordou, invadida dos acordes muito cromados, e ela, aflita, sem entender nada, tampou os ouvidos com as mãos. Ficou de olhos abertos a olhar os tios, interrogando-os, um pouco bamba e afrontada.

Lúcio levantou com o dedão o chinelo que caíra e, calçando-o, veio até ela. Sem nada dizer e apenas com um sorriso deu corda ao engenho importado: a sensação de beleza foi tão grande que os olhos da menina transbordaram de umidade. E a escutar, sentou-se na borda do canapé, os pés muito unidos, a boca entreaberta, muda de espanto.

Mas não seria somente a música a dimensionar de forma estranha e invivida o ambiente — pensou Lúcio, concentrado. Seria a presença humana e transbordante de espontaneidade que marcava aquela menina, tão autêntica e emotiva, tão pura!

Coçou a cabeça e veio em silêncio ocupar o seu lugar. Pôs em Marina uns olhos resolutos, de quem planeja e escolhe. Mas nada lhe disse, e ia propor-lhe dar uma vista à casa, quando três batidas ecoaram na sala.

— É Vitorina, que chega. Por Deus que tardava. Vai abrir-lhe a porta, Rufina — falou à empregada, surgida como por encanto das lonjuras da copa.

Uma velhinha espartilhada, calçada de borzeguins cambiantes do marrom de seu costume de França entrou e, um tanto alheada, assistiu a cabocla fechar a porta atrás de si. Pendurou a sombrinha no porta-chapéus e ia a seguir o corredor até o armário que ficava ao fundo, reservado às roupas de uso, quando ouviu um psiu! seu conhecido. Voltou os passos e parou à porta. Seus olhos brilharam e quase se fecharam.

— São as minhas sobrinhas, Vitorina, de passagem por Pinda. Marina e a filhinha de Umbelina. Você se lembra de Umbelina?

Vitorina não se lembrava. Vira só em retratos os parentes

de Lúcio e há que tempo! Ficou levemente perturbada ao precisar salientar sua ignorância nessas coisas de família. Apertou graciosamente a mão de Marina, afagou a menina e perguntou-lhes se já haviam tomado café.

— Já, acabamos de tomá-lo, Vitorina. Esperava por você para melhorar o nosso almoço, não são horas de almoçar. Ou quase?

— Sim, sim, dentro de três quartos de hora, mas vou antes servir-lhes um licor, Marina, daquelas receitas que aprendi a viajar. Em Florença tive uma amiga muito curiosa, aparentada com uns Monsalvat, verdadeira alquimista na arte de misturar essências. Parece-me que já lhe contei! Umas receitas que ela guardava para servir os amigos. Muito ciosa, muito egoísta de sua arte! Ia agora servir-lhes um Strega, um pouco mais adocicado, desses que propiciam bons sonhos, como afirmavam os seus conterrâneos. Lenita podia prová-lo... — e ria, um riso tímido, a destoar das rugas profundas da face.

Após servir-lhes o licor, ela desapareceu. Só retornou à sala quando a mesa posta esperava-os para o jantar. Muito loquaz, contou histórias de viagens, serviu uns doces caprichados, dos quais enumerou os ingredientes, um a um, mas, servido o café, subiu a repousar.

Condescendente e como sempre encantado Lúcio não parecia notar. E como Marina falasse em sair, para visitas, propôs-lhe cuidar da menina, levá-la com ele para conhecer a casa e o quintal. Iam depois tratar dos passarinhos, que se esquecera.

Capítulo 13

Deslumbramento

Não era sem razão que Lenita suspirava e revirava na cama sem poder dormir. O dia lhe fora demasiadamente excitante com o reconhecimento do tio e o descortino maravilhoso de sua casona, atulhada de velharias. Ela conhecia todos os anjos de sua igreja de São Bento mas nenhum era tão dourado como os que vira nos oratórios dele. Tio Lúcio lhe contara, andando devagar pelas alamedas plantadas de hortênsias ou a balançar-se na rede, muitas histórias de imagens e de umas viagens que fez em terras distantes. Quando lhe perguntou se tia Vitorina rezava nos oratórios, ele disse que não, que tia Vitorina era agnóstica, como ele. "Você sabe que é ser agnóstico, Lenita? Coisa muito triste, minha filha, não queira saber" — dissera, como se segredasse uma desgraça.

Então, por que tinham a sala entupida de santos, tanto genuflexório entalhado e tantos nichos, aquelas coisas todas que os padres usavam? Ele repetia que eram manias, manias de velho só, e quando um velho não tem o que fazer, inventa coisas para encher o tempo. Que tempo? O tempo ali não era então igual ao seu, ao de todo o mundo?

Queria que tia Marina viesse logo dormir, para contar-lhe, um por um, os seus encantamentos, para fazer-lhe muitas perguntas.

Mas na sala, sob a luz das arandelas, Lúcio e Marina conversavam, esquecidos das horas, revividos nas recordações. Lúcio indagava de Umbelina, que era feito dela que só vira quando mocinha. Era então muito franzina, de grandes olhos serenos, muito concentrada. Como vivia?

Contou-lhe Marina as suas lutas, a vida sem perspectivas no interior de acesso difícil, com nove filhos e o Ricardinho, que criava de empréstimo. Um trabalhão!

— Casada com Estêvão, o senhor se lembra de Estêvão? Fi-

lho de pai português, com o irmão ilustre, homem dado a letras, do sul de Minas, como nós. Umbelina teve um caso de amor com um moço viajeiro, diziam que muito rico. Namoro às escondidas. Um dia, entrou em casa o negrinho Tiú, que era menino de hotel, isso em Capivari. Trazia uma caixa grande, a tampa rendada, toda amarrada de fitas. Presente para a moça Umbelina. Foi aquela confusão! Umbelina, muito vermelha, teve que confessar que o presente vinha do viajante Vicentino, com quem andava de namoro: uma toalete completa, de festas, tio Lúcio, as luvas e a sombrinha. Um raio que caísse ali não seria mais funesto. Meu pai ficou furioso, indagando de mamãe, indagando das meninas se aquilo era moda corrente, presentear com roupas de uso uma moça de família?! Cheio de brios, enrolou tudo de novo e mandou a caixa de volta, com um rosário de xingações. O moço que parecia bem intencionado nunca mais apareceu. Estêvão é o homem bom que todos sabem: tem o cartório e dá aulas a quem quiser aprender, já alfabetizou muita gente boa de lá. Cuida também dos negócios de Ildefonso. Escreve as cartas mais interessantes que já li, parecendo até um anedotário, a gente lendo as suas cartas não acredita que ele é o homem que é, caladão, muito sereno. No Quilombo tem a fazendinha que lhes dá de tudo, desde as ervas com que Umbelina trata os seus doentes até os ovos para as suas quitandas. Por isso não vendemos a fazenda, como fizemos com as outras. Aquilo é feudo de Estêvão, não lhe tiramos. Que se bastem e já estamos satisfeitos. Além disso, distrai a gente moça que lá vai em alaridos no tempo das frutas e das pamonhadas. Vida interiorana, com aqueles prazeres muito sadios...

— Mas os filhos de Umbelina, que fazem eles perdidos naqueles matos, nas lonjuras da serra?

— Maria Eulália, a mais velha das cinco meninas, já está se formando, em São Paulo, vai ajudar na educação das irmãs. Os três meninos são ainda crianças. Problema maior é Lenita.

— Por quê? Há alguma coisa com ela?

Marina titubeava em contar ao tio os motivos que levaram a família a mandar-lhes a menina e a morte desastrosa de Rui, mas devagar foi desfiando a história, como sabia.

Lúcio ouvia-a compenetrado e um pouco confuso. Puxava os fios longos da barba e os enrolava nos dedos, o seu jeito costumeiro de demonstrar preocupação.

— Mas que culpa tem a menina?

— Nenhuma, tio Lúcio, nem deu processo, adoeceu e não queria mais sarar. Custou-nos muito no começo, mas os ares de Bela Vista lhe fizeram bem; agora só tenho um temor: que em casa, a lembrar o primo, a fazer os mesmos passeios, não volte a piorar. Tem um gênio muito forte, embora não pareça. Muito carecida de carinho.

— Estive pensando, Marina, uma coisa que me passou pela cabeça: adotar essa menina, trazê-la para nossa companhia. Que acha você?

— Adotar Lenita? Ah! Não creio! Nós pensamos fazer a mesma coisa e nem Ildefonso conseguiu convencê-la. Ela é muito difícil, amorosa demais de sua mãe, muito amorosa dos irmãozinhos e, de certa forma, vocês lhe são estranhos, seria difícil ela se acostumar.

E depois de uma pausa em que ficaram os dois a meditar:

— Além disso, há Vitorina, o senhor sabe, ela não há de querer, tem carradas de razões para não querer.

— Quer sim, Vitorina é muito boa, gosta de crianças, ela é só um pouco desconfiada. Adorará ter alguém a seu lado para ouvir-lhe as histórias. E a menina ficaria bem aqui, depois do que lhe aconteceu, nada a impediria de ver sempre os pais, temos o cabriolé que ainda rola bem...

Marina explodiu a risada, perguntando-se se aquilo seria mesmo ingenuidade ou pura troça de seu tio.

— Ora, tio Lúcio! O senhor, homem viajeiro, reduz assim as distâncias e ainda pensa em cabriolés? Poderia acaso içá-los nos morros, levá-lo de bonde naquela subida entre ferros? De Pinda até lá é subida de fazer pular o coração! Mais de mil metros por caminhos tortuosos e olhe lá! Sem contar a cavalgada que vem depois.

— Mas existe um meio, não existe? De chegar lá? Onde a dificuldade, então?

— Bem, chegar, chega-se, depois de alguns martírios. Mas convencer Umbelina, vai ser difícil. E ainda vencer a calma concentrada de Estêvão. Quando ele opina, a gente não lhe resiste. Mas farei o que for possível, tudo farei para evitar mais dores à família. Sabia que volto por Belo Horizonte? Antes de embicar de novo em Bela Vista dou um pulo na Elfrida, buscar o meu filho.

— Não é em Elfrida que mora o Américo? Que anos não vejo o Américo! Ele ainda gosta de cavalos?

— Creio que se ocupa mais de seus medalhões, mas o seu gosto por cavalos herdou-o em dose dobrada o meu Guilherme. Queria ser criador, em São Paulo, imagina, onde tem uns amigos com cavalariças. Mas o que ele verdadeiramente deseja é ver-se livre da autoridade de Ildefonso, ficar a léguas de seu gênio...

Lúcio sorriu benevolamente e levantando-se foi correr os reposteiros. Tirou o cebolão do bolso e arregalou os olhos ao conferir as horas.

— Mas que brincadeira! Quase duas horas, Marina, e eu a roubar-lhe o descanso! A que horas parte mesmo o bondinho?

— Às oito e não costuma atrasar. É alguma coisa com brio aquele bondinho...

— Pois sim, mas há tempo de sobra para fazer o carro andar. Vá dormir, minha filha. Eu fico ainda para ler um pouco. Se não leio meia página, não consigo dormir. Sabe onde fica o seu quarto? É o quinto à direita, dando para a varanda e o pomar, nem precisa de relógio, que às cinco os passarinhos já estão despertos. Que descuido o seu!

— Só meu?! Pois vou, sim, dormir, mas, se até as seis não me acordar, mande a Eudóxia chamar-nos. Não se faça de rogado, tio, senão perdemos a condução, a única que poderá deixar-nos em Lefèvre. Já pensou na possibilidade de deixarmos lá mofando os cavalos por mais de vinte e quatro horas? Nem quero pensar! Diga a Vitorina que senti muito a sua ausência... Não se esqueça! Boa noite — e sorrindo subiu a escadaria de mármore branco, em caracol.

Na ausência de Marina e depois de verificar se as portas estavam bem fechadas Lúcio sentou-se a fumar. Não leu a meia

página de livro, ficou repassando na memória o que lhe contara a sobrinha. Muito pouco se lembrava de Elisa, mocinha elástica, de pernas finas, não lhe conhecera o filho. Mas, que infelicidade tão grande aquela, de desconsertar uma família... Natural, mais que natural que transtornasse a menina, a ponto de deixá-la doente.

Acendeu o segundo cigarro e consumiu-o inteiramente. Tentou prosseguir na leitura do seu Spinoza, mas o pensamento traía-o, ia longe. Então levantou-se e foi empacotar a caixinha de música para juntá-la à bagagem, como surpresa à menina. Enrolava-a, utilizando várias folhas de papel sem conseguir disfarçar-lhe as arestas e impedir que rompessem o invólucro tão precário. Foi à despensa e após várias buscas conseguiu o que desejava: uma caixa de Adrianos recebida recentemente do Porto. Aquilo vinha a calhar — pensava, retirando de dentro os litros cheios, recordando Vitorina que gostava de regar doces e assados de aves com aquela aguinha adocicada. Mas não se discutia gosto de muher naquela casa onde os homens viviam em minoria. Satisfeito com a descoberta, fez sumir dentro aquela preciosidade sonora, que seu vezo de relembrar aliava a terras distantes, com avenidas muito ramalhudas e o sabor um pouco novelesco de Strauss e de outras dolências...

E depreciava com descuidada malícia a sua obra quando escutou o relógio bater o quarto de hora para as três. Pensou que um velho como ele deveria estar há muito na cama, e se Vitorina estivesse ainda acordada, haveria de socá-lo com a sua verve prazerosa, que nada perdoava.

Subia vagarosamente os degraus quando o carrilhão anunciou as três horas. Mas ele teria ainda que fumar um último cigarro e escaldar os pés que lhe inchavam dentro das chinelas, por causa das andanças desusadas do dia. Um dia tão excitante com a chegada de Marina e da menina.

Mas ao olhar-se ao espelho, sua imagem refletida e acabada, sem atinar bem com a razão, lembrou-se de Umbelina, da impressão que lhe deixara sua figurinha mimosa, jogando os arcos numa roda de mocinhas em plena rua. Pareceu-lhe, no instante fantasioso da tarde, parado o mundo, e propositadamente, para a apre-

sentação daquele torneio singular, alternados os chistes e os risos ao bater rápido das longas hastes na argola de madeira rosada: perícia e arte conjugadas, que só a distância e o vagar moroso das horas permitiam. A impressão carregara pela noite e no outro dia, ao tentar avistar-se com ela, soube que havia saído em cavalgada, na companhia das primas, rumo à fazendinha de Ildefonso. Voltara a Minas pelo sul e perdera de vista os parentes. Depois, seu acerto de viver com Vitorina e o completo isolamento. Mas sentia, distanciados de trinta anos, os olhos de Umbelina, largos e belos, fitando-o com empenho, duas preciosas gemas que o espanto alimentava. Foram os mesmos olhos, a mesma cintilação ingênua que vira vibrar na face fresca de Lenita, quando pela primeira a vira. E lhe fora muito confortante apreciá-los de novo.

Mergulhou os pés na água e sentiu o grande alívio. Um hábito tão antigo e que lhe roubava quase meia hora de sono.

Pensando naquele umedecimento sistemático de suas patas e na dolência que lhe sobrevinha depois, sorriu com satisfação. Apertou calmamente as fivelas de metal de suas pantufas e concluiu que elas se lhes ajustavam perfeitamente aos pés, seus pés tão frios...

Capítulo 14

Eugênio Lefèvre e outras alturas

Maria Eudóxia encostou à parede os sapatos recém-escovados e deu duas pancadinhas na porta. Esperou, de ouvido colado, até que percebeu rumor dentro. Ia voltar, quando escutou a voz de Marina chamando-a.

— Eudóxia, não desça ainda, venha aqui

Sentada na cama, a levantar os cabelos no alto da nuca com o seu pente de marfim Marina era a imagem perfeita do sono.

— Você viu onde Lenita foi? Saiu daqui e nem dei sentido, ferrada no sono como estava.

— Eu vi a menina, sim, dona Marina, indo pros lados da cocheira, de prosa com o Ermelindo. Foram atrelar o cavalo branco de Napoleão.

— Quê? Que foi que você disse?

— É sim, senhora! Vi os dois muito achegado, indo pro fundo do quintal com a correiama. Atrelar o cavalo pro embarque.

— Mas há algum cavalo aqui com esse nome? Você não está brincando, não?

— Não estou, não, senhora, é o meio-sangue de sinhô Lúcio! Puxa o cabriolé quando ele está contente. Cavalo branco de Napoleão...

— Meu Deus do céu! Esse meu tio tem cada uma! — e cobrindo a boca com a ponta do lençol Marina escondeu o riso, para não confundir a inocência daquela matuta.

— Desça, por favor, diga a Lenita para vir se arrumar. Dormi demais, Eudóxia, e se você não me chama, perdia a hora, nem escutei os passarinhos. Ela que venha correndo...

— Mas a menina já está de capa e chapeuzinho, dona Marina, não precisa mais vestir, não!

— E o meu tio, já desceu?

— Siô Lúcio já desceu, está no pomar com o Nino, colhen-

do umas frutas para a senhora levar. Os pêssegos e as uvas estão muito doces este ano, vai em começo a safra e dona Vitorina já fez mais de dez quilos de passas. Tempo muito bom para fazer passas, dona Marina!

— Minha tia já está de pé?!

— Não, senhora, mas ela manda dizer que passou a noite inteira com enxaqueca e pede desculpas porque não vem despedir. Onte de noite encheu duas latas com biscoitos de mel para a senhora e dona Lenita comerem na viagem. Disse que deseja o seu regresso e da menina.

— Ah! Ela disse isso? Deve ser verdade! Muito obrigada. Em troca, avise-a que não desconheço as suas artes, que vou comer com muito gosto os seus biscoitos, e vou escrever pedindo aquelas receitas de licor que me prometeu. Espere, diga também que lhe deixo o meu abraço de despedida...

— Vou dizer, sim senhora — e apressando-se, Eudóxia desviou os olhos, para não ver Marina em calças, a guardar os seios no corpinho ajustado.

— Vou descendo...

— Obrigada, por tudo, Eudóxia. Pode ir. Feche a porta.

Encontrou a bagagem reunida no corredor de entrada: sua maleta, duas caixas, duas cestas e um caixotinho com o nome de Lenita.

— Afinal, tio Lúcio arranjou-me outra mudança! — Exclamou, deveras alarmada. Ao juntar tudo isto ao que já temos em Lefèvre, precisarei é de um carro de bois...

E estava ali parada, a cismar, quando Eudóxia chegou com um embrulhinho caprichado na mão.

— Dona Vitorina mandou entregar isto para a senhora. Uma lembrança para a senhora levar.

— Meu Deus! Que é mais, meu Deus?!

Desfez o embrulho vistoso, as duas voltas do fio de seda, abriu a caixa estofada em veludos e retirou de dentro um leque, uma pluma riquíssima, com as bordas matizadas de azul. Perfumada!

— Ah! Vá alguém entender essa Vitorina!

E vendo Lúcio entrar, abraçado com Lenita, foi-lhes ao encontro.

— É tempo de tomar café e seguir, minha filha. Bom dia. Tudo pronto? Vou junto até a estação. Ora, você não tem cara de quem dormiu, Marina! Enveredamos pela noite a conversar, hein? Por culpa sua... Eudóxia! — Gritou na direção da cozinha. Traga o leite depressa, venha logo servir esta preguiçosa...

— Tio Lúcio, desde que aqui cheguei estou louca para fazer-lhe uma pergunta. Que é feito daquele seu gênio mau para lidar com crianças? Pensa que me esqueci? Das palmadas que dava em Susaninha, à toa? Até hoje ela se queixa!

— É, é verdade! Razão tem ela de sobra, coitadinha. Talvez seja a falta de filhos, talvez seja a solidão, não sei! A verdade é que ainda não suporto bem as criancinhas. Mas gosto das crianças com quem posso conversar. Crianças novas são para a paciência de mãe, que precisam do seu regaço... Um homem seco como eu!

— Bem, a desculpa serve. Direi isto a Susaninha, para que perca a impressão...

E abrindo o leque de Vitorina ante os olhos cúmplices de Lúcio, sorriu com brejeirice.

— Veja o que ela me mandou agora cedo, pela Eudóxia, a querer aliviar-me do calor das festas que não dou. Ah! Não mereço! Uma roceira perdida lá nos matos de Bela Vista! Nas mãos dela, sim, estas coisas têm realce. Privar-se de um adorno tão precioso, tio Lúcio! É preciso ter presença, serenidade para conseguir alguém pavonear-se com um abano deste porte! Uma matuta como eu...

— De classe, Marina! De classe! Use o leque, minha filha, Vitorina vai ficar contente, digo-lhe isto, logo mais.

— Mas a ver, o senhor arranjou-me nova bagagem, e à minha revelia! Grande sorte é que vamos ter cargueiros para as malas, pois, ao contrário, as frutas ficariam mofando em Lefèvre, até que pudéssemos providenciar outro transporte. Vivemos ainda no sertão, tio Lúcio, aqui e lá.

— Ah! Não diga isso de nossa cidade! Cidade muito civilizada, Marina, conserva ainda os hábitos da Corte: nobrezas e nós

pelas costas a lembrarem o imperador... Se não acredita, fique aqui para ver. Dou um baile em seu louvor...

— Deus me livre! Sou rainha só no meu rancho! Não quero perder a dignidade aqui, Deus sabe que não!

E deu uns piparotes nas costas de Lúcio com os seus dedos cuidados, pesados de anéis.

Lúcio riu, ficou a olhar aquela mulher tão faceira, que dizia gracejos, a lembrar a menina desabusada de outrora. Caiu em si.

— Então, ajuntamos logo as coisas e vamos dar umas voltas pela cidade, antes que o seu bondinho chegue. Tomo contato com ele, conheço-lhe o vezo, antes de iniciarmos nós também as nossas subidas...

E deu um o olhar de malícia à menina. Marina esboçou um gesto de dúvida e foi vestir a sua capa.

Deram volta à praça, sombreada de figueiras e de outras árvores de fronde. Entraram na rua dos Estudantes, que tinha outro nome mas que conservava aquele por causa das inúmeras pensões que abrigavam os moços, que ali vinham estudar. Uma rua cheia de preguiças e que só à noite se animava, estirada em declive até o Paraíba. Tomaram a alameda muito fresca, que ladeava o rio. Ouviam cantos de aves e o deslizar um pouco encrespado das águas. Lenita, que gostava de paisagens, ia emudecida, mal abria os seus olhos e já os cerrava, de imensa, profunda alegria. Em roda fechada, sentados na grama rasteira das margens, livros na mão, uns poucos rapazes palravam, mais que as avezinhas.

— Essa é a mocidade que estuda, Marina, vivendo mais de belezas que dos livros. Ao chegarem os exames, visitam os lentes em companhia dos pais e pedem arredondamento das notas, alegando ausências e outras coisas. Por estas e outras, não aceitei o convite para lecionar na faculdade, que precisa de número para manter-se aberta. Por isso é que ela tem complacências de mãe, mas, não se admire, não, se daqui sair mais de um poeta! Com esta aragem, não é nada impossível! O hino de abertura das aulas foi há um ano escrito e musicado por um Gomes Ferraz, menino de dezenove anos, e há modinhas de lavra ribeirinha que rivalizam com o que há de melhor no gênero, por aí. Imperativos que come-

çam aos quinze e param aos trinta... Medram em qualquer lugar...

Passaram pelo largo da Matriz e tomaram a reta que ia dar na estação, encolhidos risonhamente e aos solavancos, sobre o calçamento irregular, de grandes pedras.

O cabriolé deu um estremeção e encostou-se valentemente, fazendo linha com as escadas. O bondinho já esperava, minúsculo, fantasmagórico como um brinquedo de imaginosa criança, um pouco atemorizante, sujeito aos cabos que o içariam pelos corcovos e quebradas da serra.

Dentro, uma gente afogueada fazia mil ruídos, reunia as malas, marcava lugares junto às janelas, divertidos, tagarelas...

— Tia Marina, que é que eles estão falando? — perguntou Lenita, ao escutar as recomendações que uma senhora de bastos cabelos loiros fazia às duas crianças que trazia pelas mãos.

— Eu não sei, Lenita, não ouvi! Falam decerto na língua deles, que desconheço.

Como podia, ia deixando cair as cestas e as caixas que Ermelindo e o tio lhe entregavam, não contavam mais que avaros minutos.

— Ah! Meu tio! — Carinhosamente se abraçaram, com a tristeza que sempre antecede as separações.

O bondinho começou a rolar, apitou várias vezes e aumentou a marcha. Marina apareceu à janela e desdobrou o seu lencinho ao vento, ao tempo em que Lenita abria espaço e atirava um beijo ao tio.

Antes de chegarem à primeira parada, Marina já desenrolava o seu francês com o casal que lhe vinha ao lado: um engenheiro e a mulher, em vilegiatura por estes mundos novos. Subiam a Campos para recordar o seu lar, diziam que até nevava na serra! Coisa difícil de acreditar! Iam ver a estância de perto e no inverno voltavam...

Diante da imensa paisagem Lenita pôde respirar livremente e, ausente da folia, rever a longa subida, os pinheirais unidos, os milhares de pés de ananases lá bem no fundo do vale, a mata cerrada, que o caminho em ascensão deixava ver só pela fronde. O ar perfumado e fresco brincava na sua boca, o sangue disparado

batia-lhe nos tímpanos, sensíveis como um papel esticado. Uma nuvem rosada volteava atrás do bondinho e o sol, subindo, inundava-a de claridade: ninguém vai mudar de lugar, ninguém vai subir nele — pensava, murmurando, bendizendo a serra, o caminho abrupto e sinuoso, os ramos floridos seguindo-os, quase ao alcance de suas mãos...

Do céu tranquilo, cada vez mais forte e alto o sol escaldava os montes, ilhando sombras, aprofundando os grotões já desmesuradamente verdes, onde um grito morreria sem eco.

Quis levantar-se e recaiu sentada, pressionada pela mão vigilante de Marina. Foi quando a menina, solta inadvertidamente da mãe, subiu o banco e empinou o corpinho além das grades, olhando atentamente os cabos metálicos. Seria varrida pelo vento, não fosse a exclamação de horror que varou os ouvidos e os espaços translúcidos. Foi levantada no ar, como uma pluma.

Lenita conhecia a extensão daquele grito, a dor e a ansiedade que ele provocava. Não viu a mãe aconchegando-se à criança, transida de medo e de espanto, a chorar. E ficou espremida entre o mundo presente e as recordações, ali mesmo encolhida, como um animalzinho indefeso a quem tivessem repentinamente golpeado. Deixou passar o tempo, até que escutou a tia chamando-a. Então os prazeres tinham sido rompidos, a doce sensação de espera desfeita.

Marina olhava-a surpreendida, agitada de repente por súbita inquietação ao ver-lhe a grossa lágrima se destacar no canto do olho.

— Que pensa que foi? Não foi nada, filha, um descuido, felizmente sem consequências. Olhe! A menina está brincando no colo da mãe, olhe como já se diverte...

Sorriu de maneira melancólica e doce ao afastar as mechas rebeldes dos cabelos que o vento impelia para as faces de Lenita.

— Não foi nada... Ora, Lenita!

Chegavam a Piraquara, numa altitude de quase oitocentos metros e o bondinho fazia uma breve parada. Não querendo descer, a menina ficou a olhar fora, enquanto a tia se deixava acompanhar do casal de estrangeiros: iam ver o caramanchão exótico, repousado no pinhal, sob o acolchoado de orquídeas e de musgos velhos.

— Não sei o que se passa com ela — respondia Marina à senhora que desejou saber dos laços que as ligavam. É tão repentina, às vezes, tão amadurecida que me deixa perplexa. Um grito a transtorna. Será capaz de não dizer palavra até o fim da viagem.

Em Lefèvre encontraram o guia que ali pernoitara para descansar os animais. À sombra, no espaço limitado por uma cerca de madressilvas silvestres cochilavam três cavalos e as duas bestas, aparelhadas com os jacás. Lenita saltou, tomou a dianteira de Marina e parou, ofegante.

— Olhe o Russo com a seletinha! Olhe o meu Russo, titia! Olhe o seu cavalo como abana o rabo! Pra quem é o Tordilho? Ah! Que galanteza!

Veio Marina e olhou o Baio. No lombo trazia ele uma excrescência, silhão com guarda, terminado em tubo e amaciado de um pelego tingido.

— Ai! Martírio! — Exclamou, comparando-o com o pedacinho de couro da seleta de Lenita. Suspirou.

— Que beleza! — Andava a menina, lado a lado, seguindo o guia.

Lino acabava de arrear o burro e vinha puxando-o pelo campinho, um olho em Lenita que a cada sacolejo esfregava a mão no pescoço do animal.

Repararam, só então, no moço trigueiro que viria com eles vencer aqueles ermos: quem por ali parasse só poderia demandar a Pinhal ou a São Bento, pois, a alcançar os Campos do Jordão, só mesmo de bondinho.

Mas onde esteve escondido durante a subida, que ninguém o viu mais gordo? — Perguntava-se Marina, a quem a curiosidade já espicaçava.

Contou-lhe Felipe, que vinha no compartimento das malas para em silêncio apreciar a paisagem. Fora ele que olhando dentro percebeu em tempo a curiosidade da criança e a levantou nos braços, não se assustando menos que a pobre mãe meio desfalecida.

— Um descuido que poderia ter sido fatal! — concluiu, o sorriso meio disfarçado.

Agradecida, Marina deu-lhe um abraço. E quis saber a que

vinha, se ia com eles vencer a dura caminhada; oferecia-lhe os préstimos, a casa, que era muito arejada e se erguia bem no centro da cidade. Se não tivesse onde se alojar, não fizesse cerimônias, Umbelina teria prazer e espaço bastante para hospedá-lo.

O moço apressou o reconhecimento, contou-lhe que vinha a convite do irmão mais velho, que residia em São Bento, com consultório montado. Ele era estudante, no Rio, e, como Xavier, descendia de uma família de médicos. Queriam os seus pais vê-lo também formado em medicina, como se já não tivessem tantos doutores na família.

E, a falar, olhava Lenita. Mas a menina se agarrara ao guia, que dava os últimos reparos nos arreios e trazia os animais até a calçadinha, para facilitar às duas mulheres o acesso aos estribos.

Verificando que o moço não montava tão mal Marina confessou o seu contentamento. Qualquer pessoa menos treinada deixaria os bofes pelo caminho, sempre acontecia e até o jornalzinho da cidade registava o feito, para gozação da minoria cavaleira.

Rindo, Felipe contou-lhe que aprendera montar na fazenda de uns amigos, nos arredores de Vassouras, mas, que se recordasse, nunca fizera antes uma viagem tão cheia de imprevistos como aquela, esperava não se cansar muito.

— Canseira é no verão, Felipe, um nunca acabar em cima dos cavalos pela estrada poeirenta. Sofre-se menos com este tempo de veranicos esparsos, mas, se chove às pencas, é uma desgraça! Uma viagem de quase seis horas prolonga-se, às vezes, até noite alta. Mas não tenha receio, os cavalos estão descansados e o guia conhece a estrada como a palma de sua mão. E mesmo sem ele, se a gente der de rédea, os cavalos irão dar lá, são muito acostumados ao caminho.

Pareceu-lhe que o moço se encolhia um pouco, mas o que ele tentava disfarçar era a admiração que sentia ao ver a disposição travessa de Lenita, colada à sela gostosamente, escutando as recomendações do guia e até sorrindo, por vê-lo, solícito, passar as rédeas para as mãos dela.

Dando conta que os estribos não calçavam bem os pés da menina, Lino subiu mais dois furos; a barrigueira, sim, estava per-

feitamente ajustada. E, se iam almoçar além do Pinhal, bom seria ir andando, tempo não esperava.

Com o dia alto, apesar da temperatura não ter vacilado muito, após duas horas de caminhada já sentiam calor. Só Lenita parecia conservar o entusiasmo, atirara o chapéu às costas e os cabelos, remoinhados, sacudiam-se ao sabor da andadura do Russo. Sentia a brisa brincar no seu rosto, fazer-lhe cócegas na nuca porejante de suor. Ia corada, sem falar, vivendo com os olhos a repetição das margens quietas, o rio a murmurar, a enroscar-se, convulso, nas pedras negras de seu leito. Às vezes parecia ouvir um canto de cachoeira. Mas o tio lhe dissera que em toda aquela extensão não havia queda d'água de porte. Tudo efeito da pedraria...

Subitamente, o cavalo de Lino estacou. Na ribanceira, rodeada por uma vintena de urubus, uma vaca estava estendida, morta. Acabando de bater as asas, saltitando e grasnando rouco, um urubu metia o bico no focinho descarnado e procurava dificilmente dele desencravar o derradeiro olho, enquanto outros, ávidos e esbravejantes, picavam, rasgavam a carne podre e dessangrada.

Lenita deu um grito e obrigou ao Russo um recuo.

— Não pare, vá tocando, Lenita, tome-lhe a rédea, Lino! Não olhe essa coisa triste, menina, dê de rédea, depressa! Ai! Que horror!

Lenita fez-se de volta, procurou a tia, aterrorizada e exclamando:

— Não quero ver isso, não quero mais ver isso... — e emburrou.

Hora triste foi aquela! Gemendo e maldizendo a visão Marina malhou ao acaso as ancas do Baio, baixando a cabeça, seguindo de permeio aos outros cavalos. Seguiu-se um tempo longo de silêncio. Com a resignação já buscada ouviam o repisar monótono das doze patas no areão interminável da estrada. Uma hora depois Marina suspirou e propôs uma pausa. Se não podiam comer ainda, ao menos descansariam o corpo sob as árvores, naquelas pedras. Oh! Lino!

Não era propriamente um jardim, nem sequer um reduto

prazeroso, era um vazio com duas árvores esgalhadas sobre a grama falha e rasteira. Uma cabrinha ali pastava, descuidada. E, distante, à porta da venda — que sempre há uma vendinha suprida em qualquer canto — dois mestiços de perdigueiro faziam roda, dando saltos, entre grunhidos. Longe, uma violinha gemia e arranhava. Mas Lino procurava o céu, aspirava o ar com conhecimento, dosando sua umidade e calor.

— Dona Marina — disse, chegando-se à mulher, derreada, abanando-se com as duas mãos, suspirando pelo leque de Vitorina . — Chuva vem aí. Se a gente não toca depressa não chegamos na Bocaina antes dela cair. Lá podem esperar em casa do Agenor, que já está acostumado. Chuva de carga, dona Marina.

— Clima de serra, Lino, conheço este chão tão bem como você. E seria esta a primeira vez que chegaria em casa sem uns pingos! Mas vamos almoçar primeiro. Que horas são?

E pediu ao homem que trouxesse os cestos preparados de véspera por Umbelina.

— Fome não passamos...

Abriu os cestos forrados de algodãozinho, de onde surgiam copos, pratos, travessas com lombos de porco, farofa e ovos cozidos. Mexido de frango, doces secos e sequilhos de nata. E uma aguinha azulada, guardada em garrafas.

— Sede não passamos. E esta aguinha, Lino, de onde é?

— Da bica de Lefèvre, enchi agorinha...

Marina vasculhou o fundo da cesta e retirou os limões.

— Umbelina é preciosa! Não se esquece de nada, aquela santa!

E a falar espremeu dois limões em um copo cheio e o deu a Lenita.

Sem mais lembranças, comiam, sob a fronde esgalhada, a atirar ossos aos cachorros. O calor, o céu baixo e cambiado começavam a abrasá-los.

— Duro vai ser o Caracol, se chove! Coma desta cocada supimpa, Lenita, que vejo nela os dedos de Arminda! — Espichou o braço e também serviu Felipe, que, embora se dizendo enfastiado comera a metade de um lombo de porco, regado a limão.

Montaram. Não tinham caminhado mais de meia légua, quando o vento começou a soprar. Lino vasculhava com os olhos o horizonte, indagativo e de cara fechada. Sobre as águas até há pouco calmas do Buquira corria um arrepiado de bolhas e de espumas.

— Se esse ventinho continuar soprando pras cabeceiras leva a chuva de roda. A gente vai andando contra o vento, dona Marina, que é bom. Por mim, não me importo, mas tem a menina, a senhora e esse moço de cidade tão desprevenido, aguaceiro não escolhe...

A tarde afundava. Mas iam vencendo as últimas léguas sem um pingo d'água. Aproximavam-se da fazendoca do Tião Festeiro, iam encontrando um e outro casebre, as frinchas das janelas escoando uma luz tonta e triste, e até Santana faltava uma boa légua mineira. Então ouviram o moço indagar se ainda estava longe o fim, quando chegavam...

Lento, o Lino afirmou que gastariam bem mais de uma hora, se a chuva não viesse incomodar. Marina perdera a voz, ia descambada, sentindo fortes dores na perna que tinha engastada. Rente ao guia Lenita amparava-se de sua presença, olhando o céu, olhando a poeira amarela. Se a tarde caísse mais devagar, as árvores não pareceriam tão tristes — pensava, a socorrer-se dos restos de luz. Iam na direção do poente e o clarão frouxo barrava o céu e era alegre perseguir aquela luz. Aves pipiavam entre as folhas agitadas, embrenhavam-se na mata.

A menina aspirou o ar, aprumou-se na sela e olhou à volta. Na longa ausência, desejara chegar em casa com o sol, vê-lo dourar as nuvens, sumir depois na serra pregueada de sombras. Tudo diferente...

Cansado demais do silêncio e daquela estranha caminhada, Felipe ativou o cavalo e tentou aproximar-se dela. A passo, pareceu-lhe ainda escutar uma praga de Marina. Ao pressenti-lo, Lino bambeou as rédeas. Horinha boa de tirar uma baforada. Felipe olhou a menina de mais perto e quase não lhe distinguiu as feições sob o chapelão de palha desabado. Era uma criança crescida, parecendo viver mais dos olhos. Mas por que não falava se parecia vibrar a cada movimento nas margens, ao menor sussuro do vento nos ramos? Perguntou se ela fazia sempre aquela viagem, se gostava?

Ela pendeu a cabeça e não respondeu.

— Você não está cansada? — Insistiu. Gostaria de mostrar-me seguro, de ter a sua coragem. Estou quase morto e só de vergonha não salto fora, mas paro no primeiro abrigo que encontrar, não prossigo...

Lenita alongou o corpo e chamou o guia.

— Lino! Aquelas luzinhas lá longe são de São Benedito ou de Santana? Depois não vem o Campo do Monteiro? E depois do Campo do Monteiro não vem o Bumba?

Conteve o Russo e voltou-se para Felipe.

— Vai ver que o seu cavalo é troteiro e não é macio como este. Agora não adianta trocar nada, que depois do Bumba vem a minha casa...

A meio sorriso, um pouco interessada naquele derrear aflitivo, perguntou-lhe se ele não gostava de cavalgar.

— Lá em casa cavalgamos muito, por causa dos morros. Todo mundo monta, até as crianças e só assim passeamos nas serras. Logo vai se acostumar a descer e a subir os grotões.

Felipe mexeu-se penosamente.

— E além disso que fazem vocês num lugar tão distante, de acesso tão difícil?

— Ah! Nós fazemos festas! Eu planto as minhas latas e ando pelos matos, gosto mais de caminhar, faço pescarias com meus irmãos no ribeirão e de noite vamos à reza. Nos domingos as moças dançam depois da missa. E seu Nenê tem um cinema onde passa fitas em séries... Em casa temos uma pianola. Quase todas têm um piano...

Mudo, Felipe ficou olhando-a, não intrigado pelo que ouvia, mas se perguntando se a menina não estaria dourando demais a sua saudade.

Seguiram a par. No silêncio fechado de escuridão, ouviam os cascos ferrados triturando os seixos do caminho. O pequeno aglomerado ficara para trás. Com bom empenho podiam distinguir as luzes avermelhadas de Santana, rincão mineiro divisório, último marco de vida na estrada menos sinuosa e que se alargaria no prado de gramíneas, beirando o Sapucaí, de grandes águas.

Como nunca tão cansada Marina procurou divisar a menina entre os animais mais dianteiros. Chamou-a.

— Estamos quase chegando, minha filha... Ai! Nem acredito! Por Deus que já não aguentava mais! Agora não se alongue mais de mim... — e vibrando nas ancas do Baio o seu chicote de cabo entalhado tentou aproximar-se dela.

— Se a sua mãe não tiver um banho quente pronto para mim, juro que lhe dou uma sova! E esta viagem não repito mais...

Lino chegou-se, respeitoso.

— Todo mundo diz ansim, siá Marina, todo mundo xinga, xinga a estrada, reclama a canseira, mas está sempre querendo voltar. A senhora sabe como é!

— Sei que isto é um inferno! E a voltar, Lino...

Desatou a rir, num riso rouco e espesso, à alegre lembrança que lhe sacudiu o torpor:

— Só no cabriolé de meu tio, no cavalo branco de Napoleão...

Mas, como Maria Eudóxia, Lino ignorava a vaidade e o destemor que animaram aquelas quatro patas fogosas, e a tirada de Marina morreu sem eco.

Quando chegavam ao Bumba, pouco faltava para as nove da noite. Regulavam o trote, socorrendo-se uns da presença do outro, como se aqueles últimos minutos fossem o máximo de esforço para os seus corpos extenuados.

Percorreram em parte a rua Nova, para evitar a lombada da matriz, passaram nas imediações do grupo escolar e saíram frente à botica do Alfredinho. As casas cerradas, as ruas umedecidas silenciavam àquela hora, e só da farmácia irrompia um forte jato de luz. Homens paravam à porta. Viam-nos passar, em recolhimento, mas, em poucos segundos, venciam os comentários a minguada distância e já nas janelas apontavam cabeças curiosas, para saudá-los.

A casa pareceu-lhes um céu!

— Titia! Olhe o meu pai descendo a escada, olhe a minha mãe na janela... Tia Marina! Olhe o Alonsinho que não dormiu ainda, lá no colo da Altina — exclamava a menina, elevando o corpo, apoiada inteiramente nos estribos.

O pai recebeu-a nos braços e ela galgou os degraus como

louca. Rodopiou nas mãos de Arminda e foi chorar nos braços da mãe. As crianças faziam roda, crivando-a de perguntas, puxando-a pela capa. Deixou-se abraçar pelas irmãs, venceu o longo corredor e divisou Nhanhã a lavar-se, após o sono. Ah! Nhanhãzinha!

Marina subia as escadas, vergada ao peso dos seus oitenta e cinco quilos, seguida do moço, que não quis deixar partir sem comer.

— Isto aqui não é cidade, meu filho, é um ermo! Quase posso garantir que não há fogo no fogão de seu irmão. Morada de homem não é para estas ocasiões. Venha jantar na sua casa.

O jantar foi um alarido de perguntas, de respostas que confundiam e irritavam Felipe. Cansado, cansado demais para prestar-lhes atenção, via-se cada vez mais surpreendido com a vivacidade das duas moças que sentavam a seu lado, assediado pelas ofertas de Marina que já queria engordá-lo, insistindo na repetição dos pratos.

— Você verá o que é clima, Felipe, a fome que vai ter. E se beber a água do chafariz dos padres não arredará pé daqui É o feitiço que ataca mais os homens que as mulheres, nunca se soube por quê.

E punha-lhe no prato meio peito de frango, que regou com o molho acebolado e cheiroso.

Mais compreensiva Umbelina avisava-o de que Xavier fora informado de sua chegada e logo viria para o café. Era seu costume, desde a epidemia. Se não quisesse servir-se do assado, não tinha importância, ficasse à vontade...

O vinho sanguíneo, velho, dos Calimério, encomendado propositadamente e avaramente guardado, mal fora tocado por Felipe.

O mundo poderia acabar ali mesmo, entornar-se no seu eixo, sucumbir em trevas, ele não sentiria. Seu corpo era um amontoado de dores e as cãibras que sentia desde os pés pareciam distorcer-lhe com picadas ardentes os músculos socados das pernas. Não sabia que parte do corpo lhe doía menos que aquelas pontadas profundas nos rins...

Erguia os olhos para Lenita, tão segura de si, tão fresca após o banho, com os cabelos ainda molhados caindo-lhe dos lados,

como duas pontas endurecidas de goma. Até Marina parecia-lhe outra no seu vestido florido, com o leque de plissês aberto no peito, a amparar a pedra azul de seu colar. Ataviada, como para uma festa. E ele a contar as pontadas, incapacitado de sentar-se com dignidade entre as duas moças.

Sentiu uma dor nervosa no estômago, quando viu o riso brejeiro aflorar aos lábios de Maria Rosa, como se lhe fosse endereçado, de propósito. Por Deus! Ela conhecia o seu vexame!

A boca abriu-se-lhe de espanto: Xavier apareceu à porta, consultando o relógio, rindo e dando vivas aos recém-chegados. Introduziu-se familiarmente na sala, pedindo às senhoras para não se incomodarem. Cumprimentou Marina de longe e beijou a menina. Ao estreitá-lo nos braços, sentiu Felipe, sob os dedos, a maciez de sua carne, perguntou-se se ela seria também rosada como aquela cara que via abrir-se no largo sorriso, ante o seu espanto, ah! o ex-magricela do seu irmão!

— Gentes! — Exclamava Xavier cerrando-o de novo contra o peito. Que tempo, Felipe! E as velhas lá de casa, como estão se arranjando sem o seu bichinho?

Contou como as suas avós enleavam aquela promessa prematura de vida e como o pai Miguel, muito cauteloso das prerrogativas masculinas, mandara-o fora, para que longe dos excessivos cuidados se equilibrassem a sua vontade e o caráter um tanto titubeante.

E acercando-se mais Xavier vibrou-lhe duas pancadinhas fraternais nas costas.

— Mas pensem só na falta que faz às duas velhinhas, que mal se moviam para não perder de vista o seu xodó. Cartas lhe escrevem, hein? Quantas por mês?

Felipe encolheu-se, ânimo não tinha para alimentar as cavilosidades despropositadas do irmão.

Marina, a quem os enleios do moço começavam a comover, deitou os olhos severos em Xavier, alegando que carinhos, pelo menos que soubesse, nunca fizeram mal a ninguém... E Felipe até que vingara com muito garbo.

Narrou-lhes o sucedido durante a subida da serra, quando

salvara a menininha curiosa, esquecido até dos perigos que corria. Não fosse ele, com sua pronta decisão, teriam assistido a um desastre horrível!

As moças insistiram nos pormenores, indagando da mãe da criança, se ela desconhecia o perigo dos que ficavam horas suspensos sobre abismos, dentro daqueles ferros!

— É que a pobre vinha muito enlevada na paisagem e só atentava para as belezas dos grotões, daquele rodopiar entre nuvens. Verdade é que já estamos acostumados ao panorama e não lhe damos muito valor, mas os que vêm de fora se encantam a ponto de ficar horas de boca aberta. E não esquentam o lugar, ficam a gesticular, como loucos. Não é sempre que encontram as belezas que não valorizamos. Só Lenitinha vinha calada e alegria só teve quando avistou Lino e os cavalos. Precisavam ver com que amor Lino tomou-a nos braços, um homem seco, tão encolhido como ele!

— Lino carregou Lenita no colo, Marina, mais de uma vez, em nossas andanças — apressou-se Umbelina. Viu-a crescer! É muito bom para as crianças, guia há mais de quinze anos. Ninguém que tenha de vencer distâncias, de dia ou de noite, dispensa o Lino, todos sabemos disto muito bem, não é verdade, Ildefonso?

— E é a mim que você vem dizer? Como se não soubesse? Lino embalou também os meus quatro filhos e uma vez quase me carregou, a mim e ao meu cavalo, na enchente do Sapucaí: o meu cavalo que mais parecia canoa embicada na corrente. Devo muito ao Lino. Só lhe desaprovo a secura, nenhuma sofreguidão.

— Pois é a calma dele que eu apoio. Ninguém desconhece o que é um alarido de mulheres, quando estão a montar. A dar-lhes ouvidos, a viagem não teria fim. Lino sabe o que faz.

Um "ó de casa" soou na porta de fora, seguido de passos. Xavier que estava um pouco afastado da mesa levantou-se para dar passagem a Elisa, que informada da chegada tardia vinha cumprimentar os viajeiros. Tão magra e triste no seu vestido de merinó preto. Sem sorrisos.

Lenita, que falara pouco durante o jantar, ao escutar o nome da tia, empurrou o pratinho de doce e derreou a cabeça.

Com um aperto de alma Umbelina aproximou-se, rodeou-lhe o pescoço com o braço, pensando que Marina se enganara redondamente, ao procurar convencê-la de uma perfeita recuperação, deixando-se apenas alicerçar no aspecto sadio que transformara a menina.

— Tome a bênção de sua tia, Lenita!

Como se não escutasse a advertência de Estêvão ela continuou muda, mas, de repente, sentindo-se desfalecer de vergonha, escondeu a cabeça entre os seios de Umbelina. Desatou a chorar.

Xavier interveio, acercou-se de Elisa, indagando sobre o estado de seus pés. Ainda lhe doíam as veias, depois dos remédios que lhe dera?

— Deixe-me ver o seu pé.

Elisa esboçou um sorriso resignado. Contou-lhe que as pernas ainda lhe queimavam, quando passava muito tempo a costurar.

— Vou e a máquina fica, doutor. Coisas de velha, não têm conserto. Sou igual a minha mãe, de quem herdei a doença e o vezo de costurar. Quando Deus quiser, paro...

Os soluços de Lenita, a princípio controlados, cresceram, cheios de sobressaltos, um balbuciar aflitivo, desconexo, que impeliu Marina e exaltou os irmãos. Enrubescida, os olhos timbrados de pesar, Umbelina abraçou-se à filha e carregou-a para o quarto.

Sem saber o que fazer da xícara que Eglantina lhe pôs nas mãos, respirando fundo Elisa disfarçava custosamente o pranto.

— Tome o seu café, titia, antes que esfrie. É o mau humor de Lenita, ela chegou pregada de canseira, coitadinha, amanhã já estará boa. Tome o café enquanto está quente...

E ajudava-a sustentar o pires que lhe falseava na mão.

Pensativo, Xavier prendia o queixo e batia seguidas vezes o indicador sobre os lábios. Que Lenita tivesse feito a sua demonstração de resistência à tia, não o surpreendia. Ele sempre opinara que era cedo ainda para ela voltar e disto falara a Umbelina várias vezes. Que representava a ausência de alguns meses como cura de uma sensibilidade tão marcada? E tia Elisa que teimava em guardar o luto? Preocupava-o muito o pensar na possibilidade de

Lenita carregar pela vida a recordação penosa, a acusar-se interiormente da morte de Rui ou de seu desaparecimento.

De volta do quarto onde deixara a filha com a tia, Umbelina veio indagar de Xavier se com a mudança da irmã para o sítio Lenita poderia esquecer. Tinha esperança de que na ausência de Elisa...

— É verdade, doutor, ela fecha a casa, vai de vez para o Rodeio, ficar na companhia dos netos. Está só à espera do puxado que André está fazendo e que vai terminar antes das chuvas.

Xavier não quis desalentá-la. Sempre acreditara no tempo como remédio, quando pudessem convencer a menina da verdade, quando ela própria estivesse capacitada para uma análise mais profunda, que a isentasse de qualquer culpa. Mas não seria ali, como vinha afirmando, mas longe de casa, das recordações de sua infância, num mundo em nada parecido com aquele, que fosse em tudo diferente.

— É a solução, Umbelina, e quanto mais cedo acontecer, melhor. Deixe-a livre, por ora, deixe-a pensar, andar como era o seu prazer. Lenita é vigorosa, vai-se encontrar quando tiver uma ocupação que a satisfaça. E não chore — dizia a abraçá-la.

Dando conta do desassossego e da timidez de Felipe, pediu licença para levá-lo, prometendo voltar na manhã seguinte para conversarem.

Desciam as escadas acompanhados de Estêvão e ia Felipe meio capenga quando Xavier bateu-lhe nas costas, obrigando-o a um recuo.

Felipe cerrou os dedos nas alças da valise e não respondeu. Sorriu, porém, ao ver Estêvão estender-lhe um enrolado de pequenos cigarros de palha, dos que ele fazia do fumo preparado em casa.

— São dos melhores, Felipe. Você talvez não saiba que São Bento é o maior exportador de fumo do estado, nossa quase única fonte de riqueza. Os pecuaristas não abriram ainda os olhos, continuam a ordenhar como nos velhos tempos, com um abate semanal apenas. Nossas panelas só aos sábados se enriquecem dos quartos de bois desossados, quando não temos que nos bastar com as crias de casa...

— O que é ótimo, Estêvão! Não troco o meu galinheiro por nenhum filé de boi, pois que teria de grelhá-lo até a secura, por mal da origem que desconheço. Não há muito soube que mataram uma vaca, que além de prenhe estava crivada de bernes e de outros bichos. Por artes da política, a inspeção é uma pífia!

— Como tudo, doutor, e a distância e as divisas fazem o resto. Temos o calcanhar plantado em São Paulo e já chutamos Minas com o dedão, como sair dessa?

Riram e se apertaram as mãos.

— Cansadote, hein Felipe? Pedi a Justina para deixar ferver uma lata com vinte litros de água, que deve estar à sua espera. Embora não tenha uma bacia tão grande como aquela em que primeiro me banhei, ao chegar, ofereço-lhe um improvisado banheiro de latão, onde você poderá deleitar-se. Amanhã já estará bom.

E a alinhavar as próprias experiências Xavier contava como Amancinho, exasperado e sem forças, queria da porta do hotel voltar e nunca mais pôr os pés ali. Hoje que estava noivo e perfeitamente entrosado a proeza ainda lhe arrancava arrepios, mas já fora uma vez a Queluz, de lá chegara muito lampeiro e sem suspiros.

— Terra de muitas belezas, Felipe, clima salubérrimo, você vai gostar de suas férias como nunca!

Cabisbaixo, a calcar com os pés o barro argiloso, Felipe não via onde buscar prazeres, onde alegrar-se na imensidão triste, o largo quieto, sem vivalma! Seu corpo dolorido ia levar dias para curar-se e então já não seria hora de voltar? Mas não quis descontentar o irmão, perguntou-lhe o que fazia para matar o tempo naquele fundão de precipícios e incrivelmente distante, se ficava ainda longe a casa.

Rindo, Xavier mostrou-lhe o casinholo tão perto, mas que por infelicidade Justina se esquecera de aclarar.

— Nada aqui fica longe, Felipe, e a cidade, de porta a porta, não tem mais de um quilômetro. Mas não creia que é sem vida e o céu pardacento que você vê agora, amanhã estará brilhando. Chove bastante na serra em qualquer estação, mas o sol retorna sempre. Não há estios demorados nem chuva que dure muito. Poentes

magníficos, os mais belos que já vi! Um dia subiremos o morro para que veja o Serrano de lá. É um espetáculo inesquecível! Venha por aqui.

— E a clínica? Você tem clientela suficiente para justificar sua permanência? Acha compensador estudar tanto para meter-se nestes matos?

— Confesso que Amancinho me fez as mesmas perguntas, afinal, não sei por quê. Atualmente tenho apenas dois doentes, dois roceiros, que enriquecerão o meu galinheiro, o mais fecundo da cidade. Dias angustiantes vivi durante a epidemia e, mal chegado, vi-me às voltas com um berne alojado no couro cabeludo de uma criança e que não consegui extirpar; precisei recorrer aos conhecimentos e benzeduras de Justina, a cozinheira. Este, sim, foi o meu primeiro fracasso e quase matei de rir as nossas três irmãs do Carmelo...

Esfregavam vigorosamente os pés num tufo de capim, quando, inesperadamente, um som fez vibrar os ouvidos dos dois moços. Tomando o irmão pelo braço, Xavier o fez parar.

— É irmã Mariana, tocando o seu órgão, embalando os seus doentes. Faz sempre assim. Irmã Mariana que é uma fábula e um poema, uma tragédia e um tesouro. Sua poesia, Felipe, se é que os cadáveres não a atrofiaram ainda, poderá ir ao encontro desse sobre-humano que eu não compreendo. Vou levá-lo amanhã para ver onde pairam o seu domínio e a sua graça, você me dirá depois se estou atacado de loucura, como a nossa gente diz que estou, ao querer arrancar-me daqui. Um dia eu irei, mas não será agora e muito menos para Salvador.

E apontava a Casa Santa, aclarada dos dois postes sobranceiros, onde, de um retângulo azulado, único no negror da noite, ecoavam os acordes sonoros que Gounod reuniu numa partitura única e inigualável de beleza e devoção.

Capítulo 15

Samotrácia

Dois meses foram recuados no tempo. Presença imprevisível de inverno com a garoa a emparedar os ares, a prolongar as manhãs, sem mais cambiantes de sol distinguindo os dias das noites. Horas iguais, de deslizar modorrento, de calma recolhida ao contato das lãs e do calor trepidante dos fogões. Chuva a cair molemente, a transbordar dos alagadiços e das margens dos rios. Ruas quietas, como estirões de lama viscosa cortando a cidade baixa e recolhida. A horas certas vinha o vento continuado e triste morrer cavamente na Várzea. Os que se aventuravam a sair encolhiam-se sob os desabados chapéus, procurando os vãos das portas e a proteção precária dos beirais. E uma vez reunidos na venda do Gago, entre as exprobações contra o frio e a prolongada umidade, deixavam-se esquentar na velha caninha, servida em toscos martelos de vidro, sobre o balcão escorregadio. Alguns mais ansiosos procuravam distinguir a serra, ver o clarão prenunciador de uma trégua.

Aconteceu, manhãzinha demorada, bruma erradia desprendendo-se do copado lustroso e dos telhados enegrecidos pelo tempo. Pouco a pouco foi o sol rompendo a neblina, destacou os contornos distantes e uma luz inda frouxa contrastou do azul muito alto. Sombras cresceram. A serra tomou nuances de cobalto e perdeu momentaneamente o verde. Um canto inesperado prolongou a verdura, povoou o silêncio e foi, quando, de repente, tudo luziu e resplandeceu.

Já do caminho em declive sobre o rio crescido de águas surgiam os primeiros viajeiros, portadores de aves e de frutas, do leite ordenhado ao alvorecer contido nas garrafas arrolhadas de palha, farinheiros com suas farinhas medidas em quartas, um ou outro queijeiro; alguns chegavam alquebrados sob o peso dos vários varais com frangos, jungidos rudemente pelos pés e prisioneiros da mesma desdita.

Da alta janela Lenita divisou Zé do Porto montado no burro Clemente, a cuidar dos seus jacás, rédeas bambas, pela rua enlameada. Que tempo o esperava, a buscar o vão da ponte, lá embaixo. Partir não queria, sem ver o seu amigo. Sabia que Zé do Porto tinha freguesia boa na Várzea e se subia antes o Aterrado é porque trazia a sua encomenda: aqueles marmelos dourados e macios, que lhe prometera. Ele nunca se esquecia. Prendeu a saia rodada e desceu correndo as escadas, para encontrar o homem na subida. Via de longe a sua cara crestada, aberta num sorriso de boas-vindas, pronto para desmontar, levantando a grande altura a mão espalmada para contê-la distanciada do burro.

— Vou apeando, Lenitinha — avisou, passando a perna magra sobre os jacás bamboleantes. Direto da chácara do velho Ananias. Apanhei lá as frutas, cedinho, com os cabos. Cuidado que pode molhar o seu vestidinho... Sereno demais, garoa demais! Ai! ai! Não fique ansim junto do alimal, menina!

Acercando-se dos jacás, começou a desatar o bornal de algodãozinho, muito rechonchudo, com as saliências definidoras. Lenita impacientava-se ao ver-lhe os dedos gelados desfazendo os nós da cordinha.

— Você é um homem muito bom, Zé do Porto...

Ele devolveu-lhe o olhar de confiança. E meio enigmático, a descerrar a boca chupada num sorriso, virou o outro jacá. Puxou de dentro um balainho com tampa, todo amarrado de cipós. Com um cuidado de mãe.

— É um bichinho que lhe trouxe, com as fruitas, muito engraçado. Um mico-estrela que vai caber inteirinho na sua mão. Amansado lá em casa pelo meu menino. Chamado Raulinho, nome que ele tirou da folhinha. Muito adequado!

— Nome de gente, Zé do Porto!

— Isso é que eu falei, mas como pegou esse nome! Não atende por outro tirado daquela folhinha que tem o são Sebastião...

Ao ver o bichinho preso, a saracotear dentro da tessitura de taquara, Lenita sentiu o coração apertado. Ajuntou as mãos.

— Coitadinho! Tenho um dó, Zé do Porto! Ele que é tão ligeirinho, ficar preso aí...

Pôs-se a ajudá-lo a desatar a cordinha de cipó.

— Eu tenho um dó!

De repente seus olhos cresceram. Uma lágrima apontou e a expressão de desalento franziu-lhe a testa.

O homem espichou o pescoço e ficou parado no meio-fio da calçada, admirado de ver lágrimas apontando dos olhos da menina. Sem falas que falar, a encostar no peito a cestinha portadora daquela mágoa.

Lenita suspirou, enxugou o pranto na ponta do laço de gorgorão e meio enleada confessou que não podia ficar com o mico. Levava só a Nhanhã, ordem de tia Vitorina, que até já escrevera uma carta.

— Vou de mudança, do Porto, para a casa de meu tio, do outro lado da serra. Tio Lúcio que tem uma casa muito rica, cheia de velharias... O mico não ia mexer nas suas coisas, quebrar os seus santos? Ia!...

E engolfou-se num soluço.

— Mas isso não tem portância meu Deus! Levo o bichinho pro meu menino, de novo. Já está costumado. Mexedor e pequenininho como é, suverte em qualquer buraco, não há arte que ele não faça... Louco por artes...

E depois de alguns instantes, ao ver que a tristeza tomava conta dela:

— Mas por que a menina vai s'embora?

— Ahn! fez o homem, como se antemão compreendesse aqueles tratos longínquos de família.

— Estudo os preparatórios. Tio Lúcio já está comprando casa em São Paulo, para quando eu for me internar. Vão lá passar temporada.

— E vai logo? Uma sumana? Na segunda eu venho. Tenho lá umas goiabas temporonas, que não contei pros meninos. Trago umas dúzia...

— Mamãe é que sabe. Papai também vai. O mico não posso levar...

— Tudo o que é bão vai s'embora!

— Nas férias eu venho, mando te avisar...

Entristecida recebeu o bornal cheio das frutas que ele apanhara.

— Não estou alegre de ir, já disse para a minha mãe...

— Tempinho, Lenita, e estudar nos livros faz a gente entender muita coisa! O meu menino até já lê almanaque! Faz conta de cabeça melhor que gente grande... Despois que abriram a escolinha...

Ela alisava as dobras do vestido. Silenciosa via-o reunir o seu comércio, experimentar a segurança dos jacás.

— Vou indo, sabe? Correr a Varge... Na segunda a gente se topa, e tenho de jeito um pé de pêsco madurando. Chuva é que foi madrasta, logo passa, tempo de pêsco inchar. Talveiz dê...

— Muito obrigada, do Porto. Na segunda eu venho... Cedo?

— Horinha...

Só arredou pé quando ele fez meia volta e entrou na rua de São Benedito. Então subiu lerdamente as escadas, apertando contra o peito a polpa macia dos marmelos, sem a gula de outrora.

Como nos tempos passados, Lenita procurava viver. Percorria os campos, escolhendo os caminhos mais secos, entristecida da umidade constante, os olhos vagos diluídos numa expressão de desalento. Não compartilhava dos folguedos dos irmãos, ficava horas a meditar, sem entender a brusca transformação por que passava, a interrogar-se, procurando aceitar os novos imperativos de sua vontade. Desejava estar livre das dolorosas recordações que transformavam os campos, as águas, os simples folguedos em estranha e pungente realidade. Não se entendia mais. Via morrer as suas sementes sem o mesmo aceitar aflitivo, descia ao buracão raramente e ficava horas seguidas sem saber como vencer a lassidão que a possuía. Parava à distância do rio para ver as formigas em sua faina, a ouvir longamente as cigarras, sem se dar conta do tempo que passava. O sol voltara quente, às vezes tardio. Os dias continuados em que o sol tornara a brilhar permitiram o endurecimento da terra. Só os campos continuavam umedecidos e nos alagadiços sapos coaxavam ao entardecer. Uma tristeza não experimentada parecia vestir as suas árvores e numa tarde quando

subiu os galhos do velho abacateiro não mais sentiu o fascínio que a fazia alongar avaramente a vista pelas planícies e lombadas, até alcançar a Mantiqueira, a contrastar do céu. Sua terra parecia-lhe outra terra. Aos poucos ia descortinando o mundo novo que a desfigurava, transformando a inquietude e a espera em algo definido e estático. E quedava interrogativa, procurando aceitar a ausência do fascínio que antes alimentava a sua sofreguidão. Onde a frequência das revelações sempre novas, o acenar infatigante que a fazia sorver o ar como se lhe viesse impregnado dos mais raros perfumes?

Saía cedinho, atentava ao rumor das ramagens, passava os olhos cansados de uma serra a outra serra, olhava o céu sem nuvens, os bichos caseiros, aspirava o ar fresco da manhã e voltava insatisfeita. Vagarosamente subia os degraus e ia mexer nos livros de Maria Eulália. Admirava-se, ela própria, das horas que passava a ler: peças de teatro, Lobato, Ceci e Peri... Sem muito entusiasmo ouvia as recomendações da irmã, ocupada em dobrar-lhe o enxoval, alisando-o dentro dos canastrões de couro. Escutava-a narrar suas experiências, os anos passados em São Paulo, a vida citadina de bulícios e de novidades. O semi-internato ia permitir-lhe sair muitas vezes com os tios, percorrer as ruas e as lojas, ir ao cinema, às casas de chá. Tia Vitorina conhecia muitas coisas, pois gastara a mocidade a viajar. E tinha dinheiro de sobra, uma vida bem descuidada...

Lenita interrompia-a lembrando que sua tia era muito velha, que gostava de repousar. Quando saía era para ver os seus doentes, que eram os pobrezinhos do lugar

— Há de voltar-lhe o vezo viajeiro, você vai ver, quando estiver na capital. Que queria que ela fizesse numa cidade pequena e sem atrativos? No fundo, os doentes são até um pretexto!

Ao ouvi-la dilatar as caras lembranças Lenita sentia-se menos inquieta. Então um aprazimento tornava-a mais recolhida, fazia-a arquitetar planos, pensar nos estudos como uma coisa necessária. Maria Eulália era muito letrada, ficava horas conversando com o médico e o seu irmão Felipe e discutia com o cunhado muitas coisas que ela desconhecia.

Sentou-se, a meditar. Erguia os olhos e via a irmã entretida, a riscar com o lápis pontudo o rol das coisas guardadas, numa diligência amorosa, que ela não compreendia bem. Sempre fora assistida pela mãe e as negras, mas desde que Maria chegara em casa, depois de formada, passara a cuidar dos irmãos mais novos. E era aquela bondade, a pentear, a costurar para eles. Viu a peça alva de cambraia esvoaçar ante os seus olhos.

— Se você não presta atenção, nunca aprenderá a ordenar os seus pertences. Pense que já não é mais criança, Lenita! Na sua idade eu até engomava e ajudava meu pai nas escritas. E dava aulas às meninas. Agora, vocês têm tudo à mão, crescem ao léu e ainda abusam de mamãe... .

E parecendo cansada encostou-se à mesa, intimamente reprovando a maneira de Lenita sentar-se, abraçada aos joelhos, de queixo pendido, apoiado no peito, distante...

Com que facilidade ela se ausenta! — pensou Maria Eulália, cuidando que ela apenas contava as dobras do vestido. E como pode parar tanto tempo nessa postura incômoda?

De repente seus olhos se encontraram e Lenita esboçou o sorriso.

— Você dava aulas às meninas, hein? E já está pensando que eu também vou dar aulas... Você e as minhas primas!...

— Que é que você pensa que vai ser ou estudar? Tudo que é bom uma professora aprende. E ganha para ensinar...

Valorosamente ela sacudiu a cabeça.

— Eu, não!

E ante a cara de espanto da irmã desenrolou o corpo.

— Eu vou escrever em jornal, igual o meu tio Frutuoso, escrever na primeira folha, como ele escreve. Como é mesmo que o meu pai diz que é? Como é que se diz?: ar... ti... go — espere! Artigo de... fundo! Isso! Vou fazer artigos de fundo! Muitos!

— Foi tio Lúcio, não foi? Foi ele quem digeriu a ideia e a pôs na sua cabeça! Que eu saiba, Lenita, essa nunca foi profissão de mulher que se preze, mulher que se preza não anda no meio dos homens, não mistura o seu nome na redação. E pensa que papai vai deixar?

— Ele vai, sim!

— Você já lhe falou?

— Não.

— Então! Como sabe?

Lenita pulou ao chão.

— Se eu escrever bem as coisas que vou dizer, ele não vai gostar?

— Pois sim! Escrever é arte muito difícil, demanda aprendizado e cultura, e, que eu saiba, você é pior que Amadeuzinho em redação. Nunca a vi tirar louvor em redação, enquanto Amadeuzinho tirou vários. E você sabe como a mestra é rigorosa...

— Ela não me topa, nunca me topou!

— Ora, Lenita! Como consegue dizer tão simplesmente uma coisa dessas! Ninguém é tão honesto e imparcial como a mestra e se ela não lhe deu louvores é porque você mais brincava que estudava. E sempre a ouvi reclamar de sua preguiça...

— De copiar, Maria Eulália, só de copiar. Não gosto de copiar nada, só de escrever...

E dando de ombros foi olhar a rua através dos vidros da janela. Levantava a cortina, fechava-a, tornava a olhar, possuída de súbito interesse.

— Vou ter saudade da minha rua, mais do que a serra! Depois que espalharam essa areinha nela, ficou até bonita! Mas por que o prefeito não quer que os carros, andem por ela? Agora eles só vão chiar na Várzea! E têm que dar aquela volta tão grande! Quem quiser escutar um aboio que vá se plantar na imensidão da Várzea, que por aqui eles não passam mais. Há muitos dias não vejo nem um carro de boi.

— Pois não perde nada. A lameira que eles faziam...

— Mas bem que são bonitos!

— Quem?

— Os carros de boi, ora essa!

— Sim! Os cargueiros ainda estão descendo e subindo as ruas, aqui em cima, e irão longe no tempo. Por ora, deixemos os bois na Várzea, lá eles ficam muito bem, que nos deixem para sempre em paz.

Apressadamente Lenita deixou a alcova e foi ao escritório procurar uma folha de papel. Encontrando uma sobre a mesa, escreveu: "O Carro de Boi e a sua Influência no Humor da Mulher". Mais tarde escreveria: do Homem. Não era um nome bonito?

Ela adorava os carros chiadores, desde o tempo em que sua mesa servira-lhe de escorregador, lá no canto da coberta da cocheira. Lembrava-se de suas calças rasgadas, até que o uso alisou a madeira, a ponto de torná-la escorregadia como um sabão. Fora retirada dali, de velha que estava. E havia coisa mais linda que um aboio? Conhecia todos os aboios dos guias, e o mais bonito era o de Juventino. Como Juventino aboiava bem, nas tardes!

Alisou os vestidos sobre o papel dobrado e fechou a mala, sentando-se sobre ela. Ali guardava um segredo, que só contaria ao seu tio. Havia de relembrar a sua rua, com os seus mistérios e as belezas que só ela via, tudo que fazia a sua alegria.

Mas na tarde que precedeu a partida, emburrou. E assim, lentamente, relutantemente, procurava se encontrar, achando que o tempo não chegaria nunca mais, não seria nunca mais igual até que todo o seu desejo de indagação se desvanecesse. Com imensurável tristeza pressentia a azáfama desusada, mamãe e a Arminda se esmerando no farnel, os animais recolhidos, manejados pelo Lino, que só ao amanhecer retornaria. Papai iria também, e as duas moças de Pinda, que deixavam a cidade. Nem com isso se alegrou. Sempre era aquele atropelo de gentes que empestavam os ares com suas falas e as reclamações de canseiras. Pois não sabiam que a viagem era dura e longe a raiz da serra? Por que iam e vinham, se sentiam tanto a distância?

Rezou à noite em intenção de Umbelina, tentando guardar na memória a sua face querida. E a de Alonso, o seu irmãozinho, que amava tanto. Maria Eulália e a sua bondade, Maria Rosa, com o papel de teatro na mão, a repetir, repetir, para decorar direito a sua parte...

Arturzinho e as rezas de Amadeu, os santos de Teresinha, o Serrano, a pedra do Baú, as frutas da serra... Papai...

Correu a ver Nhanhã, se não havia fugido e encontrou-a enovelada sobre a banqueta, ronronando e sonhando, indiferente

aos sobressaltos de seu coração. Verificou se a caixa com furos estava ao lado, para que na hora da partida não perdessem tempo a procurá-la. Escondeu o rosto nas mãos. Só o pensamento de tia Vitorina fazia-a vacilar: "mas não foi na última carta que tio Lúcio avisou que iam gostar dela? Da sua gatinha? Iam... porque titia era muito boa para os passarinhos, e tio Lúcio ia ser o seu anjo da guarda..."

Debulhada em pranto voltou à cama. Quando mais tarde a mãe despertou-a, ela pensou que não havia dormido. A sala continuava aberta e iluminada e da cozinha vinha um cheiro bom de frituras, de carne assada no forno, ovos mexidos... No lusco-fusco do amanhecer, lá fora, ao pé da escada, subia um alarido de vozes e de bater de ferros. Reconheceu a voz do pai, as respostas breves do Lino. Vendo Alonsinho enroscado nas saias de Umbelina, tomou-o nos braços. Então sentiu uma ternura imensa por tudo que era seu, sua casa, a mesa, os quadros de frutas pendidos na parede, a rede, a talha d'água porejando, portas fechadas ao longo do corredor, a cozinha com o seu cheiro...

Temendo se trair, Umbelina evitava olhá-la de frente, consumia-se a andar.

— Quase cinco horas, Arminda! — Era enfim Ildefonso, vestindo o seu guarda-pó, reclamando o atraso. Hora de estarmos já montados! No Bumba paramos para encontrar as duas moças, mais esta! Por Deus que não entendo esse vagar... Que atrapalhada, Umbelina! Vamos ter sol pelas costas logo de saída, já pensou?

Lino adentrou a cozinha e recebeu das mãos de Arminda os últimos enrolados: vários panos de algodão, com um nó em cima, que ele, apressado, distribuiu nas duas cestas.

— Tem mais?

— Tem não, Lino, fome ninguém vai passar! Cuida da minha menina, vai com Deus, não esqueça do limão e da água doce... Ninguém me tira que vão sentir um calorão...

Enxugou o pranto no avental.

— Vai com Deus e a Virge Nossa Senhora...

Lino já passava a porta, com Estêvão aos pés.

Aspirando a plenos pulmões o ar saturado e fresco Lenita

tomou a dianteira. À sua frente abria-se a estrada perolada, impermeável a um lado pelo denso arvoredo, do outro, a campina, úmida, palpitante, marcada pelos trilhos que levavam ao velho solar de Sinhana, fechado ainda. Chilreios de aves, curto piar ao longe confundiam-se aos mugidos das vacas, amontoadas no curral.

Um longo silvo cortou os ares e o sol riscou os campos de filetes alourados: um farfalhar ligeiro e o cheiro de terra orvalhada presidiu as alturas, descendo a permear o ar fino e rarefeito.

A menina firmou-se nos estribos e voltou o corpo. Os mais altos ramos da chácara de nhô Quim cobriam-se das primeiras luzes do nascente; a espaços inconfundíveis, dispersavam-se pequenas nuvens espiraladas, soltas pelas chaminés dos fogões, determinando a cidade e a vida ali ressurgida. Escorregou os pés e seu corpo ondulou como uma haste surgida de fresco. Os olhos mal abertos, guiados pelos pensamentos, mediam já a distância que a separava de sua casa. Sentiu o temor, a dúvida tímida, mas seu corpo aprumou-se firme na sela.

Ao se aproximarem, a manhã serrana começou a subir; todos os relevos tomaram subitamente a cor de ouro-púrpura, estremecendo aqui e ali no nevoeiro ascendente.

Um galo cantou e outro respondeu. Aves ligeiras venceram os espaços, sacudiram-se na gameleira e sumiram estranhamente no horizonte.

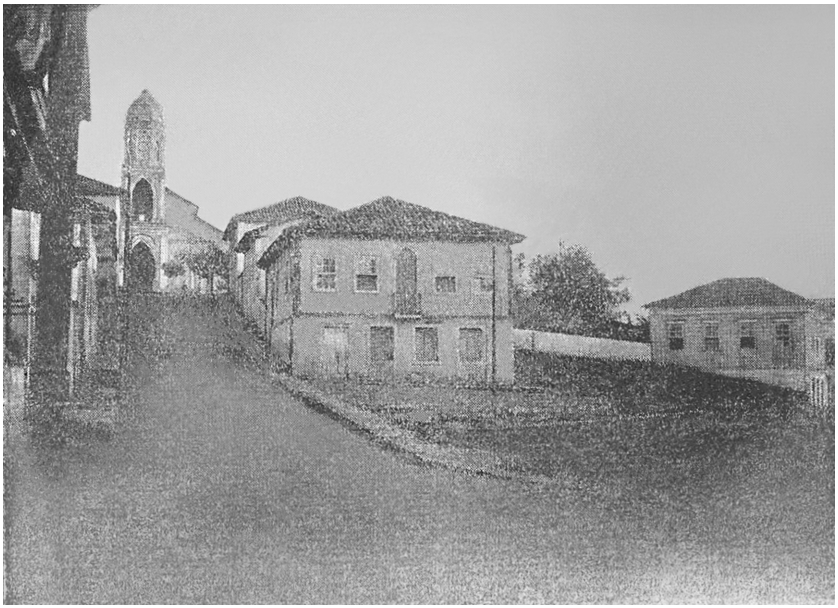
Ergueu os olhos a tempo de assistir ao bater de asas no terreiro quieto. Além de uma moita de croatás, dois marrecos alçaram o voo, arrastando as patas sobre as águas calmas da lagoa: houve o encrespar na superfície lisa, e tão rápido, e eles seguiram a par, docemente.

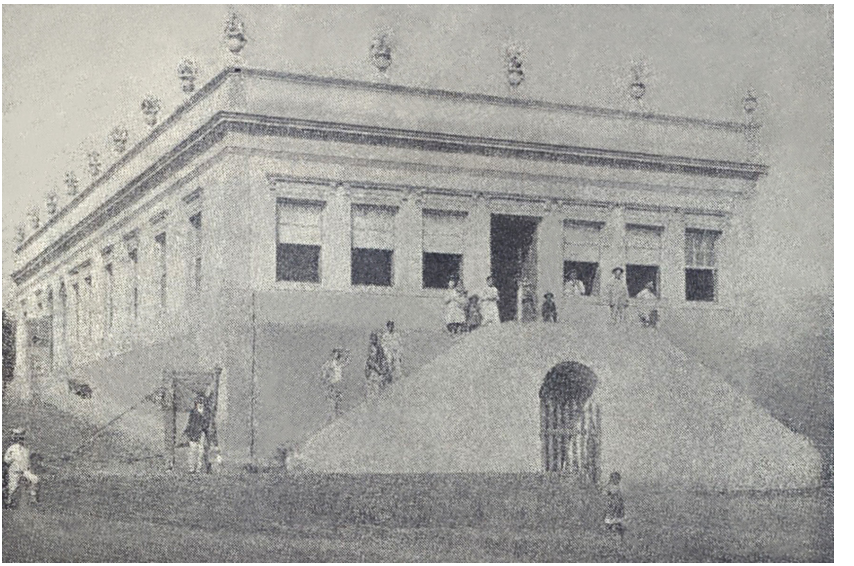
Lenita expeliu o ar dos pulmões e soltou um grunhido de prazer. Alongando os olhos mediu a água, os campos sarapintados, o rio serpenteando, os afloramentos de pedra que assinalavam o início da subida.

Mais uma vez escutou a voz do pai chamando-a. Sacudiu o chicotinho prateado, passou rente aos juazeiros sem vê-los e acercou-se do guia.

Media agora o caminho arenoso, reto, cortado na mata, e esta, fechada, espessa e adulta, a ladear-lhe a visão do infinito.

São Paulo, 7 de dezembro de 1973
Cecy Araken
Rua Paulo Emídio Pereira, 495 – Alto Previdência
São Paulo, SP





"Diziam os mais caminhantes que ele aparecia num lugar e em outro, ao mesmo tempo, que conversava com as imagens dos santos, que via coisas no espaço" (p. 217).